Instituto de Apoio à Criança

Actividade Lúdica

Serviço Jurídico

CEDI CENTRO DE ESTUDOS, DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE A CRIANÇA

HUMANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE ATENDIMENTO À CRIANÇA




S.O.S. CRIANÇA

Construir Juntos

# Plano de Atividades e Orçamento p/ 2014

Instituto de Apoio à Criança

# *INDÍCE*

**1. INTRODUÇÃO**

**2. FICHAS DE PROJETO / ATIVIDADES**

– Ações de Informação e Sensibilização (AIS) ..... 3
– Atividade Lúdica (AL)……..……..… 4
– Centro de Estudos, Documentação e Informação sobre a Criança (CEDI)..... 7
– Fórum Construir Juntos – Coimbra (FCJ) ..... 12
– Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança (HSAC) ..... 18
– Projeto Rua - Em Família para Crescer (PR)..... 21
– Relações Externas (RE) ..... 26
– Serviços Administrativos/Financeiros (SA)……..….. 27
– Serviço Jurídico (SJ) ……...…… 29
– SOS – Criança (SOS) ..... 30

**3. ORGANIGRAMA DO IAC**

**4. ORÇAMENTO PARA 2014**

Instituto de Apoio à Criança

*“ Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade do que a forma como esta trata as suas crianças”*
Nelson Mandela

## 1. INTRODUÇÃO

O Instituto de Apoio à Criança (IAC), que desde há 30 anos elegeu como sua prioridade as crianças em risco, desaparecidas, maltratadas e abusadas sexualmente, entre outras, está ciente que a defesa e promoção dos direitos das crianças, tem de ser uma prática de todos, diária e efetiva, porque todos somos eticamente chamados a contribuir, independentemente do lugar que ocupamos na Sociedade.

Quantos de nós em momentos de tensão e de aflição recorremos às Instituições Particulares de Solidariedade Social, para solicitar um apoio, para receber uma ajuda, para pedir um esclarecimento, para beneficiar da sua ação? Certamente que muitos! Mas não nos podemos esquecer que estas organizações da sociedade civil, para existirem, para trabalharem, para ajudarem, precisam de ter apoios do Estado, das Empresas e de cada um de nós individualmente.



É tempo de se repensar o Estado Social, as Empresas tem de agilizar as políticas de apoio social, não basta que existam no regulamento, tem de se traduzir em boas práticas, e em ações concretas e efetivas, principalmente se considerarmos o período atual, em que atravessamos uma crise económica e financeira.

Cada cidadão deve por imperativo de consciência exigir uma maior responsabilidade social. Não pode haver espaço para folgas na emergência social, é preciso ser atuante, diligente e eficaz na ajuda às crianças, aos jovens e às famílias.

O IAC, deseja poder continuar a sua caminhada e deseja ainda que o Orçamento que apresenta nesta Assembleia Geral, consiga garantir as verbas necessárias que permitam realizar as atividades previstas neste Plano de Atividades.

O Estado, por questões de operacionalidade e de eficácia quando delega e bem, direta ou indiretamente nas Organizações da Sociedade Civil, um espectro alargado de atividades que têm de ser garantidas, nomeadamente no que diz respeito aos Direitos das Crianças, tem igualmente de assegurar com prontidão o financiamento necessário para que as mesmas se possam efetivar.

É pois com agrado que a Direção do IAC, enquanto digno Defensor da Criança, a trabalhar de forma empenhada, rigorosa, dedicada e competente, em diferentes domínios, submete à apreciação e aprovação da Assembleia Geral o Plano de Atividades e Orçamento para o ano de 2014.

Pela Direção do IAC

Manuel Coutinho
(Secretário Geral)

# 2. FICHAS DE PROJETO/ATIVIDADES

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD: AIS**

## Designação

Ações de Informação e Sensibilização

## Responsável

Manuela Ramalho Eanes

| **Outros Serviços Intervenientes:** | **Duração Prevista:** |
|---|---|
| Organismos governamentais e entidades particulares | Atividade permanente |

## Equipa

Manuela Ramalho Eanes – Presidente da Direção
Dulce Rocha – Vice-Presidente da Direção
Manuel Coutinho – Secretário-Geral [2]
Pina e Silva – Vogal da Direção [4]
Vasco Alves – Vogal da Direção
Ana Filipe – Técnica Pedagógica [1]
Ana Rufino – Assessora Direção [3]



## Finalidade/Objetivo

- Informar e sensibilizar a sociedade em geral sobre os Direitos da Criança e sobre as atividades do IAC relacionadas com a defesa desses mesmos direitos.
- Debater temas e promover iniciativas que respondam adequadamente às necessidades e aos problemas das crianças de hoje.
- Celebrar protocolos com entidades públicas e particulares que patrocinem e colaborem em ações no âmbito dos nossos objetivos.

## Ações a Desenvolver

- Organização e participação em colóquios, debates e seminários.
- Realização de reuniões de coordenação com os diferentes projetos do IAC.
- Promoção e participação em reuniões de articulação com diversas entidades.
- Participação em entrevistas e intervenção nos meios de comunicação social.

[1] Docente do Ministério da Educação e Ciência, destacada no IAC
[2] Gestor de Projetos e Coordenador do SOS - Criança
[3] Técnica Profissional Principal do Ministério da Educação e Ciência, destacada no IAC
[4] Gestor Administrativo

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD: AL**

## Designação

Atividade Lúdica

## Responsável

Leonor Santos

| **Outros Serviços Intervenientes:** | **Duração Prevista:** |
|---|---|
| Associações Culturais e Recreativas, Autarquias, Escolas, Escolas Superiores de Educação, Hospitais, Jardins-de-Infância, Universidades e Educação Especial | Atividade permanente |

## Equipa

Leonor Santos – Técnica Superior [5], (a meio tempo)
Anabela Fonseca – Técnica Superior (a meio tempo)
Ana Lourenço – Técnica Superior (a meio tempo)
Marta Rosa[6] – Docente



## Finalidade/Objetivo

**Finalidade**

**Contribuir para que todas as crianças tenham uma infância feliz, criando condições de prevenção e promovendo o direito de brincar enquanto fator determinante para o desenvolvimento pessoal e social da criança.**

**Objetivos gerais**

- Prosseguir com o apoio técnico aos espaços lúdicos existentes e incentivar a criação de novos espaços;
- Continuar com ações que permitam a definição e a normalização de critérios de funcionamento das ludotecas e espaços lúdicos, implicando entidades públicas e privadas neste processo;
- Manter o trabalho com as diferentes entidades envolvidas na defesa do Direito de brincar, a nível regional, nacional e internacional;
- Intervir, de forma integrada, com crianças, jovens, famílias e profissionais, minimizando os fatores de risco e promovendo os fatores protetores;
- Facilitar a comunicação entre as associações nacionais e internacionais e a população em geral (crianças, jovens, famílias e profissionais)

**Objetivos específicos**

- Apoiar a criação e manutenção de espaços lúdicos;
- Realizar *workshops*;
- Desenvolver ações de prevenção;
- Organizar o Encontro "Crianças e Jovens Online";
- Manter e reforçar a parceria com a Associação Internacional de Ludotecas (ITLA) e com o Grupo Europeu de Ludotecas (ETL);
- Prosseguir com ações de comunicação, divulgação e marketing

[5] Prestadora de Serviços
[6] Docente do Ministério da Educação e Ciência, destacada no IAC

## Metodologia

**Estratégias**
São três as opções estratégicas do Setor:

**Advocacia,** dando voz ao Direito de brincar e de jogar (31º art. CDC);

**Capacitação,** consciencializando instituições, profissionais e público em geral para a importância da prevenção e da atividade lúdica no desenvolvimento global da criança;

**Mediação** dos interesses em presença, procurando influenciar as políticas públicas junto dos órgãos de poder, através de ações nos media, participando em grupos de trabalho sempre que solicitado e dando apoio técnico à implementação e acompanhamento de espaços lúdicos.

Estas estratégias operacionalizam-se através de:
- Participação em encontros e reuniões nacionais e internacionais;
- Organização e realização de ações, reuniões, encontros e *workshops*;
- Organização e divulgação de documentos relativos à prevenção e à atividade lúdica;
- Acompanhamento técnico de projetos de espaços lúdicos (ludotecas, ludotecas itinerantes, ludobibliotecas, centros lúdicos e espaços lúdicos em geral);
- Realização de estudos e projetos na área da prevenção;
- Investigação/ação no âmbito da educação formal e não formal.

## Ações a Desenvolver

**As ações a desenvolver integram-se em 3 grandes linhas de atuação, nomeadamente "Apoio Técnico à Criação e Acompanhamento dos Espaços Lúdicos", "Relações Internacionais" e "Sensibilização e Empoderamento".**



### APOIO TÉCNICO À CRIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DOS ESPAÇOS LÚDICOS

**Supervisão e Consultoria:**
- Apoiar tecnicamente os espaços lúdicos sempre que solicitado;
- Manter a parceria com a Rede de Ludotecas de Cascais: continuar o plano de formação e aplicar instrumentos de avaliação nos diferentes espaços do Município;
- Edição de brochuras informativas sobre gestão e funcionamento das ludotecas e espaços lúdicos, higienização de materiais, organização dos espaços, entre outros.
- Realizar o levantamento das ludotecas (espaços lúdicos) *online*;

**Capacitação de Profissionais:**
Organizar e realizar *workshops* e tertúlias que objetivem a reflexão e a melhoria do desempenho dos vários técnicos envolvidos em projetos/ações na área da Ludicidade.

### RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**ITLA (*International Toy Libraries Association):***
- Manter as funções de Secretária da Direção;
- Participar na reunião da Direção (18 a 22 de Agosto em Seul);
- Redigir o relatório anual de *Link Person*;
- Divulgar o programa da Conferência Internacional da ITLA;
- Prosseguir com a divulgação do Dia Internacional do Brincar/Jogar (28 de maio);
- Manter a responsabilidade da edição trimestral da *newsletter* da ITLA.

**ETL (*European Toy Libraries Group*):**
- Continuar com o trabalho de definição das linhas orientadoras para as Ludotecas na Europa (carta de qualidade, formação de técnicos de ludoteca e normas de funcionamento);
- Manter a responsabilidade da edição anual da *newsletter*;
- Prosseguir com a gestão da secção deste Grupo na página de internet do IAC;
- Participar na reunião anual da ETL (4 e 5 de Abril – Grécia).

**SENSIBILIZAÇÃO E EMPODERAMENTO**

**Prevenção**

Prosseguir com a realização de ações que envolvem crianças, jovens, famílias e profissionais, em temáticas como:

- Sexualidade – Saúde e Afetos;
- Prevenção Social da Agressividade (verbal e corporal);
- Dependências - com e sem substância (drogas e internet).

**Comunicação, divulgação e *marketing*:**

- Organizar o Encontro "Crianças e Jovens Online".
- Continuar com a edição da *newsletter* digital (divulgação online e via email);
- Assegurar o desenvolvimento e a atualização do sítio *online*;
- Divulgar materiais informativos produzidos pelo Sector (cadernos temáticos; brochuras informativas; secção especial dedicada às tecnologias e a legislação existente);
- Manter a dinamização do *Facebook* enquanto fórum de discussão *online*;
- Participar em iniciativas de outras entidades e associações.

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano: 2014**

**COD: CEDI**

## Designação

**Centro de Estudos, Documentação e Informação sobre a Criança (CEDI)**

Eixos de Intervenção:

Centro de Estudos
Serviço de Documentação
Serviço de Informação/Comunicação/Publicações
Serviço de Formação

## Responsável

José Brito Soares

## Outros Serviços Intervenientes

Sectores do IAC produtores e/ou detentores de documentação; Unidades de documentação e informação a nível nacional e internacional; Institutos Superiores e Universidades, Autarquias; Escolas de todos os níveis do ensino de vários concelhos do país; outras instituições (ex: IEFP, IPSS, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa), Editores (Plátano Editora, Edições Sílabo, Pato Lógico Editores, etc.), Associações de Professores.

**Duração Prevista:**
Atividade permanente

## Equipa

Ana Cristina Tarouca - Técnica Superior
Cláudia Outeiro – Docente [8]
José Brito Soares – Técnico Superior
Nuno Domingues - Docente [8]
Clara Castilho [7]
Fernando Carvalho - Técnico
Maria João Malho – Educadora de Infância [8]
Pedro Pires – Técnico Superior

Outros: Estagiários profissionais, curriculares e/ou em contexto de trabalho provenientes de vários dispositivos nacionais e internacionais.

## Finalidade/Objetivos Gerais

- Aumentar a notoriedade do IAC por via do reforço da compreensão e confiança junto dos seus públicos-alvo;
- Capacitar, promovendo o aumento da informação, conhecimento e compreensão sobre a Criança enquanto sujeito de direitos, contribuindo assim para a criação de um melhor entendimento institucional sobre a Criança em Portugal;
- Recolher, gerir e difundir os recursos bibliográficos sobre a Criança necessários ao desempenho das funções de investigação, ensino, sensibilização e extensão cultural e social de forma a converter a informação em conhecimento;
- Reforçar as sinergias/parcerias com diversas entidades;
- Reforçar a articulação/comunicação com todos os sectores do IAC;



[7] Responsável pelo Boletim do IAC - Prestadora de Serviços
[8] Docentes do Ministério da Educação e Ciência, destacados no IAC

- Formar técnicos e crianças/jovens em domínios que estimulem direta ou indiretamente a promoção e defesa dos direitos das crianças;

- Abordagem de diferentes *stakeholders* para a captação de fundos e/ou material no âmbito das atividades desenvolvidas pelo CEDI.

## Finalidades/Objetivos Específicos de cada Eixo

**Centro de Estudos**
- Cooperar em parceria com outras instituições na realização de estudos/investigação;
- Produzir, gerir e divulgar conhecimento sobre as crianças através de diferentes publicações do IAC.

**Serviço de Documentação**
- Apoiar, a nível documental, os estudos subordinados à temática da Criança, conduzidos pelo IAC ou outras entidades que o solicitem;
- Dar continuidade ao periódico digital InfoCEDI, ao blogue institucional, FB e à presença do IAC nas redes sociais;
- Prosseguir com o atendimento a leitores dando ênfase à modalidade de atendimento por e-mail ou através do novo interface da base de dados on-line.

**Serviço de Informação/Comunicação/Publicações**
- Mediatizar as atividades do IAC através de todas as atividades que envolvam uma comunicação direta com o público-alvo (site institucional, media, encontros, exposições, eventos comemorativos e culturais);
- Acompanhar a produção e divulgação de filmes e outros formatos;
- Produzir Publicações e outras ferramentas na Internet no âmbito das temáticas IAC;
- Estabelecer parcerias, no âmbito do trabalho do CEDI – Serviço de Informação/Comunicação/Publicações com instituições cujo trabalho se centra na Criança e com diversas entidades;
- Articular as atividades pedagógico-educativas desenvolvidas nos vários sectores IAC;
- Promover junto das escolas uma educação para os valores e para a cidadania no âmbito dos Direitos de Participação;
- Contribuir para o Desenvolvimento Integral da Criança, na Defesa e Promoção dos seus Direitos através de várias ações junto da comunidade escolar.

**Serviço de Formação**
- Conhecer legislação sobre o Direito de família e menores que seja relevante para a prática docente;
- Reconhecer práticas e ambientes violentos na comunidade escolar;
- Saber como promover um ambiente seguro e não violento entre a comunidade escolar;
- Compreender a temática dos abusos sexuais infantis e juvenis, quer ao nível da caracterização do fenómeno, quer ao nível da intervenção;
- Dar a conhecer a Convenção sobre os Direitos da Criança;
- Identificar práticas em que os Direitos da Criança são violados na comunidade escolar;
- Saber intervir no âmbito da capacitação do aluno e da capacitação parental tendo como referência boas práticas nacional e internacionalmente reconhecidas;
- Promover a constituição de equipas destinadas a acompanhar alunos com comportamentos de risco ou gravemente violadores dos deveres do aluno.



## Metodologia

Aplicação de métodos e técnicas compatíveis com as necessidades de operacionalização de cada projeto desenvolvido pelos vários eixos de intervenção.

## Ações a Desenvolver

**<u>Centro de Estudos</u>**
- "*Rede Social de Lisboa*"
  . Participar nas sessões plenárias da Rede;
  . Facultar informação sempre que solicitada;

. Manter a colaboração no *Grupo de Trabalho na área das Crianças* com vista à elaboração da futura Carta Estratégica para a Cidade de Lisboa – Crianças.

- Dar continuidade ao trabalho do "*Fórum sobre os Direitos das Crianças e dos Jovens"*:
  . Divulgar entre as várias parcerias as atividades que estejam a decorrer em que exista a participação das crianças e jovens;
  . Colaborar na divulgação do projeto "Olhares sobre os direitos", mostra fotográfica de trabalhos de crianças e jovens, a nível nacional;
  . Trabalhar com o Movimento de Expressão Fotográfica (MEF), no Bairro de Caselas, em Lisboa, para o trabalho de campo "Olhares sobre os direitos" com intervenção direta das crianças e jovens aí residentes;
  . Dar continuidade no planeamento e organização das Tertúlias do Fórum, encontros mensais de conversa sobre assuntos vários relacionados com crianças e jovens;
  . Dar visibilidade às ações realizadas pelos parceiros através do blogue do IAC.

- Participar como membro parceiro no programa *Ação SeguraNet "*em contextos socioeconómicos desfavorecidos" coordenado pela Direção Geral de Educação (DGE):
  . Colaborar com a equipa da DGE na divulgação do programa específico;
  . Dar a conhecer na DGE as várias ações que o IAC (Lisboa e Coimbra) realizam nesta área;
  . Participar nas reuniões de trabalho;
  . Colaborar no planeamento, organização e divulgação do Dia da Internet Segura;
  . E, outras cações que sejam solicitadas e que se integrem no trabalho do IAC.

- Dar continuidade ao trabalho de parceria com o *Centro Internet Segura*, coordenado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT):
  . No Conselho de Acompanhamento;
  . Participar nas reuniões de trabalho;
  . Colaborar na organização e divulgação do Dia da Internet Segura;
  . Colaborar no Grupo de Trabalho "conteúdos para os pais".

- Continuar a colaborar com o Boletim do IAC sempre que para tal for solicitado.

- Iniciar a compilação das várias comunicações apresentadas e textos publicados no Boletim do IAC com vista à sua divulgação no site do IAC.



- Dar continuidade ao trabalho com o Pelouro da Educação da *Junta de Freguesia de Benfica* através do trabalho com o Gabinete de Psicologia da mesma Junta.

- Dar continuidade ao trabalho em parceria com o Projeto *Intervir em Benfica* (Junta de Freguesia de Benfica, escolas da rede pública da freguesia e Faculdade de Motricidade Humana):
  . Analisar e interpretar os dados obtidos;
  . Apoiar na divulgação dos mesmos;
  . Propor linhas de intervenção.

- Dar continuidade ao trabalho com o Agrupamento de Escolas de Benfica.

- Representar o IAC no Conselho Geral do Agrupamento de Escolas Francisco Arruda
  . Colaborar com o GAAF da mesma escola;
  . Colaborar com a Equipa do Núcleo de Educação para a Saúde no projeto *Promoção de estilos de Vida Saudáveis*

- Enquadrar e acompanhar 4 estagiários na área da educação.

- Representar o IAC no Núcleo Distrital da EAPN (Rede Europeia Anti-Pobreza – Portugal).

**Serviço de Documentação**

**Recolha e Tratamento de Informação**

- Prosseguir na pesquisa, recolha e organização de documentação científica e pedagógica em formato digital;
- Prover, corrigir e atualizar as bases de dados bibliográficas informatizadas;
- Recolher e tratar as notícias publicadas na imprensa escrita e também na Internet acerca do IAC e dos eventos por este organizados; análise sucinta do seu conteúdo para efeitos estatísticos; divulgação, em papel e CD-ROM, no final de cada ano;

- Dar continuidade ao trabalho de ligação dos registos bibliográficos existentes nos boletins bibliográficos e no InfoCEDI a recursos relacionados, identificados na Internet, nomeadamente a ligação da referência ao texto integral;
- Manutenção e aumento de banco de imagens isentas de direitos de autor;
- Contacto com editoras e livrarias e consequente aquisição de publicações;
- Tratamento biblioteconómico: Triagem; Catalogação; Classificação; Indexação; Atribuição de cota; Carimbagem; Etiquetagem; Arrumação;
- Desenvolvimento do catálogo bibliográfico On-line.

**Resposta a pedidos de documentação**
- Pedidos presenciais, telefónicos, carta/fax, Correio eletrónico;
- Reprodução de documentos por fotocópia ou digitalização;
- Seleção, organização e avaliação da informação em bases de dados e repositórios digitais de modo a fornecer ao utilizador os conteúdos mais relevantes;
- Organização de kits institucionais de documentação segundo diretrizes da Direção;
- Respostas a pedidos de documentação e materiais IAC por instituições (escolas, CPCJ, Ministérios, bibliotecas, hospitais…).

**Gestão de Publicações IAC**
- Gestão de existências e Depósito Legal de publicações IAC;
- Articulação com Eixo de Informação quanto às necessidades de reedições;
- Tratamento de pedidos de ISBN/ISSN;
- Transporte e arrumação de publicações no depósito.

**Seminários**
- Apoio à organização de encontros, conferências e seminários organizados pelo IAC.

**Produção de InfoCEDI**
- Continuação da publicação deste boletim digital temático, de carácter mensal;
- Distribuição gratuita, por e-mail, para cerca de 2.400 endereços;
- Publicação no site do IAC;
- Divulgação no blogue institucional.



**Produção da Folha Informativa (newsletter) do Projeto Rua**
- Conceção gráfica de conteúdos enviados pelo Projeto Rua;
- Publicação bianual em formato digital;
- Publicação no site do IAC;
- Divulgação no blogue institucional.

**Gestão do mailing**
- Manutenção dos cerca de 2.400 contactos existentes;

**Publicação do blogue institucional e manutenção da presença do IAC nas redes sociais (*Facebook, Twitter*)**
- Atualização com carácter permanente e imediato;
- Apresentação de relatórios periódicos.

**Boletim IAC**
- Envio Boletim IAC em formato digital para sócios da instituição.

**Projeto Bullying Não!**
- Organização de colóquios nas escolas sobre o Projeto Bullying Não!
- Empréstimo interbibliotecas de publicações do acervo reunido no âmbito deste projeto.

**"Crianças no Mundo com Direitos"**
- Continuação do apoio logístico à exposição itinerante

- **Participação nas atividades relacionadas com os 31 anos do IAC**

## Ações a Desenvolver por cada Eixo

**Serviço de Informação/Comunicação/Publicações**

**Informação**

- Acompanhamento da exposição "Crianças no Mundo – com Direitos" em contexto escolar e junto das instituições em geral, promovendo atividades alusivas aos Direitos da Criança;
- Dinamização do projeto *Os Direitos da Criança na Educação para a Cidadania* para todos os ciclos de ensino em escolas dos concelhos de Almada, Lisboa e Seixal;
- Formação informal para professores, pais e alunos no âmbito da Internet Segura (sessões de esclarecimento, articulação com o serviço de Psicologia das escolas, disseminação dos materiais/recursos disponibilizados pela equipa da DGE);
- Colaboração com a área da Documentação na divulgação do Projeto Bullying NÃO em contexto escolar; promoção de debates sobre o Bullying e o Cyberbullying com o apoio de palestrantes com reconhecida experiência na área;
- Produção de conteúdos e acompanhamento de filmes que promovam os Direitos da Criança;
- Dinamização das Montras do Ministério da Educação com uma exposição sobre o IAC;
- Continuação da digitalização do espólio fotográfico, videográfico e sonoro;
- Preparação de uma apresentação do IAC em suporte digital dirigida aos alunos do ensino básico;
- Orientação de estágios técnico-profissionais na área do Marketing Social e da Animação Sociocultural;
- Pesquisas temáticas sobre a criança.

**Comunicação**

- Continuação da atualização dos conteúdos do site IAC;
- Dinamização do "Espaço Criança" no site IAC em parceria com escritores e ilustradores;
- Recolha e análise mensal de dados relativamente à informação consultada no site IAC;
- Continuação da atualização da base de dados dos materiais áudio e vídeo existentes no CEDI;
- Elaboração de vários materiais relativos aos sectores do IAC (design gráfico e conteúdos);
- Promoção e divulgação do livro "Histórias com Direitos" nas escolas e em diversas instituições com o apoio dos diversos autores;
- Divulgação de filmes e outros formatos;
- Participação e colaboração ativa nas atividades promovidas pelo Fórum sobre os Direitos da Criança e do Jovem).



**Publicações**

- Participação na produção de publicações do IAC;
- Continuação da edição do Boletim IAC;
- Produção de novas edições de publicações e brochuras existentes (ex.: catálogos de publicações, catálogo de projetos, etc.).

**Serviço de Formação**

Elaboração de um Plano de Formação com ações acreditadas para o pessoal docente para o ano letivo 2013/2014 com base no artigo 15.º, ponto 6 do Decreto-Lei 207/96 de 2 de novembro. As ações serão sobre a temática "Direito de Família e menores", abrangendo várias áreas (entidades de 1º nível, direitos das crianças, deteção de abusos e maus-tratos, Processos tutelares educativos, intervenção das CNPCJR, equipas multidisciplinares no âmbito do Estatuto do Aluno e Ética Escolar, violência em contexto escolar).

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD: FCJ**

## Designação

Fórum Construir Juntos – Coimbra

## Responsável

Paula Cristina Correia Duarte

| **Outros Serviços Intervenientes:** | **Duração Prevista** |
|---|---|
| IAC - Sede; SOS Criança; Projeto Rua; Redes Sociais; CPCJ; Rede Construir Juntos; Autarquias; Escolas Profissionais; EAPN; APAV; Instituições de Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo; Instituto de Solidariedade e Segurança Social; ARS; FPCEUC; DREC; Tribunais; APF; IPDJ; ISMT; ESEC; Agrupamentos de Escolas; Serviços de Saúde; Centro de Atendimento a Jovens; CAT; APSI; IEFP; Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos; Programa Escolhas; ACIDI; ACIME; Cáritas Diocesana de Coimbra; IPSS | Atividade permanente |

## Equipa

Paula Duarte –Técnica Superior Serviço Social
Pedro Rodrigues – Técnico Superior Serviço Social
Ana Cristina Barros – Professora do 3º CEB/Sec[9]
Cristina Maria Basto – Professora do 2º CEB[9]
Ana Margarida Vicente – Professora do 3º CEB/Sec[9]

Outros:
4 Estagiárias de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra



## Finalidade/Objetivo

**Objetivo Geral:**
Maximizar o objetivo geral do IAC contribuindo para o Desenvolvimento Integral da Criança, na Defesa e Promoção dos seus Direitos.

**Finalidade:**
Contribuir para a mudança de atitude sociocultural com vista a um novo olhar sobre a problemática da criança e jovem em perigo.

**Objetivos Gerais:**
- Promover, apoiar e divulgar o trabalho de todos aqueles que se preocupam com a procura de novas respostas para os problemas da Infância;
- Dinamizar espaços de diálogo interinstitucionais de forma a sensibilizar para a problemática das crianças desaparecidas e /ou exploradas sexualmente, através da Rede Construir Juntos,
- Promover, divulgar e dinamizar Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família - Projeto de Mediação Escolar, em articulação com o IAC - SOS-Criança.

[9] Docentes do Ministério da Educação e Ciência, destacadas no IAC

**Objetivos Específicos:**

- **HUMANIZAR**
  - Atender, orientar e encaminhar situações problemáticas;
  - Promover uma intervenção, articulada com outros serviços, de forma a proporcionar às crianças e jovens um ambiente de cuidados, atenção e afetos que correspondam e respeitem as necessidades de cada um, humanizando os contextos de atendimento;
  - Criar estratégias, em parceria com as escolas, que minimizem a estigmatização e a exclusão escolar (absentismo e abandono escolar precoce).

- **(IN) FORMAR/SENSIBILIZAR/DIVULGAR**
  - Promover boas práticas e partilhar experiências enriquecedoras que permitam a melhor adequação de atitudes face à criança/jovem;
  - Sensibilizar as estruturas locais e a sociedade em geral para os problemas que envolvem a Criança Desaparecida e/ou Explorada Sexualmente;
  - Implementar ações de formação e sensibilização para a defesa do direito da criança ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades próprias da sua idade (cf. Art.º 31º da Convenção sobre os Direitos da Criança).
  - Orientar e supervisionar estágios curriculares;
  - Pesquisar e disponibilizar bibliografia temática.
  - Manter atualizado o Doc - Base

- **ARTICULAR/DINAMIZAR**
  - Promover a articulação entre instituições parceiras;
  - Colaborar com as diferentes instituições/entidades na definição de novas estratégias de intervenção;
  - Promover a mediação entre as entidades envolvidas no projeto das Crianças Desaparecidas e/ou Exploradas Sexualmente.

## Metodologia

- Articulação com o IAC - SOS – Criança, no âmbito da Mediação Escolar e das Crianças Desaparecidas e/ou Exploradas Sexualmente.
- Articulação com o IAC - Projeto Rua – Em Família para Crescer, no âmbito do projeto das Crianças Desaparecidas e/ou Exploradas Sexualmente e no âmbito da Rede Construir Juntos.
- Cooperação com entidades e serviços responsáveis pelas problemáticas da Infância e Juventude;
- Dinamização de ações de formação/sensibilização, oficinas, palestras e colóquios;
- Realização de reuniões de enquadramento e supervisão de estágios;
- Promoção de contactos personalizados com diversas instituições com vista à criação de parcerias que visam a prossecução dos objetivos do IAC – Fórum Construir Juntos;
- Participação em redes e consórcios;
- Participação em grupos de trabalho (CPCJ, GAAF, Rede Social …)



## Ações a Desenvolver

- **HUMANIZAR**

- Atendimento e encaminhamento, de situações de crianças em perigo e famílias, para as outras estruturas de apoio;
- Organização e participação em campanhas de angariação de materiais específicos para fazer face a necessidades inerentes a solicitações pontuais e distribuição/entrega de donativos.

- **IN) FORMAR/SENSIBILIZAR/DIVULGAR**

- Conceção, organização e dinamização de Ações de Formação/Sensibilização em diversos agrupamentos de escolas, Estabelecimentos de Ensino Superior; Associações de Pais, Autarquias e Instituições de Acolhimento de Crianças e Jovens, nas áreas temáticas como os Direitos da Criança, Integração Escolar, (In) Disciplina, Violência na Escola, Competências Pessoais e Sociais, Atividade Lúdica, Prevenção do Abuso Sexual de Crianças, Promoção de Estilos de Vida Saudável e outros.
- Participação e intervenção em Encontros, Seminários, Colóquios, promovidos por outras instituições;
- Representação do IAC em diferentes eventos;
- Recolha, seleção e sistematização de informação (trabalhos de investigação, artigos, depoimentos, bibliografia,) relativa às crianças e jovens em perigo;

- Atualização do acervo documental, do centro de documentação, em suporte informático;
- Atendimento presencial e on-line e empréstimo de documentação;
- Colaboração na atividade editorial do IAC (Boletim e site);

## IAC – Fórum Construir Juntos – Ações de Informação / Sensibilização – 2014

| Ação de Sensibilização | Data | Dinamizadores | Local | Destinatários |
|---|---|---|---|---|
| Gravidez na Adolescência | a definir | a definir | a definir | Técnicos e estagiários dos GAAF e das instituições parceiras da RCJ |
| A lei de Promoção e Proteção na Defesa dos Direitos da Criança | a definir | a definir | a definir | |
| Desafios da Guarda partilhada – efeitos na estruturação da personalidade | a definir | a definir | a definir | |
| Suicídio nos Jovens | a definir | a definir | a definir | |

- **ARTICULAR / DINAMIZAR**

- Participação em reuniões/ outras atividades no âmbito das parcerias
  - Rede Social do Concelho de Coimbra (participação no grupo de trabalho "Crianças e Jovens" e na comissão de acompanhamento da implementação das propostas do grupo de trabalho, no âmbito do diagnóstico social);
  - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Coimbra (modalidade alargada);
  - Rede Europeia Anti-Pobreza Nacional *(EAPN)*;
  - Consórcios do Programa Escolhas (Município da Pampilhosa da Serra);
  - Plataforma ODM na Cidade.

- Mediação Escolar
  - Apresentação e divulgação do Projeto de Mediação Escolar;
  - Implementação de GAAF, em articulação com as direções dos diversos agrupamentos de escolas, com as instituições locais e com as autarquias, a fim de operacionalizar o funcionamento destes gabinetes;
  - Dinamização, nos diversos agrupamentos de escolas, dos Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF);
  - Apoio técnico na dinamização dos GAAF de:
    - Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte, Marinha Grande;
    - Agrupamento de Escolas de Coimbra Centro - Pólo S. Silvestre, Coimbra e Pólo de Silva Gaio, Coimbra;
    - Agrupamento Vertical Escalada de Pampilhosa da Serra;
    - Escola Secundária com 3ºciclo Dr. Bernardino Machado, Figueira da Foz;
    - Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo;
    - Agrupamento de Escolas de Coimbra Oeste – Pólo de Taveiro;
  - Agrupamento de Escolas de Pombal (escola sede).
  - Enquadramento, acompanhamento pedagógico e avaliação das ações desenvolvidas pelos estagiários;
  - Dinamização da Reunião de Avaliação Anual do trabalho desenvolvido pelas equipas GAAF (a norte de Leiria).

- Rede Construir Juntos

  **A. Dinamização do Pólo de Coimbra:**

  . Reuniões periódicas;
  . Promoção de Encontros Temáticos;
  . Elaboração do plano de atividades do Pólo

**B. Pólo Mediador Nacional** – Coordenação e dinamização

- **Rede Construir Juntos**

## Plano de Ação da Rede Construir Juntos – 2014

| Eixos Prioritários | Ações | Âmbito | | Calendarização | Dinamização |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Polos Regionais | Nacional | | |
| Crianças Desaparecidas | • Criação de Kits informativos com dicas de segurança para prevenção. | x | x | 25 de maio | GRUPO DE TRABALHO:<br>IAC - FÓRUM C J<br>IAC – PRUA<br>CASLAS<br>CHÃO DOS MENINOS<br>CAT LORETO<br>**(outras instituições parceiras)** |
| | • Elaboração de documentos:<br>· com os procedimentos a ter, em caso de crianças desaparecidas<br>· com vista à uniformização da atuação dos técnicos (como abordar a família, como abordar a criança, …).<br>• Divulgação da linha 116 000. | x | x | Ao longo do ano | |
| | • Dinamização de ações de atualização dirigidas aos técnicos de referência. | x | x | Ao longo do Ano | IAC - SOS CRIANÇA<br>IAC - FÓRUM C J<br>IAC – PRUA |
| Direitos da Criança | • Operacionalização da rede juvenil de acordo com as propostas dos jovens. | x | | Ao longo do ano | GESTOR DA REDE: Anual<br>IAC - FÓRUM C J<br>IAC-PRUA |
| | • Dinamização do grupo "CRESCER JUNTOS" no Facebook. | x | x | Ao longo do ano | IAC - FÓRUM C J<br>(em colaboração com **outras instituições parceiras)** |
| | • Intercâmbio de Jovens | x | x | 7, 8 e 9 de setembro | GRUPO DE TRABALHO:<br>IAC - FÓRUM C J<br>IAC – PRUA<br>CASLAS |
| Coesão e comunicação | • Seminário Anual | | x | 20 de outubro | POLO DE LISBOA<br>IAC - FÓRUM C J |
| | • Reunião Anual | | x | 21 de outubro | POLO DE LISBOA<br>IAC - FÓRUM C J |
| | • Atualização do filme com a divulgação das instituições da RCJ. | x | x | Ao longo do ano | IAC – FÓRUM C J |
| | • Dinamização de ações tendo em vista o alargamento da RCJ | x | x | Ao longo do ano | IAC – FÓRUM C J |
| | • Folha Informativa da RCJ | x | x | Ao longo do Ano | IAC – FÓRUM C J<br>(em colaboração com outras instituições parceiras) |
| | • Candidaturas a programas que financiem as atividades da Rede | | X | De acordo com os prazos estabelecidos | IAC – FCJ<br>IAC - PR |

- **Rede Juvenil Crescer Juntos**

## Plano de Ação da Rede Juvenil Crescer Juntos – 2014

| TEMA | Ações | Âmbito | | Calendarização | Dinamização |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Polos Regionais | Nacional | | |
| Desigualdades | • Reunião com crianças e jovens do Polo | x | | a definir | Instituições de cada Polo |
| | • Atividade sobre o tema "Desigualdades" | x | | a definir | Instituições de cada Polo |
| | • Intercâmbio de Crianças e Jovens | x | x | 7, 8 e 9 de setembro | . IAC - FCJ<br>. IAC – PR<br>. CASLAS<br>. Instituições parceiras da RCJ com Jovens no Intercâmbio |
| | • Representação no Seminário anual da RCJ | | x | 20 de outubro | Representantes das Crianças e jovens presentes no Intercâmbio de C e J |
| | • Reunião anual da Rede Crescer Juntos | | x | 19 de outubro | Representantes das Crianças e jovens presentes no Intercâmbio de C e J |
| | • Dinamização do grupo Crescer Juntos no Facebook | x | x | Ao longo do ano | Jovens e técnicos das instituições parceira da RCJ |



1. **Aprofundar e reforçar conhecimentos que permitam melhorar a eficácia da intervenção**
   - Articular com o SOS – Criança
   - Articular com o Projeto Rua -Em Família para Crescer que assume a responsabilidade das instituições parceiras a sul do Distrito de Leiria;
   - Sensibilizar as instituições parceiras no sentido de colaborarem com o IAC na centralização de toda a informação relativa à problemática das crianças desaparecidas e/ou exploradas sexualmente;
   - Difundir, pela rede de parceiros, de alertas de desaparecimento de crianças;
   - Reencaminhar informação relativa às problemáticas da criança;
   - Elaborar e difundir a Folha Informativa;
   - Criar uma base de dados das instituições e dos recursos que disponibilizam à Rede;
   - Promover Encontros Temáticos, nos Pólos, para intercâmbio de metodologias e boas práticas;
   - Organizar e dinamizar o intercâmbio de jovens, que irá ter lugar em Lagos;
   - Organizar e dinamizar o Seminário Anual, em Lisboa, em parceria com o IAC-PR e as instituições do Pólo de Lisboa, bem como a Reunião Anual;
   - Dinamização da rede juvenil " Crescer Juntos";
   - Co-operacionalização das atividades definidas no plano da Rede Construir Juntos.

2. **Contribuir para a adequação das medidas de política nacional e internacional para a infância e juventude**
   - Contactos periódicos entre coordenadores dos Pólos, a fim de concertar e definir estratégias de intervenção em termos de políticas para a infância e juventude;
   - Elaboração de um Plano de Atividades

**3. Promover a cooperação inter-institucional a nível nacional e internacional**

- Manter e alargar a interação por parceiras nacionais e internacionais;

**4. Contribuir para a otimização de respostas no âmbito das crianças desaparecidas e/ou exploradas sexualmente**

- Divulgar o Guia de procedimentos para a rede
- Eleger o técnico de referência da instituição mediadora de cada Pólo Regional
- Atualizar a ficha da rede Divulgar o Kit "116000" do IAC –SOS Criança pelas instituições da rede

**5. Revitalizar, Dinamizar e Apoiar**

- Pólo de Braga .
- Pólo de Viana do Castelo .
- Pólo de Viseu
- Pólo do Porto – Vila Nova de Gaia
- Pólo de Recardães – Aveiro
- Pólo da Guarda
- Pólo de Fundão
- Pólo de Leiria
- Pólo de Mirandela – Bragança
- Pólo Viana do Castelo

**6. Implementar**

. Pólo da Madeira a partir de instituição a definir.



## Observações

O Plano de Atividades deve sempre ser visto como um instrumento de gestão pelo que a sua concretização depende da disponibilização de recursos financeiros e das linhas orientadoras da Direção.

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD:HSAC**

## Designação

Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança

## Responsável

Leonor Santos

**Outros Serviços Intervenientes:**
Centros de Saúde, Hospitais, Ministério da Saúde, Direção Geral da Saúde , Profissionais que trabalham na área da Saúde, Família, Ligas de Amigos, Associações, CNSMCA, SPP

**Duração Prevista:**
Atividade permanente

## Equipa

Anabela Fonseca – Técnica Superior (a meio tempo)
Leonor Santos[10] – Técnica Superior (a meio tempo)
Ana Margarida Lourenço – Técnica Superior (a meio tempo)

Conselho Consultivo composto por profissionais de saúde (pediatras, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, juristas, etc.)



## Finalidade/Objetivo

**Finalidade**
**Contribuir para o Desenvolvimento Integral da Criança, enquanto sujeito de Direitos na sociedade em geral, e especialmente nos serviços de saúde.**

**Objetivos Gerais**
- Ampliar o conceito de Humanização, utilizando a Carta da Criança Hospitalizada como um instrumento de validação, tendo por princípio que a qualidade deve incluir os aspetos psicológicos, sociais e éticos dos cuidados à criança;
- Propor estratégias de intervenção e apoiar ações no âmbito da defesa dos direitos da criança hospitalizada, promovendo o seu reconhecimento legal;
- Prosseguir com o trabalho em parceria, de forma a fortalecer as relações entre as diferentes entidades envolvidas na prevenção e na saúde da criança e do jovem.

**Objetivos Específicos**
- Promover o conhecimento das crianças e famílias sobre os seus direitos nos serviços de saúde;
- Melhorar o acolhimento, a informação e a preparação da criança e do adolescente no hospital;
- Manter e reforçar as parcerias a nível nacional e internacional;
- Prosseguir o estudo "Respeito dos Direitos da Criança no Hospital";
- Promover ações de Educação e Promoção da Saúde.

[10] Prestadora de Serviços

## Metodologia

**Estratégias**

**Advocacia,** dando voz aos interesses da Criança e sua Família.

**Capacitação,** promovendo, junto de instituições, profissionais e público em geral, o respeito dos direitos da criança no hospital.

**Mediação** dos interesses em presença, desenvolvendo ações junto dos órgãos de poder e dos media, e participando em associações nacionais e internacionais congéneres; propondo estratégias que visem a melhoria das condições de acolhimento.

Estas estratégias operacionalizam-se através da:
- Organização e participação em ações, reuniões, encontros e workshops de âmbito nacional e internacional;
- Realização de estudos e projetos de investigação;
- Orientação de estágios curriculares;
- Organização e divulgação de documentos sobre os diferentes aspetos do atendimento à Criança;
- Intervenção pontual em situações denunciadas;
- Intervenção no terreno em projetos-piloto.

## Ações a Desenvolver

**As ações a desenvolver integram-se em 3 grandes linhas de atuação, nomeadamente "Direitos da Criança no Hospital", "Relações Internacionais" e "Sensibilização e Empoderamento".**

**DIREITOS DA CRIANÇA NO HOSPITAL**

**Carta da Criança Hospitalizada:**
- Promover a Carta da Criança Hospitalizada e suas Anotações junto dos hospitais, profissionais de saúde, pais e população em geral;
- Divulgar a história infantil "Zebedeu - Um Príncipe no Hospital" a nível nacional.

**"Respeito dos Direitos da Criança no Hospital":**
- Iniciar o estudo "Satisfação das famílias e crianças nos serviços de saúde";
- Prosseguir com o modelo de autoavaliação "Respeito dos Direitos da Criança no Hospital" com os profissionais de saúde.

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**EACH (*European Association for Children in Hospital)*:**
- Manter a participação na EACH;
- Redigir o relatório anual de atividades para a EACH;
- Preparar e participar na Conferência/Reunião da EACH (República Checa).

**TASK FORCE (*Task Force on Health Promotion with Children and Adolescents)***
- Participar na *Task Force on Health Promotion with Children and Adolescents (2012-2016)* - Rede Internacional de Hospitais Promotores de Saúde.
- Preparar e participar na reunião anual da *Task Force HPH-CA.*

**TAT (Think & Action Tank)**
- Participar no Grupo de Trabalho informal constituído por especialistas com o objetivo de elaborar um modelo operacional para os cuidados de saúde baseado nos Direitos da Criança.

**SENSIBILIZAÇÃO E EMPODERAMENTO**

**Informação à Criança:**

- Editar material informativo para crianças e famílias sobre os cuidados, os exames, o hospital, a dor, para ajudá-los a entender melhor o meio hospitalar, antecipando e gerindo melhor a situação, e em simultâneo estimular o diálogo entre as crianças, as famílias e os profissionais;
- Criar um espaço de informação *online* para crianças, adolescentes e famílias.

**Brincar Terapêutico:**

- Dar continuidade à implementação do "Kit Dói que não Dói";
- Capacitar os profissionais de saúde para a utilização de material lúdico na estadia da criança no hospital.

**Comunicação, divulgação e marketing:**

- Organizar e realizar *workshops* sempre que solicitado;
- Continuar com a editação da *newsletter* digital (divulgação *online* e via email);
- Assegurar o desenvolvimento e a atualização do sítio *online*;
- Divulgar materiais informativos produzidos pelo sector;
- Manter a dinamização do *Facebook* enquanto fórum de discussão *online*;
- Participar em iniciativas de outras entidades e associações.

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD: PR**

## Designação

Projeto Rua – Em Família para Crescer

## Responsável

Matilde Esteves Sirgado

**Outros Serviços Intervenientes:**

- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social: Instituto da Segurança Social, I.P.; Instituto do Emprego e Formação Profissional;
- Ministério da Justiça: Tribunais Judiciais e de Família; Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais; Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Risco; Polícia Judiciária;
- Ministério da Saúde: Centros de Saúde e Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências;
- Ministério da Administração Interna: Forças de Segurança (GNR; PSP; SEF); Câmaras Municipais (Lisboa, Odivelas e Amadora); Juntas de Freguesia;
- Ministério de Educação e Ciência: Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo; Escolas do ensino básico, secundário e superior;
- Ministério dos Assuntos Parlamentares: Instituto Português do Desporto e Juventude;
- Redes/instituições nacionais: Instituições Particulares de Solidariedade Social (I.P.S.S.); Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; Casa Pia de Lisboa; European Anti-Poverty Network – Portugal (EAPN); Rede Construir Juntos;
- Redes/instituições internacionais: European Federation on Street Children; European Social Action Network; Eurochild; Associação para as Crianças Desfavorecidas (ACRIDES); Fundação Infância Feliz; Rede da Criança;
- Empresas/Serviços: (Zoo Marine, GEBALIS, Sociedade Portuguesa de Psicoterapias Breves, Paramédicos de Catástrofe Internacional, Associação "Crescer na Maior").

**Duração Prevista:**

Atividade permanente



## Equipa

**Coordenação Geral**
Matilde Sirgado - Técnica Superior de Política Social

**Apoio Logístico e Administrativo**
Andreia Bojaca - Técnica Auxiliar Administrativa
Beatriz Caldeirão - Técnica Auxiliar Administrativa
Maria das Dores Sousa - Técnica Auxiliar Administrativa
Odete Avelino - Técnica Superior

**NÍVEL DO RECUPERAR**
**Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil - Zona Centro**
Conceição Alves - Responsável de Equipa - Téc. Sup. de Pedagogia Social
Hugo Pereira - Téc. Sup. Psicopedagogia
Sandra Paiva - Téc. Sup. de Pedagogia Social
Lídia Velez - Téc. Sup. de Serviço Social
Leonor Martins - Animadora
Helena Proença - Animadora
Maria Clementina Penäté Pinto - Empregada de Limpeza

**NÍVEL DA PREVENÇÃO**
**Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil - Zona Oriental**
Ana Isabel Carichas - Responsável de Equipa - Téc. Sup. de Política Social
Anabela Alves - Téc. Sup de Educação Social
Carla Fonseca -Téc. Sup. Psicopedagogia
Sónia Valente - Téc. Sup. de Política Social
Helena Oliveira - Animadora
Paula Almeida - Animadora
Carmelinda Robalo - Empregada de Limpeza
**Centro de Apoio Comunitário**
Carmen Lopes - Responsável de Equipa - Téc. Sup. de Política Social
Ascenção Andrade - Téc. Sup. de Educação Social
Isabel Duarte - Téc. Sup. de Pedagogia Social
Teresa Simões - Téc. Sup. de Pedagogia Social
Carla Pinto - Animadora
Carlos Moreira – Animador

**PAQPIEF** (Lumiar 1º e 2º CEB; Odivelas 1º, 2º e 3º CEB[11]; Olaias 1º e 2º CEB; Stª Mª dos Olivais 1º,2º e 3º CEB)
7 Técnicos Superiores

**NÍVEL DO REVALORIZAR**
**Centro das Redes Sociais**
Paula Paçó - Responsável de Equipa - Téc. Sup. de Política Social
Bruno Pio - Téc. Sup. de Serviço Social
Isabel Porto - Téc. Sup. de Política Social
Mª João Carmona - Téc. Sup. de Psicologia Social e das Organizações
**Outros**: 2 estagiárias da Ordem dos Psicólogos

[11] Turmas PIEF geridas em conjunto com o SOS-Criança (Medicação Escolar)

## Finalidade/Objetivo

**FINALIDADE**

*Contribuir para a diminuição do número de crianças e jovens em risco e/ou perigo, promovendo a sua reinserção sociofamiliar.*

**Objetivos Gerais**

- Otimizar respostas que permitam recuperar crianças e jovens com comportamentos disruptivos/desviantes, promovendo competências conducentes à construção de um projeto de vida saudável;
- Contribuir para a criação e/ou desenvolvimento de projetos integrados, nas comunidades sinalizadas por situações de crianças e jovens em perigo;
- Combater o abandono e o insucesso escolar favorecendo o cumprimento da escolaridade obrigatória e a certificação escolar e profissional dos alunos, contribuindo para a prevenção e redução da exposição a situações de perigo.
- Potenciar a participação da sociedade civil, contribuindo para a adequação de políticas integradas nas áreas da infância e juventude.

**Objetivos Específicos**

**NÍVEL DO RECUPERAR**

**Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil (CDIJ) - Zona Centro**

- Intervir em situações de emergência face às sinalizações de crianças e jovens desaparecidos e/ou explorados sexualmente com especial incidência sobre os que se encontram em fuga:
  . Colaborar para a atualização do diagnóstico de crianças e jovens em contexto de rua na cidade de Lisboa;
  . Cooperar na procura de crianças e jovens em situação de fuga (denúncias);
  . Acompanhar individualmente os jovens na estruturação de rotinas;
  . Recuperar psicologicamente crianças, jovens e suas famílias;
  . Corresponsabilizar as famílias de forma a garantir a satisfação das necessidades biológicas e psicossociais do agregado;
  . Dar resposta de acolhimento a situações de emergência;
  . Envolver os parceiros na intervenção de forma integrada.



**NÍVEL DA PREVENÇÃO**

**Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil (CDIJ) - Zona Oriental**

- Potenciar nas crianças, adolescentes e jovens uma atitude proactiva na construção de um projeto de vida saudável:
  . Prevenir comportamentos de risco em contexto escolar, sensibilizando as crianças para os seus Direitos e Deveres;
  . Prevenir e/ou reduzir comportamentos de risco, a adolescentes e jovens, no espaço CDIJ - Oriental, desenvolvendo processos de aprendizagem e treino de competências pessoais e sociais;
  . Prevenir e/ou reduzir comportamentos de risco, com vista à integração e autonomia de vida dos jovens;
  . Apoiar e encaminhar as famílias para as instituições/serviços competentes, coresponsabilizando-as de forma a garantir a satisfação das necessidades biológicas e psicossociais do agregado;
  . Envolver os parceiros na intervenção de forma global.

**Centro de Apoio Comunitário**

- Intervir, através da ação "Aprender na Rua", na prevenção e reparação de situações de risco, de crianças a descoberto de respostas institucionais e/ou em complementaridade com os recursos existentes:
  . Diagnosticar comunidades de risco;
  . Promover a mudança de comportamentos e aquisição de novas aprendizagens, desenvolvendo ações lúdico-pedagógicas com crianças das comunidades identificadas;
  . Corresponsabilizar as famílias de forma a garantir as necessidades biológicas e psicossociais das crianças acompanhadas pela ação "Aprender na Rua";
  . Identificar situações de risco e colaborar na sinalização, criação e implementação de planos de inserção;
  . Promover / apoiar a criação e/ou o desenvolvimento de grupos interinstitucionais comunitários.

**Programa Apoio e Qualificação da Medida PIEF (PAQPIEF)**

- Garantir que até 31 de agosto de 2014, todos os destinatários do projeto foram alvo de uma intervenção multissetorial e integrada com vista a contribuir para a sua integração socioeducativa:
  . Assegurar o processo de avaliação diagnóstica dos jovens sinalizados a nível individual, familiar, sócio familiar e escolar;
  . Dinamizar atividades no âmbito da educação não formal, contribuindo para a formação pessoal e social do jovem

. Promover a aquisição e reforço de competências pessoais, sociais, relacionais, académicas e a aquisição de saberes numa perspetiva facilitadora da integração do jovem na vida ativa;
. Reforçar a participação da família/encarregados de educação no processo educativo dos jovens;
. Implicar a rede local de parceiros para uma intervenção integrada;
. Promover o encaminhamento dos jovens certificados para outra resposta educativa / formativa ou para o mercado de trabalho.

**NÍVEL DO REVALORIZAR**
**Centro das Redes Sociais**

***Eixo da Divulgação/Visibilidade***
- Promover a reflexão sobre a problemática das crianças e jovens em situação de risco e dar visibilidade à metodologia de intervenção do Projeto Rua;
- Promover o envolvimento e a responsabilidade da sociedade civil em benefício do grupo-alvo.

***Eixo da Formação***
- Promover a reflexão sobre as problemáticas da criança/jovem em risco, visando o reforço de conhecimentos e transferibilidade de metodologias;
- Aperfeiçoar o sistema de gestão de formação, no sentido de melhorar a qualidade da mesma;
- Reforçar os conhecimentos teórico-práticos da equipa do Projeto Rua
- Reforçar os conhecimentos teórico - práticos de interventores sociais externos ao Projeto Rua.

***Eixo das Redes Nacionais e Internacionais***
- Participar na elaboração e implementação dos planos de ação das redes nacionais e europeias, envolvendo o grupo alvo, com vista à adequação das medidas de política social;
- Participar em projetos europeus que promovam o intercâmbio de boas práticas;
- Contribuir para a concretização dos objetivos da Rede Construir Juntos[12];
- Contribuir para a criação, acompanhamento e a avaliação de projetos com crianças em risco nos PALOP

## Metodologia



- Equipas de rua multidisciplinares;
- Proximidade (ir ao encontro e estar com);
- Relação personalizada;
- Afetividade aliada à técnica;
- Participação e *empowerment* do grupo alvo;
- Mediação;
- Trabalho em rede a nível nacional e internacional;
- Parcerias em modelo integrado;
- Transferibilidade de metodologias e boas práticas;
- Técnicas lúdicas - pedagógicas;
- Educação em regime aberto;
- Investigação - Ação

## Ações a Desenvolver

**NÍVEL DO RECUPERAR**

**Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil (CDIJ) - Zona Centro**
- Giros de denúncia;
- Giros de diagnóstico (diurnos e noturnos);
- Apoio Psicológico[13], Social e Jurídico[14];
- Sessões de desenvolvimento de treino de competências pessoais e sociais;
- Ações lúdico pedagógicas, (ateliers, jogos e dinâmicas de grupo e visitas sócio educativas);
- Ações de sensibilização em diferentes temáticas;
- Visitas domiciliárias e/ou integradas

[12] A nível nacional existe uma cooperação técnica com o IAC – Fórum Construir Juntos
[13] Em articulação com o Setor do SOS - Criança
[14] Em articulação com o Setor Jurídico

- Colaborar na execução de medidas de Promoção e Proteção, Tutelares Educativas e/ou Processos Penais;
- Reuniões e contactos com os vários serviços da comunidade com vista à articulação, análise e avaliação das situações;
- Participação em núcleos e grupos de trabalho e de reflexão sobre a problemática identificada.

**NÍVEL DA PREVENÇÃO**

**Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil (CDIJ) - Zona Oriental**
- Acompanhamento individualizado;
- Sessões de treino de competências;
- Atividades lúdico-pedagógicas;
- Visitas Socioeducativas;
- Intercâmbios com outros grupos;
- Atendimento aos pais;
- Sessões temáticas;
- Contatos telefónicos;
- Elaboração de relatórios e informações sociais;
- Reuniões de avaliação/devolução;
- Reuniões nas escolas;
- Realização de ações lúdico-pedagógicas em escolas do Ensino Básico subordinadas aos direitos e deveres das crianças;
- Animações de intervalo.

**Centro de Apoio Comunitário**
- Desenvolvimento da ação "Aprender na Rua", com o suporte da unidade móvel lúdico – pedagógica em 2 comunidades, preferencialmente, onde exista a medida PIEF:
  . Desenvolvimento da Auto-Biblioteca;
  . Realização de ações lúdico-pedagógicas em contexto de rua e/ou sala;
  . Realização de ações lúdico-pedagógicas em escolas do 1º ciclo subordinadas aos direitos e deveres das crianças;
  . Articulação entre a escola, comunidade e a população:
  . Avaliação com as escolas do percurso escolar das crianças acompanhadas/sinalizadas;
  . Partilha das situações de risco sinalizadas pela escola aos parceiros locais e/ou vice-versa;
  . Articulação interinstitucional para a resolução/encaminhamento de situações de risco;
  . Reuniões de casos;
  . Visitas domiciliárias;
  . Elaboração de relatórios sociais;
  . Criação e/ou participação em grupos interinstitucionais.



## PAQPIEF
- Diagnóstico – entrevista social ao jovem e família;
- Acompanhamento individual do aluno e do Grupo Turma;
- Sessões de informação e sensibilização de pais e encarregados de educação, atividades de mediação, entrevistas individuais e sessões de grupo e sessões de promoção da relação escola, família e comunidade;
- Sessões de Treino de Competências pessoais e sociais para os alunos;
- Visitas domiciliárias e de sensibilização;
- Atividades lúdicas e sociopedagógicas;
- Ações de sensibilização, informação e articulação com os parceiros;
- Preenchimento de instrumentos de registo da preparação, execução e avaliação das ações e elaboração de relatórios de execução (anual e final);
- Criação de materiais de divulgação.

**NÍVEL DO REVALORIZAR**

**Centro das Redes Sociais**

***Eixo da Divulgação/Transferibilidade***
- Receção de grupos de estudantes e profissionais nacionais e estrangeiros com interesse na problemática das crianças/jovens em perigo;

- Enquadramento e acompanhamento de estagiários (nacionais e internacionais) e voluntários no projeto;
- Produção de material de informação e disseminação[15];
- Gestão de donativos e pedido de patrocínios;
- Rentabilização de protocolos;
- Participação em atividades a convite de entidades externas;
- Participação na comunicação social (Rádio e TV).

***Eixo da Formação***
- Realização da 23ª Ação de Formação para Animadores;
- Realização de sessões de Formação Cooperada (para a equipa do Projeto Rua);
- Realização de preleções temáticas inerentes à problemática da criança/jovem em perigo;
- Realização de programas formativos para intervenientes na área do social;
- Promoção da participação em Encontros/Seminários;
- Contributo no âmbito do grupo de trabalho da atividade formativa[15];

***Eixo das Redes Nacionais***
- Colaborar com o Fórum Construir Juntos na dinamização e operacionalização dos objetivos da Rede Construir Juntos;
- Dinamização do Pólo de Lisboa da Rede Construir Juntos.

***Eixo das Redes Internacionais***
- Colaboração na definição de planos de atividades anuais da Rede Europeia de Ação Social (ESAN) e Federação Europeia das Crianças da Rua (EFSC):
  . Participação nas Assembleias Gerais Anuais das Redes;
  . Participação no Projeto "*Catch and Sustain*".
- Apoio técnico/ supervisão a projetos de intervenção nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP):
  . Monitorização e supervisão do Projeto "Educação de Rua" da ACRIDES (in loco e à distância);
  . Receção de estagiários.



## Observações

Para o ano de 2014, e ao abrigo da Recomendação da Comissão Europeia de 20 de fevereiro de 2013 – "Investir nas Crianças para quebrar o ciclo vicioso da desigualdade", prevê-se a realização de uma candidatura conjunta com o Estado Português.

[15] Em articulação com o Setor do CEDI

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD:RE**

## Designação

Relações Externas

## Responsável

Ana Filipe

| **Outros Serviços Intervenientes:** | **Duração Prevista:** |
|---|---|
| IPSS; Organismos Governamentais e Entidades Particulares | Atividade permanente |

## Equipa

Ana Filipe[16] - Técnica Pedagógica

## Objetivo

**Objetivo Geral**
**Maximizar o objetivo geral do IAC, contribuindo para o Desenvolvimento Integral da Criança, na Defesa e Promoção dos seus Direitos.**

- Analisar, informar e orientar situações apresentadas ao IAC;
- Desenvolver ações promovidas pelo IAC;
- Colaborar e participar em ações desenvolvidas por outras instituições e/ou entidades, tanto a nível nacional como internacional;
- Desenvolver e assegurar uma rede de contactos com entidades nacionais e internacionais, interessadas na definição de uma política global da Infância.



## Metodologia

- Atendimento personalizado, escrito e telefónico.
- Reuniões de trabalho com Instituições e Entidades Governamentais e Privadas.
- Participação em Conferências, Encontros e Seminários Nacionais e Internacionais.
- Ações de Formação na área dos Direitos da Criança

## Ações a Desenvolver

- Análise e encaminhamento de situações apresentadas no IAC.
- Realização de ações conjuntas com os vários sectores do IAC, designadamente Fórum Construir Juntos, Projeto Rua e SOS – Criança;
- Representação do IAC em ações conjuntas com outras instituições de âmbito nacional e/ou internacional.
- Realização e participação em ações e campanhas de solidariedade, no âmbito dos objetivos do IAC.
- Recolha e sistematização de dados referentes a Instituições de âmbito nacionais e internacionais, que desenvolvem ação na área da infância e juventude.

[16] Docente do Ministério da Educação e Ciência, destacada no IAC

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD: SA**

## Designação

Serviços Administrativos/Financeiros

## Responsável

Pina e Silva[17]
Abílio Paulo Santos [18]

| **Outros Serviços Intervenientes:** | **Duração Prevista:** |
|---|---|
| Sectores do IAC | Atividade Permanente |

## Equipa

Serviços Administrativos
Antónia Passinhas – Responsável pelo Setor de Secretariado e Apoio Geral
Susana Pimentel
Isabel Ramirez
Paulo Pereira
Luís Varanda[19]

Fernanda Casal – Responsável pelo Setor de Pessoal

Manuela Neves – Responsável pelo Setor de Economato e Património

Serviços Financeiros
Odete Avelino – Responsável pelo Setor de Contabilidade e Tesouraria
Paula Queiroga
Beatriz Caldeirão



## Finalidade/Objetivo

- SAGE – Apoiar os setores e projetos do IAC, designadamente nas áreas de expediente geral, arquivo e apoio geral
- SP – Apoiar os setores e projetos do IAC, no âmbito do pessoal
- SEP – Apoiar os setores e projetos do IAC, no âmbito de aquisições de bens/serviços e do património
- SCT - Dar tratamento de forma adequada e em tempo útil a toda a documentação de carácter contabilístico e financeiro.

## Metodologia

Os Serviços Administrativos prosseguirão os objetivos que lhe estão atribuídos mediante o desenvolvimento das ações e iniciativas relacionadas com as áreas de:

- O registo, classificação e distribuição de documentação entrada, bem como a organização do seu arquivo e ainda a expedição da correspondência e também a prestação dos serviços de apoio geral (SAGE);
- A gestão administrativa dos recursos humanos (SP);
- O aprovisionamento dos bens de consumo, a aquisição, inventariação e manutenção dos bens duradouros e equipamentos administrativos e ainda a conservação e reparação dos edifícios e instalações (SEP);
- O processamento das receitas e o pagamento das despesas relacionadas com as atividades do IAC (SCT).

[17] Gestor Administrativo; Vogal da Direção
[18] Gestor Financeiro
[19] Motorista

## Ações a Desenvolver

***SAGE***

- Assegurar as tarefas inerentes às operações de receção, classificação, registo, distribuição e expedição da correspondência;
- Proceder à organização do arquivo geral e à sua articulação com os arquivos sectoriais ao nível dos serviços;
- Manter os serviços de processamento de texto, reprodução e impressão da documentação do Instituto quando necessários;
- Acolher, esclarecer e encaminhar as pessoas, que pessoalmente ou por via telefónica, se dirijam ao IAC;
- Assegurar o funcionamento do serviço telefónico através da central;
- Acompanhar o funcionamento dos serviços numa perspetiva de relacionamento com o público, recolhendo as queixas e reclamações apresentadas e promovendo o seu esclarecimento e/ou resolução mediante adequada intervenção junto dos serviços;
- Efetuar outras atividades de carácter administrativo quando a Direção do IAC ou outro órgão ou entidade do Instituto assim o determine

***SP***

- Executar as ações burocráticas relativas à constituição, modificação e extinção das relações jurídicas de emprego (trabalho e prestações de serviço);
- Organizar e manter atualizado o cadastro pessoal que presta ou prestou serviço no IAC, por forma a assegurar em tempo a respetiva progressão profissional;
- Instruir em tempo o Setor da Contabilidade ou os serviços de origem com os dados indispensáveis ao processamento das remunerações e dos benefícios sociais a que o pessoal tenha direito;
- Dar seguimento aos procedimentos relativos à classificação periódica de Serviço do Pessoal;
- Assegurar os processos de registo, controlo e arquivo da documentação relativa à assiduidade e ausências do pessoal em funções no Instituto;
- Promover o expediente relativo às ações de formação do pessoal do IAC que os serviços venham a reputar necessárias e sejam superiormente aprovadas.

***SEP***

- Promover a aquisição de máquinas e equipamentos, mobiliário e outros objetos indispensáveis ao bom funcionamento dos serviços;
- Garantir a conservação dos artigos e materiais de consumo e assegurar a sua distribuição de acordo com as necessidades dos serviços;
- Organizar os processos de aquisição de bens ou serviços relativos à conservação e/ou reparação do edifício - sede e das instalações a cargo do IAC e desencadear a introdução de benfeitorias quando o funcionamento dos serviços o justifique;
- Promover a celebração dos contratos de arrendamento das frações prediais indispensáveis ao funcionamento dos serviços do IAC;
- Estruturar e manter atualizado o inventário dos bens móveis, que sejam propriedade do IAC ou a ele se encontrem afetos, em coordenação com o serviço da Contabilidade e acompanhar os processos relativos à administração das frações prediais pertencentes ao IAC;
- Promover a celebração de contratos de seguros dos bens do IAC ou à sua responsabilidade, mantendo-se atualizados em termos de espécie de risco e de valores;
- Assegurar a gestão das viaturas do IAC quando for o caso.

***SCT***

- Proceder à organização da contabilidade do Instituto;
- Assegurar uma correta classificação, escrituração e arquivamento dos documentos contabilísticos;
- Proporcionar a informação atualizada à Direção e aos responsáveis dos Projetos do IAC, designadamente através da apresentação de balancetes periódicos;
- Promover a elaboração do Orçamento Anual do Instituto, a submeter à aprovação da Direção, agregando de forma coerente e sistemática num documento único as propostas dos responsáveis dos Projetos do IAC;
- Manter o controlo dos registos relativos à movimentação dos depósitos bancários;
- Assegurar o controlo sobre os fundos de maneio tendo em conta as regras aplicáveis e as diretrizes da Direção.
- Promover o envio das conta anuais aos órgãos da tutela após sujeição a parecer do Conselho Fiscal e aprovação da Assembleia Geral;
- Organizar e manter atualizado o ficheiro contabilístico do imobilizado da Instituição;
- Controlar os movimentos da Tesouraria, através da cobrança das receitas e da promoção do pagamento das despesas previamente autorizadas;
- Manter devidamente escriturados os registos e livros da Contabilidade.

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD: SJ**

## Designação

Serviço Jurídico

## Responsável

Ana Perdigão

| **Outros Serviços Intervenientes:** | **Duração Prevista:** |
|---|---|
| Tribunais; Escolas; IPSS; CPCJ, Núcleos; DGS; Hospitais; Centros de Saúde. | Atividade permanente |

## Equipa

Ana Perdigão – Técnica Superior – Jurista
Ana Sotto-Mayor Pinto - Técnica Superior – Jurista[20]

## Finalidade/Objetivos

**Objetivo Geral**
**Maximizar o objetivo geral do IAC, contribuindo para o Desenvolvimento Integral da Criança, na Defesa e Promoção dos seus Direitos.**

- Divulgar a legislação dos Direitos da Criança.
- Prestar esclarecimentos e informação jurídica nas várias áreas, e encaminhamento de situações que reclamam uma resposta a nível legal.
- Recolher e tratar a legislação relativa à Infância.
- Atualizar a publicação "Guia dos Direitos da Criança" (2009)



## Metodologia

Atendimento técnico personalizado presencial, escrito, telefónico e eletrónico.

## Ações a Desenvolver

- Atendimento de casos.
- Participação em Encontros sobre os Direitos da Criança.
- Realização de ações de formação junto de várias entidades (públicas e privadas) relativamente ao enquadramento legal do Direito de Menores.
- Apoio mensal ao Centro de Acolhimento "os Miúdos", em Loulé a fim de prestar Apoio Jurídico.
- Participação nas atividades realizadas pela Ação da Saúde sobre Crianças e Jovens em Risco, coordenada pela Direção Geral da Saúde.
- Elaboração de Relatório Estatístico espelhando toda a Atividade do Sector, durante o presente ano.
- Formação creditada para docentes e não docentes do ensino básico e secundário em Direito de Família e Menores (em articulação com vários serviços do IAC)

[20] Docente do Ministério da Educação e Ciência, destacada no IAC

# PLANO DE ATIVIDADES

**Ano 2014**

**COD:SOS**

## Designação

**SOS – Criança**[21] - Serviço de Âmbito Nacional de Apoio às Crianças /Jovens/ Famílias/ Profissionais e Comunidade que atua através do Atendimento Telefónico / E-Mail/ Reavaliação/ Supervisão de Casos[22], Atendimento Personalizado (Social, Jurídico e Psicológico), Mediação Escolar/ Crianças Desaparecidas[23] / GAAF

## Responsável

Manuel Ataíde Ferreira Coutinho

### Outros Serviços Intervenientes:

Ministério da Segurança Social e do Trabalho: Centros Distritais de Segurança Social (CDSS), Serviços de Fiscalização, Centros de Acolhimento Educativo e Formação (CAEF), Coordenação Nacional para os Assuntos da Família, Inspeção para o Desenvolvimento e Inspeção das Condições do Trabalho (IDICT), Programa de Apoio e Qualificação da Medida PIEF, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), Inspeção Geral do Trabalho (IGT), Serviços de Acolhimento de Emergência.
Ministério da Saúde**:** Centros de Saúde, Hospitais, Saúde 24, Linha Anti -Venenos, Inspeção Geral dos Serviços de Saúde (IGSS), Núcleo de Estudos do Suicídio, Departamento de Pedopsiquiatria, APARECE, Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências.
Ministério da Educação e Ciência**:** Direções Regionais da Educação, Inspeção Geral da Educação (IGE), Serviço de Psicologia e Orientação (SPO), Escolas, Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), Associações de Pais, Universidades, Institutos Superiores, Jardins de Infância.
Ministério da Justiça**:** Tribunais Judiciais e de Família, Instituto de Reinserção Social (IRS), Procuradoria Geral da República, Polícia Judiciária, Interpol, Gabinete de Mediação Familiar.
Ministério da Administração Interna**:** Polícia de Segurança Pública (PSP), Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), Guarda Nacional Republicana (GNR), Gabinete Coordenador de Segurança, Escola Segura, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia.
Presidência do Conselho de Ministros: Linha da Sexualidade, Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), Gabinete de Mediação Social.
Provedoria da Justiça, Santa Casa da Misericórdia, Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), Serviço Social Internacional. Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), Rede Construir Juntos, Organizações Não Governamentais (ONG), Paróquias, Sindicatos, Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO), Instituto da Defesa do Consumidor, Confederação Nacional Sobre o Trabalho Infantil (CNASTI), Embaixadas, Comunicação Social, Fundação para a Computação Científica Nacional (FCCN), Miúdos Seguros na Net; RDP, PT
Contactos Internacionais: Child Focus, Federação Europeia de Crianças Desaparecidas, Euronet, International Forum for Child Welfare, Child Helpline International (CHI), Fundação BAXTER ICMEC; NCMEC; EU Kids Online; Fondation pour L`Enfance; RDP África, ENASCO

### Duração Prevista:

Atividade permanente

## Equipa

Alexandra Graça – Monitor
Ana Isabel Mendonça – Técnica Superior de Psicologia
Ana Perdigão – Técnica Superior – Jurista
Anabela Rosa – Técnica Auxiliar Administrativa
Cláudia Gaivota – Técnica Auxiliar Administrativa
Dina Faria – Técnica Superior de Psicologia
Isabel Oliveira - Técnica Superior de Psicologia
Luísa Lobão Moniz[24] – Professora do Ensino Básico
Manuel Coutinho[25] – Técnico Superior de Psicologia
Mª Conceição Santos – Empregada de limpeza

Maria João Cosme – Técnica Superior de Psicologia
Maria João Pena -Técnica Superior de Serviço Social
Mellanie Tavares -Técnica Superior de Psicologia
Palmira Carvalho - Técnica Superior de Psicologia
Rita Esperto – Técnica Auxiliar Administrativa
Sara Matias - Técnica Superior de Psicologia

Outros:
2 Estagiários do Instituto Superior de Psicologia Aplicada
1 Estagiário Profissional pela Ordem dos Psicólogos



[21] Foi atribuído ao Instituto de Apoio à Criança, nos termos do disposto no nº1 do artigo 33º da Lei nº 5/2004, de 10 de Fevereiro, o direito à utilização do número **116111** para o serviço designado no Plano Nacional de Numeração (PNN) como " Linha de Apoio à Criança"

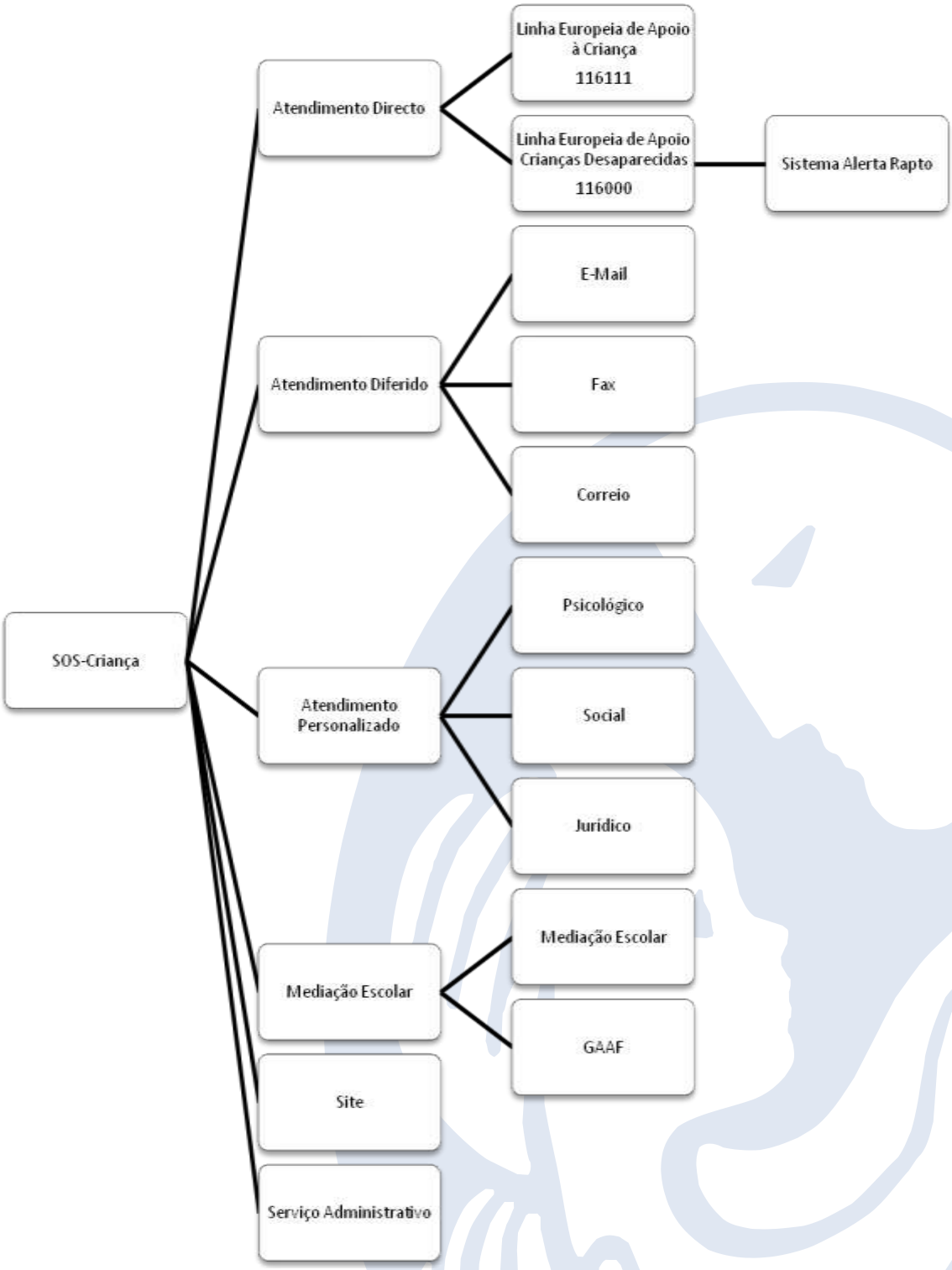
[22] As Atividades Email, Reavaliação, Supervisão de casos e Atendimento Personalizado, Estatísticas, perpassam por todas as atividades do SOS-Criança.

[23] Entendeu o Ministério da Administração Interna, como fundamento nos considerandos que antecedem, que o Instituto de Apoio à Criança, pelo reconhecimento e louvável trabalho que tem desenvolvido no âmbito dos serviços de apoio à criança, quer particular, e no que aqui releva, quanto ao serviço especializado de atendimento telefónico que iniciou em 1988 e para atribuição do número verde para casos de crianças desaparecidas **116000,** a que se reporta a Decisão da Comissão das Comunidades Europeias, de 15 de Fevereiro de 2007(2007/116/CE.
O Instituto de Apoio à Criança, entidade a quem foi atribuída, por despacho nº 20340/2007, o nº Único Europeu 116000 para a comunicação de casos de crianças desaparecidas, integra a lista de parceria do Sistema Alerta Rapto de Menores, criado pelo Ministério da Justiça.

[24] Docente do Ministério da Educação e Ciência, destacada no IAC

[25] Coordenador – Geral do SOS-Criança, Gestor de Projetos e Secretário-Geral do IAC

# Organograma do SOS-Criança



## Finalidade/Objetivo

**ATENDIMENTO TELEFÓNICO - 116111 (Número Europeu)**

Linha Gratuita de Apoio à Criança **116111** (Número Europeu) – Serviço de ajuda a crianças que necessitam de cuidados e proteção, oferece às crianças a oportunidade de exporem os seus problemas, de falarem de questões que as afetam diretamente e de pedirem ajuda em caso de emergência.

**Finalidade:**

**Dar voz à Criança, ao Jovem e Famílias, promovendo e defendendo os seus direitos**

**Objetivos Gerais:**

- Prevenir situações de perigo ou problema;
- Promover e Defender os Direitos da Criança;
- Apoiar a Criança e a Família;
- Promover a integração social da Criança e da Família;
- Contribuir para o desenvolvimento harmonioso e integral da Criança / Jovem;
- Sensibilizar as Estruturas Comunitárias e Sociedade em geral para a problemática da Criança/ Jovem;
- Ouvir e Dar Voz à Criança, ao Jovem e às Famílias;
- Garantir à Criança/Jovem o direito à palavra, proteção em situação de risco e/ ou mau trato, quando privada de afeição, isolada, abandonada, ameaçada de agressão física, sexual, negligenciada ou obrigada a trabalhar prematuramente.

**Objetivos Específicos:**

- **Informar** a Criança/Jovem e Família, respondendo a uma multiplicidade de situações que tenham como ponto fulcral a criança;
- **Orientar** os apelantes para as estruturas existentes na comunidade de modo a que possam ver respondidas as suas questões;
- **Encaminhar** as situações apresentadas para os outros serviços, para que as mesmas sejam trabalhadas em conformidade;
- **Refletir** com a Criança/ Jovem/ Família e Comunidade em Geral sobre diversas temáticas que preocupam o apelante;
- **Reavaliar** telefonicamente ou por escrito, todas as situações Encaminhadas sem resposta para aferir a eficácia da intervenção;
- **Mediar** as problemáticas apresentadas servindo de interlocutor privilegiado entre as várias organizações;
- **Sensibilizar** as Estruturas Comunitárias e a Sociedade para a Problemática da Criança/ Jovem e a inter-relação na comunidade particularmente das situações de perigo, desaparecimento, exploração ou abuso sexual;
- **Orientar** e **Supervisionar** estágios de Política Social e de Psicologia nas áreas de Clínica, Clínica e Aconselhamento, Criminal, Comunitária e Comportamento Desviante, Animação Social, Enfermagem e Educação Especial e Reabilitação;
- **Aferir** a qualidade e eficácia da intervenção;
- **Despistar/ Eliminar** tanto quanto possível as situações de perigo.



**MEDIAÇÃO ESCOLAR**

**Finalidade:**

Contribuir para o crescimento harmonioso e global da criança, promovendo um ambiente mais humanizado e facilitador da integração social.

**No âmbito da formação** contribuir para a divulgação de boas práticas no âmbito da educação formal e não formal no sentido de favorecer a convivência entre todos respeitando as diferenças de cada um.

**Objetivos Gerais:**

- Combater e Prevenir o abandono, absentismo e violência escolar;
- Combater e Prevenir o *Bullying/Ciberbulling*;
- Tornar a escola inclusiva;
- Prevenir o trabalho infantil;
- Promover, Dinamizar e Integrar Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família;
- Prevenir o consumo de substâncias psico-activas;
- Trabalhar no tecido social das comunidades escolares;
- Promover/ Integrar/Acompanhar e Apoiar tecnicamente os Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família;
- Humanizar o Espaço Escolar;

- Formação
  - PROJECTO " Bom dia, SOS-Criança
  - Dar a conhecer o SOS-Criança às Crianças das escolas através de material adequado e livros "Menino como eu"
  - Dotar as escolas de conhecimentos e práticas conducentes a uma Cultura de Paz e de Tolerância

**Objetivos Específicos**
- Promover a relação Escola/ Família;
- Contribuir para o desenvolvimento equilibrado das relações familiares;
- Promover inter-relações na comunidade;
- Articular intervenções com os apoios pedagógicos existentes na Escola;
- Prevenir situações de risco;
- Promover a inter-relação entre os alunos, professores e funcionários;
- Apoiar as famílias e os alunos nos seus problemas;
- Despistar situações de risco;
- Intervir junto dos alunos o mais precocemente possível;
- Apoiar e orientar a Escola no trabalho com os alunos e as famílias;
- Ajudar as crianças/ alunos a sentirem-se integradas na Escola;
- Humanizar as diferenças,
- Aferir estaticamente os vários tipos de intervenção;
- Formação
  - Dar resposta às necessidades apresentadas pelas instituições, associações e agrupamentos de escolas.
  - Sensibilizar os grupos-alvo para as problemáticas sentidas.
  - Refletir sobre os dados fornecidos pelas organizações e agrupamentos de escolas
  - Refletir com as crianças e adultos, por elas responsáveis, questões relativas à Educação nos Direitos.

**PIEF - Programa Integrado de Educação e Formação (Assegurar duas turmas)**
- É uma iniciativa do Ministério da Educação e do Trabalho e da Solidariedade. Este programa destina-se a menores em situação de abandono escolar ou de exploração de trabalho infantil, que correm ainda um forte risco de exclusão social.
- O objetivo é dar a estas crianças uma nova oportunidade para completarem a escolaridade obrigatória e obterem uma certificação escolar e profissional. No que diz respeito a regras, na sala de aula os alunos PIEF gozam de uma maior liberdade, que o ensino regular não permite, existe um relacionamento mútuo entre o professor que se adapta ao aluno e o aluno que se adapta às regras.
- A limitação da matéria teórica em prol da matéria prática, as turmas reduzidas, a menor carga horária, a não existência de provas teóricas, a presença de dois professores por disciplina e a aposta em atividades que estimulem o interesse deste tipo de alunos são algumas das principais características que distinguem o ensino PIEF do ensino regular.
- A integração e a certificação dos alunos não estão sujeitas ao calendário escolar. A aprovação acontece quando estes completam as dezassete competências que lhes dão direito à certificação. (fonte http://www.estajornal.com/2010/12/o-que-e-o-pief/)



**GAAF - Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família:**

**Finalidade:**
Contribuir e promover uma melhor integração social na Escola, dos alunos oriundos de famílias disfuncionais e desestruturadas.

**Objetivos Gerais:**
- Promover condições Psico-Sócio-Pedagógicas que contribuam para a consolidação do sucesso escolar e pessoal da criança/ jovem;
- Prevenir e diminuir situações de risco;
- Promover a inter-relação entre os diverso intervenientes família/ escola/ comunidade como agentes participantes no processo de desenvolvimento sócio-educativo.

**Objetivos Específicos:**
- Promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais do aluno;
- Contribuir para a reflexão e concretização do projeto de vida da criança/ jovem;
- Promover iniciativas para fomentar a relação entre os agentes da comunidade escolar;

- Prevenir e diminuir situações de abandono escolar;
- Prevenir e diminuir situações de absentismo escolar;
- Prevenir e diminuir situações de violência escolar;
- Prevenir e diminuir situações que coloquem em causa a integridade física e emocional da criança/jovem;
- Prevenir e diminuir situações de consumo de substâncias psico-ativas;
- Criar e dinamizar a rede de apoio social (RAS);
- Promover o envolvimento parental no percurso escolar do aluno;
- Fomentar o trabalho articulado entre serviços da comunidade escolar.

**ATENDIMENTO PERSONALIZADO**

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO:

**Finalidade:**

Obter dados que possibilitem o conhecimento das causas, da intensidade do nível de perturbação e de como a perturbação prejudica a personalidade, a consciência e a atividade em geral, de modo a promover uma rápida e profunda recuperação do bem estar físico e psíquico do indivíduo.

**Objetivos:**

Estudar a atividade psíquica do indivíduo, do seu comportamento, da sua personalidade, da sua consciência, do seu modo de se relacionar com os outros.

Ter um conhecimento global, sem qualquer pretensão de classificação, simplesmente para prestar a ajuda que a criança requer.

ATENDIMENTO SOCIAL**:**

**Finalidade:**

Contribuir para a autonomia dos indivíduos ou famílias que recorrem ao SOS-Criança

**Objetivos:**

- Informar os indivíduos e as famílias acerca dos direitos;
- Potenciar os recursos internos de cada indivíduo ou família;
- Articular os serviços da comunidade na resposta à situação problema;
- Favorecer a participação dos indivíduos nas tomadas de decisão.



ATENDIMENTO JURÍDICO:

**Finalidade/Objetivo**

Prestar esclarecimentos jurídicos e encaminhamento de situações que reclamam uma resposta a nível legal.

**SOS-CRIANÇA DESAPARECIDA**

Foi atribuído ao SOS Criança o número europeu 116000. O serviço atende chamadas no âmbito do desaparecimento de crianças, informando e apoiando as crianças e famílias, assim como a investigação, através da articulação com as forças policiais. Com este setor, o IAC visa promover a articulação com as entidades competentes na investigação e entidades judiciais, disponibilizando-se para apoiar as vítimas e suas famílias, a nível social, jurídico e psicológico, gratuitamente.

**Finalidade/ Objetivos:**

- A linha 116000 tem como finalidade o envolvimento da sociedade civil no problema das crianças desaparecidas, estabelecendo parcerias de intervenção entre as organizações da sociedade civil e as autoridades policiais e judiciais.
- Apoiar as crianças desaparecidas e as suas famílias a nível social, jurídico e psicológico
- Colaborar com as forças policiais e outras entidades na localização e proteção da criança desaparecida
- Informar e sensibilizar a comunidade relativamente à problemática das crianças desaparecidas
- Aprofundar a formação dos técnicos no âmbito das crianças desaparecidas e áreas afins.

## Metodologia[26]

**ATENDIMENTO TELEFÓNICO**

- Escutar empaticamente, análise da situação problema e recolha de dados;
- Contactar telefonicamente e/ou por escrito e/ou personalizadamente com os serviços de intervenção na comunidade, para apresentação do caso, acompanhamento e avaliação da resposta;
- Avaliar a situação problema e traçar planos de intervenção;
- Promover as comunidades locais através da planificação, execução e avaliação das ações conjuntas;
- Participar e conjugar recursos para a resolução de problemas;
- Intervir telefónica, anónima e confidencialmente (por técnicos especializados nas áreas da Psicologia, Serviço Social e Educação).;
- Intervir personalizadamente e prestar Consultoria nas Áreas Jurídica, Social e Psicológica;
- Analisar e encaminhar correspondência recebida no Apartado/ Fax/ Correio Eletrónico;
- Agendar reuniões de trabalho ordinárias e extraordinárias de articulação com os parceiros, para permitir uma intervenção mais rápida e eficiente das situações;
- Agendar reuniões de Coordenação;
- Enquadramento e Supervisão de Estágios;
- Analisar casos e reavaliar;
- Apoiar técnica, individual e institucionalmente as diferentes situações;
- Recolher e tratar estatisticamente os dados resultantes das várias áreas de intervenção do serviço;
- Avaliar o encaminhamento das situações orientadas sem resposta;
- Promover Redes de intervenção na comunidade local;
- Promover a Mediação Escolar.
- Dinamizar e Integrar Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família junto dos Conselhos Executivos das Escolas que os solicitarem;
- Promover a qualidade da intervenção ao nível dos alunos/ professores/ funcionários;
- Formar tecnicamente diferentes entidades do tecido social.

**MEDIAÇÃO ESCOLAR**

- Abordar individual e informalmente crianças e jovens a frequentar a escolaridade obrigatória,
- Envolver as famílias dos alunos na procura de respostas aos problemas detetados;
- Articular com todos os parceiros da comunidade e com os diferentes serviços de apoio existentes na Escola, no sentido de ativar diferentes sensibilidades, saberes e experiências num todo, que permita alterar e/ ou prevenir as situações negativas que ocorrem na comunidade escolar;
- Criar um clima de confiança recíproca no tecido social da comunidade escolar;
- Formação
  - Contactar Juntas de Freguesias, Escolas e/ou outras instituições, associações implantadas no Território
  - Analisar documentos relativos à caracterização da população da freguesia
  - Analisar a caracterização dos Agrupamentos de Escola relativamente: à relação aluno /escola/família e escola/família;
  - Analisar a caracterização de algumas instituições e associações
  - Definir os objetivos gerais da ação/ formação
  - Definir público – alvo das ações /formação
  - Selecionar formação da ação /formação
  - Acompanhar a ação
  - Avaliar a ação
  - Avaliar o resultado efetivo da ação/formação a nível das mudanças de comportamentos nos participantes da ação/formação

**GAAF**

- Abordagem e acompanhamento à criança/jovem, em contexto informal e formal, estabelecendo uma relação de confiança e empatia com a mesma;
- Abordagem e acompanhamento à família, em contexto informal e formal, estabelecendo uma relação de confiança com a mesma;
- Articulação direta e permanente com professores e elementos da comunidade educativo;
- Trabalhar em parceria com entidades e organismos externos de apoio.



[26] A metodologia apresentada resulta da articulação estabelecida protocolarmente entre o IAC e o MAI

Estratégias:
Aluno:
- Acompanhamento individualizado e em grupo no pátio
- Atendimento ao aluno
- Apoio psicosociopedagógico
- Encaminhamento técnico – profissional
- Encaminhamento para outras entidades

Família
- Atendimento ao Encarregado de Educação
- Encaminhamento para outras entidades
- Visitas domiciliárias

Escola
- Trabalho concertado com diretores de turma e professores
- Trabalho articulado com serviços internos
- Reuniões com delegados e subdelegados de turma
- Apoio e acompanhamento a grupos-turma
- Reuniões com Associações de pais
- Reuniões da equipa técnica
- Reuniões de coordenação
- Reuniões em parceria com entidades de apoio
- Reuniões com grupo comunitário

Atividades
- Aplicação de programas de competências pessoais e sociais
- Promoção e desenvolvimento de atividades extra-curriculares
- Sessões de sensibilização e esclarecimento s/ diversas temáticas
- Promoção do papel representativo do aluno como agente de gestão da escola
- Aplicação de programas de competências pessoais e sociais
- Promoção e desenvolvimento de atividades lúdico-pedagógicas na escola
- Promoção e desenvolvimento extra curriculares
- Sessões de sensibilização e esclarecimento sobre diversas temáticas
- Integração e orientação de estagiários e voluntários no projeto GAAF
- Receção e integração dos alunos provenientes do jardim de infância, do 1º ciclo do ensino básico e de outras instituições de ensino.
- Formação de competências parentais.



**ATENDIMENTO PERSONALIZADO**

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO**:**
No exame psicológico a metodologia utilizada será o método clínico, que se baseia na relação direta com o paciente, sem a presença de intermediários. No método clínico utilizam-se como temas:
- Observação Psicológica
- Entrevista Psicológica
- Recolha de dados de História

ATENDIMENTO SOCIAL**:**
- Entrevista individual ou familiar (recolha de dados, diagnóstico e definição plano de ação)
- Articulação inter-institucional no encaminhamento das situações problema.

ATENDIMENTO JURIDICO:
Atendimento técnico personalizado presencial, escrito, telefónico e eletrónico

**SOS-CRIANÇA DESAPARECIDA (linha 116000)**
- Rececionar via 116000, as situações no âmbito dos Desaparecimentos, análise da situação/ problema e recolha de dados;
- Assegurar o funcionamento da linha da linha 24h/365 dias em articulação com a PJ
- Articular com o Sector do Projeto Rua (busca/procura de crianças) na cidade de Lisboa;
- Articular com a rede "Construir Juntos" e outros, o suporte à vítima e família fora da cidade de Lisboa;
- Articular, tanto quanto possível, com as Autoridades, (Forças e Serviços de Segurança) no sentido de agilizar a informação disponível sobre a Criança Desaparecida;
- Operacionalizar para cada tipologia, em colaboração com as Forças de Segurança, o procedimento que se

julgue mais adequado para o encaminhamento das situações;
- Identificar interlocutores privilegiados no âmbito da intervenção sobre os casos;
- Promover trabalho em conjunto com o Ministério da Justiça, o Alerta Rapto em Portugal junto dos órgãos de decisão;
- Articular soluções/apoio a casos de crianças desaparecidas com os restantes parceiros europeus.

## Ações a Desenvolver

**ATENDIMENTO TELEFÓNICO**

- Atendimento telefónico no âmbito do apoio, orientação e encaminhamento das situações apresentadas
- Desenvolvimento de um novo programa informático para o registo dos apelos telefónicos
- Criação de bases de dados para registo e tratamento da informação – análise estatística
- Atualização de base de dados de recursos temática, a nível nacional .
- Supervisão de estágios
- Planeamento e conceção de materiais de divulgação do Serviço SOS Criança em articulação com outros setores do IAC
- Divulgação do Serviço SOS Criança junto da comunidade (escolas, centros de saúde, comunicação social, associações, etc…)

**MEDIAÇÃO ESCOLAR**

- Avaliar o Projeto em todas as dimensões visando uma análise do impacto dos Gabinetes nos seus diferentes contextos;
- Acompanhar metodologicamente os Gabinetes permitindo uma reflexão funcional do Projeto com vista a uma uniformidade na ação;
- Dinamizar as redes de apoio institucional com vista a um reforço da operacionalização das parcerias.
- Diagnosticar os contextos educativos que se candidatem a GAAF;
- Refletir com as equipas no terreno a avaliação do ano anterior de modo a projetar o próximo ano letivo;
- Avaliar o projeto numa fase intermédia e final, tendo em conta as quatro dimensões;
- Criar um espaço de partilha de práticas existentes e diferenciadas, entre técnicos /n coordenadores para uma maior e melhor concretização de respostas otimização de recursos humanos (logísticos);
- Dinamizar, acompanhar e avaliar a operacionalização das respostas com instrumentos, critérios e procedimentos uniformes;
- Proceder ao levantamento organizado dos recursos localmente disponíveis para as redes de parcerias dos vários GAAF;
- Promover as articulações pertinentes com as entidades publicas e privadas a envolver, com vista á criação de respostas integradas
- Monitorizar os processos de intervenção na região e divulgar boas práticas;
- Promoção dos GAAF;
- Encontros e ações de formação sobre a metodologia do projeto e outras temáticas, para técnicos;
- Encontros e debates temáticos com objetivo de divulgar o projeto;
- Base de dados operacional de colaboradores e parceiros nas redes locais e nacionais;
- Diagnóstico de situações problema que envolvem a Criança;
- Reflexão sobre o diagnóstico social das crianças, a partir da intervenção Mediação Escolar/GAAF;
- Articulação com uma universidade de referência para um apoio científico do Projeto;
- Relatório intermédio de avaliação GAAF;
- Relatório final de avaliação GAAF;
- Site interativo GAAF;
- Manual de boas práticas;
- Reuniões periódicas de acompanhamento ao projeto e/ ou nas suas reuniões internas de estudo de caso e/ou de balanço de intervenção;
- Divulgação do Projeto em universidades para participação de estagiários e voluntários (bolsa de universidades).
- Acompanhamento e Supervisão de estagiários de psicologia
- Participação em iniciativas de outros sectores do IAC

- Formação
  - Promover ações de sensibilização/formação de acordo com as necessidades reveladas pelas instituições /organizações e agrupamentos de escolas.
  - Formalizar protocolos de colaboração com agrupamentos de escolas para programar encontros, sessões com alunos e adultos.
  - Divulgar o livro "Menino como eu".
  - Fazer relatório final da atividade desenvolvida do projeto "Bom dia, SOS-Criança".

**ATENDIMENTO PERSONALIZADO**

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO
Atividade contínua

ATENDIMENTO SOCIAL
Atividade contínua

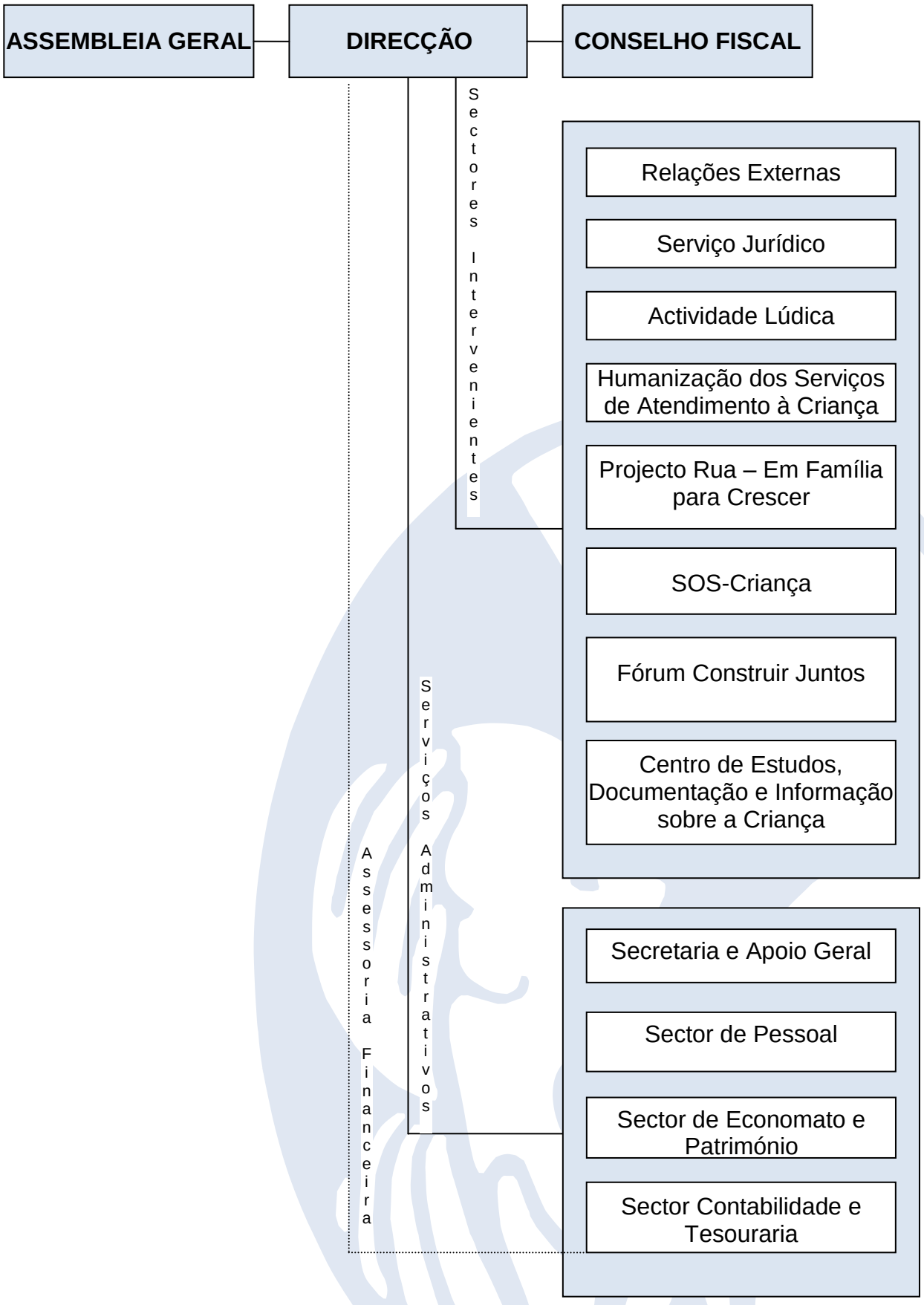
ATENDIMENTO JURIDICO
Atividade contínua

**SOS-CRIANÇA DESAPARECIDA (116000)**

- Organizar o funcionamento do número europeu para as Crianças Desaparecidas (116000) de acordo com as diretrizes da diretiva europeia C (2007) 249
- Encaminhar as situações/casos apresentados na linha para as autoridades competentes, depois de efetuada triagem.
- Proporcionar atendimento gratuito personalizado de cariz social, jurídico e psicológico, às crianças e suas famílias, com respetivo encaminhamento para as entidades especializadas.
- Assegurar apoio psicológico, social e jurídico gratuitamente às vítimas através dos parceiros da rede Construir Juntos e Projeto Rua
- Articular com o Ministério da Justiça as situações de Alerta Rapto em Portugal criado em 29/06/2009.
- Participar nas reuniões europeias de Missing Children Europe e ações de formação europeias sobre o tema das Crianças Desapreciadas.
- Participar num projeto no âmbito do Programa Daphne liderado pela MCE sobre a qualidade do funcionamento da linha 116000
- Promover a reflexão sobre o Dia Internacional das Crianças Desaparecidas - 25 de Maio.
- Organização de um seminário internacional no âmbito das crianças desaparecidas em articulação com um centro de investigação
- Promover e coordenar a divulgação de determinadas situações de desaparecimento nacionais e internacionais.
- Assegurar a colaboração com a Linha Alerta da FCCN de acordo com o estabelecido no protocolo.
- Realização de 2 visitas de estudo a realizar junto de 3 instituições (Espanha, Holanda e Polónia ) com o objetivo de aprofundar conhecimentos e metodologias de intervenção na área das crianças desaparecidas
- Promover a utilização segura da internet pelas crianças.
- Promover a formação dos profissionais da PJ e IAC junto dos parceiros do NCMEC e ICMEC no âmbito de Crianças desaparecidas (amber alert, age progression, prevenção online de abusos sexuais)
- Elaboração de Relatório Estatístico espelhando toda a atividade do Sector, durante o presente ano

# 3. ORGANIGRAMA DO IAC

Instituto de Apoio à Criança



# 4. ORÇAMENTO PARA 2014

Instituto de Apoio à Criança

## IAC - INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA

## ORÇAMENTO GLOBAL PARA O EXERCÍCIO DE 2014

| Orçamento de Exploração | Projecto Rua | Forum Const.Juntos | Sector Técnico Administ. | Centro de Estudos e Docº Infância | Actividade Ludica e Humanização | S.O.S. Criança | TOTAL IAC | PAQPIEF | ORÇAMENTO TOTAL IAC |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **CUSTOS FUNCIONAMENTO** | | | | | | | | | |
| Electricidade | 3.960 | 660 | 3.960 | 0 | 1.680 | 2.520 | 12.780 | | 12.780 |
| Combustíveis | 1.260 | 0 | 1.920 | 0 | 0 | 0 | 3.180 | | 3.180 |
| Água | 1.140 | 180 | 480 | 0 | 180 | 360 | 2.340 | | 2.340 |
| Ferramutensil desg rápido | 600 | 300 | 240 | 0 | 240 | 180 | 1.560 | | 1.560 |
| Livros e document técnica | 120 | 120 | 720 | 300 | 0 | 0 | 1.260 | | 1.260 |
| Material de escritório | 3.240 | 720 | 3.600 | 1.800 | 600 | 3.000 | 12.960 | 2.800 | 15.760 |
| Rendas e alugueres | 3.420 | 7.440 | 3.840 | 0 | 10.800 | 0 | 25.500 | | 25.500 |
| Artigos p/ Oferta | 0 | 0 | 720 | 0 | 0 | 0 | 720 | | 720 |
| Comunicação | 13.800 | 840 | 13.200 | 1.440 | 2.640 | 10.200 | 42.120 | 4.130 | 46.250 |
| Seguros | 1.630 | 120 | 3.120 | 150 | 120 | 1.380 | 6.520 | 700 | 7.220 |
| Transportes de mercadorias | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| Transportes de pessoal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| Desloc e estadas - pessoal | 7.680 | 600 | 3.600 | 60 | 1.920 | 2.040 | 15.900 | 7.000 | 22.900 |
| Desloc e estadas - utentes | 6.840 | 360 | 0 | 0 | 0 | 60 | 7.260 | 7.700 | 14.960 |
| Honorários | 450 | 300 | 40.800 | 10.200 | 30.000 | 500 | 82.250 | 14.481 | 96.731 |
| Conserv e reparação | 5.820 | 240 | 4.200 | 840 | 720 | 1.200 | 13.020 | 4.200 | 17.220 |
| Limpeza e higiene | 6.840 | 60 | 11.400 | 0 | 5.400 | 900 | 24.600 | | 24.600 |
| Vigilância e segurança | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| Trabalhos especializados | 2.040 | 200 | 1.200 | 9.000 | 1.000 | 1.200 | 14.640 | | 14.640 |
| Material didactico | 960 | 120 | 240 | 480 | 300 | 300 | 2.400 | 2.450 | 4.850 |
| Visitas de estudo | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 13.300 | 13.300 |
| Vestuário e calçado | 300 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 300 | | 300 |
| Despesas de saúde | 480 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 480 | 700 | 1.180 |
| Outros FSE | 1.620 | 360 | 600 | 0 | 360 | 720 | 3.660 | | 3.660 |
| Amortizaçoes | | | 4.675 | | | | 4.675 | | 4.675 |
| | 62.200 | 12.620 | 98.515 | 24.270 | 55.960 | 24.560 | **278.125** | **57.461** | **335.586** |
| Sector Tecnico Administrativo | 34.116 | 6.922 | | 13.312 | 30.694 | 13.471 | 98.515 | | |
| **Total Custos de Funcionamento** | **96.316** | **19.542** | | **37.582** | **86.654** | **38.031** | **278.125** | **57.461** | **335.586** |
| **CUSTOS PESSOAL** | | | | | | | | | |
| Ordenados | 461.724 | 44.158 | 99.589 | 74.169 | 34.834 | 258.954 | 973.425 | 126.325 | 1.099.750 |
| Subsidio de refeição | 35.014 | 3.826 | 10.203 | 5.101 | 2.551 | 19.130 | 75.825 | 6.517 | 82.342 |
| Taxa social Única | 97.886 | 9.361 | 21.113 | 15.724 | 7.385 | 54.899 | 206.368 | 20.728 | 227.096 |
| Seguros Acidentes Pessoais | 5.541 | 530 | 1.195 | 890 | 418 | 3.107 | 11.681 | 1.079 | 12.760 |
| Formação de pessoal | 0 | 0 | 0 | | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| Outros Custos c/ pessoal | 0 | 0 | 11.000 | | 0 | 0 | 11.000 | | 11.000 |
| | 600.165 | 57.872 | 143.099 | 95.884 | 45.188 | 336.090 | **1.278.299** | **154.649** | 1.432.948 |
| Sector Tecnico Administrativo | 75.655 | 7.295 | 0 | 12.087 | 5.696 | 42.366 | 143.099 | | |
| | **675.819** | **65.168** | **0** | **107.971** | **50.884** | **378.456** | 1.278.299 | **154.649** | 1.432.948 |
| **CUSTOS TOTAIS** | **772.136** | **84.710** | **0** | **145.553** | **137.538** | **416.487** | **1.556.424** | **212.110** | **1.768.534** |
| **FINANCIAMENTOS** | | | | | | | | | |
| Acordo Atipico Min Solidariedade | 490.212 | | | | | 99.184 | 589.396 | | 589.396 |
| Ministério Solid.e Seg.Social | 50.000 | 28.282 | | | | | 78.282 | | 78.282 |
| CRSS-Centro Acolh/SOS | 25.806 | | | | | 25.094 | 50.900 | | 50.900 |
| Ministério da Justiça | 18.905 | | | | | 130.000 | 148.905 | | 148.905 |
| Ministério da Saúde | 30.000 | | | 23.278 | 90.000 | | 143.278 | | 143.278 |
| Ministério da Educ. e Ciência | | 50.000 | | 31.083 | | | 81.083 | | 81.083 |
| Ministério da Admin.Interna | 42.500 | | | | | 30.000 | 72.500 | | 72.500 |
| IPDJ | 25.000 | | | | | 25.000 | 50.000 | | 50.000 |
| Donativos | **69.712** | | | **91.192** | **47.538** | **107.210** | **315.652** | | 315.652 |
| Min.Finanças-IRS | 20.000 | 6.427 | | | | | 26.427 | | 26.427 |
| ISS,I.P. | | | | | | | | 212.110 | 212.110 |
| **FINANCIAMENTOS** | **772.136** | **84.709** | **0** | **145.553** | **137.538** | **416.488** | **1.556.423** | **212.110** | **1.768.533** |
| **RESULTADO DO EXERCÍCIO** | **0** | **0** | **0** | **0** | **0** | **0** | **0** | **0** | **0** |

TOC

A DIRECÇÃO

# 5. ATAS

## Conselho Fiscal
## Assembleia Geral

Instituto de Apoio à Criança



# ATA – Conselho Fiscal

ACTA Nº 44

Aos quinze dias do mês de Novembro de dois mil e treze, na sede da Instituição, no Largo da Memória, número catorze, em Lisboa, reuniu o Conselho Fiscal do Instituto de Apoio à Criança, com a presença do seu Presidente, Dr. Joaquim Siqueira de Barbosa e da Vogal Relatora Elza Maria Pires Chambel.

A Secretária Maria Amalia Saavedra Botelho, por motivos pessoais, não esteve presente.

O Conselho Fiscal procedeu, em primeiro lugar, à apreciação do Plano de actividades para dois mil e catorze.

Nesta apreciação, o Conselho Fiscal analisou os diferentes Projectos constantes do Plano, totalmente consonantes com a Missão, Finalidades e Objectivos da Instituição e não se afastam do que teve lugar no ano anterior.

Na apreciação do projecto de Orçamento para o ano de dois mil e catorze, o Conselho Fiscal confirmou que este instrumento gestionário conforma-se totalmente com as normas legais e regulamentares vigentes.

Quanto aos valores que integram o Orçamento, a confirmação dos números respeitantes aos Proveitos - Financiamento - deste instrumento corresponde à tradução material do Plano. No entanto, face à possibilidade de rescisão em baixa, de Protocolos celebrados, essa confirmação torna-se problemática, o que pode vir a dificultar o funcionamento da Instituição, designadamente o desenvolvimento de projectos de ingovernabilidade. Após esta apreciação, o Conselho Fiscal -

a) dá o seu Parecer favorável aos dois documentos gestionários: Projecto de Plano de actividades e Projecto de Orçamento para dois mil e catorze;

b) faz votos para que a Missão, Finalidades e Objectivos da Instituição sejam plenamente alcançados em dois mil e catorze.

Finalmente, o Conselho Fiscal propôs à Assembleia Geral a atribuição de um voto de louvor à Direcção e a todos quantos deram o seu contributo neste dois documentos. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão

Quando eram dezanove horas e cinco minutos, dela se lavrando a presente acta que vai assinada pelos elementos presentes do Conselho Fiscal

José Joaquim Aguiar de Freitas

Alzo Maria Reis Chambel

Instituto de Apoio à Criança

# ATA – Assembleia Geral

# Ata nº 69

Aos dezanove dias do mês de novembro de dois mil e treze, realizou-se na sede do Instituto de Apoio à Criança, na Cargo da Memória, número catorze, na freguesia de Ajuda, em Lisboa, a Assembleia-Geral Ordinária dos Associados, a qual foi devidamente convocada pelo Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, Dr. Pedro Paula de Azevedo Perdigão, através de circular número quatro de cinco de outubro de dois mil e treze, enviada a todos os sócios por via postal, nos termos do disposto no artigo cento e setenta e quatro banna um do Código Civil.

Não tendo havido "quórum" à hora marcada, dezasseis horas e trinta minutos, a Assembleia iniciou-se às dezas-sete horas e trinta minutos, estando presentes dez associados, e com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Apreciação e aprovação do Plano de Atividades e Orçamento para o ano de dois mil e catorze
— Outros assuntos

A presidir estava a Drª Maria Clara Cabral Castilho, Vice-Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, secretariada pelo Dr. Asdrúbal Guimarães Pimenta, Secretário desta Assembleia e pela associada Maria da Conceição Alves, eleita pela Assembleia para o efeito.

A Assembleia-Geral iniciou-se com a leitura da convocatória da mesma, a que se seguiu a leitura da Ata da Assembleia-Geral anterior, pela Drª Clara Castilho. O conteúdo desta Ata foi aprovado por quatro votos a favor, correspondendo aos quatro sócios que tinham estado presentes nessa Assembleia.

Passando à Ordem de Trabalhos, a Vice-Presidente da Mesa deu a palavra ao Dr. Manuel Coutinho, Secretário-Geral da Direção, que em nome desta agradeceu a presença de todos e informou que o Plano de Atividades para o ano de dois mil e catorze é idêntico ao de dois mil e treze. Referiu que as condições em que se trabalhou este ano foram mais difíceis, devido à existência de um orçamento reduzido, que por

parte do Estado, quer de donativos de particulares e empresas. Este orçamento não permitiu assegurar plenamente o trabalho que se previa realizar. Por outro lado, a exigência de respostas e a complexidade dos mesmos, é cada vez maior, dado que há um aumento de casos que chegam ao IAC todos os dias. Casos de crianças em risco e de famílias em sofrimento.

O Dr. Manuel Coutinho fez ainda a ponte para a Ata de Assembleia-Geral anterior, em que se referia ao eventual novo protocolo interministerial, instrumento imprescindível para a prossecução das atividades deste Instituto. Acontece que neste particular continuamos na mesma situação, à espera de novo revisão, e ainda com verbas mais reduzidas, originárias do protocolo de dois mil e dois. Informou ainda que há ministérios que ainda não comparticipam o acordado no protocolo ainda vigente. Ora, este facto compromete o desenvolvimento das actividades a que nos tínhamos proposto. Este facto poderá a vir repercutir-se no Relatório a apresentar relativo ao ano de dois mil e treze, que terá actividades suspensas. Tal é (resul) resultante do facto de não termos tido verbas necessárias para as levar a cabo. Embora que no IAC já há colaboradores no desemprego, devido à extinção de Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família. Para colmatar algumas falhas, o IAC tem tido a colaboração de estagiários (nomeadamente de psicólogos). Os estágios por muito bom que sejam são renovados anualmente, o que compromete o bom desenvolvimento das actividades.

No que diz respeito a novos apoios, a Direcção continua no seu esforço para tentar resolver esta situação, participando em reuniões com vários sectores - estatais e empresariais - na esperança de conseguir encontrar eco junto dos responsáveis ministeriais e da sociedade civil.

Foi referido o esforço, cada vez maior, que o Instituto tem vindo a desenvolver, para corresponder às solicitações da sociedade.

De seguida, o Dr. Paulo Santos, Gestor Financeiro do IAC,

dou informações referentes aos aspetos financeiros, realçando o espírito de poupança que tem orientado todas as verbas gastas e que terá de perdurar, ainda com mais afinco durante o ano de dois mil e catorze, mas que existem despesas fixas a que não se pode fugir, nem reduzir. Frisou que no orçamento apresentado à Assembleia, se encontra evidente a segregação entre as verbas das atividades do IAC e aquelas em que o IAC é mero gestor e correspondentes à gestão dos PIETI's (Programa Integrado de Educação e Formação) em nome de Segurança Social. Informou que o Orçamento foi calculado tendo por base as despesas de dois mil e treze, acrescentando os aumentos previsíveis (entre os três a cinco por cento), e repartindo os encargos fixos pelas vénias ministeriais. Mostrou-se preocupado com o facto de se terem esgotado as reservas que existiam. Previram-se resultados negativos em dois mil e catorze, caso não seja obtido o nível de donativos previstos neste orçamento.

A Assembleia analisou a situação provocada pelo facto de o Instituto de Segurança Social, não ter solicitado a coordenação de PIETI's, mas exigindo a contratação de novas técnicas que executarem as tarefas e com as orientações dada pelo ISS. Este trabalho de coordenação vão a constituir um agravamento das tarefas das técnicas do Projecto Rue, mas por outra lado, deixa sem financiamento o pessoal do IAC que desde há muitos anos eram suportados por verbas provenientes do PETI.

Ficou em todos a preocupação de necessidade de se encontrarem novas formas de financiamento.

Posteriormente, procedeu-se à leitura da Acta do Conselho Fiscal, realizada aos quinze dias do mês de Novembro de dois mil e treze, a qual aprovava o Plano de Actividades e Orçamento, apresentados pela Direcção e propunha um voto de louvor à Direcção e a todos os trabalhadores do IAC. Este voto foi aprovado por unanimidade pela Assembleia.

A Vice-Presidente submeteu em seguida, e em separado, à aprovação da Assembleia, o Plano de Atividades e Orçamento para dois mil e catorze. Cada um foi aprovado por unanimidade.

50

Fora de Ordem de Trabalhos, mas tendo sido admitido, a sócia Ana Passanha, que iniciou colaboração com o Instituto há mais de vinte anos, admitiu que, nessa altura, nunca teria pensado que a associação pudesse ter durado tão longo as suas intervenções, pelo qué elogiou todo o trabalho desenvolvido. Sugeriu que os sócios contribuíssem para as dificuldades financeiras com o pagamento de quotas.

Cumpridos os requisitos legais e não havendo nada mais a tratar, foi dada por encerrada a sessão pelas dezanove horas.

A Vice-Presidente do Mesa
Associado nº 393 - Maria Clara Cabral Castilho
Os Secretários
Associado nº 668 - Administração Pimentel
Associado nº 677 - Maria da Conceição Caldeira Alves

**Período:**
. De janeiro a dezembro 2014

**FINALIDADE: Otimizar respostas que permitam recuperar adolescentes e jovens com comportamentos disruptivos/ desviantes, promovendo competências conducentes à construção de um projeto de vida saudável.**

| Objetivos Gerais | Objetivos Específicos | Metas | Estratégias | Ações/Atividades | Calendarização | Recursos | Avaliação | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | Indicadores | Fontes de Verificação |
| Potenciar nas crianças, adolescentes e jovens uma atitude proactiva, na construção de um projeto de vida saudável. | **1.1.** Prevenir e/ou reduzir comportamentos de risco, a adolescentes e jovens no espaço CDIJ - Oriental desenvolvendo processos de aprendizagem e treino de competências pessoais e sociais. | **1.1.1.** Elaborar para 100% das crianças, adolescentes e jovens o diagnóstico sócio familiar. | . Recolha junto dos adolescentes, jovens, famílias e parceiros dos dados relativos aos jovens e adolescentes abrangidos.<br>. Conversas informais (realizar com a presença e de 2 elementos da equipa).<br>. Colocar na planificação semanal os registos. | - Elaboração e acompanhamento do diagnóstico sócio familiar das crianças, adolescentes e jovens. | Ao longo do ano. | - Espaço do CDIJ Oriental;<br>- Equipa;<br>- Parceiros. | . Nº de diagnósticos/ nº de crianças, adolescentes e jovens abrangidas; | . Processos individuais;<br>. Registos nos processos; |
| | | **1.1.2.** Que 50% dos adolescentes apresentem níveis de 3 e/ou 4 no final do processo avaliativo nas competências: responsabilidade, postura, resolução de problemas; autonomia. | . Diálogo formal e/ou informal;<br>. Trabalho individual;<br>. Reflexão e debate (de acordo com as necessidades identificadas;<br>. Recurso a jogos e à expressão plástica. | - Sessões de treino de competências;<br>- Atividades lúdico pedagógicas;<br>- Visitas socio educativas;<br>- Intercâmbios com outros grupos (rede juvenil);<br>- Atendimento aos pais;<br>- Visitas domiciliárias e de sensibilização;<br>- Articulação com os parceiros;<br>- Elaboração de relatórios e informações sociais;<br>- Reuniões;<br>- Conversas individuais. | 2 x semana<br>1 x trimestre<br>1 x trimestre<br>A definir<br>Sempre que necessário<br>Sempre que necessário<br>Sempre que necessário. | - Entidades parceiras;<br>- Escolas: 2.3 Luís António Verney; escola 2.3 de Marvila e EB 2.3 das Olaias.<br>- DataShow;<br>- Portátil;<br>- Materiais lúdicos pedagógicos – vários. | . Nível apresentado na avaliação de competências versus nº de jovens acompanhados;<br>. Nº de actividades, lúdico pedagógicas realizadas/ nº de actividades realizadas;<br>. Nº de visitas sócio – educativas previstas/ nº de visitas sócio – educativas realizadas;<br>. Nº de intercâmbios em que participámos/ nº de intercâmbios previstos pelo projecto da Rede Juvenil. | . Grelhas de avaliação de competências pessoais e sociais;<br>. Registo das atividades realizadas;<br>. Registo das avaliações escolares recolhidas. |

**Período:**
. De janeiro a dezembro 2014

**FINALIDADE: Otimizar respostas que permitam recuperar adolescentes e jovens com comportamentos disruptivos/ desviantes, promovendo competências conducentes à construção de um projecto de vida saudável.**

| Objetivos Gerais | Objetivos Específicos | Metas | Estratégias | Ações/Atividades | Calendarização | Recursos | Avaliação | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | Indicadores | Fontes de Verificação |
| Potenciar nas crianças, adolescentes e jovens uma atitude proactiva, na construção de um projeto de vida saudável. | **1.2.** Prevenir e/ou reduzir comportamentos de risco, com vista à integração dos jovens. | **1.2.1.** Que 40% dos jovens sejam alvo de acompanhamento individualizado. | . Elaboração de um plano individual para cada jovem de acordo com as suas características;<br>. Despiste de interesses;<br>. Estabelecer corredores flexíveis com várias entidades. | - Redação do documento (plano individual);<br>- Reuniões;<br>- Contactos telefónicos;<br>- Acompanhamento aos serviços;<br>- Desportos radicais;<br>- Atividades lúdico pedagógicas;<br>- Visitas socio educativas;<br>- Intercâmbios com outros grupos (rede juvenil); | Ao longo do ano.<br>Semanal | . Equipa;<br>.Parceiros (envolvidos no acompanhamento);<br>. Centros de formação;<br>. Empresas;<br>. Centro de Emprego de Picoas. | . Nº jovens encaminhados e integrados versus Nº de jovens abrangidos.<br>. Nº de planos individuais elaborados versus nº de jovens acompanhados | . Processos dos jovens;<br>. Registos;<br>. Observação direta;<br>. Planos individuais. |
| | | **1.2.2.** Que 40% dos adolescentes e jovens seja encaminhados/ integrados numa resposta formativa, de mercado de trabalho, saúde, justiça, social, entre outros. | . Envolvimento dos parceiros;<br>. Contactos com entidades parceiras;<br>. Trabalho individual;<br>. Assinatura de APP (Acordo de Promoção e Protecção);<br>. Diálogo formal e/ou informal;<br>. Reflexão e debate (de acordo com as necessidades identificadas);<br>. Recurso a jogos e à expressão plástica; | - Contactos telefónicos;<br>- Visitas domiciliárias;<br>- Reuniões;<br>- Acompanhamento aos serviços;<br>- Organização dos dossiers de recursos educativo – formativos. | Ao longo do ano.<br>Semanal | . Equipa<br>.Parceiros (envolvidos no acompanhamento);<br>. Clubes desportivos;<br>. Estagiários de Motricidade Humana. | . Nº de jovens encaminhados/ integrados versus nº de jovens acompanhados. | .Processos individuais dos jovens;<br>. Registos;<br>. Observação direta. |

**Período:**
. De janeiro a dezembro 2014

**FINALIDADE: Otimizar resposta que permitam recuperar adolescentes e jovens com comportamentos disruptivos/ desviantes, promovendo competências conducentes à construção de um projecto de vida saudável.**

| Objetivos Gerais | Objetivos Específicos | Metas | Estratégias | Ações/Atividades | Calendarização | Recursos | Avaliação | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | **Indicadores** | **Fontes de Verificação** |
| Potenciar nas crianças, adolescentes e jovens uma atitude proactiva, na construção de um projecto de vida saudável. | **1.3.** Prevenir comportamentos de risco, em contexto escola, sensibilizando as crianças para os seus direitos e deveres. | **1.3.1.** Que 100% das turmas da Escola 54 (Bº do Condado) sejam abrangidas pelas sessões temáticas sobre Direitos e Deveres. | - Recurso a materiais lúdicos – pedagógicos. | - Realizar uma sessão por turma/ por trimestre. | Ao longo do ano letivo | . Professores da turma.<br>. Materiais pedagógicos;<br>. Equipa do IAC;<br>. Projector e portátil. | Nº de turmas versus nº de sessões realizadas. | . Registos das sessões realizadas (planos de sessões/ avaliações). |
| | | **1.3.2.** Que seja realizada a avaliação escolar a todas as crianças, adolescentes e jovens que frequentam as actividades de forma sistemática. | - Relação personalizada;<br>- Deslocação do técnico às escolas. | -<br>- Reuniões nas escolas com os DT.<br>- Contactos telefónicos. | 1 x por período<br>Sempre que se justifique. | . Professores da escola 54;<br>. Professores da escola 2.3 de Marvila;<br>. Escola EB 2.3 das Olaias;<br>. Professores da Escola Verney.<br>. Equipa do IAC. | Nº de crianças, adolescentes, jovens que frequentam as actividades versus Nº de avaliações realizadas. | . Registos das avaliações realizadas. |
| | | **1.3.3.** Devolução da avaliação escolar às crianças (e famílias) que frequentam as actividades de forma sistemática. | - Diálogo informal. | -<br>. Visitas domiciliárias;<br>. Conversas informais no espaço IAC. | 1 x por período letivo. | | Nº de crianças, adolescentes, jovens que frequentam as actividades versus nº avaliações devolvidas às famílias. | . Registo das devoluções efetuadas. |
| | | **1.3.4.** Intervir em 60% das situações de risco/ sinalizadas pela escola. | - Envolvimento dos parceiros. | . Contactos telefónicos;<br>. Reuniões com parceiros. | . Sempre que necessário. | . Parceiros;<br>. Professores;<br>. Equipa. | Nº de sinalizações recebidas versus nº de sinalizações trabalhadas. | . Registo das sinalizações recepcionadas;<br>. Registo de sinalizações trabalhadas. |
| | | **1.3.5.** Que sejam realizadas 4 dias de animação de intervalo ao longo do ano letivo. | . Recurso a jogos lúdico pedagógico. | - Animações de intervalo com a temática "O Direito a brincar". | . 1º Período (1x)<br>. 2º Período (2x)<br>. 3º Período (1x) | . Equipa do IAC;<br>. Material lúdico – pedagógico. | . Nº de animações previstas versus nº de animações realizadas. | . Registos das ações realizadas. |
| | | **1.3.6.** Que se assegure a representação do projeto rua no grupo escolas. | . Identificação de um técnico da equipa;<br>. Participação deste nas reuniões e actividades do GE. | . Reunião;<br>. Contactos telefónicos;<br>. Sessões em escolas/ bibliotecas a convite do GE. | . Ao longo do ano. | . Equipa IAC;<br>. GE;<br>. Professores das escolas. | . Nº de reuniões previstas/ nº de reuniões com presença do IAC;<br>. Nº de ações propostas em plano de ação GE/Nº ações em que o IAC participou. | . Registos/ actas das reuniões do GE;<br>. Registo das ações realizadas. |

**Período:**
. De janeiro a dezembro 2014

**FINALIDADE: Otimizar resposta que permitam recuperar adolescentes e jovens com comportamentos disruptivos/ desviantes, promovendo competências conducentes à construção de um projecto de vida saudável.**

| Objetivos Gerais | Objetivos Específicos | Metas | Estratégias | Ações/Atividades | Calendarização | Recursos | Avaliação | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | **Indicadores** | **Fontes de Verificação** |
| Potenciar nas crianças, adolescentes e jovens uma atitude proactiva, na construção de um projeto de vida saudável implicando a família e parceiros. | **1.4.** Apoiar e encaminhar as famílias para as instituições/ serviços competentes, co – responsabilizando-as de forma a garantir a satisfação das necessidades biológicas e psicossociais. | **1.4.1.** Que 30% das famílias beneficie/ participe nas ações de reforço de competências parentais. | . Diálogo informal;<br>. Relação personalizada | - Contactos telefónicos;<br>- Sessões temáticas;<br>- Reuniões de avaliação/ devolução. | Ao longo do ano | . Equipa do IAC;<br>. Parceiros;<br>. Data Show;<br>. Portátil;<br>. Material lúdico diverso. | . Nº de ações realizadas versus n.º de famílias acompanhadas. | . Registo das ações de reforço de competências parentais;<br>. Relatórios/ informações sociais realizadas. |
| | | **1.4.2.** Dar resposta a 100% das situações sinalizadas pelos parceiros. | . Contactos com os parceiros;<br>. Envolver todos os parceiros nas respostas às situações problema. | . Contactos telefónicos;<br>. Reuniões de parceria;<br>. Elaboração de relatórios e informações sociais;<br>. Conversas individuais. | Ao longo do ano | . Equipa IAC;<br>. SCML;<br>. Centro de Saúde de Marvila;<br>. Centro Emprego de Picoas;<br>. Telefone;<br>. Computador. | . Nº de situações sinalizadas pelos parceiros versus nº de respostas acionadas. | . Registo das sinalizações rececionadas;<br>. Registo das diligências efetuadas;<br>. Processos individuais.<br>. Registos nos processos. |
| | | **1.4.3.** Que 100% das famílias que procuram a equipa sejam apoiadas e encaminhadas para as respostas competentes. | . Acolhimento das famílias nos tempos estipulados;<br>. Conversa informal. | . Atendimento personalizado. | Ao longo do ano | | . Nº de atendimentos efectuados/ nº de famílias que procuram a equipa. | |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** EDiz-Oriental

**SEMANA:** 29/09/2014 A 03/10/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - R. coordenação A.P. | - Mailing equipa<br>- preparar sessões Manvila | A.P. consulta médica | A.P. - R. Maria João Malho A.P. | - R. equipa A.P. |
| Mª Helena Oliveira | - Mailing equipa Manvila | - Registos Manvila | Manvila | Manvila | |
| Ana Paula Almeida | Ariana Saneamento livros | - preparar sessões Manvila | - Reuniões do MEC - Aventureiros | Manvila | |
| Anabela Alves | Folga | - Prep. formação TSH A.P.<br>- preparar sessões Manvila | Manvila TSH | Manvila | - consulta TSH |
| Carla Fonseca | Baixa médica | | | | |
| Sónia Valente | - Preparar formação TSH A.P. Manvila | - Preparar formação TSH e Escola A.P.<br>- Visita Maia - Prep. Workshop Pobug A.P. | Manvila TSH | - Preparação de sessões p/ 1º CEB Folga | - R. equipa A.P. |
| Joana Barnabé | A.P. | | X TSH | A.P. Manvila | X |

Priorizar
- organização do mailing e dos dossiers

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiy - Oriental

**SEMANA:** 06/10/2014 A 10/10/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| **Ana Carichas** | - Reunião Comissão Social de Freguesia<br>- R. coordenação A.P. | Marvila<br>vacinas com filhos | - R. ePC - Lx Oriental<br>A.P./Marvila | - R. equipa A.P.<br>supervisão | - Reunião preparação livro proj.<br>↓ A.P. |
| **Mª Helena Oliveira** | Marvila | - entrevistas jovens<br>↓ Marvila | Marvila | - R. equipa A.P.<br>supervisão | Marvila |
| **Ana Paula Almeida** | Marvila | Marvila | Aventureiras | - R. equipa A.P.<br>supervisão | Marvila |
| **Anabela Alves** | - Preparar sessões TSH<br>↓ A.P. | - entrevistas jovens<br>↓ Marvila | Aventureiras | - R. equipa A.P.<br>- consulta médica Social F. | Marvila |
| **Carla Fonseca** | Baixa médica | → | → | → | → |
| **Sónia Valente** | - Preparar sessões TSH<br>↓ A.P. | Marvila | Marvila<br>TSH | - R. equipa A.P.<br>supervisão | Folga |
| **Joana Bernardo** | - Preparar sessões TSH<br>↓ | X | | - R. equipa A.P.<br>supervisão | X |

TSH

TSH

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiz-Oriental

**SEMANA:** 13/10/2014 A 17/10/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - R. coordenação ↓ A.P. | - SR. Obras<br>- Exame médico-<br>Dossiers<br>Manila | Seminário "Evolução do conceito de família"<br>Flamenga | - R. equipa ↓ A.P. | A.P.<br>Exames médicos | |
| Mª Helena Oliveira | - entrevistas<br>Manila | Dossiers ↓ | - registos<br>Manila | ↓ | - entrevista Renata | |
| Ana Paula Almeida | - preparar sessões<br>Manila | ↓ | Avanteneiros | ↓ | Manila | |
| Anabela Alves | Manila | ↓ | Avanteneiros<br>TSH | ↓ | Manila | TSH (fim) |
| Carla Fonseca | - consulta médica- | ↓ | ↓ | ↓ | Manila | |
| Sónia Valente | Manila | ↓ | Manila | ↓ | Manila | TSH (fim) |
| Joana Bernardo | CAC ↓ Manila | X | Manila<br>TSH | GIRO DIURNO CDiz-Centro | X | TSH (fim) |

Evento da PSP
21; 22 e 23 outubro
Bela Vista

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDij - Zona Oriental.

**SEMANA:** 20/10/2014 A 24/10/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Encontro do iAc ↓ Ass. Rep. | Encontro do iAc Ass Rep. | Assuntos Pessoais A.P. | A.P. | - Reunião de equipa A.P. |
| Mª Helena Oliveira | - SR. das obras Manvila | | Aventurei nos | - sessão Esc. 54 | - R. equipa A.P. - Aventurei nos |
| Ana Paula Almeida | Encontro do iAc ↓ Ass. Rep. | | Aventurei nos | - sessão Esc. 54 - sessão Esc. 54 | - R. equipa A.P. - Aventurei nos |
| Anabela Alves | Folga | | - preparar sessão TSH e Lúdia Manvila TSH | - sessão Esc. 54 - sessão Esc. 54 | - R. equipa A.P. |
| Carla Fonseca | Baixa médica | → | | | → |
| Sónia Valente | - preparar sessões 1ºCEB A.P. Manvila | Encontro do iAc | Folga | - preparar sessões 1ºCEB A.P. Manvila | - Reunião de equipa A.P. Manvila |
| Joana Bernardo | Encontro do iAc | Encontro do iAc X | Manvila | - sessão Esc. 54 Giro nocturno | X |

Adriana Cruz (Estagiária do ISESP)
29 e 31. 10. 2014 → 14:30 – 17:30

29.10.2014
aula de capoeira
Ra
16:00

## FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiz-Oriental

**SEMANA:** 27/10/2014 A 31/10/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA | DOMINGO |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | -Reunião de condenação<br>↓<br>A.P. | Assuntos Pessoais<br>A.P.<br>-Visitar Carla F. | | Folga | Aniversário do filho<br>☺ | |
| Mª Helena Oliveira | Marvila | - Reunião Mahamadu e Selma Lx<br>Marvila<br>-Visita Carla F. | Dossiers | -Sessão Esc. 54<br>Marvila | | |
| Ana Paula Almeida | -Mahamadu preparar animação intervalo/sessões<br>Marvila | -preparar animação intervalo/sessões<br>-Visita Carla F. | Dossiers<br>Marvila<br>Aventur. | -Sessão Esc. 54<br>-Sessão Esc. 54 | Marvila<br>Aventur. | |
| Anabela Alves | Folga | -Reunião Mahamadu e Selma Lx<br>Marvila<br>-Visita Carla F. | Dossiers<br>Aventur. | -Sessão Esc. 54<br>-Sessão Esc. 54 | Avaliação TSH<br>AP<br>Aventur. | |
| Carla Fonseca | Baixa médica | → | → | → | → | |
| Sónia Valente | -preparar sessão 1ºC.E.B.<br>A.P.<br>Marvila | -registos Marvila<br>-contactos<br>-Visita Carla F. | Dossiers<br>Reunião | Folga | Avaliação TSH<br>A.P.<br>Marvila | Rede C.J. e/ grupo |
| Joana Bernardo | Marvila | X | Marvila<br>Aventureiros | -Sessão Esc. 54<br>Marvila | X | |

Adriana Cruz - Serv. Social ISCSP

14.11.2014

Desmontagem das montras

## FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDIJ-Oriental

SEMANA: 10/11/2014 A 14/11/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | (dia) |
| Ana Carichas | - Reunião de coordenação ↓ A.P. | consulta médica A.P. | - Reunião igualdade alargada C. P.C. 3 Oriental IPDJ-Miseric. | - Reunião estratégia 2020 ↓ I.P. | - Reunião de equipa A.P. A.P. |
| Mª Helena Oliveira | -registos Manuela | - registos - V.D. Sebastião - dossiers Manu. | Aventureiro. | - dossiers - registos Manuela | - R. equipa A.P. Manuela |
| Ana Paula Almeida | Folga | - dossiers | Manuela Aventureiro. | - sessão ESC. 54 - sessão ESC. 54 | - montras - R. equipa A.P. Aventur. |
| Anabela Alves | - V.D. Diego - Esc. 23 Manuela | - dossiers Folga | - Esc. Olaias | - sess. ESC. 54 - sessão ESC. 54 | - Escola Kerney Aventur. |
| Carla Fonseca | Baixa médica | → | → | → | → |
| Sónia Valente | - V.D. Diego - Reunião caso inuca Rodrigues | - Registos - dossiers - V.D. Sebastião Manuela | Folga | - sessão ESC. 54 - sessão ESC. 54 | - R. equipa A.P. - registos A.P. |
| Joana Bernardo | X | Manu. | Manuela Aventur. | X | Aventur. |

20.11.2014 - ISEL - "Factor E: muda a tua vida"

FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL (*) Adriana Cruz

EQUIPA: C.Dia-Oriental

SEMANA: 17/11/2014 A 21/11/2014

4ª feira 14h30 (tarde) 19.11.2014 Dolores + 4ª feira (tarde) computadores

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA (*) | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Mavila | A.P. | - R. c PEç Lx Oriental<br>Mavila | A.P. | - R. equipa<br>A.P. |
| Mª Helena Oliveira | Mavila | Mavila | Mavila | Factor E ISEL Mavila | |
| Ana Paula Almeida | Mavila | Mavila | - Consulta Mahamadu -<br>Aventar. | - sessão ESC. 54<br>- sessão ESC. 54 | Folga |
| Anabela Alves | Consulta médica<br>- Reunião ESC. 54 | - Atend. Nut. Jessica<br>- Avaliação Varney<br>- Avaliação 2,3 Mavila | - R. c PEç Lx Oriental<br>Aventar. | - sessão ESC. 54<br>- sessão ESC 54. 16h reunião c/ prof. das turmas | - R. equipa<br>A.P. |
| Carla Fonseca | Baixa médica | | | | |
| Sónia Valente | R. ESC. 54<br>Mavila | - R. EATL "Redrigues"<br>Mavila | - Reunião CPCçLx Oriental<br>- preparar sessões A.P. | Factor E (ISEL)<br>Mavila | - R. equipa<br>A.P. |
| Joana Bernardo | X | | Mavila<br>Aventar. | - sessão ESC. 54<br>- sess. ESC | X |

Adriana Cruz

25.11.2014 (todo o dia)

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDiz - Oriental

SEMANA: 24/11/2014 A 28/11/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - Reunião avaliação estágio ISCE.P - - R. condenação ✓ A.P. | - entrevista alunos ISCETE A.P. | - Reunião avaliação PAGP'EF sede IAC - R. condenação A.P. | - Reunião Eixo Parental II ESF. supervisão | - dentista - - R. equipa A.P. |
| Mª Helena Oliveira | - dossier dos recursos - registos Manila | - dossier dos Recursos - Registos Manila | Aventar | supervisão | A.P. |
| Ana Paula Almeida | Manila | Manila | - consulta médica Mahamadu Aventar. | - sessão ESC. 54 - sessão ESC. 54 | A.P. |
| Anabela Alves | Folga | - avaliação escolar Maria Ina (Verney) Manila | Aventar. Manila | - sessão ESC. 54 - sessão ESC. 54 | A.P. |
| Carla Fonseca | Baixa médica | | | | |
| Sónia Valente | - preparar sessões 1º CEB e TS Pista A.P. | Manila | Manila | Manila supervisão | - R. equipa A.P. ✓ Folga |
| Joana Bernardo | X | Manila | Manila Aventar | - sessão ESC. 54 - sessão ESC. 54 | X |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDiz - Oriental

SEMANA: 01/12/2014 A 05/12/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - consulta médica - Reunião coordenação ↓ A.P. | A.P. / Marvila - R. parceria Proj. Gravidez SI Violência Marvila | - Reunião eq. Hx Oriental ↓ | - Reunião parceria SLB Marvila - vacinas c/ filhos | - Aniversários intervalos - R. equipa Marvila |
| Mª Helena Oliveira | - Registos pulseiras - dossier RECUSAS V.D. Físico Marvila | - R. parceria Proj. Gravid. serv. viol. | - V.D. Franceis eq | - Reunião parceria SLB - avaliação Jessica e Afonso Coxixo Marvila | |
| Ana Paula Almeida | - Trabalho individual Jessica Júlio - preparar Advent. | - preparar aniversários intervalos - R. parceria Proj. Gravid. SI violência Marvila | Aventur. capoeira | - Reunião parceria SLB | |
| Anabela Alves | - Registos - Avaliação V.D. Físico • Avaliação Ana Carolina - preparar sessão Advent. | - Reunião família Tatiana - R. parceria Proj. Gravid. SI violência Marvila | - registos Aventureir. | - Reunião parceria SLB - avaliação escolar Jessica Folga | ↓ |
| Carla Fonseca | Baixa médica | → | → | → | → |
| Sónia Valente | Folga | - reunião família Tatiana - R. parceria Proj. Gravid. SI Violência Marvila | - Consulta Sandra Alves - V.D. Francisco | - Reunião parceria SLB - R. REVISÃO APP Francisco | Aniversários intervalos |
| Joana Bernardo | X | - R. parceria Proj. Gravid. SI violência | Aventur. | - R. parceria SLB | Aniversários ↓ intervalos |

(*) → está a ausente do CAE a apoiar

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDJ-Oriental

SEMANA: 22/12/2014 A 26/12/2014

| EQUIPA | 2ª FEIRA (*) | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Férias | Férias | Dia cedido | NATAL :) | Dia cedido |
| Mª Helena Oliveira | Férias | Férias | | | Dia cedido |
| Ana Paula Almeida | Manila<br>Atelier 1º CEB | Intercâmbio ABS<br>Manila | | | Dia cedido |
| Anabela Alves | Manila<br>Atelier 1º CEB | Intercâmbio ABS<br>Manila | | | Férias |
| Carla Fonseca | Baixa médica | | | | |
| Sónia Valente | -consulta médica Ricarda<br>-consulta | Intercâmbio ABS<br>Manila | | NATAL | Dia cedido |
| Joana Bernardo | Manila<br>Atelier 1º PFR | Intercâmbio ABS<br>Manila | X | NATAL | X |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDiz Oriental

SEMANA: 24 / 12 /2014 A 02/01/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | FÉRIAS | Férias | Dia cedido | ANO NOVO :) | Dia cedido |
| Mª Helena Oliveira | Férias | Férias | | | Dia cedido |
| Ana Paula Almeida | -construção de materiais p/ sessões 1º CEB Manila | -construção de materiais p/ sessões 1º CEB Manila | | | Dia cedido |
| Anabela Alves | Férias | Férias | | | Dia cedido |
| Carla Fonseca | Baixa médica | | | | |
| Sónia Valente | Férias | Férias | | ANO NOVO | Dia cedido |
| Joana Bernardo | X | X | X | ANO NOVO | X |

(EE) - Capoeira

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** eDi - Oriental

**SEMANA:** 05/01/2015 A 09/01/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | A.P. | A.P. | A.P. | A.P. | A.P. |
| Mª Helena Oliveira | Navila<br>-entrevista Leandro.<br>Navila | Navila | -Recolha de material | Avaliação 2º semestre<br>A.P.<br>Navila | Avaliação 2º semestre<br>A.P. |
| Ana Paula Almeida | Doente | | Aventur. | Avaliação 2º semestre<br>A.P. | Avaliação 2º semestre<br>A.P.<br>- entrevistas Fabio Lopes (?)<br>Navila |
| Anabela Alves | Navila | - preparar sessão | • 14h·30 Entrevista Leandro<br>Aventur. | Avaliação 2º semestre<br>A.P. | Avaliação 2º semestre<br>A.P.<br>Aventureiros |
| Carla Fonseca | Baixa médica | | | | |
| Sónia Valente | - preparar sessão expe Aventur<br>A.P.<br>-entrevista pais Leandro<br>Navila | Navila | - Reunião epe Lx Leandro Gomes<br>14:30 - Reunião epe Francisco Teixeira | Avaliação 2º semestre<br>A.P. | Avaliação 2º semestre<br>- entrevistas (?) Fabio Lopes (?)<br>Navila |
| passa Bernardo | X | Navila | Aventureiros<br>Navila | X | Aventur. |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: EDIJ - CRiental

SEMANA: 12/01/2015 A 16/01/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Formaçao Cleife Rodrigues<br>Edifício Entroncamento | - Reunião de coordenaçao<br>A.P. | - Reunião Intersectorial Estratégia 2E 2T saúde<br>A.P. | - Reunião GAL Mavila<br>Supervisão | - Reunião equipa<br>A.P.<br>- Assuntos pessoais |
| Mª Helena Oliveira | | Mavila | - Reunião EATL casa D. Resinda<br>- entrevista de candidato | Sessão experimental 1ºCEB<br>Supervisão | - R. equipa<br>A.P.<br>- Avaliação 2º semestre<br>A.P. |
| Ana Paula Almeida | - consulta Mahamadu | Avaliação 2º semestre<br>A.P.<br>- entrevista candidato | - preparar materiais sessões Mavila<br>Aventureir. | Sessão experimental 1ºCEB<br>- preparar materiais sessões Mavila | - R. equipa<br>A.P.<br>Aventur. |
| Anabela Alves | | - Avaliaçao 2º semestre<br>- R. Escola Rodrigues<br>16h Atendimento Candidato<br>- entrevista candidato IVAR | - Reunião EATL casa D. Resinda<br>Aventureir.<br>16h Entrevista candidato | Sessão experimental 1ºCEB<br>Supervisão | - R. equipa<br>A.P.<br>Aventur. |
| Carla Fonseca | Férias 2014 | | | | |
| Sónia Valente | | - 10:30 A.P.P. Francesc<br>- 12:30 Reunião Escola Rodrigues | - entrevista candidato | Sessão experimental 1ºCEB<br>Supervisão | - R. equipa<br>A.P.<br>- Avaliaçao 2º semestre<br>A.P. |
| Joana Bernardo | | Avaliaçao 2º semestre<br>A.P. | - preparar materiais sess. Mavila<br>Aventur. | Sessão experi. 1ºCEB<br>- preparar materiais sessão Mavila | - R. equipa A.P.<br>Aventur. |

## FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiz - Oriental

**SEMANA:** 19/01/2015 A 23/01/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| **Ana Carichas** | ~~Reunião~~ Natação ESF Manila FALTA ↓ Fundação Benfica | A. P. | A. P. | - Reunião equipa ↓ A. P. | A. P. |
| **Mª Helena Oliveira** | Avaliação 2º Semestre A. P. | Manila | 15h00 - Entrevista Leandro 16h15 - Entrevista Rúben | - Reunião equipa ↓ A. P. | Manila |
| **Ana Paula Almeida** | Bruxas Hospital fora das Muralhas | ~~Sessão escola 54~~ ~~Sessão escola 54~~ V. D. Tona | Aventureiros | - Reunião equipa ↓ A. P. | Manila |
| **Anabela Alves** | | ~~Sessão escola 54~~ V. D. Tona ~~Sessão escola 54~~ V. D. Tona Rio Frio | Registos Cartão e ida Idalécnica | - R. equipa - Avaliação coxixo Jessica ↓ A. P. | Manila |
| **Carla Fonseca** | | Manila | Manila Aventura | - Reunião equipa ↓ A. P. | Manila Fisioterapia |
| **Sónia Valente** | → Reunião Responsáveis SCML no JAC → AP Avaliação Baixa | ~~Sessão escola 54~~ Baixa Sessão escola 54 Reunião no CEDI - Rúben | 15:00 - Entrevista Leandro 16:15 - Entrevista Rúben | - R. equipa Avaliação Cadeia/ Jessica ↓ A. P. | Manila |
| Joana Bernardo | X | ... | Manila Aventura | - R. equipa A. P. | X Aventureiros |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiz-Oriental

**SEMANA:** 26/01/2015 A 30/01/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - R. coordenação ↓ A.P. | - Relat. ginodo 2013 ↓ A.P. | - R. CPCJ Lx Oriental e.s. Marvila<br>A.P. / Marvila | - Reunião Conselho Educativo Marvila<br>- R. equipa Marvila | - Reunião de avaliação casos ↓ 1.P. |
| Mª Helena Oliveira | - Recolha material Madredeus<br>Marvila | - Sessão Esc. 54 | Marvila | Marvila<br>- R. equipa Marvila | |
| Ana Paula Almeida | Mahamadu análises<br>Marvila | - Sessão Esc. 54<br>- Sess. Esc. 54 | - Mamahamadu internal hospital<br>Aventur. | Marvila<br>- R. equipa Mav. | |
| Anabela Alves | - notícia TSH A.P.<br>- V.D. Mariana Marvila | - Sessão Esc. 54<br>- Sessão Esc. 54 | Marvila | - Reunião conselho Ed. Marvila<br>- R. equipa Marvila | |
| Carla Fonseca | Marvila | - Sessão Esc. 54<br>- Sessão Esc. 54 | Marvila<br>Aventur. | Marvila<br>- R. equipa Mav. | ↓<br>Fisioterapia |
| Sónia Valente | - notícia TSH A.P.<br>- V.D. Mariana Marvila | - Sessão Esc. 54<br>- R. CPCJ Oriental | Marvila<br>consulta médica | Marvila<br>- R. A.P.P. Ruben Fiquet Redo | - R. avaliação casos ↓ A.P. |
| Joana Bernardo | X | Marvila | Marvila<br>Aventur. | X | - Reunião avaliação casos ↓ A.P. |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiz - Oriental

**SEMANA:** 02/02/2015 A 06/02/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA | sabado |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Animação de intervalos + Avaliação casos | - Relatório gestão 2014 ↓ A.P.<br>- R. Comissão Social de Freguesia Manila | - Relat. gestão 2014 A.P.<br>consulta do filho | - Reunião equipa A.P. | - R. coordenação ↓ A.P.<br>- consulta filhos | - R. CML x estrat. 2020 |
| Mª Helena Oliveira | | - Registos<br>- notícias<br>- sessão Esc. 54 | - Registos<br>- notícias<br>- levantar pulseira de respostas<br>Manila | | - Av. Alun. R. | |
| Ana Paula Almeida | - Escola Manhamadu<br>- conversa Ariana | - sessão Esc. 54<br>- notícias<br>- sessão Esc. 54 | - Registos<br>- conversa mãe Ariana<br>Aventur. capoeira | | - Av. Alun. R.<br>Aventur. (peluches) | |
| Anabela Alves | - mãe da Jessica | - sessão Esc. 54<br>- notícias<br>- sessão Esc. 54 | - Registos<br>- notícias<br>- entrevista Liliana + Ricardo (2) | | Aventur. (peluches) → entrev Liliana + Ricardo | |
| Carla Fonseca | - mãe Jessica<br>- conversa Ariana | - sessão Esc. 54<br>- notícias | - conversa mãe Ariana<br>Aventur. capoeira | | Fisioterapia | |
| Sónia Valente | - entrevista Ruben | - Registos<br>- notícias<br>- sessão Esc. 54<br>Manila | - Registos<br>- entrevista Liliana + Ricardo (2) | A.P. | - A.P.P. Ruben<br>- entrevista Liliana + Ricardo (2) | |
| Joana Bernardo | ↓ | - notícias<br>- preparar sessões<br>- Ariana - | Aventur. | X | Aventur. | ↓ |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: EDIJ - Oriental

SEMANA: 09/02/2015 A 13/02/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - R. coordenação<br>↓<br>A.P. | - R. Grupo Escolas EPEJLxOr.<br>Manvila | - Relatórios 2014<br>A.P. | - Reunião caso Mahamadu C.S. Manvila<br>- R. equipa<br>A.P. | Folga<br>Folga |
| Mª Helena Oliveira | - Av. Alm. Reis<br>Manvila | Manvila | R.C/ Liliana e Ricardo<br>Rúben e Leandro<br>Manvila | - Registos<br>AP<br>- R. equipa<br>A.P. | Manvila |
| Ana Paula Almeida | - preparar sessão PTC<br>- Registos<br>Manv. | - Sessão ESC. 54<br>- sessão ESC. 54 | Manvila<br>Aventur. | A.P.<br>- R. equipa<br>A.P. | Manvila<br>Aventur. |
| Anabela Alves<br>2ª feira conversar c/ você sobre o 9.º 54 | 9h.45 Atendimento você/pai Manuel<br>Manvila | ~~Sessão Escola~~ ~~EPEJLxOr.~~<br>- sessão ESC. 54<br>Manvila | - consulta você -<br>Manvila | - Reunião Mahamadu C.S. Manvila<br>- R. equipa<br>A.P. | Manvila<br>Aventur. |
| Carla Fonseca | - prep. sess. PTC<br>- registos<br>Manvila | - sessão ESC. 54<br>- sessão ESC. 54 | Manv.<br>Aventur. | A.P.<br>- R. equipa<br>A.P. | Manvila<br>Fisioterap. |
| Sónia Valente | Manvila | - sessão ESC. 54<br>- sessão ESC. 54 | - R. c/ Liliana e Ricardo<br>Rúben e Leandro<br>Manvila | A.P.<br>- R. equipa<br>A.P. | - Ajuda de Mãe Marco + Bárbara<br>- Consulta médica<br>Manvila |
| Joana Bernardo | X | - sessão ESC. 54<br>Manvila | Manvila<br>Aventur. | X | Manvila<br>Aventur. |

Diana Ferreira
inicia estágio
Animação de sócio cultural
18.02

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDJ - Oriental

**SEMANA:** 16 / 02 / 2015 A 20 / 02 / 2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA 16 | 3ª FEIRA 17 | 4ª FEIRA 18 | 5ª FEIRA 19 | 6ª FEIRA 20 |
|---|---|---|---|---|---|
| | | CARNAVAL | | | |
| **Ana Carichas** | Dia cedido | - Atelier 1ºCEB<br>- Reunião cPCJLx Oriental Manhã/tarde | - Reunião cPCJLx Oriental<br>↓ Piaget | - Reunião equipa<br>A.P.<br>- V. De Lillaia | - reunião de encaminhamento<br>↓<br>A.P. |
| **Mª Helena Oliveira** | Dia cedido | cedido | 2014 | A.P. | Aventur. Mavila |
| **Ana Paula Almeida** | Dia cedido | - Atelier 1ºCEB<br>- Reunião cPCJLx Oriental Manhã/tarde | Aventur. | A.P. | Dia cedido |
| **Anabela Alves** | Dia cedido | Dia cedido | jovens | A.P. | - Reunião Rede Juvenil nip A.P.<br>Aventur. |
| **Carla Fonseca** | Dia cedido | - Atelier 1ºCEB<br>Mavila | Aventur. | A.P. | Dia cedido |
| **Sónia Valente** | - Assinatura plano interv. Técnicos<br>- registos<br>Mavila | Atelier 1ºCEB<br>Mavila | jovens | - V. De Lillaia<br>↓<br>A.P. | Dia cedido |
| Joana Bernardo | X | - Atelier 1ºCEB<br>" " | Aventur. | X | Aventur |

Rede juvenil → 28.02.2015

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiz-Oriental

**SEMANA:** 23/02/2015 A 27/02/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - R. coordenação<br>↓<br>A.P. | - Relatórios 2014<br>↓ | - Relatórios 2014<br>↓ | - R equipa<br>↓<br>A.P.<br>- Reunião catch and sustain | Dia cedido | |
| Mª Helena Oliveira | Aquecidos c/ Carlos<br>Manila | - Registos<br>- 2,3 Manila<br>jovens (3) | - Registos + contactos<br>Manila | - R. equipa<br>supervisão | Manila | |
| Ana Paula Almeida | - Preparar sessão PTC | Manila | Manila<br>Aventur. | - R. equipa<br>A.P.<br>supervisão | - Medicina do trabalho<br>Aventur. | |
| Anabela Alves | - autorizações Fotos | - 2,3 Manila<br>- 2,3 Verney<br>- 2,3 Manila | - Reunião Escola 2,3 Tatiana Maques<br>- 2,3 Verney<br>consulta | - APP Bruno Antunes<br>- Supervisão | Aventur. | Rede juvenil |
| Carla Fonseca | - preparar sessão PTC<br>- autorizações Fotos | Aniv. filha | - Reunião EB 2,3 Manila<br>- 2,3 Verney<br>Aventur. | - R. equipa<br>A.P.<br>supervis. | - Registos<br>Fisicterap. | |
| Sónia Valente | Manila | 12:30 - Reunião Escola Pedro Gomes<br>jovens (3) | Dia cedido | - R. equipa<br>A.P.<br>- Reunião catch and sustain | Bárbara - Aj. Mãe<br>Manila | Rede juvenil |
| Joana Bernardo | X | Manila | Manila<br>Aventur. | X | Manila<br>Aventur. | |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDJ - Infantil

SEMANA: 02/03/2015 A 06/03/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - R. entrevistas<br>↓<br>A.P. | - Prepara avaliaç<br>A.P. | - prepara avaliação<br>A.P. | Avaliação do P. Rua<br>Fundação D. Pedro III | Avaliação do P. Rua |
| Mª Helena Oliveira | - analise SWOT<br>Mavila | - Prep. avaliaç<br>- entrevista focus<br>A.P. | Mavila | | |
| Ana Paula Almeida | - analise SWOT<br>- prep. PCT<br>Mavila | - Prep. avaliação<br>A.P. | Aventar. | | |
| Anabela Alves | Dia cedido | - 2,3 Mavila Mariana<br>- Prep. avaliaç.<br>A.P. | - 2,3 Mavila Ta Teresa Pim. | | |
| Carla Fonseca | - analise SWOT<br>- prepara PCT<br>Mavila | - Prepara avaliaç.<br>A.P. | Aventar. | | Fisioterapia (?) |
| Sónia Valente | - analise SWOT<br>Mavila | - prepara avaliaç.<br>- entrevista focus<br>A.P. | Mavila | | |
| Mariana Bernardo | X | - prep. avaliação<br>A.P. | Aventar. | Avaliação P. Rua | Avaliação P. Rua |
| Diana Fonseca | | - prep. avaliação | | | |

→ Entrevistas para o estágio da joana Bernardo
Laura e Paula → 10/3 tarde / Anabela e Paula → 11/03 manhã

**FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL**

→ Preparação autorização saída a França

**EQUIPA:** CDJ-Oiental

**SEMANA:** 09/03/2015 A 13/03/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - Reunião coordenação<br>A.P. | - Trabalho em equipa<br>Manila<br>Manila | 1.P.<br>- R. GTE<br>CPCJ Lx Oriental | - R. equipa<br>A.P. | - Trabalho em equipa<br>1.P. |
| Mª Helena Oliveira | - Preparar sess. jovens<br>Manila | - Trabalho em eq.<br>Manu<br>- entrevista joana B. | Manila | | - Trabalho em equipa<br>1.P.<br>- Ruben Figueiredo |
| Ana Paula Almeida | - Preparar sessão Aveiro | Exame médico<br>- entrevista joana B.<br>Manila | Manila<br>- entrevista Ruben<br>Aventar. | | - Trabalho em equipa 1.P.<br>Aventar. |
| Anabela Alves | - Registos<br>- preparar França<br>Manila | - Trabalho em equipa<br>Manu.<br>- sessão Esc. 54 | - Entrevista joana B.<br>- Esc. 1 Manila<br>- Reunião GTE CPCJ Lx Or. | | - Trabalho em equipa 1.P.<br>Aventar. |
| Carla Fonseca | - Preparar sessão Aveiro<br>- Registos<br>- prep. França<br>Manila | - Trabalho em eq.<br>Manu.<br>- sessão Esc. 54 | - entrevista joana B.<br>Manila<br>- entrev. Ruben<br>Aventar. | | - Trabalho em equipa 1.P.<br>Fisioterapia |
| Sónia Valente | - Preparar sess. jovens<br>Manila | ~~- Trabalho em equipa~~<br>- Consulta<br>Manila<br>- Sessão Esc. 54 | Folga | | - Trabalho em equipa 1.P.<br>- Ruben Figueiredo |
| joana Bernardo<br>Diana Cardoso | X | - Trabalho em eq. Manu.<br>- entrevistas<br>CDJ 5 centro / CAC sessão | - entrev. joana B<br>Aventar.<br>Tarde | X<br>Aniversário no | Trabalho em equipa 1.P.<br>Aventar. |

Aniversário do IAC - 18 março - 16:30 - Ass. Repúblicas

## FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDiz - Oriental

SEMANA: 16/03/2015 A 20/03/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Animação de intervalo | - R. coordenação A.P. | - Reunião CPCJ Hx Oriental<br>Aniversário do IAC | - Reunião equipa A.P. | - Reunião plenária ESP Marvila<br>Marvila |
| Mª Helena Oliveira | - Mail (SCMHx)<br>- V.D. Rosinda | - Intervalo Rodrigues (?)<br>Marvila | - Intervalo Rodrigues (?)<br>Marvila<br>Aniversário do IAC | | - entrevista joana Bernardo<br>Marvila |
| Ana Paula Almeida | Exame médico<br>Animação de intervalo | - Sessão ESC. S4<br>- CPCJ Hx Oriental e1 Mau<br>- Sessão ESC. S4 | - Intervalo Rodrigues (?)<br>Marvila<br>Aniversário do IAC | | Marvila<br>Aventar. |
| Anabela Alves | - V.D. Rosinda | - Sessão ESC. S4<br>- entrevista joana B.<br>- Sessão ESC. S4 | Exame médico<br>Aniversário do IAC | | Marvila<br>Aventar. |
| Carla Fonseca | | - Sessão ESC. S4<br>- Sessão ESC. S4<br>- entrevista joana B. | Marvila<br>Aniversário do IAC | | Marvila<br>Fisioterapia |
| Sónia Valente | - Relatórios Isaura Rodrigues<br>A.P. | Exame médico (intervalo Rodrigues ?) | Falta | Falta | - entrevista joana B.<br>- entrevista joana Bernardo.<br>Marvila |
| Joana Bernardo | | Marvila | Marvila<br>Aniv. do IAC | X | Marvila<br>Aventar. |
| Diana | V | PAP | PAP | PAP | PAP |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDiz-Oriental

SEMANA: 13/04/2015 A 17/04/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - R. avaliação<br>↓<br>A.P. | Mavila | A.P. | - R. equipa<br>A.P. | - Plenário C.S.F. Mavila |
| Mª Helena Oliveira | - Registos<br>Mavila | - Domingos Barreiro<br>Mavila | - Reunião DIAP Rodriguinhos | | Mavila |
| Ana Paula Almeida | - preparar sessão Aventur.<br>- preparar sessão escola<br>Mavila | - sessão Escola 54<br>- Sessão Escola 54 | Aventur. | | Aventur. |
| Anabela Alves | Consulta médica<br>- V.D. Bruna Marques<br>Mavila | - sessão Esc. 54 Arvid Jovem<br>- sessão Esc. 54 | Mavila | | Folga<br>Mavila |
| Carla Fonseca | - preparar sessão Aventur.<br>- Registos<br>- V.D. Bruna Marques<br>Saio às 17-04 ← Mavila | Mavila | Aventur.<br>Saio às 17-04 | FÉRIAS | FÉRIAS<br>Fisioterapia<br>reunião escolar |
| Sónia Valente | - relatório Rodriguinhos<br>A.P. | Mavila | Exames médicos<br>- Reunião DIAP Rodriguinhos | | Mavila |
| Joana Bermudo | X | - Sessão Esc. 54<br>- Sessão Esc. 54 | Aventur. | X | Aventur |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: CDiz - Oriental

SEMANA: 20/04/2015 A 24/04/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | - Reunião plenária ESF Manila<br>A.P. | - Focus Group<br>A.P.<br>A.P. | Manila | - Reunião de equipa<br>A.P. | - Reunião de encerramento<br>A.P. |
| Mª Helena Oliveira | Ruben Fig. | - Focus Group<br>A.P.<br>Manila | Manila | | Manila |
| Ana Paula Almeida | - Preparar sessões<br>Manila | - Sessão Escola 54<br>- Sessão Escola 54 | - consulta médica -<br>Aventur. | | Aventur.<br>Manila |
| Anabela Alves | - Registos<br>Manila | - Sessão Escola 54<br>- Sessão Escola 54 | Manila | | Manila |
| Carla Fonseca | - Registos<br>- Preparar sessões<br>- consulta médica | Manila<br>- Tribunal Física Fólio | Manila<br>Aventureir. | | - Registos -<br>A.P.<br>Fisioterapia |
| Sónia Valente | - conversa Ruben Fig. | - Reunião Redejuvenil<br>A.P. | Congresso | Congresso | Entrevista casa a Joana<br>- REVISÃO APP Ruben F. |
| Joana Bernardo | X | - Sessão Escola 54<br>- Sessão Escola 54 | Manila<br>Aventureir. | X | Manila<br>Aventur |

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** CDiz-Oriental

**SEMANA:** 27/04/2015 A 01/05/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Reunião coordenação ↓ A.P. | A.P. | - Reunião Conselho Educativo Mavila<br>- Reunião GTE | - Reunião Eixos C. F. Mavila (ISEC)<br>- Reunião equipa Mavila | Feriado |
| Mª Helena Oliveira | - registos<br>- contactos Mavila | - registos<br>- contactos Mavila | Mavila | Mavila<br>Reunião equipa Mavila | |
| Ana Paula Almeida | Exame médico<br>- preparar sessão Escola Mavila | - sessão Esc. 54<br>- sessão Escola 54 | Mavila<br>Aventar. | Mavila<br>Reunião equipa Mavila | |
| Anabela Alves | Mavila<br>consulta médica | - sessão Escola 54<br>- sessão Escola 54 | - Reunião Conselho Educativo Mavila<br>- Reunião GTE | Mavila<br>Reunião equipa Mavila | |
| Carla Fonseca | - prep. sessão Aventar. Mavila | Mavila | Aniv. filha ☺ | Mavila<br>Reunião equipa Mavila | |
| Sónia Valente | - Registos Mavila | Mavila<br>- consulta médica | - Revisão A.P. Leandro Gomes<br>- consulta médica | Mavila<br>Reunião equipa Mavila | |
| Joana Bernardo | X | - sessão Escola 54<br>- sessão Escola 54 | Mavila<br>Aventar. | X | ↓ |

→ Animação de Rua (SONAE)
05. maio (14:30)

→ Intercâmbio Rede Juvenil
09. maio

→ Filmagens Ricarda
10. maio

→ Filmagens equipa
06. maio (tarde)

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

EQUIPA: eDiJ - Oriental

SEMANA: 04/05/2015 A 08/05/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA | SÁBADO 09.05 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | Atividade no colégio da filha<br>Manila. | Manila<br>- Animação de Rua SONAE | Encontro MDV | - Reunião equipa<br>A.P.<br>- Sessão DLBC - | - Ref. Ed. e Formar (elaboração)<br>A.P. | |
| Mª Helena Oliveira | - limpeza carrinha<br>- Leandro (jornalista)<br>Manila | - Animação de Rua SONAE | - Registos<br>- contactos<br>Manila | - Reunião equipa<br>A.P. | - registos<br>- contactos<br>Manila | |
| Ana Paula Almeida | - preparar animação de rua<br>- C.T. jovens<br>Manila | - Animação de Rua SONAE | - Hospital Sta Maria Minhamadu<br>Aventar | A.P. | Manila<br>Aventar | |
| Anabela Alves | - preparar dinâmicas c/ CAC+EDIJ Manila<br>- 15h "jogos"<br>Manila | - Animação de Rua | - Registos<br>Manila<br>Rede juvenil Manila | A.P. | - A.P. Bruno Antunes<br>- Registos<br>Manila | Inter câm bio Rede juvenil |
| Carla Fonseca | - compras<br>- Jessica Júlio jornalista<br>- 15h "jogos"<br>Manila | - Animação de Rua SONAE | Manila<br>Reportagem | A.P. | A.P.<br>Fisioterapia | |
| Sónia Valente | Férias | - A.P.P. Ruben Piquinhado<br>- Animação de Rua SONAE | Exame Médico<br>Manila<br>Rede juvenil Manila | - EATL Rodrigo Piquinhos (Bruno)<br>- Reunião equipa<br>A.P. | Manila | Inter câmbio Rede juvenil |
| Joana Bonnardo | X | - Animação de Rua SONAE | Aventar | X | Aventar | |

→ 13.05.2015
Visita da Dra Maria João Bento

# FICHA DE PROGRAMAÇÃO SEMANAL

**EQUIPA:** eDiz-Oriental

**SEMANA:** 11/05/2015 A 15/05/2015

| EQUIPA | 2ª FEIRA | 3ª FEIRA | 4ª FEIRA | 5ª FEIRA | 6ª FEIRA |
|---|---|---|---|---|---|
| Ana Carichas | -Reunião de coordenação<br>↓<br>A.P. | A.P. | Reunião comissão<br>Mavila | -Reunião de equipa<br>↓<br>A.P. | A.P. |
| Mª Helena Oliveira | -V.D. SR. David Pinto<br>-registos<br>-programar funko<br>Mavila | -Escola filho<br>-registos<br>-programar funko<br>Mavila | -visita Dra Mª João Bento | -Reunião equipa<br>-Reunião filha | Folga |
| Ana Paula Almeida | -preparar sessões Escola<br>-preparar sessão Avent.<br>-registos<br>Mavila | -sessão Escola 54<br>-sessão Escola 54<br>Mavila | Aventur. | -Reunião de equipa<br>↓<br>A.P.<br>Exame médico (Muhamadu) | Mavila<br>Aventur. |
| Anabela Alves | Folga | -sessão Escola 54<br>-sessão Escola 54 | -Registos<br>Mavila | sessão Tai-chi J.I. Esc. 54<br>-Reunião equipa<br>↓<br>A.P. | Formação parental Av. 1. Reis |
| Carla Fonseca | -preparar sess. Avent.<br>-Registos<br>-programar funko<br>Mavila | -programar funko<br>Mavila | Mavila<br>Aventur. | ↓<br>A.P. | -registo<br>A.P.<br>Fisioterapia |
| Sónia Valente | -V.D. SR David Pinto<br>-preparar formação Evosa A.P. | -registos<br>Folga<br>Mavila | -preparar formação Evosa A.P.<br>-visita Dra Mª João Bento<br>Mavila | sessão Tai-chi J.I. Esc. 54<br>-R. equipa<br>-Imagens Ricardo | Mavila |
| João Bernardo | X | -sessão Escola 54<br>-sessão Escola 54 | Aventur. | X | Aventur. |

# Guião de Entrevista à Coordenadora de Equipa do Projecto Rua CDIJ - Oriental

**Finalidade**

- Caracterizar o Projecto de Rua – CDIJ Oriental e as dinâmicas de trabalho existentes no mesmo.

**Objectivos**

- Conhecer a trajectória pessoal do profissional de coordenação da equipa;
- Identificar as características subjacentes ao modo de trabalho realizado;
- Verificar quais os recursos e estratégias utilizadas na intervenção do Projecto;
- Descrever as actividades realizadas pelos profissionais do Projecto Rua;
- Compreender de que modo se realiza a planificação das actividades, por parte dos profissionais do Projecto Rua.

| Categorias | Subcategoria | Indicadores |
|---|---|---|
| **1. Legitimação da entrevista** | **1.1. Contextualização e objectivos de entrevista** | 1.1.1. Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respectivos objectivos |
| | **1.2. Motivação do entrevistado** | 1.2.1. Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do trabalho |
| | **1.3. Confidencialidade e anonimato** | 1.3.1. Garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos |
| | **1.4. Autorização para a gravação áudio** | 1.4.1. Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise |

| | | |
|---|---|---|
| **2. Perfil académico e Profissional** | **2.1. Caracterização do perfil académico** | 2.1.1. Qual a sua formação académica?<br>2.1.2. Tem formação em outras áreas? |
| | **2.2. Caracterização do perfil profissional** | 2.2.1. Qual a sua actividade profissional?<br>2.2.2. Quais as suas principais funções desempenhadas no dia-a-dia?<br>2.2.3. Quais foram os motivos que a levaram integrar o IAC – P.R CDIJ Oriental?<br>2.2.4. Como foi o seu percurso profissional na CDIJ?<br>2.2.5. Que projetos profissionais tem para o seu futuro? |
| **3. Instituto de Apoio à Criança** | **3.1. Caracterização do IAC** | 3.1.1. Em que ano foi criado o IAC? Por quem? Com que finalidades? Qual o seu público-alvo? Quais têm sido os principais projetos? Como é que globalmente avalia a ação desta Instituição? Que projetos a Instituição tem para o futuro?<br>3.1.2. Que tipo de Instituição é? [IPSS, Não-Governamental...] Esta Instituição tem parcerias? Com que outras entidades?<br>3.1.4. Na atualidade, quais são os objectivos que envolvem a acção do IAC?<br>3.1.5. Como caracteriza os profissionais que integram o IAC? Como é que eles são recrutados? Como é que eles se formam, como é que aprendem a fazer o que fazem? Como são avaliados?<br>3.1.6. A Instituição tem voluntários? Como |

| | | |
|---|---|---|
| | | são recrutados? O que é que estes fazem? Como avalia a colaboração dos voluntários? |
| **4. Projecto de Rua** | **4.1. Caracterização do Projecto de Rua** | 4.1.1 Como caracteriza Projecto de Rua?<br>4.1.2. Quais as suas principais características?<br>4.1.3 Qual o público-alvo a que a sua acção se destina?<br>4.1.4. Como caracteriza a intervenção do Projecto de Rua? Quais os métodos e as estratégias utilizados no desenvolvimento do Projecto de Rua?<br>4.1.5. Qual o papel dos educadores que trabalham neste Projecto? Quais os problemas que estes educadores enferentam? O que se faz para ultrapassar estes problemas? Quais as forças/oportunidades inerentes do/ao Projecto?<br>4.1.6. Qual o papel dos voluntários?<br>4.1.7. Que avaliação global faz do Projecto? |

| | | |
|---|---|---|
| **5. Projecto de Rua – CDIJ Oriental** | **5.1. Caracterização do Projecto Rua – CDIJ Oriental** | 5.1.1. Onde se situa a acção do CDIJ Oriental?<br>5.1.2. Qual o seu público-alvo?<br>5.1.3. De que forma se encontra estruturada a equipa do CDIJ Oriental?<br>5.1.3. Quais os seus objectivos principais?<br>5.1.4. Que tipo de recursos dispõe o CDIJ Oriental? [Físicos; Humanos; Financeiros]<br>5.1.5. |
| | **5.2. Modos de trabalho** | 5.2.1 De que forma é que a equipa trabalha entre si?<br>5.2.2. Quais as estratégias utilizadas na execução dos objectivos propostos? |
| | **5.3. Planificação de Actividades** | 5.3.1. Como são planificadas as actividades? Qual o seu sustento?<br>5.3.2. Quais os recursos de apoio utilizados? E quais as estratégias empregadas?<br>5.3.3. Que tipo de actividades são desenvolvidas pela equipa CDIJ Oriental? |
| | **5.4. Divulgação das actividades** | 5.4.1 De que modo é realizada a divulgação das actividades junto do público-alvo?<br>5.4.2 Qual o retorno recebido face a essa divulgação? |
| | **5.5. Formação Profissional** | 5.5.1. São desenvolvidas acções de formação para os técnicos? Por quem?<br>5.5.2. Que tipo de formações são realizadas? Quais os temas abordados?<br>5.5.3. Qual a frequência destas formações? |

| | | |
|---|---|---|
| | **5.5. Formação Profissional** | 5.5.4. Considera que existe aplicabilidade entre a teoria e a prática?<br>5.5.5. Os técnicos apelam formações específicas? Ou as formações são algo que fazem parte das exigências supeiores? |
| **6. Relações Externas do Projecto de Rua – CDIJ Oriental** | **6.1 Parcerias** | 6.1.1 Quais as parcerias e relações externas que estão relacionadas com o CDIJ Oriental?<br>6.1.2 Que tipo de parcerias? [Câmaras, Associações, Ministérios, Escolas…]<br>6.1.3 Qual o tipo de colaboração existente por parte dessas parcerias? [Humano, Financeiro, Fisíco] |
| **7. Potencialidades e Constrangimentos** | **7.1. Mais valias** | 7.1.1. Quais os pontos fortes do CDIJ Oriental? |
| | **7.2. Melhorias** | 7.2.1. Quais os principais constrangimentos?<br>7.2.2. Quais as estratégias que utilizam para superar eventuais contratempos?<br>7.2.3. Considera necessário melhorar determinados aspectos? |
| **8. Questões Finais** | **8.1. Perspectiva de futuro** | 8.1.1. Quais as suas perspectivas de futuro face à vossa intervenção e respectivos resultados? [Novas ambições, objectivos por concretizar...] |
| **9. Considerações finais e agradecimentos** | **9.1 Informações adicionais** | 9.1.1. Gostaria de acrescentar algum aspecto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas? |
| | **9.2 Agradecimentos** | 9.2.1. Formular os agradecimentos e a colaboração prestada. |

# Transcrição de Entrevista - Coordenadora da Equipa CDIJ Oriental *Projecto Rua* - (C1)

**Entrevistadora – Bom dia. Mais uma vez agradeço a sua colaboração para realizar esta entrevista que tem como finalidade conhecer a instituição onde estou a estagiar e o *Projecto Rua,* no qual estou inserida. Acrescento ainda que todos os dados recolhidos vão ser confidenciais e anónimos.**

**Entrevistadora – Para iniciar as questões pergunto-lhe: Qual a sua formação académica?**

C1 – Sou Licenciada em Política Social no Instituito Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universisdade Técnica de Lisboa.

**Entrevistadora - Para além desssa área tem alguma outra formação?**

C1 - Fui fazendo alguma formação a nível do IAC, interna e externa, mas sempre em áreas ligadas à profissão que eu exerço desde que estou aqui no IAC sempre ligada à área dos menores, crianças em risco sempre nessas vertentes.

**Entrevistadora - Já que abordou a sua profissão gostaríamos de saber qual a sua actividade profissional?**

C1 – A minha actividade profissional, eu sou técnica superior aqui no IAC, nomeadamente, neste sector que é o *Projecto de Rua em Família para Crescer* e exerço funções de responsável de equipa.

**Entrevistadora - A nível das suas funções, quais são as principais funções em destaque que realiza no seu dia-a-dia?**

C1 - As minhas principais funções diárias enquanto responsável de equipa passam por acompanhar e direccionar de alguma forma a intervenção da equipa pela qual sou responsável, no fundo e tentar assegurar que os objectivos que estão definidos para a equipa no dia-a-dia e na azáfama dos casos não são esquecidos e não são deixados de lado. Portanto o meu papel é um bocadinho esse e tudo que implica na relação directa com a equipa, por vezes com o grupo-alvo e muito também numa representação externa

do IAC e da equipa desta área do projecto de rua com os parceiros seja a nível local, seja até a nível mais geral porque enquanto como responsável nós aqui no projecto de rua as várias responsáveis têm também um papel de coordenação das equipas e além disso um papel de representatividade do projecto e do IAC a vários níveis e de participar de projectos , de candidauras e uma parte de representação externa conforme as áreas que temos desenvolvido mais trabalho, muitas vezes, somos chamadas a representar e a estar com a nossa coordenadora geral a essse nível.

**Entrevistadora - Face aos motivos que a levaram a integrar o IAC, a nível do Projecto Rua neste caso.**

C1 - Aqui no IAC foi onde eu iniciei a minha experiência profissional quando acabei a licenciatura foi aqui que eu comecei a trabalhar em 94 e depois tive uma fase em que estive fora interrompi aqui a permanência no IAC estive noutra instituição estive também ligada à área da formação profissional e depois voltei novamente em 2000 e na altura quando me convidaram para voltar já foi com o papel de responsável de equipa claro que ao longo destes últimos catorze anos que estou cá desde esta úlima reentrada, digamos assim, já tive com várias esquipas e, nesta fase foi me pedido esta tarefa estar com a equipa do CDIJ Oriental no fundo eu tenho-me mantido mais ou menos na zona oriental, independentemente das mudanças de equipa, da intervenção ou do nome ou do que se faz eu tenho-me mantido ali por aquela zona. E pronto nesta fase é com esta equipa que estou.

**Entrevistadora - Já me disse que entrou em 94, não é?**

C1 - A partir daí estive por aqui até 97.

**Entrevistadora - Poderia-nos dizer o seu percurso no IAC?**

C1 - No início comecei aqui na sede, na António Patrício, com funções de secretariado técnico à Coordenadora Geral do projecto na altura que era a Dra. Adelina Odete que já faleceu e que foi a primeira coordenadora geral aqui do Pojecto Rua. Pronto e eu tratatava porque eu tenho formação também em inglês e em técnicas de arquivo algumas coisas e eu dava uma ajuda em termos dos arquivos, da documentação, havia muitos projcetos internaionais que eram necessários as traduções vinham muitos

parceiros externos em que o inglês era a língua utilizada e eu dava muito apoio a esse nível directamente com Dra. Adelina.

Depois nós aqui Projecto de Rua tínhamos uma residência de transição onde os meninos pernoitavam durante uma fase até regressarem à família ou irem para uma instituição e houve necessidade nessa altura de fazer algumas remodelações a nível dessa residência de transição e eu estive responsável por esssa residência durante alguns meses em que implicava um trabalho inclusivamente de dormir lá com os meninos e de ficar lá tudo isso.

Depois estive como técnica na área social numa equipa, numa comunidade que era o Bairrro 6 de Maio, na Damaia, em que o meu trabalho era o acompanhamento às famílias, portanto fazia o trabalho com as famílias daquela comunidade. Na altura, primeira fase em que estive aqui passei no fundo por estas funções.

Quando saí era na altura em que estava na 6 de Maio como técnica, já referi.

Depois em 2000 quando voltei fui convidada para ficar a coordenar duas equipas que era equipa, mais aqui já na zona oriental, que era equipa da zona J no Bairro do Condado e equipa que havia também na zona oriental junto à estrada de Chelas que era a equipa do Pátio 208 numa comunidade que viviva em barracas e condições degradadas e nós tínhamos lá uma equipa a intervir e essa população foi realojada e depois essa equipa deixou de fazer sentido acamponhou o realojamneto das pessoas e depois as pessoas foram redireccionadas para outras equipas.

Pelo caminho ao longo de todos estes anos sempre tive com a equipa do Bairro do Condado que foi sofrendo várias alterações  da sua intervenção e enfoque de trabalho, mas eu mantive sempre a coordenação daquela equipa naquele bairro estive também como responsável pela equipa de rua, numa determinada altura, a equipa que faz trabalho de rua os giros diurnos e nocturnos com a carrinha, tínhamos a equipa da carrinha e também estava com  a equipa da carrinha pronto houve um altura que eu tinha três ou quatro equipas, uma altura de loucura mais a equipa da J, pronto.

Depois as coisas organizaram-se aqui internamente de outra forma também acompanhando a evolução do tempo e próprio do trabalho que estamos sempre aqui em mudanças e fiquei só entre aspas com a equipa ali do Bairro tive também e funcionava ali na a zona oriental a coordenação da equipa que estava com o Projecto *Educar e Formar para Inserir* que publicámos naquele livrinho que eu já dei do Guia Metodológico dessa acção que também foi inovadora que nós tivemos na área das

competências sociais e também na atribuição de escolaridade aos jovens e era eu que estava responsável era um bocadinho mãe do projecto e era eu também que estava a coordenar a equipa que estava com esse trabalho. Foi uma fase muito trabalhosa, mas da qual eu pessoalmente gostei bastante porque era sempre um grande um desafio articular os pedidos dos parceiros para integrar os jovens com a comissão, com DGRS, com as instituições locais todo o funcioamento da equipa porque nós tínhamos em permanência quinze jovens no espaço e para acompanhar nos locais de formação prática todas as questões ligadas à escola, os professores que iam ao nosso espaço aquilo era, as entrevistas de selecção, critérios de prioridade, regras de funcionamento, aquilo era um mundo que era de uma dimensão muito grande, mas que foi um trabalho que passo a expressão foi muito trabalhoso mas que deu muito bons frutos e que me orgulho bastante de ter estado envolvida nesse trabalho.

Depois tivemos durante dois anos lectivos também os projetos da medida PIEF Programa Integrar Educação Formação tivemos várias turmas no primeiro ano, tivemos nove turmas PIEF, anos lectivos, e no segundo ano lectivo que foi o ano passado, o último tivemos sete. Eu fiquei no primeiro ano responsável por quatro turmas PIEF e no segundo ano lectivo eu fiquei responsável por três turmas PIEF, com tudo o que isso implicava. Se no *Educar e Formar* tínhamos quinze meninos no espaço, nos PIEF tínhamos quinze, a dezasseis ou dezassete em cada turma, em escolas diferentes, com técnicos diferentes da equipa e, nos anos passados, os técnicos que nós contratámos e tudo o que isso implicava na ligação das escolas, na ligação com os professores, as regras da escola diferente das nossas, a forma de trabalhar, o percurso dos jovens muito complexos e muito difíceis  de intervir, os técnicos um bocadinho sozinhos nas escola o que para nós é muito complicado de trabalhar, pois estamos habituados a trabalhar em equipa estamos sempre muito juntos somos muito coesos e, pronto foi muito complicado esta fase. Mas, pronto foi mais uma fase que se passou trabalhou-se muito e também acho que obtivemos bons frutos.

Nesta fase estamos numa altura mais tranquila em termos da intervenção, as equipas estão nós temos aqui dentro dos projectos que temos alguma flexibilidade para orientar a intervenção das equipas de acordo com os objectivos que temos nos protocolos, como é obvio não é? Mas dentro disso há uma margem de flexibilidade para nós orientarmos o trabalho das equipas e isso é uma coisa que eu gosto muito do IAC que é há algum espaço de criaitividade e de inovação não há dois dias iguais nós nunca estanmos a fazer

a mesma coisa em dois dias seguidos e isso é uma coisa que eu gosto é sempre um desafio, é sempre um grande desafio e vamos lidando da forma que pudemos. É um bocadinho o percurso recheado de diversidade.

**Entrevistadora - Relativamente a projectos profissionais que tenha em vista para o futuro?**

C1 - Por um lado gostaria de puder continuar aqui no IAC porque gosto e porque me identifico e visto bastante aqui a camisola da instituição, por outro lado gostaria que pudessemos mais um vez voltar a ter aquele projecto que eu referi que é *Educar e Formar para Inserir* porque acho que é uma resposta, ainda para mais nesta fase que neste ano lectivo os projectos PIEF estão completamente parados não iniciaram ainda portanto há centenas de jovens que estão em idade de escolaridade obrigatória que não estão na escola estão desocupados e para o projecto de vida destes jovens seria fundamental estarem integrados nalguma resposta e quanto mais tempo passar mais difícil vai ser agarrá-los e conseguir trabalhar a questão da inclusão social e da educação com eles. Eu gostaria muito que nós pudessemos voltar a ter esse projecto e que pudessemos dar essa resposta, apesar que o nosso projecto dava a equivalência ao 6.º e 9.º ano e agora a escolaridade já é o 12.º mas de qualquer forma nós que conhecemos a realidade e, tu se calhar já te foste apercebendo disso, nós temos muitos jovens avançados na idade e com um nível de escolaridade muito baixo o que é muito preocupante e eu acho que é uma realidade que está um bocado escondida não há essa uma consciência social desse problema e eu penso muitas vezes que daqui amanhã estes vão ser os homens e as mulheres daqui a dez ou cinco anos conforme as idades e vejo uma grande massa desocupada nos caminhos da deliquência, sem alternativas a nível de formação e de emprego e este nosso projecto trabalhava as competências pessoais e sociais, trabalhava a questão da escolaridade e dava-lhes acesso e dava-lhes conhecimento do mercado de trabalho. Eles tinham a parte que era componente prática que faziam um estágio digamos assim durante três dias por semana num local à sua escolha mediante os contactos que conseguiamos disponibilizar para eles adquirirem aquelas competências que são básicas do mercado de trabalho. Não havia uma certificação profissional, mas havia um contacto com o mundo de trabalho e proporcionar aquelas competências que nós sabemos que estes jovens não têm que é assiduidade, pontualidade, respeitar uma hierarquia, saber ocupar o seu posto de

trabalho são coisas tão básiscas, mas que eles necessitam de trabalhar a esse nível e isso era uma das coisas que em termo de futuro gostava que o IAC voltasse a ter esse projecto e eu gostava de voltar a trabalhar outra vez nele.

**Entrevistadora - Em que ano foi criado o IAC e por quem?**

C1 - O IAC em si é a nossa casa mãe digamos assim foi criado em 1983 e o Projecto de Rua em 1989. O IAC foi criado por um grupo de pesssoas com a mais variada área intelectual profissional médicos, advogados, professores, juristas, educadores muitas pessoas ligadas a estas áreas de estudo. O Dr. João dos Santos é um dos sócios fundadores do IAC como a nossa presidente se orgulha de dizer e é um projecto que foi inicialmene sonhado por ele e que foi o Dr. João dos Santos que deu em documento à Dra. Manuela Eanes o *"Instituto da Criança uma Utopia Possível"*. Ela fala nisto várias vezes e esse documento existe e, foi daí numa linha de pôr toda a comunidade a trabalhar para a criança e isto é um bocadinho o início do IAC.

Em termos do que é que caracteriza o IAC caracteriza sempre uma preocupação com a inovação e com o cobrir ou dar resposta a áreas que não estão cobertas nem pelo Estado nem pelas outras instituições do terceiro sector. Portanto a linha telefónica do SOS foi a primeira linha de apoio que surgiu no nosso país depois disso surgiram já muitas, mas o SOS foi a primeira linha.

O projecto rua também inovador não só a nível de Portugal, mas da europa ir ao encontro das crianças de rua que era um fenómeno que não se falava sequer era tabu achavasse que crianças de rua era do terceiro mundo era em África e lá das Américas, não era um problema da Europa.

Depois a humanização dos cuidados de saúde, a carta da criança hospitalizada tudo isso foi inovador. Hoje em dia o pai e mãe podem ficar com a criança no hopital, dormir inclusivamente e na altura não.

O IAC trabalhou muito nesta linha em dizer que a criança tinha que ser olhada não como um adulto em ponto pequeno, mas tinha que ser olhada como um ser que está em desenvolvimento, em crescimento e que tinha que ter cuidados e direitos próprios e o IAC já falava da Convenção dos Direitos das crianças e dos seus estatutos em defender acima de tudo os direitos e deveres da criança antes da Convencção ter sido ratificada pelo Estado Português. Mesmo a questão dos abusos sexuais, o IAC foi das primeiras intituições a falar dessa questão ... (pausa para o telefone) ... a convenção depois foi

ratificada pelo Estado Português já passado alguns anos do IAC ter sido criado e ter contemplado nos seus objectivos a defesa e promoção dos direitos da criança.

**Entrevistadora - Então a nível do público-alvo é todas as crinças, não é?**

C1 - Hum,hum.

**Entrevistadora - E a finalidade concreta é promover os direitos?**

C1 - Do IAC como um todo é a promoção e defesa dos direitos e deveres da criança, em termos do projecto de rua depois cada sector tem um enfoque específico tem uma especificidade, em termos do Projecto Rua é mais a área das crianças em risco e suas famílias.

**Entrevistadora - Relativamente aos projectos principais?**

C1 - Dos sectores do IAC?

**Entrevistadora – Sim.**

C1 - Há SOS criança, actividade jurídica, actividade lúdica, humanização, cuidados de saúde para as crianças, projecto rua, o CEDI – centro de documentação e estudos sobre a infância an ... já disse a parte jurídica penso que são estes os sectores, penso que não me falhou nenhum. Dentro do SOS há a linha de apoio e a linha de crianças desaparecidas há um número europeu 11600.

**Entrevistadora - Globalmente como é que avalia a instituição?**

C1 - Globalmente em que termos do ponto de vista de intervenção?

**Entrevistadora - Do modo como actua, como faz o seu trabalho?**

C1 - Eu penso que continua a ser uma instituição com bastante peso a nível nacional e quando se trata de falar das crianças e do direito das crianças o IAC continua a ser uma instituição que é sempre citada e referida como estando um bocadinho na vanguarda muitas vezes o IAC é ouvido quando se trata de mudanças e de alterações em termos da legislação no que diz respeito à área da infância.

Eu penso que do ponto de vista do exterior o IAC continua a ser uma instituição com bastante peso faz sentido que continue a existir, do ponto de vista interno penso que poderiam haver algumas coisas que poderiam ser ajustadas, poderiam ser mais rentabilizadas digamos assim mas são decisões que passam acima de tudo pela direcção e a direcção continua achar que os sectores tal como estão hoje em dia devem continuar e nós cá nos mantemos.

**Entrevistadora - Projectos futuros? Tem conhecimento?**

C1 - Aqui no IAC, não, não.

**Entrevistadora - Que tipo de Instituição representa o IAC?**

C1 - Somos uma IPSS de superior interesse social, temos o estatuto de superior interesse social.

**Entrevistadora - E não tem qualquer ligação com o Estado? Têm alguma? Tem dependência? São independentes?**

C1 – Não somos independentes, somos dependentes. Temos o Estado e projectos de financiamento. Somos a única IPSS a nível nacional com um acordo interMinisterial temos um acordo interMinisterial que financia e cobre as várias áreas do IAC.

**Entrevistadora - A nível de parcerias? O IAC conta, agora referiu o facto do Estado intervir em certa parte, mas existe algum outro tipo parcerias?**

C1 – Sim. Essa parte do acordo interministerial tem uma lógica que é o facto do Estado não intervir em determinadas áreas tem este protocolo com o IAC, para que o IAC possa fazer essa intervenção que o Estado não faz em algumas áreas nomeadamente a questão das crianças de rua e a parte social das crianças desaparecidas uma série de áreas que nós intervimos e estes são alguns dos exemplos nós intervimos através deste protoclo interministerial que temos com um conjunto de Ministérios e aqui há este tipo de parceria.

Depois o IAC tem uma grande tradição de parcerias. Temos parcerias com várias entidades a nível local de acordo com zona geográfica de intervenção de cada equipa. Depois temos parcerias a nível das comissões sociais de freguesia, da rede social do

tratamento e acompanhamentos dos vários casos que temos em mão isto vai do micro ao mais vasto e depois há as parcerias a nível dos ministérios para lá da questão do acordo interministerial, as escolas, a polícia, portanto nós temos um vasto leque de parcerias.

**Entrevistadora - A nível de objectivos actuais quais são os principais objectivos do IAC?**

C1 - DO IAC ou do PR?

**Entrevistadora – Do IAC.**

C1 - Eu não sei propriamente de côr não é mas, cada sector isso é uma informação que está no plano de actividades e nos relatórios de actividades cada ano temos um plano de actividade e um relatório e, portanto cada sector esta identificado nesse plano e esse relatório nos objectivos que pretende trabalhar ao longo desse ano e este plano este relatório são sempre aprovados na Assembleia Geral de sócios do IAC nós somos uma IPSS mas temos sócios e portanto é essa Assembleia Geral pernuncia-se sobre esses objectivos e os objectivos numa forma geral como digo não sei todos de côr encaixam naquela máxima da promoção e defesa da criança isto é um chapéu para todos os sectores encaixarem os seus objectivos e as suas acções.

**Entrevistadora - Relativamente aos profissionais que integram o IAC como é que os caracteriza?**

C1 - É uma equipa bastante grande, é uma equipa multidisciplinar temos alguns professores destacados pelo Ministério de Educação e depois temos desde psicólogos, assistentes sociais, educadores, animadores pronto somos muitos e de áreas diversas o que traz alguma riqueza porque há uma complementariedade das formações académicas e também nos percursos de experiência de cada pesssoa no entanto, nem sempre é fácil gerir esta diversidade porque depois há como é obvio cada formação tem o seu olhar a sua especificidade e pronto há sempre um esforço de conciliar para que todos estejam a remar para o mesmo lado há sempre essa dificuldade, esse desafio digamos assim.

**Entrevistadora - Não sei se me sabe indicar, se é responsável por isso? Como é que os profissionais são recrutados?**

C1 - Não sei muito bem, no geral não sei mas, sei que a nível do Projecto de Rua quando nós precisamos, por exemplo, os técnicos para o PIEF portanto publicamos na internet anúncios o que estamos a recrutar qual era o perfil também através do IEFP fizemos e também vamos sempre recebendo currículos das pesssoas que terminam os seus percursos académicos vão mandando o currículo para cá e depois quando é necessário alguém vamos sempre vendo esses currículos e também quando há necessidade de uma função específica como o caso dos TIL - técnicos de intervenção local - que trabalharam nos PIEF fazemos a essa divulgação no centro de emprego, IEFP e pusémos na internet e depois recebemos currículos e fizemos uma triagem desses currículos e entrevistas de selecção. Em termos de outros sectores não tem entrado ninguem só tivemos este ano de excepção por causa do PIEF tivemos algumas pessoas a contracto de alguns meses a fazer aquela função o projecto terminou, a função terminou e as pesssoas já não estão connosco como foi só contracto a tempo certo. E normamlmente é assim.

Também tivemos, agora não porque estamos a atravessar tempos mais difíceis, mas houve uma altura em que muitas das pessoas e tu ao falares com os colegas vais perceber que está muita gente cá a trabalhar que fez estágio académico cá e depois ficou cá a trabalhar porque havia necessidade de mais recursos havia muitos financiamentos havia muitos projectos e depois íamos buscando as pessoas que já cohecíamos e que tinham feito cá o estágio académico e depois eles fizeram o estagio académico, depois o estágio profissional e depois ficaram ca a trabalhar. Houve aqui várias formas de recrutar.

**Entrevistadora - Relativamente como é que os profissionais se formam?**

C1 - Sim, eu percebo a questão eu falo mais ao nível do projecto rua que é aquele que conheço melhor e estou mais por dentro e também é mais específico an, pronto nós fazemos todos anos uma acção de formação de animadores de rua portanto é algo que normalmente nós recomendamos sempre aos estagiários, aos voluntários e a quem entra de novo fazer esta formação que é durante quatro dias, em regime internato as pessoas fazem essa formação e ai é muito trabalhada a questão da metodologia do projecto de rua.

Depois de resto é um bocadinho de formação em exercício pronto algumas orientações e algum enquadramento inicial é dado pela equipa da rede pelas responsáveis de equipa e depois as pessoas vão para o terreno e vão aprendendo umas com as outras e vão sempre acompandas e enquadradas pelos próprios colegas e pelas responsáveis de equipa.

Mas sim há um bocadinho essa preocupação de que quem vem não disvirtue aquilo que é a nossa metodologia de estar e trabalhar que é própria e específica e portanto isso é sempre passado, acaba por ser secalhar penso um bocadinho como tudo aprendemos mais na prática do que na teoria, mas isso acaba por ser muito passado é no dia-a-dia depois naqueles primeiros contactos com a equipa e no estar com as pessoas há mais essa posibilidade de interiorizar esses conceitos mas é sempre feito um enquadramento geral e a explicação de algumas coisas no início quando se acolhe as pessoas.

**Entrevistadora - A instituição tem voluntários?**

C1 - Já tivemos, nesta fase não temos penso que não temos nenhum porque temos sempre alguma dificuldade, não sei se é um problema nosso não sei, temos sempre alguma dificuldade em enquadrar por causa dos nossos horários e das nossas rotinas um bocadinho do trabalho e penso também que a questão do volunariado no geral na nossa sociedade ou na nossa mentalidade as pessoas acham que o voluntário é aquele que pode ir quando quer fazer qualquer coisa e dar uma ajuda e que a instituição está lá para sempre disponível para o receber e não é bem assim. E como nós mexemos muito com casos muito complexos, com a vida das pessoas tentamos, temos algum tipo de programação mais ou menos estruturada por vezes pedimos voluntários temos essa necessidade mas as pesoas teriam que se encaixar naquelas necessidades e não pode ser uma pessoas que vem só quando quer ou quando lhe apetece não é facil haver esse encontro entre o tipo de procura que alguns voluntários tem feito e aquilo que nós temos para os acolher e para os integrar.

Mas já tivemos, por exemplo, a questão do apoio escolar tínhamos professores já tivemos bastante voluntariado mas nesta fase não temos, não temos.

**Entrevistadora - Nessa altura foi uma procura por parte do IAC ou foram os voluntários por si que chegaram a instituição?**

C1 – Já não me recordo como é que funcionou na altura...

**Entrevistadora -Talvez de ambas as partes?**

C1 - Sim, nós tinhamos a necessidade, também é verdade que ultimamnte não recebemos pedidos de pessoas para serem voluntárias e havia uma altura que recebíamos muitos pedidos de pessoas para serem voluntárias.

**Entrevistadora - Voltando um bocadinho atrás que não referi, há alguma avaliação específica para os profissionais? Anualmente?**

C1 - Avaliação desempenho?

**Entrevistadora - Sim, nesse sentido.**

C1 - Também já tivemos uma avaliação de desempenho que era feita aqui a nível do projecto de rua portanto, a pesssoa fazia uma auto-avaliação, uma grelha que foi criada por nós fazia uma auto-avaliação de desempenho e depois as responsáveis de equipa faziam a avaliação de desempenho de cada colega da sua equipa depois isso era valiado com a nossa coordenaora geral e depois havia uma entrevista onde nós cruzavamos com a pessoa a auto-avaliação e a nossa avaliação e depois aquilo era dado um determinado valor e depois essa informação era enviada para o IAC para o sector do pessoal.

Depois acabámos por de alguma forma deixar cair isso porque enfim como é que eu hei-de dizer isto também não temos propriamente aqui uma progressão na carreira an, claro que é sempre importante avaliar mas fazemos isso informalmente, não há uma formalidade nessa avaliação.

**Entrevistadora - Focando agora no Projecto Rua, como é que o caracteriza? Sei que já foi falando de algumas especificidades do projecto, mas a nível geral.**

C1 – O *Projecto Rua* é um dos sectores do IAC é um sector com várias equipas com uma intervenção multidiscipilinar, com uma intervenção muito abrangente. Portanto, nós focamos muitas áreas diversas e distintas o que por vezes faz com que as pessoas que não estão por dentro do nosso trabalho não consigam perceber, ou seja, também não é fácil nós tansmitirmos e não é facil os outros perceberem porque isto é um amplitude tão grande porque isto é trabalho de rua, trabalho com a comunidade, trabalho com a carrinha, trabalho dia, trabalho à noite, a parte de redes sociais tudo o que é projectos internacionais, a rede construir juntos temos uma grande complexidade agora estamos ligados ao tráfico de seres humanos, crianças desaparecidas temos muito

acompanhamento individual de várias situações, trabalho com as escolas, trabalho na comunidade, grupos comunitários isto estou eu a dizer só neste momento porque se fossemos a olhar para a história do projecto de rua desde 89 isso aí é um mundo e estaríamos dias a esmiuçar tudo aquilo que nós já fizemos toda a experiência.

No geral, eu caracterizo o projecto rua como continuando a ser, ter uma equipa motivada uma equipa coesa, uma equipa que trabalha para os objectivos a que se propõe e com uma intervenção de qualidade e que vai ao encontro de algumas das necessidades sociais dos nossos dias no fundo.

**Entrevistadora - A nível de características mais específicas, ele [Projecto Rua] foi criado também sei que já disse para intervir na rua com as crianças, as crianças estavam abandonadas ou que estavam fora de instituições, famílias e foi por isso o motivo da sua criação. Gostaria de dizer alguma característica em específico, alguma finalidade mais relevante ao projecto?**

C1 - Face a essa origem que tu acabaste de dizer que foi a existência das crianças de rua e o facto de nós termos sido considerados, na altura, um projecto inovador porque fomos ao encontro íamos à rua criamos a figura do animador de rua, um jovem informal de idade relativamente próxima as crianças que estavam na rua e, portanto isso foi algo inovador algo que caracteriza o projecto de rua.

E esta questão do ir ter e do estar com, aliás são traços da nossa metodologia de ir ao encontro e "estar com". Continua a ser algo que, ainda hoje, nas várias equipas, apesar das diversidades das intervenções é um traço metodológico tranversal a todo o projecto de rua nós continuamos, não ficamos à espera que as pessoas nos procurem que venham ter connosco nós vamos, damos o passo de ir ao encontro das pessoas até porque nós começámos sem ter espaço sem ter espaço físico para funcionar começámos mesmo na rua literalmente na rua inclusivamene lá no espaço do Bairro do Condado onde estas a fazer o teu estágio durante muitos anos não tínhamos espaço as pessoas estavam na rua iam ter connosco lá tínhamos um café e lá tínhamos uma mesinha e estavamos lá às vezes e tal e pronto era um bocadinho assim. Portano acho que aquilo que o que mais caracteriza o projecto de rua é este trabalho individual e a relação que estabelece com o público-alvo e é ir ao encontro e estar com as pessoas, o dar é um bocadinho esta parte.

**Entrevistadora - O público-alvo é então as crianças e jovens com risco, a nível problemático?**

C1 - Sim. Aqui também dentro do público-alvo há mtas questões ligadas também à escola, pronto são os tais direitos das crianças que nós tentamos assegurar ao máximo e garantir que as crianças que tenham acesso a eles não é ir à escola só por ir à escola para ter a escolaridade ou um certificado, mas porque ir à escola é socialização e integração social aquisição de uma série de competências não só escolares que são fundamentais para uma integração social futura de mais qualidade também estar integrado num clube desportivo, o participar em actividades lúdicas, o fazer as visitas e as saídas tudo isto é algo que tem sempre subjacente a questão dos direitos e deveres da criança mesmo os temas que nós trabalhamos nas nossas sessões com os jovens esta questão do tráfico de seres humano que nós fizemos aquelas sessões na linha da prevenção e dar uns alertas tudo isso tem o chapéu sempre dos direitos da criança mesmo o trabalho na escola as sessões que fazemos as animações de intervalo, tão simples como o Direito a Brincar.

**Entrevistadora - Relativamente aos métodos e às estratégias utilizadas, que métodos e estratégias vão sendo aquiridas?**

C1 - As estratégias que nós vamos utilizando partem também um bocadinho da nossa experiência e do trabalho que temos vindo a desenvolver as estratégias e as metodologias são sempre muito ligadas aos aspectos que eu referi agora anteriormente o estar com e ir ao encontro o proporcionar novas vivências portanto, tudo isso faz parte da nossa vivência da nossa metodologia.

**Entrevistadora - Quanto aos objectivos especificos do projecto, para além da promoção dos direitos da criança algo mais direccional, mais específico?**

C1 - Todas as equipas têm uma planificação anual que é sempre revista até às vezes semestralmente e é sempre ajustada à necessidades da intervenção. Há o tal chapéu dos direitos que é grande e lato e cabe lá muita coisa e depois é sempre também visto é sempre também pensado para a equipa face ao trabalho que vai desenvolvendo no terreno há sempre um ajuste também face às necessidades que vão surgindo sempre na tentativa de estar o mais perto possível da resposta a essas necessidades ou na ajuda às pessoas para encontrarem solução dessa necessidade e também ir buscar a potencialidade das pessoas.

Em termos dos objectivos nas equipa tendo em conta também a amplitude do trabalho mesmo na nossa onde também estás a fazer o estágio e na equipa que eu estou a trabalhar neste momento os objectivos específicos e as metas são também de uma grande amplitude e não são todos eles iguais.

Vai desde o realizar, por exemplo, quatro animações de intervalo ao longo do ano lectivo acompanhar todas as situações sinalizadas pela escola ou dar encaminhamento a essas situações, participar no grupo escolas a nível da comissão lisboa oriental em representação do IAC projecto de rua, ajudar os jovens a elaborar currículos e a procurar emprego formação profissional isto dos objectivos e das metas são da maior diversidade que possas imaginar, mas vai sempre em escala temos uma finalidade, objectivos gerais, específico e metas.

Pronto e trabalhamos sempre cada grupo dentro da equipa, digamos assim temos esta lógica e trabalhamos sempre depois quando fazemos a avaliação para responder avaliamos se respondemos ou não aquelas metas e aqueles objectivos claro que um objectivo específico não é num ano que vamos dizer já está atingido porque é, são coisas a médio prazo, curto, médio, longo prazo e algumas delas daí que temos esta lógica de escala finalidade geral, específica e metas e vamos tentado responder às metas é o nosso primeiro olhar é para as metas que vamos definindo ano a ano.

**Entrevistadora - Quanto ao papel dos educadores sociais o que tem a acrescentar?**

C1 - Os educadores trabalham muito ligados a questão da relação com as escolas, as questões das sessões dos direitos e deveres da criança e também muito no acompanhamento individual de algumas situações.

Consoante as equipas que as pessoas estão integradas dá-se aqui alguma nuance, por exemplo, nesta fase ja não temos mas já tivemos o *Programa horizon* que era um programa de formação exercício também para jovens e sua famílias eram os educadores sociais e os pedagógos que trabalhavam no acompanhamento desse programa quando tívemos a tal acção do projecto do *Educar e Formar para Iserir* os educadores normamalmente estavam em sala também com os jovens preparavam o treino de competências, foi a nossa equipa que fez o tal treino de competências, preparávamos tudo o que era visitas de estudo, as actividades de exterior há sempre este olhar complementar entre o técnico de serviço social que está mais com os casos e com a

artiulação dos parceiros sociais face ao educador que dá o outro lado mais da pedagogia, do olhar da educação.

**Entrevistadora - Problemas ou constragimentos que os educadores enfrentam a nível da realização do *Projecto Rua*?**

C1 - Isso se calhar é melhor serem eles próprios a responder eu não tenho muito essa noção. Eu penso que as dificuldades que encontramos são transversais às várias formações académicas, não são específicas de nenhuma área académica tem a ver muitas vezes a dificuldade, isto falo no geral não sei se é específico dos educadores depois ao entrevistares as colegas isto vai sair mais apurado, eu acho que é muito a dificuldade de, por exemplo, em termos das parcerias cada parceiro tem um olhar, tem os seus objectivos, tem as suas metas, tem a sua área específica de trabalho e às vezes depois cruzá-las todas e rentabilizar isto para aquela pessoa para aquela família para aquela situação nem sempre é facil porque cada parceiro puxa a brasa a sua sardinha, não estou a falar só dos outros porque nós também muitas vezes fazemos isso e nem sempre é facil este conciliar, isto com os parceiros.

No directo com o grupo-alvo a dificuldade mais uma vez é transversal a todas as formações académicas é às vezes nos percebemos que nós estamos a identificar um problema, uma situação naquela pesssoa, naquela família e até estamos a ver qual seria o caminho, mas não pode ser como nós queremos ou quando nós queremos ou como nós achamos que deve ser temos que fazer um trabalho prévio com a pessoa de sensibilização até a pessoa chegar a consciência de qual é o seu problema e face a essa consciência que caminho quer seguir e nós temos pouca paciência para isso e o ritmo das pessoas não é igual ao nosso técnicos e acho que aí é que se gere a frustação e as angústias, o sofrimento porque nós lidamos com pessoas estamos a ver as pessoas numa situação complicada e numa situação que precisa de ajuda e até estamos a ver parece tão óbvio o caminho e a pessoa não quer não é facil de gerir eu penso que os problemas ou as dificuldades passem um bocadinho por aqui não sei se as colegas depois irão confirmar ou não.

**Entrevistadora - A nível destas situações, destas frustações que acontecem de que modo vão conseguindo ultrapassar, atenuar?**

C1 - Nós temos reuniões de equipa semanais e temos a supervisão mensal que são momentos privilegiados para as pesssoas não só falarmos dos casos e do trabalho e planear o trabalho a seguir no caso da reunião de equipa, mas também são momentos para fazer alguma catase para as pessoas porem cá para fora essas coisas que as peocupam e tudo isso. Na supervisão tambem é um momento priviliegiado não só para falar dos casos, mas para cada pessoa receber alguma orientação da forma como deve lidar com os casos e deve proteger-se mais de alum sofrimento.

Agora isto é algo muito pessoal há quem fique a vida toda a sofrer por um caso e não consegue ultrapassar aquilo e há pessoas que vivem perfeitamente com os casos e nem sequer levam as preocupações do trabalho para casa isto é muito relativo depende da personlidade de cada um e acho que também é importante que cada profissional fazer um bocadinho de crescimento a esse nível porque nós trabalhamos com pessoas vamos para casa e ficamos a pensar neste menino, naquela mãe, nesta situação, naquela, na outra eu pelo menos penso assim sei que isto depois na prática nem sempre é facil de fazer e de se dizer mas nós pesamos eu enquanto profissional e instituição que eu pertenço estamos a fazer todos os passos e a dar aquele apoio que é possível e está ao nosso alcance e que a pessoa deixa ser ajudada se a pessoa também não me permite mais eu também tenho que aceitar o ritmo da pessoa eu não posso forçar a pessoa, porque tudo o que são mudanças forçadas ficam no falso ficam no vazio depois são coisas que a pessoa não vai interiorizar e isso não vai perdurar a pessoa até pode ter aquele discurso todo muito bonito para nós ouvirmos mas assim que vira costas mantém o seu registo portanto isto não tem impacto nenhum na vida naquela pessoa ficamos felizes, contentinhos ele até disse isto e até percebeu assim e assado mas depois agente vê que passado não sei quanto tempo afinal. Isto e díficil nós lidarmos e há também um crescimento e alguma maturidade que vamos ganhando e depois também há fases nas nossas vidas que estamos mais sensíveis, menos sensíveis é tudo muto relativo não há receitas.

**Entrevistadora - A nível de forças, oportunidades que são inerentes ao projecto? Pontos fortes.**

C1 - Penso que o facto de uma boa parte da equipa ja estar cá há muitos anos e ter já bastate experiência pode ter tanto de forte como de fraco digamos assim, isto às vezes os extremos tocam-se há aqui uma experiência há um *know-how* que já nos dá um olhar clínico perante as situações que temos à frente e perante o trabalho que temos a fazer, os desafios que se vão colocando no dia-a-dia agora isto depois tem o outro lado desmotivação, algum cansaço, comodismo alguma instalação que todos nós vamos tendo de uma forma ou de outra, mas penso que o facto da equipa ter muitos anos e ter muita experiência é um grande ponto forte porque mantém a tal espinha dorsal e a tal imagem, imagem não no sentido de passar para fora, mas no sentido de manter uma fidelidade aquilo que é da origem do projecto de rua porque isso é importante porque no fundo é o que nos caracteriza e distingue dos outros.

**Entrevistadora - A nível global pedia que fizesse um balanço do projecto rua no seu todo.**

C1 - O projecto rua no seu global, como já disse, mantém-se fiel às suas origens e aquele fim para o qual foi criado e tem vindo a sofrer ao longo dos anos muitas alterações e muitas adpatações ao contexto de cada época que foi vivendo e pelas quais fomos passando continua ser, quando se fala em crianças de rua, continua a ser a instituição que dá a cara e que tem realmente o *know-how* e a experiência dessa vertente. Penso que o resto já fui dizendo.

**Entrevistadora - De um modo mais específico a nível da equipa que integra CDIJ Oriental, onde é que se situa a acção do CDIJ Oriental, a sua localização?**

C1 - Na zona oriental de Lisboa, nomeadamente, no Bairro do Condado nós abrangemos também outras zonas ali à volta.

**Entrevistadora - A nível do seu público-alvo sei que já foi dizendo que são as crianças e jovens ali residentes, não é?**

C1 – Sim, residentes ali na zona oriental crianças e jovens e suas famílias que de alguma forma apresentam contexo vulneráveis a nível familiar, pessoal e social a

questão do absentismo abandono, insucesso algum tipo de risco a que estão sujeitos também, as crianças são o nosso público-alvo prioritário.

**Entrevistadora - De que forma se encontra estruturada a equipa do CDIJ Oriental?**

C1 - A equipa é composta por uma responsável de equipa e cinco elemenos de terreno. Temos duas animadoras uma das quais está mais ligada a área dos jovens com o apoio de uma das técnicas que faz mais esse apoio aos jovens perto dos 18 e maiores de 18 que já foram acompanhados por nós em tempos.

Depois há uma outra técnica com uma animadora que são mais responsáveis pelo trabalho com adolescentes, que são os aventureiros e que frequentam os nosso epaço duas vezes por semana e que são desenvolvidos com eles através de actividades sempre numa perspectiva de ganhar competências pessoais e sociais seja aplicando ou não o treino de competências é sempre uma perspectiva de treinar competências e proporcionar através do lúdico a aprendizagem de algo útil para eles.

Neste momento, esta técnica que está com este o grupo está de baixa desde setembro tem estado outra colega a fazer as suas vezes, esta outra colega também é educadora social faz o trabalho com as escolas toda a ligação às escolas seja na planificação das sessões lúdico pedagógicas e as animações de intervalo, faz também toda articulação com as escolas e com os professores na avaliação do percurso escolar dos jovens e na devolução desses resultados às famílias e às proprias crianças e adolescentes e jovens e tem estado também a apoiar este grupo de adolescente.

Depois temos uma parte de atendimento ou acolhimento social um bocadinho porta aberta uma vez que estamos numa comunidade quem nos procura por vezes procuram-nos para o mais variado tipo de situações procuram-nos e pedem o nosso apoio e nós tentamos com o apoio dos parceiros fazer o encaminhamento das situações e o acompanhamento possível.

Em termos de equipa é um bocadinho aquilo que posso dizer depois temos também por vezes a nível de trabalho de projecto rua por exemplo, uma das técnicas neste momento está com outra colega de outra equipa a preparar mais sessões para as escolas do primeiro ciclo portanto às vezes as pessoas também são chamadas a ter funções fora da equipa no geral do projeco rua ou do IAC funções que depois servem a todos. Algumas responsáveis de equipa também fazem muito o trabalho que não é vísivel às vezes até

pelas próprias equipas que tem a ver com essa tal representação que já falei também os elementos da equipa neste momento só temos este grupo de trabalho que são só duas colegas, mas duas colegas uma de cada equipa, mas às vezes há mais participações às vezes temos pedidos para sessões em escolas fazemos equipa transversal com elementos das várias equipas pronto as solicitações são sempre muitas mas nem sempre à mãos a medir para responder a tudo.

A equipa tem também que ter a preocupação de ir mantendo os processos, os registos actualizados todo o trabalho de articulação com os parceiros claro isso está um bocadinho a cargo das técnicas que estão com cada um dos jovens ou cada um dos adolescentes. O trabalho está um bocadinho organizado assim.

**Entrevistadora - Tinha aqui a pergunta a nível dos objectivos principais, mas também como respondeu a nível do Projecto Rua no seio geral penso que seja basicamente o mesmo.**

C1 - À bocadinho também dei exemplos que até eram objectivo desta equipa, no fundo dei aqueles que eu estou mais por dentro.

**Entrevistadora - Recursos que a equipa CDIJ Oriental tenha a seu dispor?**

C1 - Recursos humanos é a própria equipa e os parceiros que vamos envolvendo ou que nos envolvem também a nós em determinados casos.

Recursos físicos temos o espaço com todos os materiais que dispomos lá.

Em termos de recursos financeiros estamos também numa situação de crise como todas as instituições, o próprio Estado, o nosso país, as famílias toda a gente, não é? não somos excepção estamos a passar uma fase complicada. No entanto, até à data temos conseguido ter aquilo que tem sido necessário para intervenção se manter a um bom ritmo, ou seja, a equipa também é muito criativa faz muita reciclagem de muita coisa e isso também acabam por ser recursos que são rentabilizados e que são importantes no fundo também. Pronto nós temos, em termos de quipa tems um fundo maneio mensal que normalmente a equipa não gasta todo e pronto tentamos ser assim bastante poupadinhos que vai ficando para o mês seguinte, isto já é uma parte de funcionamento de projecto e das orientações que nós temos se as despesas são até 50€ que precisamos de fazer tiramos do fundo maneio se é superior tem que se fazer uma informação específica à direcção explicar o que é que é, pedir o dinheiro, pedir objectivos explicar

tudo e depois dão o despacho positivo ou negativo, normalmente têm dão sempre despacho positivo.

Também nós pedimos, estamos sempre de mão estendida para pedirmos, pedimos entradas gratuitas para ir aqui para ir ali normalmente vão nos dando ou então a preço escola ou mesmo a título gracioso conseguimos normalmente fazer estas actividades de exterior quase a custo zero com as deslocações ou algum lanchinho para os meninos ou que se pede também o contributo deles nesse setido porque pronto isto de sermos IAC também tem este lado e vão nos dando também alguma coisa e nós vamos sempre pedindo mais e aproveitando.

**Entrevistadora - Face aos modos de trabalho, de que modo é que esta equipa trabalha entre si?**

C1 - Modos de trabalho, é assim mais um a vez volto a repetir que são pessoas que já se conhecem há muitos anos estão muito em permanência juntas no espaço no seu local de trabalho partilham muito por vezes de uma forma excessiva o trabalho, os casos, as preocupações que têm penso que em termos de trabalho consegue-se uma boa ligação entre todos os elementos. O momento de reunião de equipa é um momento importante por que é aquele momento em que apesar de as pessoas já se ter falado de tudo durante a semana, a reunião de equipa é aquele momento em que se faz um bocadinho o ponto de ordem, põe-se o ponto nos i's que tem que ser postos e arruma-se um bocadinho a casa porque às vezes as pessoas podem falar muito, mas do falar ao decidir ou dizer-se como se há-de ser feito normalmente é na reunião da equipa que isso é feito se bem que aqui impera uma democracia por vezes excessiva que é as pessoas são sempre ouvida dão sempre a sua opinião e acabamos por flexibilizar um bocadinho a sensibilidade das pessoas que estão com os casos porque há sempre esta relação com o grupo-alvo e têm-se em conta as necessidades e as questões específicas de cada menino e também a perspectiva do técnico em paricular que está naquela situação

Isto é um bocadinho a forma e trabalhar aqui no IAC e no projecto de rua que eu não sei, mas o duvido que noutras instituições seja assim.

**Entrevistadora – Também já foi falando a nível das estratégias utilizadas para a execução dos objectivos propostos falou um pouquino a nível de ir a encontro e de estar para auxiliar os casos que chegam, a tal representação com os parceiros, comunicar e haver esta ligação, não é?**

C1 - Sim, sim é.

**Entrevistadora - Face às actividade como é que estas são planificadas e qual o seu sutento base para a sua planificação?**

C1 - Como eu já disse também temos uma planificação anual e depois vamos fazendo as planificações semanais, normalmente na reunião de equipa que tem por base essa planificação geral do ano e os objectivos e as metas que são seguidas para cada grupo de trabalho digamos assim, porque a própria planificação está por grupo esta a parte das escolas a parte das famílias a parte dos adolescentes e a planificação está orientada dessa forma.

Depois semana, a semana a equipa vai propor normalmente a equipa tem inciciativa de propor actividades como foi agora no caso da interrupção lectiva do natal, propuseram agora um conjunto de actividades vê-se se essas actividades encaixam ou não nos objectivos que temos e faz a tal informação, se não são também coisas excessivas dos custos que isso implica e que nesta fase não será possível mas normalmente as pessoas têm bom senso e não se esticam digamos assim faz-se a tal informação a direcção pernuncia-se, pronto e depois preparasse, trabalhasse, faz-se as compras e a equipa há uma grande interajuda entre a equipa toda a gente acaba por colaborar essas coisas são marcadas, são agendadas divulga-se aos meninos às familias e pronto é assim.

**Entrevistadora - Os recursos de apoio utilizados para além equipa é o tal fundo como também ja referiu, o facto de haver essa possibilidade de ser autorizado ou não os meios monetários.**

C1 - Temos com a Carris uma parceria que nós mandamos cartõezinhos aqueles das viagens para a carris, a carris carrega duas viagens cada cartão nós na perspectiva do que vamos fazer com base na planificação pensamos fulano A vai precisar de ir com a Maria, o José e o Joaquim não sei onde então precisa de 5 bilhetes com duas viagens e as pessoas vão levando semana a semana e vão trazendo e vão prestando contas também para as deslocações esta factura depois dos cartões todos é o IAC que paga

directamente e nós aqui temos os cartões e não temos burocracia do dinheiro e de ter que carregar o cartão acaba por ser algo que se consegiu e que facilita é facilitador do trabalho da equipa porque não tem esta logística só temos que levar já estão caregados, gastamos levamos é prático e facilita.

E tentamos que quem está de retaguarda por vezes seja aqui o apoio administrativo e também eu e até a nivel da estrutura da nossa sede que esteja um bocadinho ao serviço das equipas a nesta perspectiva que haja este apoio para que as pessoas estejam mais disponíveis para o trabalho directo e para não estarem com determinado tipo de preocupações passo a expresão porque já tivemos fases em que isso não era assim e depois vamos aprendendo com a experiência e vamos melhorar.

Em termos do dinheiro normalmente quando a Carla estava ela tinha o dinheiro e ela distribuia pelas pesoas  da equipa e nas outras equipas é assim há uma pessoa que tem o fundo maneio e vai distribuindo pelos outros elementos. E nos optámos por como as pessoas por regra vêm cá semanalmente à reunião de equipa perspectiva preciso levar X, preciso levar Y cada pessoa leva um valor para ter ali uma margem utiliza dentro daquele valor e assim cada um é  reponsável por aquele valor não tem que estar mais uma pessoa com essa função de estar a gerir dinheiro com os colegas e pedir facturas assim cada um directamnte com a pessoa que está responsável aqui com os fundos de maneio resolve semanalmente essa questão e eu vou estando por dentro caso haja alguma situação mais complexa e pronto.

**Entrevistadora – A estratégias que são utilizadas é o facto de haver esta entreajuda e esta colaboração de equipa e a tal flexibilidade das ideias e de tentar gerir ao máximo de modo a que um diz e o que o outro não diz consiga haver uma concordância.**

**Entrevistadora - Face as actividades que tipo de actividades são desenvolvidas? Já falámos aqui um bocado das animações, das sessões das escolas é uma base lúdica digamos assim?**

C1 - Os grupos temos também treino de competências, toda a parte dos ateliers, toda a parte mais lúdica e de saídas e visitas e passeios e tudo isso. Este treino de competências é tudo o que é sessões com dinâmicas de grupo e com jogos mais na linha do que se fez no tráfico de seres humanos mas inclui também os ateliers as visitas, as animações ainda

no verão fazemos muitas animações de rua lá no exterior vamos tendo assim uma grande diversidade isto é mais da parte pedagógica e da parte lúdica.

Depois temos toda a parte do acompanhamento psicosocial individual os casos e as famílias que implica desde contactos telefónicos, elaboração dos relatórios e informações sociais para enviar para os parceiros articulação com a misericórdia, centros de saúde, com dentistas, com o trinunal, com as equipas que acompanham o tribunal, com PSP, com a DGRSP há todo esse trabalho depois que é um trabalho mais técnico de um ponto de vista de área social, mas que os educadores também se tiverem a acompanhar um caso e houver essa necessidade também o fazem. Nós aqui somos multifacetados fazemos todos um bocadinho de tudo.

**Entrevistadora - Relativamente à divulgação das actividades com é que elas são divulgadas ao público-alvo?**

C1 - É assim depende quando são as animações de rua no verão que fazemos lá atrás, no exterior há uma periodicidade, normalmente à sexta feira de manhã ou de tarde fazemos sempre eles já sabem que à sexta-feira depois há sempre assim vão e eles próprios divulgam àqueles meninos que agente já nos conhecem nós avisamos os pais e avisamos a eles que vai começar a haver eles depois avisam outros meninos e convidam os vizinhos, os primos e depois eles têm cá os primos e outros amigos de férias em casa e depois eles vão e nós também pomos a música alta também acaba por ser uma forma de chamar, já cá estamos e tal.

Em termos das outras actividades elas acontecem já com uma periodicidade semanal também definida eles já sabem, por exemplo, os aventureiros já sabem que à quarta e à sexta têm a sessão eles por si já vão quando existe alguma coisa que foge digamos assim ou que cai um bocadinho de fora desta dinâmica nós avisamos ou vamos a casa ou telefonamos porque é assim nós não estamos ali, não vamos com um megafone fazer uma divulgação em massa pelo bairro porque o nosso objectivo não é que venham todos os meninos e mais alguns do bairro portanto o nosso objectivo é chegar àqueles que mais precisam de nós porque aí junto das escolas divulgamos o que fazemos o trabalho que estamos a desenvolver e também quando as escolas nos sinalizam alguns casos e a própria comissão nós também apresentamos o nosso plano e a nossa proposta de trabalho e depois esses meninos vão sendo incluidos nas nossas actividades, portanto as

actividades são muito direccionadas para aqueles que são o motivo de nós estarmos lá, os que mais precisam.

**Entrevistadora - O retorno dessas actividades e dessa atuação intervenção como e que é respondido?**

C1 - Normalmente as crianças gostam bastante do trabalho que nós fazemos e das actividades que o IAC propõe e que o IAC dinamiza.

As famílias nem sempre percebem muito bem o nosso papel e o que é que estamos ali a fazer por vezes somos um bocadinho incovenientes no sentido em que fazemos alguma pressão, inconvenientes do ponto de vista das famílias, fazemos alguma pressão para que os meninos vão ao nosso espaço e, por exemplo, há famílias que preferem que as jovens fiquem em casa a tomar conta dos irmãos mais novos em vez de irem à escola ou estarem no IAC ou a fazer a limpeza, ou fazer o comer ou a cuidar dos manos pronto dá muito mais jeito isso do que ter uma técnica do IAC lá a telefonar ou a bater à porta o nosso papel é um bocadinho inquietar também estas situações e que por vezes não somos vistos com muitos bons olhos mas nós não estamos ali para fazer amizades no sentido de agradar a toda a gente estamos ali para fazer o nosso trabalho é isso que nos temos que ter em mente e em consciência e essse é o nosso papel se é preciso sinalizar à comissão sinalizamos, se é preciso ir lá bater à porta três vezes vamos bater à porta três vezes e é isto que a equipa tem também que estar muito consciente e é isto que as pessoas a pouco e pouco vão percebendo que independentemente de ser mais agradável ou menos o nosso papel é pôr a criança em primeiro lugar e as vezes é um papel um bocadinho incomodativo, mas faz parte já estamos habituados.

De uma maneira geral, as pessoas ali na comunidade ali no bairro tem uma boa imagem do IAC e sabem quais são os meninos pelos quais nós estamos lá e a partir do momento que encaminham para nós aquelas situações que são muito difíceis pegar que já estão quase em fim de linha essas a são as que as pessoas nos encaminham portanto, o nosso papel está definido e interiorizado por parte das pessoas e isso é bom.

Por outro lado, às vezes chega a um determinado ponto que nós incomodamos, os parceiros também sabem qual é o papel do IAC e como é que nós trabalhamos. Portanto, o retorno penso que no geral é bastante posistivo.

**Entrevistadora - Agora fugindo um bocadinho para outro tema. Respectivamente a formação profissional são desenvolvidas algum tipo de formação para os técnicos e se são por quem?**

C1 - Sim nos fazemos sempre, portanto proporcionamos muito aos técnicos a possibilidade ir a seminários e a encontros o que dá sempre tem sempre dois lados, possiblita o sair do local, do espaço e do bairro e ver outras caras ver outro ambiente ouvir outras coisas e isto faz bem, faz falta de vez em quando e depois sempre se aprende alguma coisa com as experiências dos outros que são contadas ou seja teorias ou investigações o que for sempre se aprende alguma coisa que agente sempre pode aplicar na nossa prática.

Por outro lado, vamos sempre proprcionando algumas acções mesmo de formação quando tivemos o tráfico de seres humanos estou a falar agora das mais recentes, mas temos tido ao longo dos anos quando foi a questão das crianças desaparecidas quando surgiu esta nova terminologia também tivemos formação para equipa vamos sempre proporcionando e o IAC aí também é sempre muito flexível portanto disponibiliza o dia de trabalho, dispensa as pessoas do dia de trabalho para irem aos seminários para irem às formações, prepara as inscrições e nós aqui tentamos gerir um bocadinho porque hoje em dia essas coisas são bastante caras, bastante dispendiosas pronto e de uma maneira geral a equipa também procura, estão sempre a queixar-se e acham que têm pouco mas temos que olhar um bocadinho para o que está à nossa volta e perceber que há outras entidades que não dão dispensa aos funcionários para irem a seminários e a encontros como nós estamos a ir a toda hora e o IAC nessa parte disponibiliza bastante as pessoas para isso e até incentiva que as pessoas vão.

E quando são coisas que são organizadas por nós aí temos dois papéis, estamos na organização e na preparação, mas nunca é a equipa toda é alguma parte da equipa são alguns elementos e depois os outros são sempre convidados a assistir e a participar porque nem sempre somos nós a preparar e a organizar, mas às vezes são convidados externos como é o caso do curso de animadores e tudo.

Pronto há elementos na equipa, nós em termos da equipa fazemos sempre questão que as pessoas vão ao curso de animadores pelo menos um ou dois dias dependendo dos temas porque é sempre uma lufada de ar fresco é importante.

Mas estão sempre a queixar-se, e depois quando é o curso de animadores é uma guerra porque não querem ir e porque tem que ir e porque são obrigados enfim (risos).

Entao o tipo de formações que são realizados tanto é externas como internas

São temas ligados a nossa intervenção, são temas ligados as necessidades que vamos sentido também que os tecnicos tem essa necessidade em termos do trabalho que tem de terreno, portanto tentasse ir ao encontro do que é actual não é para haver essa actualização e também as necessidades do dia-a-dia.

**Entrevistadora - A frequência dessas formações?**

C1 - Todos os meses há sempre seminários, há sempre encontros que as pessoas vão. Não digo que todas as pessoas vão todos os meses, mas porque nós também somos muitos e não podemos ir todos ao mesmo tempo, mas vamos sempre rodando e vamos sempre dando oportunidade a que as pessoas vão e, até tínhamos uma iniciativa no âmbito aqui da equipa das redes que se chamava o partinado que era quando há alguma coisa de muito interesse vai uma ou duas pessoas e essas pessoas depois preparam e depois partilham com o grande grupo pronto ultimamente não temos feito isso, mas houve uma altura que fazíamos muito esta questão do partinado porque havia coisas interessantes e não podiam ir os trinta.

**Entrevistadora - Até porque depois havia o trabalho, não é? E as situações ...**

C1 - Ficava tudo pendurado e às vezes também havia custos envolvidos e tínhamos que fazer ali alguma selecção mas pronto tentavasse que fosse uma pessoa ou duas e depois essas pessoas preparavam e faziam uma apresentação numa manhã o numa tarde uma pequena partilha.

**Entrevistadora - Considera que existe aplicabilidade entre a teoria e a prática relativamente às formações que são desenvolvidas?**

C1 - Sim, sim.

**Entrevistadora – Os técnicos já percebi que sim que apelam as formações e gostam de ir e tudo mais e nessse sentido eles por vezes sugerem algum tipo de formação, algum tema?**

C1 - Depende das pessoas, mas há pessoas que pedem coisas específicas e tentasse encontrar.

**Entrevistadora - Para além disso também como já aqui falado o IAC também prepara conferências e seminários e isso também é uma preocupação face às exisgências superiores.**

C1 - É exactamente.

**Entrevistadora - No que diz respeito às parcerias. Quais sao as parcerias e as relações externas que estão relacionadas com o CDIJ Oriental? [Câmaras, escolas...]**

C1 - Nós temos uma relação próxima com as escolas que os nossos meninos frequentam fazemos trabalho mesmo nas escolas e com as escolas estamos representados na comissão lisboa oriental, comissão de protecção de crianças e jovens estamos também na Comissão de social freguesia que é uma parte mais descentralizada da rede social mais an (pensando) temos relação, parceria com a Misericórdia, com centros de saúde, com serviços de psicologia tudo aquilo que é necessário para acompanhamento dos nossos casos vamos tendo essa relação com esses parceiros a nível loca e a nível dos vários casos.

Depois a equipa de umas vezes mais directa ou menos indirecta acaba por beneficiar também das parcerias do IAC no geral está integrado na estrutura e beneficia todo o tipo de parcerias.

**Entrevistadora - Que tipo de colaboração estas parcerias promovem à equipa?**

C1 - Que tipo de colaboração?

**Entrevistadora – Sim. Se promovem, por exemplo, a nível financeiro, se promovem espaços...**

C1 - É um pouco de tudo, é um pouco de tudo é no acompanhamento dos casos, algumas é apoio financeiro, algumas é apoio logístico para determinadas acções é conforme.

**Entrevistadora - Deriva relativamente à situação.**

C1 - À situação e ao tipo de parceiro que também que é pode ou não promover.

**Entrevistadora - Pontos fortes relativamente ao CDIJ Oriental, as vantagens, os contributos.**

C1 - O facto de estar numa comunidade e ter uma equipa reconhecida com experiência e ter uma porta aberta para o apoio às famílias e às crianças.

**Entrevistadora - Principais constrangimentos e dificuldades?**

C1 - Precisavamos alguém do sexo masculino faziam falta na equipa haver alguém do género masculino porque é só mulheres. Outro constrangimento que eu acho que existe tem a ver com o facto por vezes por estar muito na comunidade e porque já está muitos anos e já conhece muitas pesssoas acaba por haver alguma promiscuidade entre aspas com a relação com o grupo-alvo há uma proximidade que também toca o excessivo e isso pode ser prejudicial para a intervenção, pode ser prejudicial para o trabalho pronto, mas isto é assim é muito difícil de controlar, é muito difícil de gerir cada pessoa é que tem que desenvolver de alguma forma ali algum bom senso, ali um equilíbrio para não deixar que isto aconteça para não deixar se envolver demasiado de modo a já ser tu cá tu lá não é?

Porque isto depois quando trabalhamos com pessoas essa sensibilidade toca-nos também a nós porque também somos mães, somos pais, somos filhos, somos irmãos, e acabamos por nos identificar naturalmente mais com umas pessoas ou mais com outras e inconscientemente ou por vezes conscientemente as coisas acabam por às vezes pronto para mim dos constrangimentos é um bocadinho por aqui.

**Entrevistadora - Para superar tais situações nesse sentido, já falou aqui um bocado do facto de haver um crescimento pessoal em cada pessoa ...**

C1 - Eu também já fui referindo isso anteriormente, há esse crescimento pessoal que é algo que pode ajudar, a questão da supervisão que também é algo que ajuda an, e também às vezes as mudanças, mudar elementos de equipa também pode ser uma vantagem porque traz sangue novo, desinstá-la-nos há várias coisas que se podem pensar a este nível e que depois tem é que se ponderar os prós e os contras porque tudo tem os dois lados não é? E então é uma questão de ir gerindo um bocadinho tudo isto.

**Entrevistadora - Considera que existe algum aspecto que possa ser melhorado, existe alguma vontade nesse sentido?**

C1 - Em termos da equipa?

**Entrevistadora - Sim da equipa ou do trabalho que desenvolvem.**

C1 - Eu já referi também que gostava que tivessemos o tal projecto *Educar e Formar*, acho que é importante termos uma resposta concreta, mais concreta do que temos. Acho que seria por aí.

**Entrevistadora – Quais são as perspectivas de futuro face à intervenção da equipa e respectivos resultados que gostariam de alcançar? Novas ambições,**

C1 - Gostaríamos de ver se calhar algumas famílias mais autónomas da nossa intervenção algumas famílias a não necessitar do nosso apoio, da nossa ajuda para podermos estar mais disponíveis para outras; gostaríamos se calhar de ver esse tal projecto novamente ali em acção no bairro, dar resposta a jovens que estão a descoberto da escola e de outro tipo de respostas; gostaríamos de ter a colaboração de algumas famílias no *feedback* que dão a  a nossa intervenção no sentido de cooperarem e darem passos para a mudança, pronto penso que seria um bocadinho aqui nesta linha.

**Entrevistadora - Para finalizar, gostaria de acrescentar algum aspecto ou algum esclarecimento complementar relativamente às questões que foi aqui respondendo?**

C1 - Acho que não, acho que já falei bastante penso que está completo, penso que esteja completo.

**Entrevistadora – Então, sendo assim, só tenho a agradecer o facto de me ter proporcionado este momento, esta entrevista e desejo tudo de bom e quem sabe esse projecto venha outra vez a ser relançado.**

C1 - Espero que sim (risos).

**Entrevistadora - Muito obrigado,**

C1 - Obrigado eu.

**Entrevistadora -Tenha um bom dia.**

C1 - Bom dia.

# Breve descrição da Entrevista à Coordenadora de Equipa CDIJOriental – *Projecto Rua*

A entrevista realizada teve como finalidade caracterizar a instituição em que estou a concretizar o estágio, bem como caracterizar o projecto no qual estou inserida. Esta entrevista foi realizada à Coordenadora da equipa do Centro de Desenvolvimento de Inclusão Juvenil Oriental (CDIJ Oriental), uma das equipas que integra o *Projecto Rua – Em Família para Crescer*.

A primeira parte da entrevista deteve como foco o perfil académico e profissional da Coordenadora. Esta é licenciada em Política Social no Instituito Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa e, para além da sua formação académica, foi realizando ao longo do seu percurso profissional formações relacionadas com a sua profissão – "(...) sempre ligada à área dos menores, crianças em risco sempre nessas vertentes.". Detém ainda formação em inglês e técnicas de arquivo.

A entrevistada assume funções como responsável de equipa do *Projecto Rua – Em Família para Crescer* e, desempenha como principais actividades diárias o *"acompanhar e direccionar de alguma forma a intervenção da equipa pela qual sou responsável, no fundo e tentar assegurar que os objectivos que estão definidos para a equipa (...) não são esquecidos e não são deixados de lado"*. Também estabelece um papel de representatividade, quer do Projecto, quer do Instituto de Apoio à Criança (IAC) com os vários parceiros locais, nacionais e, ainda, internacionais assegurando candidaturas, participação em projectos, entre muitos outros assuntos.

No que diz respeito ao percurso profissional da entrevistada, esta iniciou a sua experiência profissional em 1994 no Instituto de Apoio à Criança, logo após ter finalizado a sua licenciatura. Exerceu a sua profissão até 1997 e, em seguida encontrou-se ausente trabalhando numa outra instituição desde esta data até 2000. Ano último que voltou a reentrar no IAC como responsável de equipa, tendo ao longo destes catorze anos chefiado várias equipas, mas sempre na zona oriental. Actualmente, encontra-se assim com a equipa CDIJ Oriental.

Os catorze anos profissionais da Coordenadora tiveram início com funções de secretariado junto à Coordenadora Geral do Projecto Rua – *"(...) dava uma ajuda em termos dos arquivos, da documentação, havia muitos projcetos internaionais que eram*

*necessários as traduções vinham muitos parceiros externos em que o inglês era a língua utilizada e eu dava muito apoio a esse nível (...)"*.

Posteriormente, passou a designar funções de chefia numa residência de transição instituída pelo IAC que tinha como finalidade acolher crianças e jovens para pernoitarem durante uma fase até regressarem à família ou integrarem uma instituição.

Seguidamente, desempenhou como técnica de área social funções de acompanhamento às famílias que integravam a comunidade localizada no Bairro 6 de Maio, na Damaia.

De regresso, após uma pausa de dois anos fora do IAC, mais concretamente do *Projecto Rua*, a entrevitada refere que passa a chefiar duas equipas que actuavam na zona Oriental de Lisboa, nomeadamente, a equipa do Bairro do Condado e a equipa do Pátio 208. Esta última equipa deixou de existir, uma vez que o bairro sofreu alterações e as pessoas foram realojadas e integradas para equipas que já existiam nos respectivos bairros de realojamento.

Outra das funções executadas pela entrevistada, para além de manter a coordenação da equipa do Bairro do Condado, tal como menciona, foi chefiar a equipa de rua, *"a equipa que faz trabalho de rua os giros diurnos e nocturnos com a carrinha, tínhamos a equipa da carrinha e também estava com a equipa da carrinha (...)"*. Esta foi uma altura em que existiu uma grande actividade profissional, exigindo as mais diversas funções, por parte da coordenadora – *"(...) uma altura de loucura (...)"*.

Seguidamente a esta altura mais agitada e, face a uma reestruturação interna, a coordenadora passou somente a ser responsável pela equipa do Bairro do Condado, assumindo também a coordenação do Projecto *"Educar e Formar para Inserir"*que estava a ser desenvolvido nessa mesma altura na zona Oriental com a respectiva equipa.

Como explica a entrevistada este projecto consistia no desenvolver as áreas de competências sociais e a atribuição da escolaridade aos jovens que implicava a articulação de várias entidades e parceiros, tais como: DGRS, Comissão e Protecção de Menores, Escolas, Empresas, entre outros.

Após o projecto *"Educar e Formar para Inserir"* ter terminado, a coordenadora refere que assumiu a responsabilidade de um outro, juntamente com a sua equipa, designado pelos projectos da medida PIEF *"Programa Integrar Educação Formação".* Este caracterizava-se pelo apoio a turmas identificadas com alunos problemáticos, a fim de desenvolver práticas que proporcionassem a aquisição da escolaridade obrigatória.

Actualmente, a entrevistada refere que a intervenção da sua equipa encontra-se mais tranquila, sem deixar de executar os objectivos propostos nos protocolos existe uma flexibilidade face aos projectos existentes de direccionar o trabalho produzido pela equipa.

Num segundo momento da entrevista, pretendeu-se caracterizar o Instituto de Apoio à Criança. Como mencionado pela Coordenadora, o IAC foi criado em 1983 *"(...) por um grupo de pesssoas com a mais variada área intelectual profissional médicos, advogados, professores, juristas, educadores muitas pessoas ligadas a estas áreas de estudo."*. Extrai-se também que o Dr. João dos Santos é o sócio-fundador do IAC que idealiza e constroí a visão através de um documento intitulado *"Instituto da Criança uma Utopia Possível"* que entrega e partilha com a Dra. Manuela Eanes.

O Instituto de Apoio à Criança surge *"numa linha de pôr toda a comunidade a trabalhar para a criança"* com a finalidade de promover os direitos e deveres da criança. Assume-se como uma Instituição de superior interesse social, IPSS com um acordo interministerial e tem como áreas de intervenção os seguintes sectores: *SOS Criança*; *Actividade Jurídica*; *Actividade Lúdica*; *Humanização*; *Cuidados de Saúde para as crianças*; *Projecto Rua*; e o *CEDI – Centro de Documentação e Estudos sobre a infância.*

Compreende-se que o IAC detém um diverso leque de parcerias que apoiam o desenvolvimento do seu trabalho, que se estende desde o nível micro – *"entidades a nível local de acordo com zona geográfica de intervenção de cada equipa"* – ao nível macro – *"parcerias a nível dos ministérios para lá da questão do acordo interministerial, as escolas, a polícia (...)"*.

Relativamente aos profissionais que constituem esta instituição, a entrevistada afirma que *"é uma equipa bastante grande, é uma equipa multidisciplinar (...)"* desde psicólogos, assistentes sociais, educadores, animadores, professores destacados pelo Ministério da Educação, psicólogos abrangendo uma diversidade de formações que se tornam complementares, mas que atende um esforço maior para que a especificidade de cada um não seja um contratempo nas tomadas de decisão.

Quando questionada acerca da acção de voluntários junto do IAC, a coordenadora expressou que já tinha existido esse recurso, mas actualmente não têm voluntários quer pela dificuldade de encaixar o próprio voluntário nas rotinas, actividades e casos complexos com os quais intervêm, quer pela mentalidade de que o voluntário dá aquilo que pode e a instituição tem que estar sempre disponível para o receber.

O terceiro momento da entrevista encontra-se direccionado para a caracterização do *Projecto Rua – Em Família para Crescer*. Este projecto surgiu em 1989 com o objectivo inicial de retirar e apoiar as crianças que viviam na rua, através da utilização da figura do animador, *"(...) um jovem informal de idade relativamente próxima às crianças que estavam na rua (...)"*.

Representa um dos sectores do IAC que contém várias equipas com uma intervenção multidiscipilinar, assumindo como traços da sua metodologia "ir ao encontro e estar com", tal como referiu a Coordenadora.

O trabalho desenvolvido por este projecto reúne uma grande dimensão de intervenções que passa por *"(...) trabalho de rua, trabalho com a comunidade, trabalho com a carrinha, trabalho dia, trabalho à noite, a parte de redes sociais tudo o que é projectos internacionais, a rede construir juntos (...) acompanhamento individual de várias situações, trabalho com as escolas (...)"*. A base das suas intervenções assenta na promoção dos direitos e deveres das crianças e direcciona-se quer para crianças e jovens, quer para as respectivas famílias envolvidas.

Relativamente ao trabalho desenvolvido pelos educadores sociais, este torna-se complementar face ao do técnico de serviço social, uma vez que o primeiro promove as actividades, os treinos de competências e estabelece uma relação mais directa com a criança/jovem, proporcionando *"o outro lado mais da pedagogia, do olhar da educação"*, tal como afirmou a entrevistada.

Relativamente às dificuldades sentidas pelos educadores sociais foi possível reter que o facto de existir uma grande variedade face aos graus académicos dos elementos constituintes do projecto e demais actores interveninentes do mesmo, nem sempre é fácil gerir as tomadas de decisão a proceder, devido aos diferentes olhares, perspectivas de cada um. Outra das dificuldades passa pela resolução dos casos, isto é, muitas das vezes a solução de um caso é bastante explícita para os profissionais, mas para a pessoa em questão a solução pode ser interpretada de outra maneira e até mesmo demorar mais tempo que o suposto para atender a sua resolução.

Quanto aos pontos fortes deste projecto, a Coordenadora realçou o facto de existir uma equipa que trabalha já há muitos anos, com uma enorme experiência de terreno, de situações que permite manter a coesão e a fidelidade do trabalho produzido junto das pessoas que acompanham.

O quarto momento da entrevista incidiu na caracterização de uma das equipas do *Projecto Rua*, nomeadamente, a equipa com a qual estou a desenvolver o meu estágio, Centro de Desenvolvimento de Inclusão Juvenil – Oriental (CDIJ Oriental).

A referente equipa é composta por cinco elementos: três animadoras sociais e duas educadora sociais e a sua intervenção insere-se no Bairro do Condado, zona Oriental de Lisboa.

O seu público-alvo são os residentes do bairro em que se encontram: crianças e jovens e respectivas famílias *"(...) que, de alguma forma, apresentam contextos vulneráveis a nível familiar, pessoal e social (...)"*, como mencionado pela entrevistada.

Respeitante aos objectivos desta equipa, estes estão integrados na planificação anual produzida pela equipa e sua coordenadora correspondente, mas muitas vezes passam por uma revisão semestral de modo a ajustar face às necessidades da intervenção.

Encontram-se estruturados a partir da definição de uma finalidade, objectivo geral, objectivo específico e meta e, a título de exemplo, a Coordenadora destacou: *"(...) realizar, por exemplo, quatro animações de intervalo ao longo do ano lectivo; acompanhar todas as situações sinalizadas pela escola ou dar encaminhamento a essas situações; participar no grupo escolas a nível da Comissão Lisboa Oriental em representação do IAC, Projecto Rua; ajudar os jovens a elaborar currículos e a procurar emprego, formação profissional (...)"* como objectivos e actividades desenvolvidas pela equipa.

Os modos de trabalho desta equipa caracterizam-se por uma forte ligação entre os vários elementos, devido ao trabalho desenvolvido desde há muitos anos e também a partiha de experiências vivenciadas no mesmo local. Semanalmente têm uma reunião de equipa, na qual todos os elementos participam para relatar os casos, as situações da semana e, prenunciarem-se sobre as questões, necessidades específicas do caso em que estão a trabalhar.

As estratégias utilizadas para o procedimento da intervenção desta equipa advém da experiência e do trabalho anteriormente desenvolvido, tendo por base a metodologia de "estar com e ir ao encontro", tal como a Coordenadora referiu quando questionada acerca das metodologias do Projecto Rua no seu todo.

A planificação das actividades, tal como os objectivos, estão delineadas na planificação estruturada anualmente. Semanalmente também é registada uma planificação nas respectivas reuniões de equipa *"(...) que tem por base essa*

*planificação geral do ano e os objectivos e as metas que são seguidas para cada grupo de trabalho (...)"*, como referiu a entrevistada.

As actividades desenvolvidas assumem, maioritariamente, um carácter lúdico – *"(...) treino de competências, toda a parte dos ateliers, saídas e visitas e passeios (...) animações de rua (...)"* – contendo ainda, um outro lado mais técnico a nível do aompanhamento psicosocial individual – *"(...) contactos telefónicos, elaboração dos relatórios e informações sociais para enviar para os parceiros articulação com a misericórdia, centros de saúde, com dentistas, com o trinunal, com as equipas que acompanham o tribunal, com PSP, com a DGRSP (...)"*

No que diz respeito à formação profissional, a entrevistada refere que os profissionais da sua equipa, bem como os restantes participam frequentemente em seminários e conferências sejam estes proporcionados quer a nível externo, quer a nível interno. Os momentos de formação são encarados como *"uma lufada de ar fresco"* relativamente à possibilidade de renovação de conhecimento e de ambiente.

As parcerias, relações externas envolvidas na actuação desta equipa são constituídas por várias entidades locais e também pelas diferentes parcerias ligadas a toda a extensão de serviços do Instituto de Apoio à Criança – *"(...) Comissão Lisboa Oriental, Comissão de Protecção de Crianças e jovens estamos também na Comissão de social freguesia que é uma parte mais descentralizada da rede social (...) temos relação, parceria com a Misericórdia, com centros de saúde, com serviços de psicologia (...)".*

Quando questionada acerca das potencialidades da equipa, a entrevistada refere que as potencialidades passam pelo facto de a equipa se encontrar instalada numa comunidade e ser reconhecida pela sua experiência e apoio que fornece às crianças e famílias. Já os constrangimentos, a entrevistada foca a falta de um técnico do género masculino e a longa permanência da equipa na comunidade que, consequentemente, leva à existência de uma grande proximidade entre as pessoas e os técnicos, o que por vezes pode tornar mais difícil a intervenção dos casos.

Ao finalizar a entrevista, a Coordenadora partilha que algumas das suas perspectivas de futuro seria voltar a implementar o projecto "*Educar e Formar para Inserir"*, a fim de proporcionar uma resposta mais alargada para os jovens afastados da escola e, ainda obter famílias com uma maior autonomia e independência face à intervenção da equipa.

**Guião de Entrevista – Educadoras da Equipa CDIJ Oriental IAC**

**Objectivo Geral:**

- "Caracterizar que profissionais desenvolvem o trabalho de intervenção da equipa CDIJ Oriental."
- "Compreender o processo de formação dos profissionais da equipa CDIJ Oriental."

**Objectivos Específicos:**

- "Identificar o percurso de educação/formação da educadora."
- "Conhecer como é que a formação não-formal é adquirida no desempenho do seu trabalho."
- "Compreender como é que a educadora aprende."
- "Extrair as motivações para o exercício da profissão da educadora."

| Categoria | Subcategoria | Indicadores |
|---|---|---|
| **1. Legitimação da entrevista** | **1.1. Contextualização e objectivos de entrevista** | 1.1.1. Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respectivos objectivos |
| | **1.2. Motivação do entrevistado** | 1.2.1. Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do trabalho |
| | **1.3. Confidencialidade e anonimato** | 1.3.1. Garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos |
| | **1.4. Autorização para a gravação áudio** | 1.4.1. Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise. |

| | | |
|---|---|---|
| **2. Perfil Formativo do Entrevistado** | **2.1. Caracterização da formação académica** | 2.1.1. Qual a sua formação inicial [académica]? Que habilitações possui? Qual a sua área de formação inicial? |
| | | 2.1.2. Que conhecimentos/aprendizagens significativas desenvolveu no decorrer da sua formação inicial que lhe são hoje úteis para o seu trabalho? |
| | **2.2. Caracterização da formação profissional** | 2.2.1. Detém algum tipo de formação profissional contínua específica para o trabalho que leva a cabo? [Quando e quem a promoveu?]<br>2.2.2. Que temas, actividades, pessoas estiveram relacionadas com essa formação?<br>2.2.3. O que acha que aprendeu de significativo nessa formação? |

| | | |
|---|---|---|
| **3. Percurso Profissional** | **3.1. Caracterização do percurso profissional** | 3.1.1. Quando, em que sector/projecto, com quem é que iniciou a sua actividade profissional no Instituto de Apoio à Criança? [Pedir ainda razões/motivações?]<br>3.1.2. Pode descrever momentos do seu percurso profissional desde o início até ao presente que foram particularmente importantes para o que faz e como o faz hoje em termos profissionais? [Contextos, pessoas, espaço físico e temporal]<br>3.1.3. Que aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional gostaria de destacar e porquê? |
| | **3.2. Caracterização da actividade profisional** | 3.2.1. Quais as actividades que desempenha no seu dia-a-dia? [Descrever um dia típico]<br>3.2.2. Que aspectos destaca da sua actividade profissional? Que dificuldades, constrangimentos enfrenta e como os ultrapassa?<br>3.2.3. O que é que aprendeu no passado com o seu trabalho que hoje é muito importante para o que faz diariamente?<br>3.2.4. Considera que existiram mudanças na sua prática de intervenção como [Educadora] desde que iniciou até à actualidade?<br>3.2.5. Houve pessoas importantes no percurso |

| | | |
|---|---|---|
| | | da sua vida actividade? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos?<br>3.2.6. Que relevância tiveram essas aprendizagens?<br>3.2.7. Houve momentos particularmente importantes no seu percurso profissional? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos? |
| **4. Do sonhar ao realizar** | **4.1. Desejos do passado** | 4.1.1. Qual a profissão sonhada na sua infância?<br>4.1.2. Que profissão era desejada pelos seus pais? |
| | **4.2. Razões/Motivações** | 4.2.1. Existiu algum factor determinante na escolha da sua formação inicial? E da sua profissão?<br>4.2.2. Que motivações acompanharam a escolha que ainda se reflectem no presente? |
| **5. Questões finais** | **5.1. Perspectivas de futuro** | 5.1.1. Como visualiza o seu futuro?<br>5.1.2. Pretende desempenhar novas acções na sua profissão? E nesta instituição?<br>5.1.3. Tem algum projecto, desejo específico que queira ver realizado? |
| **6. Considerações finais e agradecimentos** | **6.1 Informações adicionais** | 6.1.1. Gostaria de acrescentar algum aspecto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas? |
| | **6.2 Agradecimentos** | 6.2.1. Formular os agradecimentos e a colaboração prestada. |

# Transcrição de Entrevista (E1)

**Entrevistadora – Boa tarde! Antes de mais, muito obrigado por aceitar a realização desta entrevista. Pretendo com esta entrevista realizar o meu trabalho académico que tem a ver com a formação ao longo do seu trabalho profissional, como foi aprendendo ao longo desse percurso.**

**Entrevistadora - Qual a sua formação inicial? Que habilitações possui?**

E1 – A minha formação quando vim para o *Projecto Rua* em noventa tinha acabado de fazer o décimo segundo ano de escolaridade e estava a melhorar uma nota para entrar na faculdade. O meu sonho teria sido sociologia ainda é o curso do meu sonho assim aquele que ainda faria algum dia ou que puderei vir fazer algum dia seria sociologia. Portanto tenho o décimo segundo ano de escolaridade.

**Entrevistadora - Tem alguma formação inicial específica?**

E1 - A minha formação inicial não foi bem inicial eu sei que quando integrei o projecto rua na altura e, ainda hoje faziam-se muita formação de animadores na altura chamava-se curso de animadores do *Projecto Rua.* Participei em muitos era uma formação diferente de agora. Agora é mais participativa, os participantes participam e na altra era quase aulas iam lá os professores, os catedráticos iam dar quase aulas era muito o método expositivo e muitas formações eu já nem me lembro em que participei mas se tivesse tudo no meu currículo daria um grande, um grande número de certificados de formações. Tirei também acerca de seis anos o curso de formação de formadores, pronto tenho o CAP e é muito isso.

**Entrevistadora - Ao nível dessas formações que foi tendo que conhecimentos/aprendizagens retirou e que achou importante e significativas para depois colocar no seu trabalho actualmente?**

E1 - É assim é sempre bom ouvir outras pesssoas a falar porque nós às vezes quando estamos no terreno estamos de tal forma embrunhadas naquilo que fazemos que as vezes não temos discernimento para pensar para ver com outro olhar e é sempre bom ouvir de fora alguém que nos dê pistas novas porque eu continuo  achar e a minha

experiência diz-me que [não se percebe] e, pronto havia um menino que eu acompanhei há uns anos atrás dizia que já estava tudo inventado há é que inovar esssas invenções. O que eu acho é que ao longo da minha vida profissional ir tendo alguém para me ajudar a reflectir sobre aquilo que eu estou a fazer ou fazer desta forma e daquela acho que isso ajuda. Além, disso gosto muito de ler, gosto muito de pesquisar e apesar de não ter um curso superior sou uma pessoa que se preocupa muito de ler [estar informada] sim sempre, mesmo ao nível de temáticas eu gosto muito dessas coisas.

**Entrevistadora - Pegando agora, por exemplo, no curso de formadores. Apesar de ter aquela exposição toda sente que alguma coisa que chame a atenção do que ouviu, do que teve em contacto?**

E1 - O curso formação de formadores aquilo é muito, além de amplo não fala eu quando tirei o curso não falou sobre o grupo alvo que eu trabalho, não é o curso de formação de formadores é para me capacitar para dar formação. Nesse curso aprendi que não devemos alguns tiques que não devemos ter quando estamos a dar formação, formas de abordagem diferentes, pronto aprendi algumas coisas. Se bem que o que eu acho que ajuda muito é a experiência e ir aprendendo com  a experiência e também ir pesquisando. Por exemplo há temáticas e às vezes há tipos de problemas que é importante a pesssoa pesquisar como deve ouvir a outra pessoa, tudo tudo é importante não foi só o curso de formação de formadores que me deu essa, ajudou foi mais uma componente.

**Entrevistadora - E o de animadores?**

E1 - A destacar é novamente a abordagem das temáticas que eu acho que é importante. Ouvir outras pessoas a falar das temáticas, um outro olhar.

**Entrevistadora - E essas pessoas estavam no terreno?**

E1 - Algumas estavam, sim. E a experiencia dos outros acho que é importante.

**Entrevistadora - A nível da formação profissional teve alguma tipo de formação contínua específica durante os anos que integra o Projecto Rua?**

E1 - Contínua? Específica?

**Entrevistadora – Aquelas formações que vão fazendo anualmente, ao longo do ano vão tendo seminários, conferências.**

E1 – Ah! Temos muitas, muitas. Todos os anos temos. É assim não te consigo enumerar, não me lembro de todo em quantas e qual é que foi a mais relevante que tive.

**Entrevistadora - Essas formações quem é que promove?**

E1 – Normalmente chega a informação ao *Projecto Rua* de que vai haver esse seminário ou esse colóquio ou *whatever* e tu vês vês se te interessa se vai ao encontro daquilo que gostavas de participar increveste e vais.

**Entrevistadora - E por norma são temas que estão ligados ao trabalho que fazem?**

E1 - Sim, sim.

**Entrevistadora - Nessas formações o que é que aprendeu o que é que retirou que depois senti que fosse significativo naquilo que faz no seu dia-a-dia?**

E1 – Eu acho que aprendesse sempre muita, mas muita coisa para ti nada.(risos) Conhecer melhor o grupo-alvo com que eu trabalho, as caracteristicas, as novas abordagens que existem porque está sempre haver novas abordagens tudo isso me ajudou. Mas em complemento a isso uma das coisas que me enriqueceu imenso é o contacto diário com o grupo alvo que também me ensinou muita coisa muita, muita, muita.

**Entrevistadora - Essas formações ao longo do trabalho envolviam a que tipo de pessoas? Os temas já ...**

E1 - Estavam ligados às problemáticas do grupo-alvo que trabalho. Lembro-me que uma delas que fui fazer foi sobre a toxicodependência, as novas drogas que me preocupa que me interessa que é um factor do grupo-alvo e também tenho uma filha adolescente e gosto também sempre de saber estar informada. An, agora...

**Entrevistadora - A nível de temas estava a dizer a toxicodependência. Depois as pessoas que estão envolvidas são externas ou não?**

E1 - A maior parte das vezes são externas e são peritos nessas temáticas. Mas muitas vezes, o que eu acho que ultimamente me tem acontecido assim é bom sair, mas ouvesse mais do mesmo as temáticas já começam a ficar demasiado batidas.

**Entrevistadora - Quando em que sector ou projecto com quem é que iniciou a actiividade profissional no Instituto de Apoio à Criança?**

E1 – Eu iniciei em Novembro de 90, 1990 e o *Projecto Rua* tinha iniciado Julho de 89. Eu comecei quase do inicio, o meu trabalho começou estive cerca de cinco seis anos não sei se mais a trabalhar com os meninos de rua que na altura existia um grande número de meninos de rua a dormir nas grelhas de metro, a cheirar a cola, arrumar carros, a mendigar, a vender pensos enfim aqueles "feios, porcos e maus" aquilo existiam e estavam lá na baixa e eu trabalhei lá na baixa.

Posteriormente com o crescer do trabalho, com o evoluir começou se a tentar estancar o fluxo dos meninos tentando agarrá-los ou trazê-los paras as comunidades de que eram orinundas eu lembro-me que estive na Cova da Moura, tive no Bairro do Zambujal mas a minha equipa com quem trabalhava éramos jovens com 20, 21 anos era a equipa aqui de Chelas, ou seja, o nosso objectivo foi um bocado cativar os miúdos a permanecer no local de residência deles e foi Chelas e por isso é que depois vim para cá e resultou na altura depois o fluxo começou a diminuir porque havia muitos jovens de Chelas na rua.

**Entrevistadora - A nível de motivações o que é que a motivou para entrar no Instituto de Apoio à Criança?**

E1 – Eu quando vim, vim um bocadinho às escuras era o que eu te disse estava a melhorar uma nota tinha feito a prova geral de acesso e tencionava candidatar-me à universidade. Vim um bocadinho como uma jovem de 20 anos integrei-me num grupo de jovens da mesma idade que eu, com os mesmos interesses, com as problemáticas dos meninos de rua e em que nós com 20 anos achamos que podemos salvar o mundo seja agora ou antigamente eu acho que isso me mantém e pronto achei que podia eu e todos puderíamos ser a diferença na vida de alguns jovens foi isso que me motivou. E depois também não segui o grau, a vida académica porque comecei a ganhar o meu dinheiro a trabalhar cá ainda me candidatei à universidade no ano a seguir e depois quando

começei a avaliar vou ter que voltar a depender da minha mãe não se calhar vou para o ano para a faculdade e fui adiando e foi isso o motivo. Porque a minha família aponta-me muito o dedo e tenho a minha mãe, por exemplo, que tem essa mágoa muito grande que eu devia ter deixado de trabalhar e deveria ter continuado a vida académica e além disso no meu tempo à vinte e tal anos atrás agora há os horários pós-laboral e na altura não havia essas coisas assim e era muito menos a oferta e eu tive que optar. Mas, o que me motiva e ainda hoje me move é acreditar acima de tudo nestes miúdos, acreditar nas competências deles e que eles conseguem.

**Entrevistadora – Já foi falando um bocadinho, mas gostava que fosse descrevendo momentos do seu percurso desde o inicio até ao presente e que essses momentos tivessem uma particularidade para si. Fossem importantes, significativos daquilo que foi vivendo com os contextos com as pessoas, com as experiências, os espaços físicos.**

E1 - É assim aquilo que foi importante ao longo do tempo no início era muito a equipa que tinham a mesma idade que eu, tínhamos os mesmos interesses. Nós costumávamos sair, pronto o trabalho acabava sexta-feira e iamos para a noite e terminávamos no domingo à noite para depois voltarmos a trabalhar. Também era um bocadinho a disponibilidade era uma jovem cheguei a fazer espaços férias três meses seguidos. Chegava a casa e lavava a roupa pegava na mala e lá ia eu outra vez. E também é assim, em alguns casos eu sou mesmo assim de característica, até a nível particular as pessoas dizem quando já ninguém acredita tu ainda acreditas. Continuo às vezes ainda a acreditar. Tenho essa esperança que as coisas podem mudar e houve alguns casos que me marcaram bastante.

Alguns ao longo do tempo tive alguns miúdos que me marcaram que eu achei que eles podiam alterar a vida deles. Alguns sim, outros não. E dá um sabor às vezes é bom porque quando olho para trás vejo que alguns estão mal, não estão bem estão presos continuam na vida deles. Mas, há outros que olhas para eles e eles têm a vida deles mais ou menos organizada e que aquilo que tu ias dizendo dava-te a ideia que entrava a cem e saía a duzentos, mas que até fez algum sentido e mesmo aqueles que não estão muito bem e já tenho apanhado alguns que me dizem «ainda me lembro do que tu me dizias» e isso é bom sinto que alguma coisa lá ficou.

Ultimamente, tive um caso que eu acho que só para apoiar essa menina eu fiz o pino eu fiz o que podia e o que não podia. Para mim é muito difícil vinte e anos atrás falar dos casos em particular porque já me passaram centenas, pronto. Este último foi um caso que teve altos, teve baixos. Foi uma menina que foi abusada e que agora é adulta que partilhou comigo que vivemos um percurso as duas de autonomizar e melhorar a vida.

Umas vezes ia conseguindo e outras vezes ia tudo por água abaixo e agora temos uma relação espectacular, mas as coisas nem por isso estão a 100%. Mas, eu tenho a certeza que alguma lá ficou. Mas que é uma história de sofrimento muito grande e que eu tenho muita pena.

Tenho esperança que tenha aliviado um bocadinho desse sofrimento, mas tenho muita pena de não conseguir aliviar muito mais. E esse *click* dessa relação começou um dia muito giro. Ela estava aqui connosco é uma miúda que eu tinha empatia, nem toda a gente consegue ter porque é uma miúda muito violenta que reage explosivamente devido à sua história e ela disse qualquer coisa e eu disse «Ah eu gostava tanto que a minha filha fosse como tu» e ela disse «Quê você gostava que a sua filha fosse igual a mim?!» «Eu gostava!» «Mas nunca ninguém me disse isso.» «Mas eu gostava.» E acho que isso foi o *click* da nossa relação porque ela percebeu que afinal ainda alguém acreditava nela e que tinha valor. E ainda hoje particularmente, a mim como pessoa mesmo sem ser como profissional eu nunca me esqueço dela. Não há um natal, não há um dia da semana e sei que ela mesmo longe ela vai se lembrando.

**Entrevistadora - Que aprendizagens que foram realizadas na sua trajectória profissional que gostaria de destacar?**

E1 - Aprendi que com estes jovens é importante acreditar até ao fim porque se deixarmos de acreditar eles sentem isso porque nós desistimos e eles sentem isso. Uma outra aprendizagem é que eles são aquilo que a sociedade e a família acima de tudo fez deles como é que nós pudemos exigir de uma criança ou um jovem que foi abusado ou maltratado seja de outra forma diferente se não for trabalhado até mesmo muito trabalhado é difícil porque tem que se ter resiliência ou então não há é difícil é muito difícil.

Há uma coisa que gostava de ter aprendido e não aprendi que é gerir as minhas frustações agora eu estou um bocadinho mais calma  se calhar o grupo alvo está um bocadinho mais desmobilizado e quando tenho levo aquilo a sério e quando parece que

as coisas vão a andar e voltam para trás e às vezes não consigo gerir isso e às vezes levo para a família, levo comigo e tenho insónias e essas coisas todas visto a camisola e eu quando visto a camisola só vejo aquilo e às vezes mesmo a nivel particular prejudica-me porque tu depois não consegues despir-te daquilo sair dali é por isso que eu digo outros olhares às vezes é importante.

Todas as pessoas têm direito a que nós acreditemos e apostemos nelas porque nem toda a gente tem a sorte de ter vivido num ambiente onde nós vivemos e eu nem crítico porque cada um de nós somos aquilo que fizeram de nós e vão fazendo e se eu tivesse cá nascido numa família desta forma se calhar não seria assim seria de outra forma por isso temos que acreditar e eu acredito sempre que conseguimos mesmo que não mude totalmente alguma coisa lá fica e qualquer coisa pode ser o click.

**Entrevistadora - Então acha que uma das aprendizagens que foi tendo ao longo deste trabalho é que nada é uma questão perdida, não é?**

E1 - Não, não. Há sempre ganhos mesmo quando às vezes aí não valeu de nada para mim e para a pessoa eu estou sempre a aprender com o grupo alvo. Uma outra coisa que eu quero evidenciar é o trabalho de equipa que eu acho que é muito importante trabalhar em equipa é claro melhor com umas pessoas pior com outras porque nem todos nós somos iguais e temos caraterísticas e eu tenho um defeito eu as vezes sou pouco tolerante, sou muito tolerante com o grupo alvo, mas sou pouco tolerante com as pessoas que trabalho ao meu lado porque acho que temos que estar ali a serio e pronto e com responsabilidade e estamos ali para aquilo e sou pouco tolerante eu ei que tenho esse defeito às vezes tento melhorar mas nem sempre consigo e depois tenho aquele problema de ser desbocada e dizer as coisas e acho que acabo por magoar alguém, mas depois também tenho a humildade de assumir.

**Entrevistadora - Quanto à actividade que exerce eu sei que pelo que observo que é complicado descrever um dia típico, mas descrever as actividades que faz.**

E1 - Um dia típico será receber, pronto nós trabalhamos num espaço dentro de uma comunidade com porta aberta está sempre aberta para quem quiser pedir o nosso apoio, a nossa ajuda. Um dia típico será atender as pessoas que nos procuram para encaminharmos para ajudarmos será às vezes andar aí no bairro fazer visitas domiciliárias eu costumo dizer que a minha segunda casa é aqui em Chelas vou a rua

conheço sempre alguém e alguém olha nem sei quê não sei que mais o meu dia típico será isso será fazer acompanhamentos, ir a uma escola se for necessário acompanhar os jovens, falar com uma mãe, avaliar com a escola se for preciso o dia típico é esse, o acompanhamento individual que acho que é muito importante.

**Entrevistadora - A nível de dificuldades, constrangimentos que enfrenta na sua actividade? E como é que os faz por ultrapassar?**

E1 - Trabalhar com este grupo logo é uma dificuldade, é um constrangimento às vezes também os *feedbacks* que nós queremos dos outros parceiros e que nem sempre vêm atempadamente e os certos às vezes isso é muito difícil porque temos o caso em mãos porque sabemos que aquela puderá ser uma resposta, mas que não está só nas nossas mãos. O caso está nas nossas mãos, mas nós não pudemos fazer muito mais e do outro lado não há um *feedback* para nos ajudar, para caminhar connosco para pudermos ajudar e eu acho que por ai puderíamos ter mais sucesso.

Se as vezes houvesse mais respostas que eu também sei que dos outros parceiros há outras questões inerentes e entraves que eu sei que não está nas mãos deles mas, às vezes isso é um bocado angustiante.

Como é que eu ultrapasso isto? A minha equipa ajuda-me a ultrapassar porque costumasse dizer que quando não aguentamos, a ver se passamos para a pessoa do lado para ver se nos ajuda. Também essas formações ajudam-me a distanciar mas, no momento quando estou a quente é muito díficil. É muito difícil, mas quando trabalhamos com uma equipa multidisciplinar com várias pessoas diferentes e até procurares aquelas pessoas que tens mais empatia e que sabes que aquela pessoa vai te dar o *feedback* para te ajudar e acho que isso, por isso é que existe uma equipa que te ajuda a ultrapassar alguns obstáculos, não todos.

Outros estão inerentes ao público-alvo e por mais que tu dês o pino, por mais que saltes, corras, que estrabuches, puxes os cabelos não há nada a fazer. Tem que vir deles eu olho para uma pessoa do grupo-alvo e digo para esta pessoa o que seria ideal seria isto, isto, isto. Mas, não sou eu que tenho de decidir. Tem que partir da pessoa. Temos que trabalhar a pessoa para que isso venha da pessoa.

**Entrevistadora - O que é que aprendeu no passado e que hoje considera importante no que faz diariamente?**

E1 - A minha experiência eu gosto muito, muito de trabalhar com jovens e acho que tenho perfil para isso. Tenho algum jeito com crianças, sou mais desajeitada até porque não me motiva tanto. Não tão motivador e ao longo do tempo a minha experiência eu trabalhei sempre com jovens. O contacto com eles o ir pesquisando o que é que os jovens, o interesse dos jovens porque temos de começar por aí. O que é que eles gostam realmente, como é que pudemos estar não é? Lado-a-lado com eles porque eu já não sou uma jovem como eles são não é?! Mas é uma adulta que eles sintam que têm ali que consigam ouvir. Tal como a minha amiga Ricarda dizia: «Tenho as titias que sei que esteja onde estiver elas estão sempre lá!» E conseguir estar lá, mas manter a minha que eu sou uma adulta não sou uma adolescente, nem me posso comportar como tal. Que eles sintam que têm aqui um porto de abrigo. Eu de certeza absoluta que quando entrei para o *Projecto Rua* não sabia o que sei hoje, a experiência era muito pouca acho que fui enganada muitas vezes pelos jovens até conseguir começar foi difícil. Era uma jovem quase da idade deles, mas isso esse traquejo depois foi se adquirindo é algo que tu vais adquirindo. Às vezes estou errada, mas isso faz parte.

**Entrevistadora - Considera que existiram mudanças na sua prática interventiva desde que iniciou?**

E1 - Claro que sim. Com experiência, com ouvir a opinião dos outros, com o trabalho de equipa, com amadurecimento da pessoa eu tinha vinte anos e agora tenho quarenta e cinco há uma diferença grande e o ser humano passa por essas etapas e vai amadurecendo com algumas reflexões que eu faço todos os dias da minha vida a todos os níveis com o ouvir a opinião dos outros acho que já disse e com a experiência e cada vez mais ir aprendendo com o grupo alvo.

**Entrevistadora - E que mudanças, por exemplo, agora pelo que ouvi uma das coisas se calhar considerava-se mais ingénua** ...

E1 - Imatura sim, claro.

**E - E agora já não há tanto.**

E1 - Já não há tanto, mas às vezes também me enganam ainda (risos).

**Entrevistadora - Pronto isso foi uma mudança visível. Depois também falou que tenta sempre perceber o lado deles, os gostos e o que é que os motiva tudo mais isso também foi algo que ...**

E1 - Fui aprendendo, fui percebendo não era eu que tinha que querer por eles tinha que tudo vir deles eu só podia fazer alguma força para que algo viesse deles para que nós conseguissemos evoluir em conjunto, mas as coisas tem que partir sempre do grupo alvo. Não pudemos ser nós a querer por eles nem para os nossos filhos não é? Eu não posso querer por ela, por eles têm que ser eles a querer primeiro.

**Entrevistadora - Existiram pessoas importantes ao longo da sua actividade? Quais e porquê e o que é que aprendeu de relevante com essas mesmas**

E1 - Existiram pessoas importantes para o bom e para o mau as pessoas importantes existem para os dois lados não é porque existem pessoas para o mau que também foram bastante importantes até certa altura e depois descobriu-se que não era o ideal, não era aquilo que esperávamos. Sim, mas tive algumas pessoas que me foram ajudando que foram caminhando comigo e que me foram estando sempre lado a lado e que eu valorizo bastante.

**Entrevistadora - E o que é que acha que aprendeu com essas mesmas pessoas?**

E1 - O lado delas porque duas pessoas embora trabalhemos no mesmo sítio temos sempre opiniões diferentes podem não ser diferentes mas se calhar uma visão diferente e ouvir o outro, saber ouvir o outro acho que isso é uma coisa que também se vai aprendendo não é? Ir ouvindo e ir ouvindo a opinião do outro e a ideia do outro ir sendo tolerante com o outro e valorizando a sua opinião acho que isso aprendesse imenso não é?

**Entrevistadora - Em que circunstâncias ou em que momentos essas aprendizagens que desenvolveu com essas pessoas tiveram importância?**

E1 - Às vezes no acompanhamento de alguns casos em que eu continuava lá focada de tal maneira que eu não via mais nada do que aquilo e havia alguém de fora ou que estava a meu lado mas que estava mais fora e que dizia vá não vale a pena ir por aí pensa lá vamos tentar de outra forma porque isto é quando estás lá dentro tu estás de tal

maneira focada naquilo que se não tiveres alguém  não tens discernimento para [separar] se bem que eu acho que há profissionais que conseguem fazer isso na perfeição eu não consigo ainda com os meus quarenta e cinco anos e com os meus vinte e quatro de experiência eu não consigo eu quando estou lá estou lá a sério para o bem e para o mal.

**Entrevistadora - A nível do seu percurso profissional que momentos em particular a marcaram e o que é que aprendeu de importante a partir dessas experiências? E porque razão considera essas experiências importantes?**

E1 - Todas as experiências são sempre importantes sempre importantes são elas que nos vão norteiar todas as experiências da nossa vida particular ou profissional são sempre importantes são elas que nos guiam e que nos dão o norte para onde é que havemos de caminhar e uma experiência muito muito importante foi humm às vezes fico contente porque o nosso trabalho é tão frustante ahh (som de cansaço) o que é que eu puderia ter feito mais, mas é quando tu vens aqui à rua e eles os jovens darem valor ao que foi feito aqui e ainda se lembrarem e acho que isso é muito importante que eu às vezes vou para casa afinal ele ainda se lembra do que e que fizemos e que foi bom não é?! Experiências importantes é também tu teres o *feedback* da tua equipa e de sentires que tens sempre uma equipa ali de retaguarda que te ajuda a nortear também eu acho que isso é muito importante eu estou sempre a focar a equipa mas eu acho que é muito importante porque eu acho que não se consegue trabalhar o grupo alvo se não tiveres uma equipa.

**Entrevistadora - Mas o que é que a nível pessoal, também profissional que mudanças é que trouxe a si?**

E1 - Ah mudanças. Enriquecimento muito grande. É assim, ao longo do meu trabalho, eu sou intempestiva e tu que me conheces estás na equipa, mas eu era bem pior (risos). Aprendi que algumas coisas se calhar não se podem dizer há outras coisas que é assim às vezes eu sinto temos colegas aqui que querem que as coisas aconteçam rápidas eu sinto calma isso vai acontecer com o seu tempo isso vai acontecer eu tenho a certeza ainda não aconteceu nenhum caso que isso tenha acontecido a pessoa é que tem que querer é que tem que sentir e isso tráz-me alguma segurança percebes eu às vezes sinto-me mesmo com a trabalhar com o grupo alvo alguma segurança a minha experiência, o meu contacto com tantas pessoas, ir a congressos, pesquisar tudo isso trouxe-me alguma

segurança até a nível pessoal eu sinto-me muito mais segura a caminhar até no contacto com a minha filha que é adolescente ele é pequenito eu às vezes sinto-me muito mais segura até com aquilo que aprendo aqui no trabalho porque eles não são muito diferentes as vivências é que são diferentes e a família e não sei quê e isso traz-me segurança, traz-me um certo eu acho que às vezes altruísta quase.

Oh pah e também às vezes traz-me frustração, muita frustração às vezes eu queria que as coisas avançassem mais rápido que fossem de outra forma e não se consegue e tu ficas ahh, mas ajudou-me imenso foi um crescimento interno muito grande e quando tu não vives neste meio com desigualdades tu não tens noção de como isto é enriquecedor para uma pessoa que vive na sociedade normal eu estou todos os dias a aprender com esta gente como é que é sobreviver a um meio adverso como é que se consegue sobreviver como é que se consegue sei lá até quase respirar às vezes porque isto é muito duro viver aqui, não é viver aqui neste bairro é ser de algumas famílias que nós acompanhamos não ter os apoios todos os dias eu aprendo as pessoas dão-me uma lição como é que às vezes as pessoas conseguem não é? E percebo perfeitamente quando não conseguem porque é compreensível eu não sei se conseguiria se tivesse nesse contexto.

**Entrevistadora - A sua profissão sonhada na infância?**

E1 - A minha profissão sonhada na infância, na infância dizia que queria ser professora, quero ser professora.

**Entrevistadora - A profissão sonhada pelos seus pais?**

E1 - Para os meus pais tinha que tirar um curso superior do que eu quisesse era um curso superior. A minha mãe muito para o lado da enfermagem, admirava imenso a enfermagem, mas sempre um curso superior  e eu acho que às vezes fico um bocado triste por não ter conseguido esse lado.

**Entrevistadora - Existiu algum factor determinante relativamente à sua profissão?**

E1 - O factor foi o que eu te disse melhoria de uma disciplina à noite História de Portugal que é um horror não aconselho a ninguém pronto eu tinha que melhorar essa nota estava baixa e queria melhorar essa nota um ano estava sem fazer nada queria ir ganhar uns trocos gostava de trabalhar com crianças, na altura falavasse era crianças uma das mentoras do projecto rua é uma pessoa que já não está cá entre nós a Dra.

Adelina Odete Marques foi a impulsionadora foi a criadora do projecto rua logo de início ela é como fosse da minha família ou era como se fosse da minha família na altura eu disse eu gostava de arranjar aí um trabalhinho agora durante este ano que estou a melhorar a nota de fazer qualquer coisa ganhar uns trocos de preferência com algo que eu gostasse que era com crianças e pronto como ela era acessora da Misericordia pedi-lhe a ela, os meus pais pediram ah agora para ela estar um bocado não sei quê e ela disse ah iniciei agora um projecto novo não seria giro ela experimentar, mas é só enquanto ela não vai para a faculdade foi só mesmo no inicio ganhar uns trocos, ganhar a experiência e estar ocupada.

**Entrevistadora - A nível das motivações que acompanharam essa escolha?**

E1 - Permaneci porque quando entrei cá quando eu iniciei apaixonei-me logo imediatamente pelo trabalho acho que era a equipa era sermos jovens tu quando és jovem tu achas que salvas o mundo tu achas que consegues abarcar tudo tu achas que vais acabar com a pobreza ou vais acabar com os meninos de rua na altura e que ai meu deus eu vou conseguir e moves-te és capaz de estares acordada vinte e quatro horas quase acordada e ir com o miúdo para ali e para acolá e fazer o pino estares ali fisicamente bem tudo isso moveu-me era ver aqueles jovens havia muitas crianças, não eram só os jovens muitas crianças na rua era vê-los naquele estado e isso apaixonou-me e foi o tentar fazer alguma coisa por eles e o tempo foi correndo e cada vez mais fui me embrunhando na acção e depois quando tinha que avaliar agora tenho que sair e tenho que ir estudar ja não consegui para além de estar a ganhar um bom dinheiro na altura e que achei agora vou adiar isto está a ser tão divertido até porque nós estávamos num programa de Luta Contra a Pobreza aquilo era um projecto que tinha quatro ou cinco anos acho que era de quatro já não me lembro bem de financiamento provavelmente depois acabaria e depois ia à minha vida, mas depois continuou não é?! E pronto porque isto do projecto rua é um dos projectos do Instituto de Apoio à Criança eu só te consigo falar da experiência enquanto projecto rua porque nunca passei por outro e foi a minha primeira experiência e que eu acho que deveria ter passado por outras que enriqueceria de todo.

**Entrevistadora - Como visualiza o seu futuro? Perspectivas?**

E1 - Não sei se posso falar de futuro. Claro que posso (risos).

**Entrevistadora - Claro que sim (risos).**

E1 - Olha do meu futuro não te estou a dizer que é de todo passar o resto dos meus dias no projecto de rua até que eu acho que se bem que eu acho que já não tenho idade para isso hoje em dia quarenta e cinco anos para se trabalhar noutro sítio já é se velha na nossa sociedade e está mau para arranjar trabalho.

De todo o meu futuro seria trabalhar com jovens, jovens é a minha praia e eu tenho perfil não estou a puxar a brasa a minha sardinha modestia a parte eu sei que tenho algum jeito trabalhar com eles ponto e consigo chegar perfeitamente a eles e eles a mim e nos conseguimos entender às vezes dou por mim a pesquisar temáticas que vá de encontro a eles e que nada a minha já me diz respeito, mas que eu acho que é importante saber para os conhecer e para conseguir abordá-los porque se eu vou lá com a minha posição de cota de quarenta e cinco anos eles vá lá dar uma voltinha e esqueça-me lá porque não estou para levar consigo. Eu acho que não vejo o meu futuro sem trabalhar com jovens gosto muito de trabalhar o projecto rua e gosto muito de mudar e o projecto rua às vezes nós temos oportunidade de mudar eu acho que neste momento e tal como de manha verbalizei se houver mudanças eu gostria de ir nessas mudanças embora eu gosto muito de Chelas e não sei quê eu não me consigo acomodar eu sou uma pessoa por natureza quando as coisas começam na monotomia no dia-a-dia no estar arrumadinha aqui eu fico doente desmotivo de tal forma que eu preciso de mudar eu só estou motivada quando há muito movimento quando há trabalho muito trabalho e muito movimento e de um lado para o outro e o estar no rang-rang do dia para mim desmotiva-me por isso é que o projecto rua para mim é o ideal.

**Entrevistadora - Vai havendo sempre extra-actividades.**

E1 - Não é só as actividades o acompanhamento dos casos o tempo de trabalho, eu não tenho muita aptência para aquelas actividades de ATL não tenho jeito nenhum actividades manuais quer dizer se for preciso fazer eu faço mas não me aplico nisso porque para já porque a metodologia do projecto de rua não nasceu assim nasceu com o trabalho individual com o acompanhmento muito individual olhar aquele ser humano como um ser biopsicosocial e acompanhá-lo todos os níveis e é nisso que eu acredito é por isso que eu estou cá eu acredito muito na filosofia do projecto rua na filosofia inicial e que até agora se mantém de que cada caso é um caso e olhar pudermos olhar para cada

um como aquele e não é mais um e acreditar sempre e a relação, os laços, o afecto, o estar lá, o caminhar não quer dizer que estejamos sempre de acordo mas estarmos lá e eu acredito piamente nisso e isso é o que me move e às vezes até a nível pessoal me move, acredita. Qualquer um dos meus projectos pessoais ou profissionais eu tenho sempre que acreditar isso é que move às vezes quando isso não está acontecer quando estou a entrar na rotina e que não é aquilo que me move depois eu tenho que voltar a nortear.

**Entrevistadora - Que novas acções acha que pode vir a desempenhar?**

E1 – É assim eu já tive aqui no Projecto Rua a experiência nós já estivemos aqui o Educar e Formar para Inserir um Projecto e eu estive a ajudar a Sónia no PIEF um ano inteiro de manhã à noite com ela tal com ela estava eu estava estava sempre com ela tinha duas turmas estava de manhã à noite com ela ela estave doente esteve de férias eu estive lá sozinha pronto desempenhei e estive com jovens e acho que tenho alguma experiência para além do perfil para além do interesse de trabalhar com jovens porque nem toda a gente tem esse interesse porque eles às vezes são muita chatos são eles às vezes são tramados e difíceis com uma criança tu consegues se calhar nortear ou dar-he a volta de uma outra maneira que tu não consegues com eles e isso a mim é que me dá a vontade de continuar em frente porque isso dá-me uma luta e eu gosto tanto de coisas que me dão luta que me dão que fazer adoro isso e que dão conversa e tu não pode ser assim ainda há-de ser de outra maneira mas que tu estás lá e é isso que me move também. E acho que

O Educar e Formar para Inserir a resposta da educação e formação acho que poderia para além da experiência e secalhar alguma coisa inovador que vem por aí eu puderia-me encaixar, mas se me mandarem fazer qualquer outra coisa eu estarei cá mas essa motiva-me.

**Entrevistadora - Tem algum projecto, algum desejo em específico que gostava de ver realizado?**

E1 - Esse gostava muito, gostava estar nesse projecto [Educar e Formar para Inserir] não sei se vou estar ou não, mas gostava. Eu gosto de novas apostas acho qe neste momento a nossa acção aqui para além de estar no ram-ram é muito muito descentralizada há dias que nem por isso, mas há dias que me procuram que me

desgastam que me desvaziam quase e eu chego ao fim do dia cansadissima e sinto que não fiz grande coisa por aquelas pessoas porque é tanta resposta tão abrangente tão lata que tu não focas. E esta resposta da educação formação tu puderás focar o teu objectivo é aquele final é que aquele o jovem fique com a escolaridade, mas que ao mesmo tempo possas trabalhar com ele algumas competências e que possas acompanhar aquela família para mudar e para ajudar no crescimento do jovem e acho que isso tu estas a focalizar é cirúrgico tu sabes que vais operar aquilo que não vais acompanhar o menino não fazer isto e mais aquilo tudo tão disperso tão grande e parece que tu não fizeste nada e isso motiva-me.

**Entrevistadora - Gostaria de acrescentar algum aspecto dizer mais alguma coisa que seria importante?**

E1 - Eu acho que falei tanto. Pergunto-te a ti, ajudei-te?

**Entrevistadora - Talvez a nível do percurso profissional. Disse que iniciou nos meninos de rua e depois parou aqui no CDIJ.**

E1 - Eu trabalhei na Cova da Moura, no Bairro 6 de Maio.

O objectivo acho que já falei era um bocadinho quando nós trabalhavámos na rua os jovens eram oriundos de várias zonas da cidade alguns da Cova da Moura outros do 6 de Maio outros de Chelas e na altura nós estavamos na Baixa e apanhávamos esses miúdos por isso é que eu digo-te houve uma altura que tínhamos muitos jovens da Cova da Moura e fazia trabalho na Cova da Moura e depois nós acho que conseguimos orientar-nos mas também havia muitos jovens da Cova da Moura então dividimos as equipas umas para Chelas e outras para a zona da Cova da Moura e a minha equipa apanhou muitos jovens de Chelas e nós começámos por fazer tipo havia uns dias que estavamos na baixa e outras dias que vinhamos aqui para a comunidade fazer actividades, estar aqui com eles e tentar captá-los novamente vindos da comunidade de fuga da baixa para o bairro oriundo deles ao fim duns tempos estancou um bocado não sei se foi só pelo nosso trabalho mas também acho que ajudou imenso deixou de ser ver tantos jovens na rua e deixamos de estar a equipa que estava aqui já não estava havia uma equipa mesmo só trabalhava na rua e que nos sinalizáva olha hoje apanhamos um de Chelas já não precisávamos de estar lá começamos a vir para aqui.

Depois foi o trabalhar aqui na rua com os jovens que apanhávamos lá na baixa com outros jovens aqui da comunidade não menos problemáticos mas que não chegaram praticavasse roubos, tráfico de droga muita coisa ilícita mas que não iam para baixa estavam aqui no bairro o que vês Chelas agora não tem nada a ver com há uns anos atrás pronto e era um bocadinho trabalhar esses jovens não tínhamos espaço era na rua fazíamos actividades trabalhavamos as competências também um bocadinho na rua depois. Tivemos o programa Horizon em que também os integramos em formação profissioanal em contexto real de trabalho em que acompanhámos esses jovens a esse nível pronto depois o trabalho foi andando.

Depois houve uma altura que começámos a acompanhar grupos e aí tínhamos grupos para acompanhar de jovens e de crianças posteriormente eu fiquei grávida e quando vim da minha primeira gravidez fui trabalhar para o Bairro 6 de Maio tive lá dois anos é assim das coisas mais gostei muito de trabalhar no Bairro 6 de Maio trabalhar com a população africana, principalmente cabo-verdeana é delicioso porque são pessoas muito mais abertas para nós muito mais abertas muito mais afáveis e muito mais prontas para a mudança então os velhotes são uma delícia, enquanto que por exemplo a comunidade, os brancos a miséria é diferente é uma miséria de, de até mental são valores tão pobres com tão poucos valores as pessoas africanas têm muitos valores são pessoas que aceitam as coisas que nos aceitam muito diferente o trabalho.

Depois do 6 de Maio voltei para aqui o 6 de Maio terminou o nosso trabalho lá porque estavam lá muitas instituições pronto. Aqui continuei o trabalho com grupos jovens também durante uns tempos e depois iniciou se acção Educar e Formar para Inserir em que os tive desde o início foram sete anos até o final pronto em que se acompanhou aqueles jovens que já estão no final da linha que já não com três anos ou mais de absentismo escolar com acima dos catorze anos alguns nem o quarto ano tinham em boarder line mesmo com famílias abandónicas, maltratantes alguns até abusados aquela menina que te falei que me chocou ou que me tocou é uma das meninas que já vem do Educar e Formar para Inserir pronto com famílias destruturadas e que precisavam da escolaridade com muita fraca escolaridade pouca auto estima com pouca resistência à frustração pronto e foi um grande desafio que esses jovens trabalhámos a vários níveis tentamos enfrentar várias frentes para que esses jovens pelo menos saíssem com a escolaridade e com algo mais, não era a escola dita entre aspas normal trabalhamos a vários niveis e isso foi bastante reconfortante porque nós ainda agora encontramos

jovens que já têm a vida organizada alguns até arranjaram trabalho através de nós nos estágios pah isso é fixe alguns não estão tão bem, mas isso é como tudo.

Depois quando acabou deixou de ser o Educar e Formar para Inserir deixou de ser Ministério da Educação deixou de certificar. Começamos da mesma forma, mas sendo só a trabalhar as competências, a parte escolar nós não podemos dar deixou de certificar jovens vindo da Comissão, da Direcção Geral da Reinserção Social jovens também da pesada, mas que não tínhamos a cenoura não é?! E foi díficil porque não tínhamos não se conseguiu motivar estes jovens para vir só para para obter as competências  o que é que nós dávamos em troca e foi frustante porque vinham dois vinham três nem sempre vinham os mesmos aqueles dois ou três era muito difícil mesmo vindo quase obrigados entre aspas da Direcção Geral ou da Comissão eles não vinham, não vinham porque não havia nada que e pah só um treino de competências não os iam acordar da cama porque tinha estado até às tantas da noite no tráfico ou a gamar ou a fazer isto ou aquilo ou na noite e depois um gajo tinha que estar as dez da manhã a ouvir a seca aqui da malta que eu percebo provavelmente era isso que eles sentiam. Depois estive no PIEF a ajudar a Sónia e agora estou aqui e assim faz quatro anos da minha vida aqui.

**Entrevistadora - Enquanto técnica e a como pessoa que mudanças é que sentiu das experiências, num sentido mais concreto o que é que acha que fazia sentido destacar?**

E1 - Costumo destacar até os meus amigos costumam dizer não posso falar disto, nem posso falar deles porque tu vais já defendê-los mesmo até ao meu marido não posso falar disto ao pé da tua mulher ela vai me zancar quando estão a atacar  porque às vezes é os pretos ou porque é isto e lá estou eu a defendê-los tenho a certeza que se não tivesse passado por esta realidade se calhar teria a mesma forma de pensar ou mesma mentalidade que esses meus amigos têm porque não viveram isto e olha lá tu não percebes se eles são assim foi porque as circunstâncias da vida não foi igual à tua as pessoas não percebem isso. Acho que trabalhar aqui no terreno e aprender todos os dias com esta problemática com estas pessoas faz com que sejas muito mais tolerante e percebas e consigas perceber pah que nem toda a gente teve a mesma oportunidade e acho que a própria solidariedade é diferente não é aquele dar ao pobrezinho coitadinho as coisas são diferentes são sentidas de outra maneira aquele ser humano é igual a mim pronto e é assim que eu tenho que olhar para ele tem os mesmos direitos que eu tem as

mesmas capacidades que eu hei-de ter e se não tiver é porque não teve essa oportunidade e é assim que eu tenho que o respeitar é respseitar todas as pessoas como seres humanos que têm todas as capacidades que aproveitam ou não, mas isso já é inerente a nós não é?!

E1 - Não sei se te ajudei agora?

**Entrevistadora – Hum, hum.**

E1 - Não tens mais dúvidas?

**Entrevistadora - Penso que não.**

E1 - Foi longa esta entrevista (risos).

**Entrevistadora - Há bem piores (risos).**

**Entrevistadora - Obrigado mais uma vez por ter participado. Tudo de bom.**

E1 - De nada, de nada.

# Análise de Conteúdo (E1)

- ## Formação Inicial [académica/ habilitações]

"A minha formação quando vim para o Projecto Rua em noventa tinha acabado de fazer o décimo segundo ano de escolaridade e estava a melhorar uma nota para entrar na faculdade. (...) Portanto tenho o décimo segundo ano de escolaridade."

- ## Formação Profissional

"(...) quando integrei o projecto rua na altura e, ainda hoje, faziam-se muita formação de animadores na altura chamava-se curso de animadores do Projecto Rua (...) participei em muitos era uma formação diferente de agora."

"(...) muitas formações eu já nem me lembro em que participei, mas se tivesse tudo no meu currículo daria um grande, um grande número de certificados de formações."
"Tirei também acerca de seis anos o curso de formação de formadores, pronto tenho o CAP e é muito isso."

- ## Conhecimentos e aprendizagens significativas aplicadas a posteriori a nível profissional

**[Formação de Formadores]:**
"(...) quando tirei o curso não falou sobre o grupo alvo que eu trabalho, não é o curso de formação de formadores é para me capacitar para dar formação."

"(...) aprendi que não devemos alguns tiques que não devemos ter quando estamos a dar formação, formas de abordagem diferentes, pronto aprendi algumas coisas."

**[Curso de Animadores]:**
"A destacar é novamente a abordagem das temáticas que eu acho que é importante. Ouvir outras pessoas a falar das temáticas, um outro olhar."

**[Formações contínuas]:**

"Conhecer melhor o grupo-alvo com que eu trabalho, as características, as novas abordagens que existem porque está sempre haver novas abordagens tudo isso me ajudou."

- ## Percurso Profissional

**1.º Momento**

"Eu iniciei em Novembro de 90, 1990 e o Projecto Rua tinha iniciado Julho de 89. Eu comecei quase do início, o meu trabalho começou estive cerca de cinco seis anos não sei se mais a trabalhar com os meninos de rua que na altura existia um grande número de meninos de rua a dormir nas grelhas de metro, a cheirar a cola, arrumar carros, a mendigar, a vender pensos enfim aqueles "feios, porcos e maus" aquilo existiam e estavam lá na baixa e eu trabalhei lá na baixa."

**2.º Momento**

"Posteriormente com o crescer do trabalho, com o evoluir começou se a tentar estancar o fluxo dos meninos tentando agarrá-los ou trazê-los paras as comunidades de que eram oriundas eu lembro-me que estive na Cova da Moura, tive no Bairro do Zambujal (...)".

"(...) o nosso objectivo foi um bocado cativar os miúdos a permanecer no local de residência deles e foi Chelas e por isso é que depois vim para cá e resultou na altura depois o fluxo começou a diminuir porque havia muitos jovens de Chelas na rua."

"Depois foi o trabalhar aqui na rua com os jovens que apanhávamos lá na baixa com outros jovens aqui da coumunidade não menos problemáticos mas que não chegaram praticavasse roubos, tráfico de droga muita coisa ilícita mas que não iam para baixa estavam aqui no bairro (...) era um bocadinho trabalhar esses jovens não tínhamos espaço era na rua fazíamos actividades trabalhavamos as competências também um bocadinho na rua depois."

"Tivemos o programa Horizon em que também os integramos em formação profissional em contexto real de trabalho em que acompanhámos esses jovens a esse nível pronto depois o trabalho foi andando."

**3.º Momento**

"Depois houve uma altura que começamos a acompanhar grupos e aí tínhamos grupos para acompanhar de jovens e de crianças posteriormente eu fiquei grávida e quando vim da minha primeira gravidez fui trabalhar para o Bairro 6 de Maio tive lá dois anos é assim das coisas mais gostei muito de trabalhar no Bairro 6 de Maio trabalhar com a população africana (...)."

**4.º Momento**

"Depois do 6 de Maio voltei para aqui [Chelas] o 6 de Maio terminou o nosso trabalho lá porque estavam lá muitas instituições pronto (...)."

"Aqui continuei o trabalho com grupos jovens também durante uns tempos e depois iniciou se acção *Educar e Formar para Inserir* em que os tive desde o início foram sete anos até o final pronto em que se acompanhou aqueles jovens que já estão no final da linha (...) absentismo escolar com acima dos catorze anos (...) com famílias abandónicas, maltratantes (...) com muita fraca escolaridade pouca auto estima com pouca resistência à frustração pronto (...) trabalhámos a vários níveis tentamos enfrentar várias frentes para que esses jovens pelo menos saíssem com a escolaridade e com algo mais não era a escola dita entre aspas normal (...) foi bastante reconfortante porque nós ainda agora encontramos jovens que já têm a vida organizada alguns até arranjaram trabalho através de nós nos estágios (...)."

**5.º Momento**

Depois quando acabou deixou de ser o *Educar e Formar para Inserir* deixou de ser Ministério da Educação deixou de certificar começamos da mesma forma, mas sendo só a trabalhar as competências a parte escolar nós não podemos dar deixou de certificar jovens vindo da Comissão, da Direcção Geral da Reinserção Social jovens também da pesada (...) foi díficil porque não tínhamos não se conseguiu motivar estes jovens para vir só para para obter as competências  o que é que nós dávamos em troca e foi frustante

porque vinham dois vinham três (...) mesmo vindo quase obrigados entre aspas da Direcção Geral ou da Comissão eles não vinham, não vinham porque não havia nada que é pah só um treino de competências não os iam acordar da cama porque tinha estado até às tantas da noite no tráfico ou a gamar ou a fazer isto ou aquilo ou na noite e depois um gajo tinha que estar as dez da manhã a ouvir a seca aqui da malta que eu percebo provavelmente era isso que eles sentiam."

**6.º Momento**

"Depois estive no PIEF a ajudar a Sónia e agora estou aqui e assim faz quatro anos da minha vida aqui."

- **Momentos particularmente importantes da trajectória para o que faz e como o faz hoje a nível profissional**

"(...) no início era muito a equipa que tinham a mesma idade que eu tínhamos os mesmos interesses. Nós costumávamos sair, pronto o trabalho acabava sexta-feira e iamos para a noite e terminávamos no domingo à noite para depois voltarmos a trabalhar.

"Também era um bocadinho a disponibilidade era uma jovem cheguei a fazer espaços férias três meses seguidos chegava a casa e lavava a roupa pegava na mão e lá ia eu outra vez e também é assim em alguns casos eu sou mesmo assim de característica até a nível particular as pessoas dizem quando já ninguém acredita tu ainda acreditas continuo as vezes ainda a acreditar tenho essa esperança que as coisas podem mudar e houve alguns casos que me marcaram bastante alguns ao longo do tempo tive alguns miúdos que me marcaram que eu achei que eles podiam alterar a vida deles alguns sim outros não e dá um sabor (...)."

"Ultimamente tive um caso que eu acho que só para apoiar essa menina eu fiz o pino eu fiz o que podia e o que não podia."

"Para mim é muito difícil vinte e anos atrás falar dos casos em particular porque já me passaram centenas pronto este último foi um caso que teve altos teve baixos foi uma

menina que foi abusada e que agora é adulta que partilhou comigo que vivemos um percurso as duas de autonomizar e melhorar a vida, umas vezes ia conseguindo e outras vezes ia tudo por água abaixo e agora temos uma relação espectacular mas as coisas nem por isso estão a 100% mas eu tenho a certeza que alguma lá ficou."

"(...) esse *click* dessa relação começou um dia muito giro, ela estava aqui connosco é uma miúda que eu tinha empatia nem toda a gente consegue ter porque é uma miúda muito violenta que reage explosivamente devido à sua história e, ela disse qualquer coisa e eu disse «Ah eu gostava tanto que a minha filha fosse como tu» e ela disse «Quê você gostava que a sua filha fosse igual a mim?!» «Eu gostava» «Mas nunca ninguém me disse isso.» «Mas eu gostava.» e acho que isso foi o click da nossa relação porque ela percebeu que afinal ainda alguém acreditava nela e que tinha valor."

- **Aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional**

"Aprendi que com estes jovens é importante acreditar até ao fim porque se deixarmos de acreditar eles sentem isso porque nós desistimos e eles sentem isso."

"Uma outra aprendizagem é que eles são aquilo que a sociedade e a família acima de tudo fez deles como é que nós pudemos exigir de uma criança ou um jovem que foi abusado ou maltratado seja de outra forma diferente se não for trabalhado até mesmo muito trabalhado é difícil porque tem que se ter resiliência ou então não há é difícil é muito difícil."

"Há uma coisa que gostava de ter aprendido e não aprendi que é gerir as minhas frustações agora eu estou um bocadinho mais calma (...) quando tenho levo aquilo a sério e quando parece que as coisas vão a andar e voltam para trás e às vezes não consigo gerir isso e às vezes levo para a família, levo comigo e tenho insónias e essas coisas todas visto a camisola e eu quando visto a camisola só vejo aquilo e às vezes mesmo a nível particular prejudica-me porque tu depois não consegues despir-te daquilo sair dali (...)."

"Todas as pessoas têm direito a que nós acreditemos e apostemos nelas porque nem toda a gente tem a sorte de ter vivido num ambiente onde nós vivemos e eu nem crítico porque cada um de nós somos aquilo que fizeram de nós e vão fazendo (...) por isso temos que acreditar e eu acredito sempre que conseguimos mesmo que não mude totalmente alguma coisa lá fica e qualquer coisa pode ser o *click*."

"Uma outra coisa que eu quero evidenciar é o trabalho de equipa que eu acho que é muito importante trabalhar em equipa é claro melhor com umas pessoas pior com outras porque nem todos nós somos iguais e temos caraterísticas e eu tenho um defeito eu as vezes sou pouco tolerante, sou muito tolerante com o grupo alvo, mas sou pouco tolerante com as pessoas que trabalho ao meu lado porque acho que temos que estar ali a sério e pronto e com responsabilidade (...)"

- ## Actividades diárias

"(...) nós trabalhamos num espaço dentro de uma comunidade com porta aberta está sempre aberta para quem quiser pedir o nosso apoio, a nossa ajuda."

"Um dia típico será atender as pessoas que nos procuram para encaminharmos para ajudarmos será às vezes andar aí no bairro fazer visitas domiciliárias eu costumo dizer que a minha segunda casa é aqui em Chelas vou a rua conheço sempre alguém (...)"

"(...) será fazer acompanhamentos, ir a uma escola se for necessário acompanhar os jovens, falar com uma mãe, avaliar com a escola se for preciso o dia típico é esse, o acompanhamento individual que acho que é muito importante."

- ## Dificuldades/constrangimentos profissionais

**[Dificuldades]**

"Trabalhar com este grupo logo é uma dificuldade, é um constrangimento às vezes também os *feedbacks* que nós queremos dos outros parceiros e que nem sempre vêm atempadamente (...)."

"(...) o caso está nas nossas mãos mas nós não pudemos fazer muito mais e do outro lado não há um *feedback* para nos ajudar para caminhar connosco para pudermos ajudar e eu acho que por ai puderíamos ter mais sucesso se às vezes houvesse mais respostas que eu também sei que dos outros parceiros há outras questões inerentes e entraves que eu sei que não está nas mãos deles mas às vezes isso é um bocado angustiante."

"(...) por mais que tu dês o pino por mais que saltes, corras que estrabuches, puxes os cabelos não há nada a fazer tem que vir deles eu olho para uma pessoa do grupo-alvo e digo para esta pessoa o que seria ideal seria isto, isto, isto mas não sou eu que tenho de decidir tem que partir da pessoa temos que trabalhar a pessoa para que isso venha da pessoa."

**[Modos de ultrapassar]:**

"A minha equipa ajuda-me a ultrapassar porque costumasse dizer que quando não aguentamos a ver se passamos para a pessoa do lado para ver se nos ajuda, também essas formações ajudam-me a distanciar (...)."

"(...) quando trabalhamos com uma equipa multidisciplinar com várias pessoas diferentes e até procurares aquelas pessoas que tens mais empatia e que sabes que aquela pessoa vai te dar o *feedback* para te ajudar e acho que isso por isso é que existe uma equipa que te ajuda a ultrapassar alguns obstáculos não todos outros estão inerentes ao público-alvo (...)."

- **Aprendizagens passadas importantes para as actividades presentes do dia-a-dia**

"A minha experiência. Eu gosto muito, muito de trabalhar com jovens e acho que tenho perfil para isso (...) ao longo do tempo a minha experiência eu trabalhei sempre com jovens o contacto com eles o ir pesquisando o que é que os jovens o interesse dos jovens porque temos de começar por aí, o que é que eles gostam realmente como é que pudemos estar não é lado a lado com eles porque eu já não sou uma jovem como eles são não é?! Mas é uma adulta que eles sintam que têm ali que consiguem ouvir tal como a minha amiga Ricarda dizia tenho as titias que sei que esteja onde estiver elas estão sempre lá é conseguir estar lá mas manter a minha que eu sou uma adulta não sou uma

adolescente nem me posso comportar como tal não sou que eles sintam que têm aqui um porto de abrigo."

"Eu de certeza absoluta que quando entrei para o projecto rua não sabia o que sei hoje a experiência era muito pouca acho que fui enganada muitas vezes pelos jovens até conseguir começar, foi difícil. Era uma jovem quase da idade deles. Mas isso, esse traquejo depois foi se adquirindo é algo que tu vais adquirindo."

- **Mudanças na prática interventiva**

"Com experiência, com ouvir a opinião dos outros, com o trabalho de equipa, com amadurecimento da pessoa eu tinha vinte anos e agora tenho quarenta e cinco há uma diferença grande e o ser humano passa por essas etapas e vai amadurecendo com algumas reflexões que eu faço todos os dias da minha vida a todos os níveis (...) cada vez mais ir aprendendo com o grupo-alvo."

"Fui aprendendo fui percebendo não era eu que tinha que querer por eles tinha que tudo vir deles eu só podia fazer alguma força para que algo viesse deles para que nós conseguissemos evoluir em conjunto, mas as coisas tem que partir sempre do grupo-alvo."

"Eu de certeza absoluta que quando entrei para o projecto rua não sabia o que sei hoje a experiência era muito pouca acho que fui enganada muitas vezes pelos jovens até conseguir começar foi difícil era uma jovem quase da idade deles (...)."

- **Pessoas importantes ao longo da trajectório profissional e respectivas aprendizagens adquiridas**

"Existiram pessoas importantes para o bom e para o mau as pessoas importantes existem para os dois lados não é (...)."

"(...) tive algumas pessoas que me foram ajudando que foram caminhando comigo e que me foram estando sempre lado a lado e que eu valorizo bastante."

**[Aprendizagem]:**

"O lado delas porque duas pessoas embora trabalhemos no mesmo sítio temos sempre opiniões diferentes podem não ser diferentes mas se calhar uma visão diferente e ouvir o outro, saber ouvir o outro acho que isso é uma coisa que também se vai aprendendo não é? (...) sendo tolerante com o outro e valorizando a sua opinião acho que isso aprendesse imenso não é?"

**[Circunstâncias]:**

"Às vezes no acompanhamento de alguns casos em que eu continuava lá focada de tal maneira que eu não via mais nada do que aquilo e havia alguém de fora ou que estava a meu lado mas que estava mais fora e que dizia vá não vale a pena ir por aí pensa lá vamos tentar de outra forma (...) eu não consigo ainda com os meus quarenta e cinco anos e com os meus vinte e quatro de experiência eu não consigo eu quando estou lá estou lá a sério para o bem e para o mal."

- **Momentos particularmente importantes com aprendizagens relevantes**

"Todas as experiências são sempre importantes sempre importantes são elas que nos vão norteiar todas as experiências da nossa vida particular ou profissional são sempre importantes são elas que nos guiam e que nos dão o norte para onde é que havemos de caminhar (...)"

(...) fico contente porque o nosso trabalho é tão frustante ahh (som de cansaço) o que é que eu puderia ter feito mais, mas é quando tu vens aqui à rua e eles os jovens darem valor ao que foi feito aqui e ainda se lembrarem e acho que isso é muito importante que eu às vezes vou para casa afinal ele ainda se lembra do que é que fizemos e que foi bom não é?!"

"Experiências importantes é também tu teres o *feedback* da tua equipa e de sentires que tens sempre uma equipa ali de retaguarda que te ajuda a nortear também eu acho que isso é muito importante (...) porque eu acho que não se consegue trabalhar o grupo alvo se não tiveres uma equipa."

- **Transformação como pessoa e como profissional**

"Enriquecimento muito grande é assim ao longo do meu trabalho eu sou intempestiva e tu que me conheces estás na equipa, mas eu era bem pior (risos). Aprendi que algumas coisas se calhar não se podem dizer (...)."

"(...) às vezes eu sinto temos colegas aqui que querem que as coisas aconteçam rápidas eu sinto calma isso vai acontecer com o seu tempo isso vai acontecer eu tenho a certeza ainda não aconteceu nenhum caso que isso tenha acontecido a pessoa é que tem que querer é que tem que sentir e isso trás-me alguma segurança percebes eu às vezes sinto-me mesmo com a trabalhar com o grupo alvo alguma segurança a minha experiência, o meu contacto com tantas pessoas, ir a congressos, pesquisar tudo isso trouxe-me alguma segurança (...)."

"(...) até a nível pessoal eu sinto-me muito mais segura a caminhar até no contacto com a minha filha que é adolescente ele é pequenito eu às vezes sinto-me muito mais segura até com aquilo que aprendo aqui no trabalho porque eles não são muito diferentes as vivências é que são diferentes e a família e não sei quê e isso traz-me segurança, traz-me um certo eu acho que às vezes altruísta quase."

"também às vezes traz-me frustração, muita frustração às vezes eu queria que as coisas avançassem mais rápido que fossem de outra forma e não se consegue e tu ficas ahh (...)."

"(...) foi um crescimento interno muito grande e quando tu não vives neste meio com desigualdades tu não tens noção de como isto é enriquecedor para uma pessoa que vive na sociedade normal eu estou todos os dias a aprender com esta gente como é que é sobreviver a um meio adverso (...) como é que se consegue sei lá até quase respirar às vezes porque isto é muito duro viver aqui, não é viver aqui neste bairro é ser de algumas famílias que nós acompanhamos não ter os apoios todos os dias (...)."

"Acho que trabalhar aqui no terreno e aprender todos os dias com esta problemática com estas pessoas faz com (...) a própria solidariedade é diferente não é aquele dar ao

pobrezinho coitadinho as coisas são diferentes são sentidas de outra maneira aquele ser humano é igual a mim pronto e é assim que eu tenho que olhar para ele tem os mesmos direitos que eu tem as mesmas capacidades que eu hei-de ter e se não tiver é porque não teve essa oportunidade e é assim que eu tenho que o respeitar (...).”

- **Profissão sonhada na infância**

“(...) na infância dizia que queria ser professora, quero ser professora.”

- **Profissão sonhada pelos pais**

“Para os meus pais tinha que tirar um curso superior do que eu quisesse era um curso superior. A minha mãe muito para o lado da enfermagem, admirava imenso a enfermagem, mas sempre um curso superior (...).”

- **Motivação para a escolha da profissão**

“O factor foi o que eu te disse melhoria de uma disciplina à noite (...) um ano estava sem fazer nada queria ir ganhar uns trocos gostava de trabalhar com crianças (...) uma das mentoras do projecto rua é uma pessoa que já não está cá entre nó a Dra. Adelina Odete Marques (...) ela é como fosse da minha família ou era como se fosse da minha família na altura eu disse eu gostava de arranjar aí um trabalhinho agora durante este ano que estou a melhorar a nota (...) ela era acessora da Misericórdia pedi-lhe a ela, os meus pais pediram (...) ela disse ah iniciei agora um projecto novo não seria giro ela experimentar, mas é só enquanto ela não vai para a faculdade foi só mesmo no início ganhar uns trocos, ganhar a experiência e estar ocupada.”

“Permaneci porque quando entrei cá quando eu iniciei apaixonei-me logo imediatamente pelo trabalho acho que era a equipa era sermos jovens tu quando és jovem tu achas que salvas o mundo tu achas que consegues abarcar tudo tu achas que vais acabar com a pobreza ou vais acabar com os meninos de rua na altura (...)”

“(...) era ver aqueles jovens havia muitas crianças, não eram só os jovens muitas crianças na rua era vê-los naquele estado e isso apaixonou-me e foi o tentar fazer

alguma coisa por eles e o tempo foi correndo e cada vez mais fui me embrunhando na acção (...)"

"(...) e depois quando tinha que avaliar agora tenho que sair e tenho que ir estudar já não consegui para além de estar a ganhar um bom dinheiro na altura e que achei agora vou adiar isto está a ser tão divertido até porque nós estávamos num programa de Luta Contra a Pobreza aquilo era um projecto que tinha quatro ou cinco anos (...) de financiamento provavelmente depois acabaria e depois ia à minha vida, mas depois continuou não é?! (...)."

- **Perspectiva de futuro**

"Olha do meu futuro não te estou a dizer que é de todo passar o resto dos meus dias no projecto de rua até que eu acho que se bem que eu acho que já não tenho idade para isso hoje em dia quarenta e cinco anos para se trabalhar noutro sítio já é se velha na nossa sociedade e está mau para arranjar trabalho."

(...) não vejo o meu futuro sem trabalhar com jovens gosto muito de trabalhar o projecto rua e gosto muito de mudar e o projecto rua às vezes nós temos oportunidade de mudar eu acho que neste momento e tal como de manha verbalizei se houver mudanças eu gostria de ir nessas mudanças embora eu gosto muito de Chelas e não sei quê eu não me consigo acomodar eu sou uma pessoa por natureza quando as coisas começam na monotomia (...)eu fico doente desmotivo de tal forma que eu preciso de mudar (...)."

- **Novas a acções a desempenhar**

"O Educar e Formar para inserir a resposta da educação e formação acho que puderia para além da experiência e secalhar alguma coisa inovador que vem por aí eu puderia-me encaixar, mas se me mandarem fazer qualquer outra coisa eu estarei cá mas essa motiva-me."

- **Projecto, desejo a realizar**

"Esse gostava muito, gostava estar nesse projecto [Educar e Formar para Inserir] não sei se vou estar ou não, mas gostava. Eu gosto de novas apostas acho que neste momento a

nossa acção aqui para além de estar no ram-ram é muito muito descentralizada há dias que nem por isso, mas há dias que me procuram que me desgastam que me desvaziam quase e eu chego ao fim do dia cansadissima (...).”

**Guião de Entrevista – Educadoras da Equipa CDIJ Oriental IAC**

**Objectivo Geral:**

- "Caracterizar que profissionais desenvolvem o trabalho de intervenção da equipa CDIJ Oriental."
- "Compreender o processo de formação dos profissionais da equipa CDIJ Oriental."

**Objectivos Específicos:**

- "Identificar o percurso de educação/formação da educadora."
- "Conhecer como é que a formação não-formal é adquirida no desempenho do seu trabalho."
- "Compreender como é que a educadora aprende."
- "Extrair as motivações para o exercício da profissão da educadora."

| Categoria | Subcategoria | Indicadores |
|---|---|---|
| **1. Legitimação da entrevista** | **1.1. Contextualização e objectivos de entrevista** | 1.1.1. Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respectivos objectivos |
| | **1.2. Motivação do entrevistado** | 1.2.1. Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do trabalho |
| | **1.3. Confidencialidade e anonimato** | 1.3.1. Garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos |
| | **1.4. Autorização para a gravação áudio** | 1.4.1. Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise. |

| | | |
|---|---|---|
| **2. Perfil Formativo do Entrevistado** | **2.1. Caracterização da formação académica** | 2.1.1. Qual a sua formação inicial [académica]? Que habilitações possui? Qual a sua área de formação inicial? |
| | | 2.1.2. Que conhecimentos/aprendizagens significativas desenvolveu no decorrer da sua formação inicial que lhe são hoje úteis para o seu trabalho? |
| | **2.2. Caracterização da formação profissional** | 2.2.1. Detém algum tipo de formação profissional contínua específica para o trabalho que leva a cabo? [Quando e quem a promoveu?]<br>2.2.2. Que temas, actividades, pessoas estiveram relacionadas com essa formação?<br>2.2.3. O que acha que aprendeu de significativo nessa formação? |

| | | |
|---|---|---|
| **3. Percurso Profissional** | **3.1. Caracterização do percurso profissional** | 3.1.1. Quando, em que sector/projecto, com quem é que iniciou a sua actividade profissional no Instituto de Apoio à Criança? [Pedir ainda razões/motivações?]<br>3.1.2. Pode descrever momentos do seu percurso profissional desde o início até ao presente que foram particularmente importantes para o que faz e como o faz hoje em termos profissionais? [Contextos, pessoas, espaço físico e temporal]<br>3.1.3. Que aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional gostaria de destacar e porquê? |
| | **3.2. Caracterização da actividade profisional** | 3.2.1. Quais as actividades que desempenha no seu dia-a-dia? [Descrever um dia típico]<br>3.2.2. Que aspectos destaca da sua actividade profissional? Que dificuldades, constrangimentos enfrenta e como os ultrapassa?<br>3.2.3. O que é que aprendeu no passado com o seu trabalho que hoje é muito importante para o que faz diariamente?<br>3.2.4. Considera que existiram mudanças na sua prática de intervenção como [Educadora] desde que iniciou até à actualidade?<br>3.2.5. Houve pessoas importantes no percurso |

| | | |
|---|---|---|
| | | da sua vida actividade? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos?<br>3.2.6. Que relevância tiveram essas aprendizagens?<br>3.2.7. Houve momentos particularmente importantes no seu percurso profissional? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos? |
| **4. Do sonhar ao realizar** | **4.1. Desejos do passado** | 4.1.1. Qual a profissão sonhada na sua infância?<br>4.1.2. Que profissão era desejada pelos seus pais? |
| | **4.2. Razões/Motivações** | 4.2.1. Existiu algum factor determinante na escolha da sua formação inicial? E da sua profissão?<br>4.2.2. Que motivações acompanharam a escolha que ainda se reflectem no presente? |
| **5. Questões finais** | **5.1. Perspectivas de futuro** | 5.1.1. Como visualiza o seu futuro?<br>5.1.2. Pretende desempenhar novas acções na sua profissão? E nesta instituição?<br>5.1.3. Tem algum projecto, desejo específico que queira ver realizado? |
| **6. Considerações finais e agradecimentos** | **6.1 Informações adicionais** | 6.1.1. Gostaria de acrescentar algum aspecto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas? |
| | **6.2 Agradecimentos** | 6.2.1. Formular os agradecimentos e a colaboração prestada. |

# Transcrição de Entrevista (E2)

**Entrevistadora - Muito boa tarde!**

E2 - Boa tarde! Muito prazer Joanita.

**Entrevistadora - Obrigado por estar a colaborar com esta entrevista. Desde já quero dizer que será muito importante para o meu relatório de estágio e também todos os dados e todas as recolhas que eu fizer aqui será confidencial.**

**Vamos começar a nível da formação inicial. Que habilitações e em que área é que tem?**

E2 – Eu tenho o décimo primeiro, não acabei o décimo segundo porque fui um bocadinho palerma, não é mas pronto. Tenho o décimo primeiro.

**Entrevistadora - A nível da área específica é?**

E2 - É Animação, sim sim.

**Entrevistadora - Depois tirou essa formação?!**

E2 - Tirei essa formação e fui tirando ao longo do tempo no IAC lá nos cursos de animadora e isso tirei a minha área de animação.

**Entrevistadora - Essa formação que tem a nível da Animadora Sociocultural é assim?**

E2 - É.

**Entrevistadora - Que aprendizagens ou conhecimentos que foi realizando que acha importantes para o trabalho que desenvolve?**

E2 - Portanto na minha área de animação é um bocadinho eu trabalhei na Misericórdia era administrativa da Misericórdia e por acaso eu não gostava nada do que fazia de estar sentada a uma secretária a escrever à máquina era tilógrafa eu destestava não era para mim. E então a minha chefe por acaso da Misericordia era a chefe do IAC que é a Dra. Adelina que chamam muito a Dra. Adelina era a minha Chefe da Misericórdia e como

ela sabia que eu gostava muito desta coisa da animação de crianças e tudo um dia perguntou-me se eu não queria ir para o IAC trabalhar e eu fui ao IAC disseram-me que ia trabalhar para o bairro e eu atão foi logo o que eu quis não é estar ao pé de administrativa uma secretária e para ir trabalhar com crianças claro que ... [não é perceptível]. Fui ao IAC não é e deixei o meu trabalho na Misericórdia e fiquei efectiva no IAC também com essas condições e a partir daí a minha formação começou a ser Animadora. E o que eu aprendi foi por mim e pelo que aprendi no IAC naqueles cursos de formação porque eu era secretária da Misericórdia eu fui para uma coisa que eu gostava mesmo não foi por falta de trabalho foi porque eu era uma coisa que eu gostava e surgiu a oportunidade mandei-me assim de cabeça era aquilo que eu queria.

**Entrevistadora - Já que falou nessas formações que foi tendo ao longo do trabalho no IAC quem é que as promoveu e que actividades ou que temas eram abordados.**

E2 - Algumas formações nós o IAC proporcionou-nos tirarmos fora em várias instituições ao longo dos anos, outras foram dadas no próprio IAC e outras fui eu por curiosidade minha e que tirei e fui aprendendo ao longo dos anos porque o ser animador não é só um curso, não é nada é que o nós gostamos cá dentro de nós, o que gostamos de fazer há muita coisa que aprendi por mim própria.

**Entrevistadora - Que temas que actividades é que foram desenvolvidas nessas...**

E2 - Temas?

**Entrevistadora - Sim exemplos dessas formações que foi tendo.**

E2 - Foi a parte lúdica, trabalhar com a criança, parte lúdica, os jogos.

**Entrevistadora - Assim a nível da intervenção...**

T.P - Também, como abordar as crianças sim, sim.

**Entrevistadora - Para si como pessoa, como técnica o que achou de importante nessas formações que foi tendo ao longo do seu percurso?**

E2 - Mais conhecimento sem dúvida, mais conhecimento adquiri mais matérias que possa desenvolver com os jovens e com as crianças porque eu trabalhei com miúdos

mais pequeninos com várias faixas étárias não é e sem dúvida alguma fui buscar aí muito material que era me desconhecido para aplicar. É sempre bom, as formações é sempre bom estás sempre a aprender.

**Entrevistadora - Quanto ao percurso que fez no IAC. Perguntava-lhe quando, em que sector ou projecto é que iniciou a sua actividade aqui no Instituto de Apoio à Criança?**

E2 - Eu iniciei na estrada de Chelas portanto era um bairro de barracas que era preciso uma animadora para lá  não havia ainda trabalho feito nessa área houve colegas que tinham visto crianças a pedir na baixa e por sua vez sabiam que elas moravam nesse bairro de barracas aqui na estrada de Chelas. Eu quando entrei para o IAC havia uma falha nesse sentido, não havia ninguém para ir para esse bairro então eu fui saí da Misericórdia não é fui para esse bairro de barracas trabalhar fiquei assim um bocadinho em choque o que eu gostava e gostava foi uma experiência espetacular  mas entrei em choque é uma realidade diferente que a gente vivia não é chegar a um bairro de barracas ver aqueles meninos todos despidos sem roupa nenhuma sem nada é um choque não tem nada a ver com a realidade de um dia-a-dia fora de um bairro assim, mas também foi isso que me fez gostar mais do trabalho que iria fazer.

**Entrevistadora - Pode-se dizer que foi uma das motivações?**

E2 - Exactamente para mim o que eu queria era mudar ali totalmente aquele bairro, aquelas crianças, aquelas famílias e de uma certa maneira acho que consegui.

**Entrevistadora - Aproveitando agora a nível do que considera importante neste percurso que fez no IAC pode destacar os diferentes momentos?**

E2 - Por tanto as várias etapas de trabalho?

**Entrevistadora – Exacto.**

E2 - Portanto o tempo que eu cá estou no IAC já mudei várias vezes e acho que é sempre bom, muito bom porque tu enriqueces como pessoa passas por várias realidades numa determinada comunidade este espaço é outro portanto estás com várias diferentes vivências e é sem dúvida enriquecedor esse tipo de trajecto que a gente faz porque se tu estás sempre num sítio não tens noção do que se passa noutro bairro e assim se tu

passares por várias realidades é sempre mais enriquecedor como pessoa como para o teu trabalho em si também eu passei portanto pelo bairro aqui do Pátio naquele Pátio de barracas que eu te disse trabalhei no Bairro da Boavista pela comunidade com a carrinha também já trabalhei com os ciganitos no Alfredo Bem Saúde e já trabalhei na comunidade da Pontinha. Ah! E já fiz também parte da equipa que fazia, portanto íamos ao Colombo ver se meninos não iam à escola que desapareciam de colégios e fiz parte dessa equipa também portanto eu já fiz enquanto cá estou no Insituito já passei por várias realidades e por vários trabalhos e hoje estou aqui em Chelas, em Marvila a trabalhar com esta comunidade de Marvila.

**Entrevistadora - Esse trajecto, essas transições que foi fazendo aqui ao longo do IAC o que é que se apercebe que foi mudando para o trabalho que faz. Ferramentas que foi tendo para depois aplicar, ir aplicando o trabalhar que faz ou té mesmo modificar o trabalho consoante os vários momentos.**

E2 - O que noto é o seguinte o meu primeiro trabalho não é chegamos aquele Pátio e vemos aqueles meninos todos despidos, hoje a realidade é diferente já não vês nada disso a nível de roupa hoje tu não sabes até os meninos mais pobres têm aquela mentalidade da roupa de marca e isso é uma realidade que já não tem nada a ver. Antes eles vestiam qualquer coisa e hoje já não tem nada a ver estes meninos mais pobres não sei se é pobres não sei até que ponto se chamam pobres não é vêem a realidade já de outra maneira até nós temos que nos adaptar a esse tipo de realidade se nos dão roupa qualquer roupa para os miúdos até para as famílias se vestirem tu tens a noção que vais dar essa roupa e que eles não vestem porque não é de marca ou porque não gostam e só aí já houve uma mudança diferente da realidade porque tu dantes davas roupa aqueles meninos e era uma loucura, roupa.

Hoje tu dás roupa eles abrem aquele saco e não acham graça nenhuma porque não é de marca e não vão vestir aquilo nem os pais vestem sequer. Portanto aí já é uma realidade diferente até a nivel de comida, até a nivel de comida, por exemplo, o Banco Alimentar que dá bastante e que eles comiam tudo. Hoje em dia até são esquisitos no arroz (risos). Hoje vive-se do (a pensar), do consumo não tem nada a ver do que é preciso memso na realidade é um consumismo vive-se disso, das aparências pode-se não ter nada em casa mas desde que esteja bonito e arranjado e com um ténis de marca pronto tass bem que é como eles dizem tass bem.

**Entrevistadora - Por exemplo, algumas aprendizagens que gostaria de destacar como técnica, como pessoa que teve ao longo deste percurso profissional?**

E2 - Aprendizagens se calhar com os miúdos acho que nós ao longo deste anos todos fui aprendendo muito com as crianças e com os jovens e adaptando essa realidade e adaptar-me a eles tambem não é só eles que têm que nós também temos que nos adaptar à realidade da vida como é e como está hoje e os jovens não tem nada a ver com os jovens à uns anos atrás temos que nos adaptar a essa realidade também e saber estar com eles e aprender com eles chegar a eles.

**Entrevistadora - Sei que é um bocadinho difícil esta pergunta porque faz-se assim um bocadinho de tudo como eu tenho estado a observar. Mas, se conseguiria descrever um dia típico das actividades que desempenha na sua profissão? Sei que nem sempre faz algo sequencial, vai fazendo várias actvidades ao longo da semana e do próprio dia. Mas, aspectos que queira destacar referente as actividades que desempenha?**

E2 - Eu sou uma pessoa que adoro o que faço gosto muito daquilo que eu faço e acho que gosto de tudo um bocadinho tudo o que se faz aqui eu faço com prazer mesmo que seja o PTC que a gente faz o treino de competências até à parte mais lúdica e isso eu gosto do trabalho todo que se desenvolve desde o sair portanto eu diria que um dia típico humm não tenho assim acho que tudo o que aqui se desenvolve eu gosto não tenho aqui nada que ...

**Entrevistadora – E, por exemplo, actividades que possa descrever que reproduz no seu trabalho é mais nesse sentido. O que é que faz, que actividades é que faz num dia ou numa semana no seu trabalho?**

E2 - Olha uma das actividades que eu gosto muito de fazer é as sessõess na escola gosto imenso de fazer gosto de ensinar na escola e apanhar aquelas classes aqueles miúdos todos adoro, adoro e também gosto muito aqui do grupo que nós desenvolvemos durante os Aventureiros gosto muito de tudo o que a gente faz.

**Entrevistadora - Para se entender que tipo de actividades. Já disse o treino de competências, a parte mais lúdica e como é que essa parte mais lúdica que desenvolve com os Aventureiros?**

E2 - Depende há dias em que é a parte dos jogos em que estamos mais em que é uma tarde mais vocacionada para eles para estarmos mais descontraídos e gosto quando fazemos a parte lúdica de trabalhos que são desenvolvidos aqui com temas não é os lanches que a gente programa fazer quando é o Canaval, a Páscoa gosto de fazer tudo.

**Entrevistadora - Aspectos que destaca a nível de dificuldades, alguns contrangimentos que vai tendo nas actividades que desempenha e ao mesmo tempo como é que os ultrapassa?**

E2 - Portanto às vezes fico um bocado frustrada porque, por exemplo, quando é quarta-feira que é o grupo todo e quando não vêm todos fico um bocadinho triste porque penso que eles já não estão a gostar muito de vir ao IAC será que já não estamos a transmitir ou a dar aquela a puxar por eles o quanto eles gostavam de vir ao grupo não é e isso constrage-me um bocadinho às vezes. Mas por outro lado, depois penso que eles também têm outras coisas são miúdos mas eu gostava que o grupo sentisse bem com o que fazemos aqui sentissem isto como uma casa que é deles, isso gostava e gosto sinto-me bem quando vejo que eles estão todos a chegar e que o grupo está a sentir-se bem a vir cá está bem connosco e que as actividades está a ir ao encontro do que eles gostam de fazer.

**Entrevistadora - Relativamente à actividade profissinal que tem vindo a desenvolver acha que existiram mudanças na intervenção que tem vindo a ter desde o início até agora?**

E2 - É assim eu tenho passado por muitas mudanças porque cada equipa que eu estou é uma mudança temos que nos adequar à equipa e aos novos desafios porque uma comunidade é de uma maneira, outra comunidade é de outra e o trabalho é totalmente diferente se calhar aí é um bocado uma barreira não é?! como toda a gente que muda para um sítio que não está habituado ter-se ali uma barreira.

Mas como nós estamos aqui para trabalhar e eu tudo o que me dão é bem-vindo mesmo indo para outra equipa ou não portanto sinto-me bem mas a pessoa o que é certo é que a realidade e temos que nos adaptar à outra realidade e isso é sempre um bocado difícil

não é as pessoas não mudam assim por exemplo estamos uns anos com uma equipa e depois mudares para outra equipa assim não é fácil tens que te adaptar são pessoas diferentes são pessoas com outras maneiras de ser tens que te adaptar e a comunidade também é diferente as crianças, por exemplo, aqui as crianças de Marvila não são está bem que são crianças de outro lado mas são outras realidades e também tens que te adaptar a outras realidades não é não é assim tão fácil como isso e isso aí é um obstáculo tu trabalhaste aqui em Marvila com estas crianças de Marvila, aqui do bairro e depois ires para uma comunidade para um Alfredo Bem Saúde que é uma comunidade só cigana não é fácil eu estou a falar porque já trabalhei lá também é uma realidade totalmente diferente portanto o desafio a nível de trabalho não tem nada a ver enquanto que aqui com este grupo de Aventureiros nós fazemos muita coisa e são crianças, lá não fazes nem metade do que aqui metade nem um quarto do que fazes com estes miúdos até com os jovens que têm a mesma idade do que estes até com os jovens nos intercâmbios os meninos de lá e os meninos daqui de Marvila e a realidade não tem nada a ver é totalmente diferente mas pronto também é um desafio é um desafio puxares por aqueles meninos é uma realidade totalmente diferente mas também é bom.

**Entrevistadora - Relativamente às pessoas que existiram no seu percurso. O que é que considera que aprendeu de relevante com essas pessoas? Ou se existiram pessoas que foram importantes durante este percurso? Que momentos é que pode destacar a nível do seu trabalho?**

E2 - Eu acho que houve pessoas muito importantes e continuam a ser muito importantes aqui a nível do trabalho porque é um apoio porque é assim todas nós somos diferentes e nem toda a gente tem que saber a mesma coisa não é?! e uma equipa para estar bem e para se conseguir ser uma equipa temos que aceitar-nos umas às outras e complementarmo-nos eu posso ter jeito para jogos para a parte lúdica e isso e outra colega tem jeito para outra coisa portanto temos que nos complementar todas a nível de serviço e sem dúvida alguma há pessoas que ao longo destes anos me deixam marcas e continuam e aprendi muito com todas as colegas sem dúvida alguma todos os dias.

**Entrevistadora - E essas aprendizagens sente que foram a que nível? Agora referiu essa parte, a complementariedade, uma vez que cada um tem a sua competência mais para um lado do que para o outro e, que mais puderia dizer relativamente a essas aprendizagens? A essa interacção entre pessoas, entre equipa?**

E2 - Eu acho que a todos os níveis porque é assim há colegas que têm derivado à parte académica não só elas desenvolvem um outro trabalho e eu desenvolvo o meu e o por isso eu estou a dizer que depois a nível de trabalho de um todo complementamo-nos e ajudamo-nos umas às outras com trabalho final a sair bem porque eu posso ter a parte lúdica e o estar com os miúdos e outra colega não estar tão apta a isso e complementamo-nos a nível de trabalho e isso acho que é importante e uma equipa tem que ser assim temos que nos complementar-umas às outras e respeitarmos os trabalho de cada um e aprendermos umas com as outras eu acho que isso é o mais importante.

**Entrevistadora - Então pode-se dizer que é importante e que têm essas aprendizagens e esses momentos é depois também chegar um bocadinho ao resultado final, ao trabalho que se desenvolve aos objectivos que estão estabelecidos.**

E2 - Exactamente, exactamente.

**Entrevistadora - Existiram momentos particularmente importantes no seu percurso profissional? E se existiram porque é que os considera importantes e o que é aprendeu a partir desses momentos que teve ao longo do seu percurso?**

E2 - Sim os momentos mais importantes e que ainda hoje são importantes em todos os sentidos foi o primeiro sítio que eu fui trabalhar enquanto IAC e hoje ver esses meninos que eu apanhei todos nús porque estavam exactamente como eu estou a dizer nús sem roupa nenhuma a andarem pela estrada cheios de ranhoca e não sei quê e hoje vê-los já com filhos e passarem por mim e a educação que dão aos seus filhos que eles não tiveram e que tentam por tudo dar aos filhos para que eles tenham uma educação diferente isso a mim é um orgulho muito grande e sinto-me bem sinto-me bem de os apanhar muitas vezes ou no autocarro ou na rua e virem-me falar e eu fico feliz porque foram miúdos que me passaram e que eu trabalhei tanto com eles e fiz tanto por eles e hoje sinto-me feliz e é o que eu mais gosto é ver estes miúdos assim fico feliz ainda

hoje aqui já apanho nesta comunidade filhos de miúdos que já foram meus miúdos e eu fico feliz, claro que sim.

**Entrevistadora - O que é que aprendeu no passado com o seu trabalho que é realmente importante para o que faz diariamente?**

E2 - O que eu aprendi no passado (a pensar) era para mim o que eu aprendi ao mesmo tempo foi uma descoberta porque eu desconhecia completamente aquela realidade e isso também me fez crescer enquanto pessoa o conseguir modificar uma comunidade os seus filhos, as suas famílias e alterar a vida dessa gente foi muito importante para mim, para o IAC e para as colegas que trabalharam comigo e realmente isso foi sem dúvida uma aprendizagem muito grande e hoje em dia a realidade é diferente mas mesmo assim eu tento fazer dar a estes miúdos que hoje a vida é diferente mas mesmo assim eu tento dar esses valores sempre do princípio do que dei à uns anos atrás porque os valores é o essencial da vida em todos os sentidos até para eles crescerem como pessoas porque se não houverem esses valores eles também não vão crescer felizes, nem conseguem nada da sua vida eu tento dar esses valores que dei à uns anos atrás continuar assim com esses valores ainda hoje com estes miúdos que é outra realidade mas que não tem nada a ver a realidade não tem nada a ver com os valores que vão passando porque para mim isso é o essencial da vida é os valores é os bons costumes é isso tudo para eles crescerem enquanto pessoas.

**Entrevistadora - Qual a sua profissão sonhada na infância?**

E2 - Hospedeira, era hospedeira que não tem nada a ver com o que sou hoje. Mas depois tirei-lhe o sentido porque era pequena demais (risos). Mas era o meu sonho era ser ou hospedeira ou peixeira porque eu via as peixeiras cheias de ouro e então pensava que as peixeiras eram ricas e então eu queria ser peixeira.

**Entrevistadora - E a profissão que era sonhada pelos seus pais?**

E2 - Não te posso dizer isso porque a minha mãe mesmo nunca estive com ela e o meu pai nunca o conheci portanto é uma realidade que não posso aí descrever.

**Entrevistadora - Existiu algum motivo, algum factor que fosse determinante para a escolha inicial do que faz hoje?**

E2 – Sim porque, portanto, eu sou adoptada não é?! E sempre tive na cabeça trabalhar com este tipo de crianças é uma realidade que eu sempre gostei visto que eu fui adoptada e que a minha mãe me deixou eu queria dar alguma coisa de bom a estes miúdos então foi o que me fez levar sair da Misericórdia e trabalhar e tive a oportunidade de conseguir vir fazer uma coisa que eu gostava mesmo e então foi por isso que eu vim para o IAC para trabalhar com estes grupos que é uma coisa que eu gosto faço com muito prazer é a minha satisfação profissional e enquanto pessoas também eu trabalhar com esta realidade e com estes grupos.

**Entrevistadora - A permanência de estar no IAC provem dessa mesma motivação d inicio ou foi porque nunca surgiu uma outra oportunidade ou alguma outra janela para puder realizar outro trabalho ou não estar mesmo no IAC?**

E2 – Não porque é assim eu realmente trabalhava na Misericórdia tinha o meu trabalho era efctiva na Misericórdia e eu não estava feliz com o que estava a fazer não me sentia realizada no trabalho e foi por isso que eu tive esta oportunidade de vir para o IAC e relamente no IAC eu sinto-me feliz com aquilo que eu faço sempre me senti eu gosto o IAC dá-nos essa oportunidade de fazermos aquilo que a gente realmente gosta não é e eu sinto-me realizada portanto nunca, nunca [põe em causa] de ir para outro lado e se fosse também seria uma instituição assim do mesmo género com crianças com jovens com este tipo de realidades não ia muito além disso (risos) não ia muito além disso.

**Entrevistadora - Como é que visualiza o seu futuro?**

E2 - Visualizo o meu futuro fazendo o que eu gosto com o mesmo empenho e se calhar ainda mais e trabalhando com todo o empenho que tenho e bem sei que cada vez mais temos que estar preparadas porque a realidade dos miúdos e dos jovens são diferentes e se calhar tem que puxar um bocadinho mais por nós enquanto pessoas e técnicos nesta área também tem que ser uma aprendizagem também para nós temos que aprender se calhar um bocadinho também com eles ir de encontro à realidade deles, mas prevejo o meu futuro com o mesmo desempenho que faço agora e com todo o empenho que tenho e continuo o a dar o tudo o que dou e o que sou enquanto pessoa e seja o sítio para onde for vou continuar a fazer o mesmo trabalho.

**Entrevistadora - Já que falam nas mudanças de equipa pretende desempenhar novas actividades novas acções**

E2 - É assim eu estou preparada para tudo porque eu já fiz também PIEFs já estive nos PIEFs que é uma realidade que parece que vem para aí agora para o IAC e via com um bocado de receio, mas depois estive muito bem e gostei também dessa realidade não foi uma coisa que eu não gostasse também gostei é um trabalho diferente não tem nada a ver é com jovens mais velhos é fora do nosso local de trabalho e isso. Mas gostei também muito desse trabalho não foi nada que eu fosse e ia com um bocado de receio, claro mas não foi um desafio para o qual eu não gostasse gostei também desse desafio dos PIEFs portanto não alterou nada em mim e a minha maneira de ser nem de estar lá está fui de encontro ao trabalho que me estavam a pedir para fazer portanto tentei desempenha-lo com o melhor que sabia portanto isso também não me assusta nada.

**Entrevistadora – E é uma das forma de chegar lá.**

E2 - É uma forma de chegar lá e uma das formas de tu estares sempre a aprender e novos desafios e outras realidades e porque isto faz-se de desafios e o IAC faz-se de desafios também tão depressa num ano podes estar numa equipa como no outro ano podes estar numa equipa diferente e noutro trabalho e tens que desempenhar quer gostes ou não mas é melhor que gostes (risos) porque não vale a pena ires insatisfeita, não porque estamos aqui para trabalhar não é e ou tu gostas do que estás a fazer e além dão-te o desafio e tu tens que ir a esse desafio não vale a pensa estarmos a não querer ir ou gostava mais disto não vale a pena está bem que eu posso gostar de uma certa coisa não é mas eu tenho que ir e se eu tenho que ir para outro lado não me adianta estar a pensar que eu gostava de fazer aquilo eu estou sempre aberta à mudança não tenho problema nenhum haja o que houver eu vou estou aqui para trabalhar.

Apesar de que há coisas que a gente sabe que a nós gostamos mais dumas coisas que outras, mas é normalíssimo e há equipas e há pessoas que gostas mais que outras e isso também é muito normal e isto a vida não é feita só disso não é um mar de rosas e se calhar tu às vezes estás ah eu não gostava nada de ir para aquela equipa e depois ao fim ao cabo até estás bem e até gostas dessa equipa que estiveste eu acho que é bom toda a gente mudar não nos afeiçoar-mos ao longo do trabalho não só num sítio porque tu se calhar também dás se calhar noutro sítio até dás mais no que estás a dar no anterior.

**Entrevistadora- Quanto a algum projecto, algum desejo específico que gostaria de ver realizado?**

E2 - Um projecto, um projecto...

**Entrevistadora - Quer pessoal, quer profissional.**

E2 - Por acaso nunca pensei nisso, um projecto um projecto... Olha sabes o que eu gostava de ter um jardim infantil adorava ter era uma das experiências que eu gostava se pudesse ter assim um jardim infantil desde os três meses até ao ciclo gostava isso era um projecto que eu gostava se tivesse muito dinheiro adorava depois pôr o meu nome (risos). Gostava, gostava muito que eu adoro crianças e jovens e gosto muito gosto muito do trabalho que faço e gostava muito de ter esse projecto era uma coisa que eu gostava de ter era um jardim infantil gostava muito.

**Entrevistadora - Gostaria de acrescentar mais algum aspecto alguma coisa que ache importante revelar.**

E2 - Posso acrescentar que gosto de estar e que vou ter um bocado de saudades da estagiária que cá está agora que por acaso tem sido uma mais valia para mim têm me ajudado muito espero que ela tenha tudo de bom na vida dela e que realize também os seus objectivos e o seu futuro.

**E – Muito obrigado! Só para terminar assim mesmo, não sei se puderia dizer uma característica, uma mudança quer como técnica, quer como pessoa que sentiu que foi alterada ou que foi mais moldada face às experiências e às realidades que já viveu?**

E2 - Se calhar sinto-me assim hoje um bocadinho mais fria via as coisas um bocadinho mais cor-de-rosa e hoje não hoje já vejo as coisas um bocadinho mais friamente já me podem dizer aquela criança foi abusada e eu ficava que horror e eu hoje já...

**Entrevistadora – Já não cria aquele choque?!**

E2 - Fico chocada, mas já não cria o mesmo choque do pincípio já vimos claro que é uma situação grave claro que é uma situação que nos diz muito mas já vejo as coisas de maneira diferente como aquele pai que bate nos filhos e isso já são tantas coisas já passaram tantas coisas por nós não é e isso ao longo destes anos vimos as coisas de uma maneira mais fria o que não deveria de ser, não deveria de ser, mas que infelizmente a

vida nos faz com que essas coisas nos vão ficando mais frias. Vimos as coisas já de uma maneira diferente com mais calma, não é como dantes que ficávamos logo em pé de guerra não hoje já vemos as coisas parece com mais frieza.

**Entrevistadora - Muito obrigado pela sua colaboração.**

E2 – Ah já está?! Ah de nada, gostei (risos).

# Análise de Conteúdo (E2)

- **Formação Inicial [académica/ habilitações]**

"Eu tenho o décimo primeiro, não acabei o décimo segundo porque fui um bocadinho palerma, não é mas pronto."

- **Formação Profissional**

"Tirei essa formação e fui tirando ao longo do tempo no IAC lá nos cursos de animadora e isso tirei a minha área de animação."

"Algumas formações nós, o IAC proporcionou-nos tirarmos fora em várias instituições ao longo dos anos, outras foram dadas no próprio IAC e outras fui eu por curiosidade minha e que tirei e fui aprendendo ao longo dos anos porque o ser animador não é só um curso, não é nada é o que nós gostamos cá dentro de nós, o que gostamos de fazer há muita coisa que aprendi por mim própria."

**[Temáticas]:**

"Foi a parte lúdica, trabalhar com a criança, parte lúdica, os jogos."

"Também, como abordar as crianças sim, sim."

- **Conhecimentos e aprendizagens significativas aplicadas a posteriori a nível profissional**

"(...) mais conhecimento, adquiri mais matérias que possa desenvolver com os jovens e com as crianças porque eu trabalhei com miúdos mais pequeninos, com várias faixas etárias não é? e sem dúvida alguma fui buscar aí muito material que era me desconhecido para aplicar."

- **Percurso Profissional**

**1.º Momento**

"(...) eu trabalhei na Misericórdia era administrativa da Misericórdia e por acaso eu não gostava nada do que fazia de estar sentada a uma secretária a escrever à máquina era tilógrafa eu destestava não era para mim. E então a minha chefe por acaso da Misericordia era a chefe do IAC que é a Dra. Adelina (...) e como ela sabia que eu gostava muito desta coisa da animação de crianças e tudo um dia perguntou-me se eu não queria ir para o IAC trabalhar e eu fui ao IAC disseram-me que ia trabalhar para o bairro (...)."

**2.º Momento**

"(...) deixei o meu trabalho na Misericórdia e fiquei efectiva no IAC também com essas condições e a partir daí a minha formação começou a ser Animadora."

"Eu iniciei na estrada de Chelas, portanto era um bairro de barracas que era preciso uma animadora para lá não havia ainda trabalho feito nessa área houve colegas que tinham visto crianças a pedir na baixa e por sua vez sabiam que elas moravam nesse bairro de barracas aqui na estrada de Chelas."

"Eu quando entrei para o IAC havia uma falha nesse sentido, não havia ninguém para ir para esse bairro então eu fui saí da Misericórdia não é fui para esse bairro de barracas trabalhar fiquei assim um bocadinho em choque o que eu gostava e gostava foi uma experiência espetacular mas entrei em choque é uma realidade diferente que a gente vivia não é chegar a um bairro de barracas ver aqueles meninos todos despidos sem roupa nenhuma sem nada é um choque não tem nada a ver com a realidade de um dia-a-dia fora de um bairro assim (...)"

**3.º Momento**

"(...) trabalhei no Bairro da Boavista pela comunidade com a carrinha (...)."

**4.º Momento**

"(...) também já trabalhei com os ciganitos no Alfredo Bem Saúde (...)"

**5.º Momento**

"(...) e já trabalhei na comunidade da Pontinha."

**6.º Momento**

"(...) já fiz também parte da equipa que fazia, portanto íamos ao Colombo ver se meninos não iam à escola que desapareciam de colégios (...)"

**7.º Momento**

"(...) hoje estou aqui em Chelas, em Marvila a trabalhar com esta comunidade de Marvila."

- **Momentos particularmente importantes da trajectória para o que faz e como o faz hoje a nível profissional**

"O que noto é o seguinte o meu primeiro trabalho não é chegamos aquele Pátio e vemos aqueles meninos todos despidos, hoje a realidade é diferente já não vês nada disso a nível de roupa hoje tu não sabes até os meninos mais pobres têm aquela mentalidade da roupa de marca (...)"

"(...) antes eles vestiam qualquer coisa e hoje já não tem nada a ver estes meninos mais pobres não sei se é pobres não sei até que ponto se chamam pobres não é vêem a realidade já de outra maneira até nós temos que nos adaptar a esse tipo de realidade se nos dão roupa qualquer roupa para os miúdos até para as famílias se vestirem tu tens a noção que vais dar essa roupa e que eles não vestem porque não é de marca ou porque não gostam e só aí já houve uma mudança diferente da realidade porque tu dantes davas roupa aqueles meninos e era uma loucura, roupa."

"(...) até a nivel de comida, por exemplo, o Banco Alimentar que dá bastante e que eles comiam tudo hoje em dia até são esquisitos no arroz (risos) hoje vive-se do (a pensar) do consumo não tem nada a ver do que é preciso memso na realidade é um consumismo vive-se disso, das aparências pode-se não ter nada em casa mas desde que esteja bonito e arranjado e com um ténis de marca pronto tass bem que é como eles dizem tass bem."

- **Aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional**

"(...) ao longo deste anos todos fui aprendendo muito com as crianças e com os jovens e adaptando essa realidade e adaptar-me a eles tambem não é só eles que têm que nós também temos que nos adaptar à realidade da vida como é e como está hoje e os jovens não tem nada a ver com os jovens à uns anos atrás temos que nos adaptar a essa realidade também e saber estar com eles e aprender com eles chegar a eles."

- **Actividades diárias**

"(...) gosto de tudo um bocadinho tudo o que se faz aqui eu faço com prazer mesmo que seja o PTC que a gente faz o treino de competências até à parte mais lúdica e isso eu gosto do trabalho todo que se desenvolve desde o sair (...)."

"(...) uma das actividades que eu gosto muito de fazer é as sessõess na escola gosto imenso de fazer gosto de ensinar na escola e apanhar aquelas classes aqueles miúdos todos adoro (...)."

"(...) também gosto muito aqui do grupo que nós desenvolvemos durante os "Aventureiros" gosto muito de tudo o que a gente faz (...) é a parte dos jogos em que estamos mais em que é uma tarde mais vocacionada para eles para estarmos mais descontraídos e gosto quando fazemos a parte lúdica de trabalhos que são desenvolvidos aqui com temas não é os lanches que a gente programa fazer quando é o Canaval, a Páscoa (...)."

- **Dificuldades/constrangimentos profissionais**

**[Dificuldades]**

"Portanto às vezes fico um bocado frustrada porque, por exemplo, quando é quarta-feira que é o grupo todo e quando não vêm todos fico um bocadinho triste porque penso que eles já não estão a gostar muito de vir ao IAC será que já não estamos a transmitir ou a dar aquela a puxar por eles o quanto eles gostavam de vir ao grupo não é e isso constrage-me um bocadinho às vezes."

**[Modos de ultrapassar]:**

"Mas por outro lado, depois penso que eles também têm outras coisas são miúdos mas eu gostava que o grupo sentisse bem com o que fazemos aqui sentissem isto como uma casa que é deles (...)."

"(...) sinto-me bem quando vejo que eles estão todos a chegar e que o grupo está a sentir-se bem a vir cá está bem connosco e que as actividades está a ir ao encontro do que eles gostam de fazer."

- **Aprendizagens passadas importantes para as actividades**

"O que eu aprendi no passado (a pensar) era para mim o que eu aprendi ao mesmo tempo foi uma descoberta porque eu desconhecia completamente aquela realidade e isso também me fez crescer enquanto pessoa o conseguir modificar uma comunidade os seus filhos, as suas famílias e alterar a vida dessa gente foi muito importante para mim, para o IAC e para as colegas que trabalharam comigo (...)."

"foi sem dúvida uma aprendizagem muito grande e hoje em dia a realidade é diferente mas mesmo assim eu tento fazer dar a estes miúdos que hoje a vida é diferente mas mesmo assim eu tento dar esses valores sempre do princípio do que dei à uns anos atrás porque os valores é o essencial da vida em todos os sentidos até para eles crescerem como pessoas porque se não houverem esses valores eles também não vão crescer felizes, nem conseguem nada da sua vida (...)"

- **Mudanças na prática interventiva**

"É assim eu tenho passado por muitas mudanças porque cada equipa que eu estou é uma mudança temos que nos adequar à equipa e aos novos desafios porque uma comunidade é de uma maneira, outra comunidade é de outra e o trabalho é totalmente diferente (...)."

"(...) tu trabalhaste aqui em Marvila com estas crianças de Marvila, aqui do bairro e depois ires para uma comunidade para um Alfredo Bem Saúde que é uma comunidade só cigana não é fácil eu estou a falar porque já trabalhei lá também é uma realidade totalmente diferente portanto o desafio a nível de trabalho não tem nada a ver enquanto que aqui com este grupo de Aventureiros nós fazemos muita coisa e são crianças, lá não fazes nem metade do que aqui metade nem um quarto do que fazes com estes miúdos até com os jovens que têm a mesma

idade (...) mas pronto também é um desafio é um desafio puxares por aqueles meninos é uma realidade totalmente diferente mas também é bom."

- **Pessoas importantes ao longo da trajectório profissional e respectivas aprendizagens adquiridas**

"(...) houve pessoas muito importantes e continuam a ser muito importantes aqui a nível do trabalho porque é um apoio porque é assim todas nós somos diferentes e nem toda a gente tem que saber a mesma coisa não é?! e uma equipa para estar bem e para se conseguir ser uma equipa temos que aceitar-nos umas às outras e complementarmo-nos (...)"

"(...) há pessoas que ao longo destes anos me deixam marcas e continuam e aprendi muito com todas as colegas sem dúvida alguma todos os dias."

"(...) porque eu posso ter a parte lúdica e o estar com os miúdos e outra colega não estar tão apta a isso e complementamo-nos a nível de trabalho e isso acho que é importante e uma equipa tem que ser assim temos que nos complementar-umas às outras e respeitarmos os trabalho de cada um e aprendermos umas com as outras eu acho que isso é o mais importante."

- **Momentos particularmente importantes com aprendizagens relevantes**

"Sim os momentos mais importantes e que ainda hoje são importantes em todos os sentidos foi o primeiro sítio que eu fui trabalhar enquanto IAC e hoje ver esses meninos que eu apanhei todos nús porque estavam exactamente como eu estou a dizer nús sem roupa nenhuma a andarem pela estrada cheios de ranhoca e não sei quê e hoje vê-los já com filhos e passarem por mim e a educação que dão aos seus filhos que eles não tiveram e que tentam por tudo dar aos filhos para que eles tenham uma educação diferente (...)."

"(...) isso a mim é um orgulho muito grande e sinto-me bem (...) de os apanhar muitas vezes ou no autocarro ou na rua e virem-me falar e eu fico feliz porque foram miúdos que me passaram e que eu trabalhei tanto com eles e fiz tanto por eles e hoje sinto-me feliz e é o que eu mais gosto é ver estes miúdos assim (...) ainda hoje aqui já apanho nesta comunidade filhos de miúdos que já foram meus miúdos e eu fico feliz, claro que sim."

- **Profissão sonhada na infância**

"Hospedeira, era hospedeira que não tem nada a ver com o que sou hoje."

"(...) o meu sonho era ser ou hospedeira ou peixeira porque eu via as peixeiras cheias de ouro e então pensava que as peixeiras eram ricas e então eu queria ser peixeira."

- **Profissão sonhada pelos pais**

"Não te posso dizer isso porque a minha mãe mesmo nunca estive com ela e o meu pai nunca o conheci portanto é uma realidade que não posso aí descrever."

- **Motivação para a escolha da profissão**

"(...) porque portanto eu sou adoptada não é?! e sempre tive na cabeça trabalhar com este tipo de crianças é uma realidade que eu sempre gostei visto que eu fui adoptada e que a minha mãe me deixou eu queria dar alguma coisa de bom a estes miúdos (...)."

"(...) então foi por isso que eu vim para o IAC para trabalhar com estes grupos que é uma coisa que eu gosto faço com muito prazer é a minha satisfação profissional e enquanto pessoas também eu trabalhar com esta realidade e com estes grupos."

- **Perspectiva de futuro**

"Visualizo o meu futuro fazendo o que eu gosto com o mesmo empenho e se calhar ainda mais (...)."

"(...) bem sei que cada vez mais temos que estar preparadas porque a realidade dos miúdos e dos jovens são diferentes e se calhar tem que puxar um bocadinho mais por nós enquanto pessoas e técnicos nesta área (...)."

"(...) mas prevejo o meu futuro com o mesmo desempenho que faço agora e com todo o empenho que tenho e continuo o a dar o tudo o que dou e o que sou enquanto pessoa e seja o sítio para onde for vou continuar a fazer o mesmo trabalho.

- **Novas a acções a desempenhar**

"É assim eu estou preparada para tudo (...)."

"(...) eu já fiz também PIEFs já estive nos PIEFs que é uma realidade que parece que vem para aí agora para o IAC e via com um bocado de receio, mas depois estive muito bem e gostei também dessa realidade não foi uma coisa que eu não gostasse também gostei é um trabalho diferente não tem nada a ver é com jovens mais velhos é fora do nosso local de trabalho (...)"

"(...) o IAC faz-se de desafios também tão depressa num ano podes estar numa equipa como no outro ano podes estar numa equipa diferente e noutro trabalho e tens que desempenhar quer gostes ou não mas é melhor que gostes (risos) porque não vale a pena ires insatisfeita, não porque estamos aqui para trabalhar não é e ou tu gostas do que estás a fazer e além dão-te o desafio e tu tens que ir a esse desafio (...)."

"(...) eu acho que é bom toda a gente mudar não nos afeiçoar-mos ao longo do trabalho não só num sítio porque tu se calhar também dás se calhar noutro sítio até dás mais no que estás a dar no anterior."

- **Projecto, desejo a realizar**

"(...) olha sabes o que eu gostava de ter um jardim infantil adorava ter era uma das experiências que eu gostava se pudesse ter assim um jardim infantil desde os três meses até ao ciclo gostava isso era um projecto que eu gostava se tivesse muito dinheiro adorava depois pôr o meu nome (risos).

- **Uma mudança visível ao longo da trajectória profissional**

"Se calhar sinto-me assim hoje um bocadinho mais fria via as coisas um bocadinho mais cor-de-rosa e hoje não hoje já vejo as coisas um bocadinho mais friamente (...)."

"(...) aquela criança foi abusada e eu ficava que horror e eu hoje já **...** fico chocada, mas já não cria o mesmo choque do pincípio já vimos claro que é uma situação grave claro que é uma situação que nos diz muito mas já vejo as coisas de maneira diferente (...)."

"(...) como aquele pai que bate nos filhos e isso já são tantas coisas já passaram tantas coisas por nós não é e isso ao longo destes anos vimos as coisas de uma maneira mais fria o que não deveria de ser, não deveria de ser, mas que infelizmente a vida nos faz com que essas coisas nos vão ficando mais frias."

**Guião de Entrevista – Educadoras da Equipa CDIJ Oriental IAC**

**Objectivo Geral:**

- "Caracterizar que profissionais desenvolvem o trabalho de intervenção da equipa CDIJ Oriental."
- "Compreender o processo de formação dos profissionais da equipa CDIJ Oriental."

**Objectivos Específicos:**

- "Identificar o percurso de educação/formação da educadora."
- "Conhecer como é que a formação não-formal é adquirida no desempenho do seu trabalho."
- "Compreender como é que a educadora aprende."
- "Extrair as motivações para o exercício da profissão da educadora."

| Categoria | Subcategoria | Indicadores |
|---|---|---|
| **1. Legitimação da entrevista** | **1.1. Contextualização e objectivos de entrevista** | 1.1.1. Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respectivos objectivos |
| | **1.2. Motivação do entrevistado** | 1.2.1. Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do trabalho |
| | **1.3. Confidencialidade e anonimato** | 1.3.1. Garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos |
| | **1.4. Autorização para a gravação áudio** | 1.4.1. Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise. |

| | | |
|---|---|---|
| **2. Perfil Formativo do Entrevistado** | **2.1. Caracterização da formação académica** | 2.1.1. Qual a sua formação inicial [académica]? Que habilitações possui? Qual a sua área de formação inicial? |
| | | 2.1.2. Que conhecimentos/aprendizagens significativas desenvolveu no decorrer da sua formação inicial que lhe são hoje úteis para o seu trabalho? |
| | **2.2. Caracterização da formação profissional** | 2.2.1. Detém algum tipo de formação profissional contínua específica para o trabalho que leva a cabo? [Quando e quem a promoveu?]<br>2.2.2. Que temas, actividades, pessoas estiveram relacionadas com essa formação?<br>2.2.3. O que acha que aprendeu de significativo nessa formação? |

| | | |
|---|---|---|
| **3. Percurso Profissional** | **3.1. Caracterização do percurso profissional** | 3.1.1. Quando, em que sector/projecto, com quem é que iniciou a sua actividade profissional no Instituto de Apoio à Criança? [Pedir ainda razões/motivações?]<br>3.1.2. Pode descrever momentos do seu percurso profissional desde o início até ao presente que foram particularmente importantes para o que faz e como o faz hoje em termos profissionais? [Contextos, pessoas, espaço físico e temporal]<br>3.1.3. Que aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional gostaria de destacar e porquê? |
| | **3.2. Caracterização da actividade profisional** | 3.2.1. Quais as actividades que desempenha no seu dia-a-dia? [Descrever um dia típico]<br>3.2.2. Que aspectos destaca da sua actividade profissional? Que dificuldades, constrangimentos enfrenta e como os ultrapassa?<br>3.2.3. O que é que aprendeu no passado com o seu trabalho que hoje é muito importante para o que faz diariamente?<br>3.2.4. Considera que existiram mudanças na sua prática de intervenção como [Educadora] desde que iniciou até à actualidade?<br>3.2.5. Houve pessoas importantes no percurso |

| | | |
|---|---|---|
| | | da sua vida actividade? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos?<br>3.2.6. Que relevância tiveram essas aprendizagens?<br>3.2.7. Houve momentos particularmente importantes no seu percurso profissional? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos? |
| **4. Do sonhar ao realizar** | **4.1. Desejos do passado** | 4.1.1. Qual a profissão sonhada na sua infância?<br>4.1.2. Que profissão era desejada pelos seus pais? |
| | **4.2. Razões/Motivações** | 4.2.1. Existiu algum factor determinante na escolha da sua formação inicial? E da sua profissão?<br>4.2.2. Que motivações acompanharam a escolha que ainda se reflectem no presente? |
| **5. Questões finais** | **5.1. Perspectivas de futuro** | 5.1.1. Como visualiza o seu futuro?<br>5.1.2. Pretende desempenhar novas acções na sua profissão? E nesta instituição?<br>5.1.3. Tem algum projecto, desejo específico que queira ver realizado? |
| **6. Considerações finais e agradecimentos** | **6.1 Informações adicionais** | 6.1.1. Gostaria de acrescentar algum aspecto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas? |
| | **6.2 Agradecimentos** | 6.2.1. Formular os agradecimentos e a colaboração prestada. |

# Transcrição da Entrevista (E3)

**Entrevistadora – Bom dia obrigado por colaborar com a entrevista, desde mais agradeço e digo que tudo o que for retirado da entrevista vai ser confidencial.**

E3 – Bom dia. Ok.

**Entrevistaora – Qual a formação académica que tem?**

E3 - Licenciatura em Educação Social. [Pré-Bolonha]

**Entrevistadora – A nível dessa formação que conhecimentos ou aprendizagens sente que foram significativas para desenvolver o seu trabalho?**

E3 – Principalmente aquelas disciplinas que nos ajudam a compreender melhor alguns comportamentos. É claro que depois é com a prática que esssas coisas se vão aperfeiçoando, mas há disciplinas que nos dão algumas dicas e que nos vão ajudando a compreender algumas coisas. Também aquelas disciplinas mais práticas que tínhamos que nos deram alguns conhecimentos para nós pudermos fazer algumas dinâmicas porque nós usamos muito lúdico para trabalhar comportamentos e então houve disciplinas que tivemos que nos deram um bocadinho assim de conhecimento que mais tarde tivemos que desenvolver, mas foram mais estas que mencionavam os comportamentos que nos faziam entender alguns comportamentos e, por outro lado, também aquelas mais práticas que nos ajudam a trabalhar a outra parte.

**Entrevistadora – Relativamente à formação existe algum tipo de formação que tenha especificamente quando iniciou?**

E3 - Depois de iniciar formação que tenha feito?

**Entrevistadora - Sim, depois dessa se tem algum tipo de formação específica ou se ao entrar para o *Projecto Rua* se tirou alguma coisa? Por exemplo, o curso de animadores que às vezes falam. Não sei se participou?**

E3 - Sim, sim. Aliás é regra as pessoas que entram para o *Projecto Rua* têm que passar por esse curso porque nós utilizámos tudo lúdico não é?! Então claro que sim essa formação foi um complemento e ajudou muito e fiz essa formação. Para além disso

também ao longo do percurso vou estando atenta a algumas acções de formação sobre esta área que vou fazendo.

**Entrevistadora - Já que falou que é regra esse curso de animadores é assim que se chama?**

E3 – É. Formação de animadores.

**Entrevistadora - Que temas, actividades e que pessoas tiveram envolvidas nessa formação? Sei que se calhar já foi há imenso tempo, mas se conseguir no geral?**

E3 – An, temas ... Por exemplo, lembro-me de uma abordagem de um tema não quer dizer que tenha sido logo no primeiro que eu fiz  porque nós ao longo do tempo nós fazemos aquele intensivo quando entramos mas depois vamos participando sempre quando estas acções que acontecem todos os anos quando elas acontecem nós vamos participando em algum dia que nós achemos que é importante. E então lembro-me por exemplo, por isso é que eu não sei se foi logo no primeiro, de um tema que era o perfil do animador em que abordámos como é que o animador neste caso o técnico, o interventor social como é que ele se deve, como deve ser o perfil para a abordagem à criança, como abordar, lembro-me assim destes temas como abordar, o perfil, características importantes que o interventor social deve ter. Foi assim os temas que se calhar mais me marcaram.

**Entrevistadora - E as pessoas que participaram consigo eram maior parte colegas?**

E3 – Sim, mas também muita gente de fora e não só animadores mesmo técnicos, serviço social, psicólogos.

**Entrevistadora - Então é um curso que está abrangente não só ao Projecto Rua como a outras instituições?**

E3 – Sim, está aberto ao exterior também e diz-se, chama-se curso de animadores, formação para animadores mas podem participar e devem e têm ao longo do tempo têm participado vários [profissionais] sim, psicólogos, assistentes sociais, animadores, ou seja, no fundo é para todos aqueles profissionais são dicas importantes é uma formação importante para todos os profissionais que trabalham com este grupo alvo com crianças e jovens.

**Entrevistadora - Há assim alguma aprendizagem significativa que se lembre? Que tenha achado para si importante?**

E3 - Lembro-me de um que nós treinámos, fizemos treinámos mesmo fizemos role-play de situações que vai de encontro ao que eu disse à bocadinho que é tivemos a teoria e depois na prática nós exercitámos treinámos como é uma abordagem de um menino e os factores facilitadores ou não dessa abordagem. E isso é importante e este treino, uma coisa é nós ouvirmos e este curso tem muito isto tem teoria claro como é importante, mas também é muito prático, pôr em acção pôr em prática e nós depois treinámos isso e vivemos um bocadinho isso como é que seria se e depois é sempre importante estar os outros profissionais um bocadinho a ajudar-nos a reflectir o que é que fizemos bem o que é que fizemos mal. Eu lembro-me que isso foi importante.

**Entrevistadora - Hum hum. Há um *feedback* logo...**

E3 - Sim exactamente. Imediato, imediato. Às vezes é difícil pormos isto em prática porque temos que nos expor mas é muito importante depois a mais-valia que é é que no momento os profissionais, as pessoas que estão ali mesmo os colegas que já tiveram esta experiência  podem-nos ajudar um bocadinho a dizer e a reflectir o que está menos bem.

**Entrevistadora – Quando, em que sector e com quem é que iniciou a sua actividade profissional no Instituto de Apoio à Criança?**

E3 - Quando foi 1 de Outubro de 97.

**E - Muito precisa (risos).**

E3 - Ahh (risos). Sim, 1 de Outubro de 97 e foi para fui para Pontinha para o Bairro Olival do Pancas para uma UNIV – Unidade de Inserção de Vida Activa. Mas, não sei se é importante dizer que eu fiz o meu último estágio eu fiz cá no IAC os últimos três meses o meu curso nos últimos três meses na altura era estágio e eu fiz cá. Começei a fazer o estágio no Bairro 6 de Maio, pronto. Entretanto o meu estágio terminou convidaram-me para ficar e então para o Bairro estavam a precisar de um técnico neste projecto que ia iniciar também era uma coisa nova naquele bairro esta Unidade de Inserção de Vida Activa e depois acabei por ficar. Mas, entretanto pensei que este projecto tinha um bocadinho o objectivo era tinha a ver com a formação profissional

com o emprego, jovens que era um bocadinho o encaminhamento dos jovens para formação profissional, para cursos de formação para aqueles que tinham desistido da escola para aqueles em que a escola não dizia nada era assim esse encaminhamento e depois para jovens e adultos, portanto jovens com mais de 18 anos e adultos também abrangíamos essa área faziamos toda a questão de como elaborar um currículo, cartas de apresentação, técnicas de procura de emprego pronto era tudo isto que se fazia. Fazíamos portanto, era para as pessoas do bairro jovens e adultos do bairro mas também aberto à comunidade também podíamos para fora o bairro era um bairro pequenino também podiam vir a este serviço pessoas de fora desde que fosse dentro daquela zona geográfica.

A Unidade de Inserção da Vida Activa é como se fosse uma extensão do Centro de Emprego, nós estávamos ligados ao Centro de Emprego o Centro de Emprego dava-nos conhecimento das ofertas que havia tanto em termos de curso de formação como emprego e depois nós fazíamos o trabalho ali no bairro porque era mais fácil os jovens e os adultos irem ali no bairro a este serviço do que às vezes deslocarem-se ao Centro de Emprego. Este projecto foi ainda durante três anos depois o projecto terminou e eu terminou e eu vim para aqui para Chelas estive aqui trabalho com os jovens também estive aqui em Chelas.

Vim para Chelas convidaram-me vir para aqui continuei no IAC, mas aqui em Chelas na altura havia muito trabalho com grupos de jovens trabalhávamos muito grupos de jovens e adolescentes a partir dos dez. Nós adequavamos muito os nossos horários ao grupo alvo já hoje em dia fazemos um bocadinho mas na altura trabalhávamo muito ao fim do dia os jovens estavam na escola, o objectivo é sempre que eles permaneçam na escola e com sucesso os que não estão que vão para a escola então nós fazíamos muito trabalho depois da seis e meia às oito trabalhavamos muito das seis e meia às oito.

Depois entrento houve uma restruturação houve aqui uma restruturação do trabalho em termos do Projecto Rua estive também num projecto o projecto Educar e Formar para Inserir surgiu aqui uma resposta esta resposta educativa que era para jovens também que a escola, o ensino regular já não dizia nada já tinham sido expulsos um bocadinho da escola então nós tinhamos esta resposta educativa que davamos a certificação escolar os pofesssores vinham ao nosso espaço, era a escola que vinha ao nosso espaço também aqui em Marvila e nós faziamos todo o trabalho de treino de competências, trabalho

com as famílias destes jovens que frequentavam o projecto Educar e formar para Inserir e trabalhavamos durante este projecto também.

Depois a dada altura o objectivo era também replicar esta resposta era uma resposta que fazia todo o sentido porque cada vez tínhamos mais jovens com pouca escolaridade, sem escolaridade para ir para os cursos que existiam e então o objectivo do Projecto de Rua era replicar esta resposta que estava aqui  a correr bem e dedicar também na zona da Pontinha era para criarmos um Educar e Formar.

Entretanto eu fui destacada para ir para essa nova equipa que iria replicar o Educar e Formar como já tinha tido experiência aqui estive desde o início do projecto aqui e então fui a pessoa que foi destacada para ir a Pontinha para iniciar este trabalho. As coisas não correram bem acabou por também por factores externos não teve a ver com o IAC acabou por não seguir para a frente o Educar e Formar na Pontinha não aconteceu e fícamos durante um ano durante algum tempo a fazer candidatura para o CAFAC (a pensar o que designava a sigla) Centro de Apoio Familiar acho que é assim que se chama. E como não era possível arrancar o Educar e Formar a equipa dedicou-se ao CAFAC a fazer candidatura para o CAFAC durante um ano, quase dois anos. Nós estivemos um bocadinho, primeiro à espera que o Educar e Formar arrancasse depois quando percebemos que não arrancou nós outra resposta era preciso intervir naquela zona também era preciso continuar a intervir ali tinha-se já percebido, o diagnóstio feito diziamos que tínhamos de intervir ali e era importante ficarmos ali. Então optamos pela candidatura ao CAFAC acabou por não correr também não arrancar e depois então nessa altura as pessoas dessa equipa tiveram que ser redistribuídas e eu fui para o NAC que era na altura assim que se chamava Núcleo de Apoio às Comunidades. Pronto que é aquela acção que havia uma das acções principais desta equipa que era o Aprender na Rua pronto e durante também dois anos eu estive nesta equipa.

Entretanto mais uma vez o Projecto Rua teve que se restruturar devido a factores externos e o IAC teve que gerir, passou a gerir os PIEF's também uma resposta alternativa tivemos que ir para as escolas eu também fui destacada para ir para a escola das Olaias e, durante um ano estive a trabalhar, o meu local de traballho eu pertencia ao IAC continuava a ser trabalhadora do IAC, mas a desenvolver actividade de TIL que era Técnico de Intervenção Local nas Olaias. Portanto fazia todo o trabalho em relação ao social, em relação aquela turma tinha uma turma todos os professores davam as aulas

isso era com a escola mas nós técnicos de intervenção social tinha que fazer todo o trabalho social relativamente aquela turma, aos alunos daquela turma.

Entretanto terminou esse ano lectivo, o IAC voltámos voltei para aqui eu e os meus colegas voltámos para as comunidades, no meu caso voltei para Marvila e iniciamos aqui novamente este trabalho que desencadeámos o trabalho com as escolas começamos a trabalhar com a escola 54 com as sessões que fazemos nas escolas sobre as sessões do Direito da Criança, as animações de intervalo fizemos depois isso também toda a articulação com as escolas que temos no nosso grupo formámos grupos pronto começamos novamente a formar grupo de jovens e eu tenho a responsabilidade de fazer o acompanhamento escolar de todos os jovens vamos às escola, articulo com os directores de turma vemos em conjunto estratégias quando as coisas não estão bem vemos estratégias com os directores de turma para ver no que é que podemos ajudar, no que é que podemos melhorar. Esta informação que trago das escolas depois o que fazemos com ela nós devolvemos aos jovens não é?! se as coisas estão a correr bem nós reforçamos, se as coisas não estão a correr bem vemos também com o jovem o que é que podemos ajudar e devolvemos também fazemos esta devolução à família porque percebemos que há muitas famílias não vão à escola, como nós sabemos as familias há aqui uma certa dificuldade em ir à escola porque acham que vão sempre ouvir dizer mal dos filhos porque não fazem o acompanhamento do percurso educativo, outras é porque não fazem porque não valorizam, não lhes interessam, pronto não priorizam isso. E então nós também temos essa função devolve depois aos encarregados de educação esta avaliação sensibilizamos para que vão à escola para a importância de ir à escola para o quanto isso é importante para os jovens e para as crianças porque eles próprios têm a noção que os pais não vão e quando sabem que nós vamos eles gostam porque eles perguntam-nos sempre o que é que o professor disse, como é que correu valorizam e às vezes porque em casa não há esta valorização e que ninguém se preocupa se eles estão a ir à escola como é que ecorreu e nos fazemos um bocadinho este trabalho com as famílias. E agora é assim.

**Entrevistadora - E manteve-se?**

E3 – Manteve-se sim.

**Entrevistadora – Com este percurso e por todas as equipas que passou e as actividades que realizou o que é que pode identificar como importante? Ou particular para si, para depois colocar em prática o modo como faz as coisas? O modo como desenvolve em termos profissionais aquilo que faz e como faz se teve alguma influência este percurso desde o início?**

E3 - Claro que sim, claro que sim. Quando nós saímos da escola nós achamos acabamos a Universidade e achamos que vamos fazer de uma maneira porque lemos nos livros e todos nós sabemos o que os livros dizem e às vezes os livros dizem-nos coisas que na prática não funciona não é bem assim porque a prática é que nos ajuda um bocadinho a gerir algumas coisas, se calhar durante este tempo houve muitos erros que cometi claro houve alguns naturalmente houve coisas que fiz de uma maneira porque às vezes no livro incialmente porque era assim que tinha que se fazer nós faziamos isso e chegávamos à conclusão depois que não estava a resultar e então é depois com a experiência é que vamos adequando e com os erros que vão acontecendo ao longo do percurso que depois não queremos repetir e vamos adequando, vamos adequando as coisas ao nosso dia-a-dia. Claro que sim que houve coisas que eu disse assim não pode ser não vou voltar a fazer houve outras coisas que não resultaram naquela situação que nós aplicámos, não resultaram com aquela criança com aquele menino com aquela família, mas depois se calhar noutra situação mais tarde com outra realidade já resultou.

**Entrevistadora - Sei que às vezes é um bocado complicado, mas há algum aspecto, algum momento, alguma lembrança que tenha que foi importante? Com todas estas passagens que foi desenvolvendo se consegue identificar?**

E3 - Identificar algum...

**Entrevistadora - Alguma aprendizagem que sinta que realmente com isto tudo com esta experiência, com este momento mudei, nesse sentido.**

E3 - Sim, por exemplo, com certeza se calhar houve outras lá mais atrás porque já vão alguns anos, mas agora recente estou a lembrar-me que a minha passagem pelo PIEF. Naquele ano foi muito difícil. Foi muito difícil porque eu desde que comecei a trabalhar, sempre trabalhámos, sempre trabalhei em equipa. Eu era responsável por determinada área, mas seu fazia parte de uma equipa e nós discutíamos as coisas. As coisas não corriam bem, vamos ver como é que fazemos era uma equipa pronto. Trabalhávamos

em equipa e era a minha zona de conforto não é?! Sempre foi assim. Quando eu fui para a escola também havia uma equipa. Era a equipa dos professores não é?! Os professores também trabalham em equipa, mas eu fui sozinha. Eu fui sozinha para a escola. Tive que trabalhar sozinha, articular com os professores. Mas aquele trabalho em termos sociais, a visão social que eu tinha, por vezes, uma visão diferente que não era dos professores. Porque naturalmente cada um tem a sua formação. Eles estavam ali para dar as suas aulas para depois ir embora porque a seguir tinham outra turma e eu estava ali com aquela turma e com todos os problemas que eu conhecia daqueles miúdos não é?! Então foi muito difícil aquele ano estar trabalhar sozinha, apesar depois eu continuava ligada ao IAC e vinha aqui às minhas reuniões de equipa que eu tinha de quinze em quinze dias. Falávamos dos casos e depois tinha a supervisão que também eu levava algumas situações e dava alguma orientação, mas na verdade no dia-a-dia eu estava sozinha eu tinha que me desenrrascar sozinha. Eu estava ali com aqueles profesores que tinham uma visão diferente que não tinha nada a ver e foi muito difícil. Agora que passou e fiquei muito contente quando pude regressar para a minha equipa, para o IAC, para a minha zona de conforto digamos um bocadinho. Mas foi importante. Eu acho hoje, avaliando, eu considero que foi importante esta passagem apesar de todas as dificuldades. Todos os problemas e tudo o que passei foi importante porque acaba por nos dar aqui outra bagagem diferente porque aprendemos muito com aquelas situações todas, até com os professores que às vezes têm uma visão diferente de nós, nós aprendemos e acaba por nos dar aqui mais facilidade para lidar com situações que vêm a seguir. De facto, esta passagem pelo PIEF foi difícil, mas deu uma bagagem diferente e aprendi muita coisa. Agora uma situação (a pensar). Foram tantas. Foi um ano da minha vida que foi assim dos piores anos do meu percurso todo. Eu posso dizer que foi assim dos piores anos que eu passei. Agora aprendi, aprendi muito deu-me assim mais ...

**Entrevistadora – Segurança, não sei?!**

E3 - Mais segurança sim, mais portanto capacidade de lidar com as coisas de uma forma diferente ...

**Entrevistadora - Uma reseliência diferente?!**

E3 - Diferente exactamente. Portanto acho que foi, retiro que foi difícil. Mas, agora avaliando foi importante e acho que a gente às vezes temos que sair da nossa zona de

conforto e deparar-se com algumas dificuldades agora também deparamo-nos mas é diferente temos uma equipa com quem pudemos [contar].

**Entrevistadora – Focando o trabalho que desempenha. Que actividades é que desenvolve no seu dia-a-dia? Descrever um género de dia típico. Sei que às vezes é complicado porque se faz muita coisa e totalmente diferente, mas um resumo da semana, um apanhado de actividades que vai desempenhando.**

E3 - Sim. Então quando estamos, por exemplo, imaginando o dia em que quando estamos em período de avaliação escolar que é agora esta época houve as férias do carnaval então eu vou às escolas falo com os directores ... não sei Joana se?! (insegura com a questão colocada).

**Entrevistadora – Está óptimo! É isso mesmo.**

E3 – Vou à escola vejo quais são os meninos que eu acho porque o nosso objectivo é avaliar estes meninos todos e fazer o ponto de situação de cada um deles só que nós temos que priorizar há aqueles em que bem é urgente ir já e nem sequer podemos esperar vamos e então nós avaliamos e vemos quais são os meninos que agora é urgente ir à escola e falar com este director de turma vamos à escola recolhemos a informação, fazemos ponto de situação de percurso depois fazemos a fase de devolução à criança ou jovem e à família. Depois faço muitos contactos porque depois cada criança, cada jovem tem a sua história uma história de vida complicada por isso é que estão aqui e então eu articulo muito com as intituições parceiras. Vemos esta criança vamos ver se tem processo na CPCJ, articulamos com a CPCJ faço ponto de siuação como é que está o percurso como está o percurso da jovem aqui faço ponto de situação como está o percurso da escola. Se a criança jovem tem também técnica da Misericórdia se vimos que há qualquer dificuldade nesta família qualquer necessidade articulamos também com a Santa Casa. Faço também o trabalho muito de articulação com os parceiros.

Também um dia típico podes ser também o dia em que passo o dia nas escolas para além das avaliações escolares das crianças e jovens faço as sessões dos Direitos da Criança e o chapéu é sempre os Direitos da Criança depois nos focalizamos para a área. Este ano começámos pelos sentimentos e emoções no primeiro período, este período também estamos a fazer sobre os comportamentos assertivo, passivo e agressivo faço

também vou à escola posso passar o dia inteiro até na escola a fazer sessões sobre esta temática.

Também um dia típico pode ser também sair de manhã com um grupo de jovens e irmos fazer uma actividade exterior ou uma visita mais uma actividade de rappel, escalada ou então pode ser uma visita lúdico-pedagógica para museus, pronto é essencialmente. Registos, ah! Uma coisa muito importante que faço é de todas as actividades, todas as acções que nós fazemos com cada contacto que fazemos com as instituições temos que registar tudo porque temos que fazer depois em algumas situações algum relatório para que nos estão sempre a pedir ou a Misericórdia ou a CPCJ ou o Tribunal podem-nos pedir relatório eu tenho que ter o processo dos meninos registado e se eu vou à escola tenho que registar a informação que o professor me deu, se articulou com a CPCJ tenho que registar esta a informação também. Se vou fazer uma visita domiciliária também pode ser uma das actividades a fazer durante um dia se achamos importante, pertinente por qualquer motivo falar com a família nós vamos a casa fazemos uma visita domiciliária depois eu chego ao espaço eu tenho que fazer o registo desta visita domiciliária. Tudo tem que estar registado porque depois eu estou, mas posso ter que sair e vir outra pessoa e a pessoa tem que perceber qual é o ponto de situação daquela pessoa o que é que foi feito o que é que estava combinado e qual a informação.

**Entrevistadora - Dificuldades, constrangimentos que vai enfrentando ao longo da sua actividade profissional e como é que por vezes faz para os ultrapassar?**

E3 - Quando dizes constrangimentos é relativamente ao global?

**Entrevistadora - Ao trabalho que faz sim. Aquilo que faz se sente algumas dificuldades?**

E3 - Por exemplo, normalmente esta é altura. Por acaso, esta é altura e quando regresso da escola isto acontece nos segundos períodos, normalmente, no primeiro período quando fazemos o ponto de situação quando apresentamos a nossa intervenção aos professores e lhes dizemos estamos aqui para o que for preciso porque eles depois passam eles a contactar-nos sempre que há alguma coisa com algum aluno, alguns professores não fazem isto todos, eles contacta-nos e no primeiro período estão as coisas mais ou menos. Neste segundo período o que acontece muito que é um constrangimento nós vamos à escola e os professores têm carradas de queixas mesmo

em termos escolares ou porque tem muitas negativas, mas mais que isso às vezes porque há aqueles alunos que estão mais ou menos na escola mas em termos comportamentais há sempre muitas dificuldades em termos comportamentais, muito absentimo. Depois quando nós vimos da escola e vimos com esta dificuldade então o que é que nós fazemos eu tento encontrar estratégias juntamente com a equipa de como é que nos pudemos ajudar este aluno. Em termos comportamentais, para além das conversas individuais que nós temos e da relação que tentamos criar para que depois estas conversas individuais terem algum resultado e então o que nós tentamos às vezes procurar aqui estratégias trabalhamos estas competências tentamos trabalhar estas competências. Também já aconteceu em ter uma dificuldade às vezes em alunos que não têm livro, não têm material nós tentamos depois ver estratégias de como arranjar este material para que depois o aluno consiga acompanhar e que possa estudar em casa. Depois também acontece outro constrangimento é aqueles alunos mais velhos, aquela situação em que temos que encontrar uma resposta de para eles mesmo em termos de formação, um grande constragimento é a questão depois eles não terem as habilitações suficientes para integrar porque as respostas que há não se coadunam com as necessidades.

**Entrevistadora - O que é que aprendeu no passado com o seu trabalho que hoje é muito importante para o que faz diariamente? Mais uma vez é no sentido da trajectória que tem e da bagagem o que é que acha que para si é importante para aquilo que desempenha no presente?**

E3 – Principalmente, a forma de estar com os jovens, com as crianças porque o estar disponível às vezes, agora estou aqui para conversar contigo, às vezes não é suficiente é a forma como nós a forma de estar é conseguir transmitir e, isso claro foi uma aprendizagem ao longo do tempo, é conseguir transmitir aquele jovem, àquela criança que estou aqui de verdade com ele e que não estou aqui só porque é o meu trabalho porque tenho que trabalhar e porque é o meu trabalho não. É porque estou aqui de verdade, disponível, atento, a percebê-lo e uma coisa que é muito importante com estes jovens e crianças é nós sabemos que nem sempre têm o comportamento mais adequado, nem sempre têm as atitudes mais adequadas mesmo lá fora e às vezes eles contam-nos estas coisas e se nós tivermos uma atitude de recriminar logo, de começar logo a recriminar e a dizer que não é assim que se faz mas que tens que fazer assim porque eu

quero que seja assim não, se nós começamos a dizer isso nós pudemos afastar e, às vezes acontece, pudemos afastar os jovens. Então o que eu também fui aprendendo ao logo do tempo é que não pudemos começar logo a recriminar temos que perceber que, claro dizer que eles sabem qual é a nossa opinião não está correcto, mas apesar de eu achar que não é correcto o que estás a fazer ou o que fizeste eu sei disso mas não é por isso que vou recriminar vamos aqui ver outras formas de, portanto o não recriminar logo à partida é um factor muito importante para que a criança, jovem não se afaste.

Até mesmo as famílias, porque estas famílias também têm um percurso complicado como nós sabemos são as famílias que são é o que conseguem ser pelo passado que já tiveram. Então se nós começamos estas famílias vêm para aqui falam-nos da sua história de vida nós sabemos que às vezes aquelas crianças são assim não é porque querem ser é porque é o que vêem que existe aprenderam com as suas famílias, portanto são assim porque as famílias também são assim é o que lhes ensinam. E se nós começamos numa atitude de reprovar logo à partida, de recriminar, de dizer não está correcto assim elas afastam-se porque para mim não está correcto para a família está e então nós se calhar temos que arranjar uma forma de lhes fazer entender de outra forma vamos lá ver como é que isto pode ser de outra forma sem ser assim. Assim é a maneira como você faz pronto agora vamos ver como é que podemos fazer de outra forma, se não há aqui outra maneira de nós resolvermos aqui a situação, não recriminando ajuda a que as pessoas comecem a ganhar confiança dizendo sempre pronto temos que ter sempre atenção a história de vida daquela pessoa e não à nossa, aos nossos valores e à nossa história pessoal.

**Entrevistadora - Considera que existiram mudanças a nível da sua prática interventiva?**

E3 - Sim, considero sim. Até as próprias crianças, os jovens até a forma como eles reagem a algumas actividades que a nós lhe propomos. No início quando eu comecei a trabalhar por exemplo, fazer uma saída de exterior com as crianças e ir simplesmente a um parque, vir aqui ao parque das nações ou ir a um parque andar de escorrega bem era uma alegria, era tudo o que se podia era o melhor que se podíamos oferecer era. Hoje eu acho que a exigência deles, apesar de serem crianças, jovens com dificuldades a exigência deles é maior e noto que nem tudo lhes agrada, se nós lhes propuser-mos ir ao cinema já nem falo parque das nações já não lhes agrada já é pouco apesar de serem

crianças com dificuldades em termos afectivos de família, familiares famílias pouco estruturadas, pouco afecto, pouca atenção depois há aquela parte de bens materiais de coisas que até acabam por ter acesso de uma outra forma que acabam por não achar piada a coisas que os outros antes achavam. Um jogo, jogar um simples jogo antes já fazia as delícias, eles gostavam hoje em dia isso já não é assim noto que até os miúdos a esse nível estão diferentes. Gostavam de fazer caminhadas antes e fazíamos muitas caminhadas lembro-me fazíamos, hoje em dia porque se cansam não gostam de andar até nisso as crianças mudaram no tipo de actividade que nós lhes oferecemos as coisas não lhes agradam da melhor forma.

**Entrevistadora - Existiram pessoas importantes no seu percurso? Se sim, quais e porquê? E o que é que aprendeu com os momentos que teve com essas pessoas?**

E3 - Sim, houve pessoas importantes no meu percurso. Algumas delas assim no início e aprendi ... Eu estava numa fase estou a lembrar-me de uma pessoa, de um colega, de um colega de trabalho que passou na minha vida nessa altura. Um bocadinho no início, então eu estava mesmo numa fase de aprendizagem, no início pouca experiência esta era uma pessoa que tinha muita experiência, tinha muita experiência já na altura já tinha assim muita experiência e o que eu ... aprendi com ele muita coisa, mas principalmente a questão das coisas simples, as coisas simples da vida que nós fazímos, o respeito pelo outro que eu já respeitava não foi por conhecer que passei a respeitar mais mas forma como essa pessoa me fez ver algumas coisas an, a forma como ela respeitava na altura os jovens, as pessoas com quem trabalhava enriqueceram-me foi uma pessoa que me enriqueceu muito mesmo em termos pessoais qu estava mesmo de verdade para as crianças para os jovens que tinha muito respeito por aquelas pessoas que tinha ali à sua frente e aprendi assim muita coisa com ele.

**Entrevistadora - E essa aprendizagem foi relevante à pouco disse a nível pessoal e diria que teve influência no modo de estar, de ser  não só como técnica mas como pessoa relativamente a essas aprendizagens que teve com o seu colega?**

E3 - Sim, ajudou-me a ver assim algumas as coisas de forma diferente mesmo a termos pessoais a valorizar pequenas coisas que antes eu não valorizava. Eu acho que ainda foi o mais importante porque eu apanhei, essa pessoa passou pela minha vida numa altura em que tinha pouca experiência e depois eu apanho uma pessoa, uma boa pessoa não só

bom técnico mas também uma boa pessoa e uma pessoa com quem eu me identificava em relação a algumas coisas mesmo em termos pessoais e acho que me enriqueceu acho que me ajudou a ver algumas coisas de uma forma que eu não veria se calhar ainda não estava desperta para ver despertei ali para algumas coisas que se calhar não via daquela forma se essa pessoa não tivesse passado pelo meu caminho eu não viria daquela forma.

**Entrevistadora -Trouxe uma outra perspectiva?**

E3 - Sim, sim foi importante.

**Entrevistadora - Qual a profissão sonhada na sua infância?**

E3 - Ah! Na minha infância eram duas. Então posso dizer as duas? (risos)

**Entrevistadora - Pode, pode dizer as duas (risos).**

E3 - Lembro-me que quando eu tinha doze, treze anos eu gostava de ser telefonista e cantora lembro-me de fazer o microfone com um pau, um pau assim com um fio agarrado a uma árvore e eu cantava e, eu canto tão mal não sei porquê, mas pronto na altura era o sonho se calhar porque via o festival da canção não sei, não te sei explicar porquê. Mas cheguei a dizer que gostava de ser cantora gostava de cantar,muito. Depois telefonista um bocadinho quase em simultâneo, não sei porquê lembro-me assim disto.

**Entrevistadora - E a profissão desejada pelos seus pais? Havia alguma influência?**

E3 - Não, não. Sempre acharam que eu deveria fazer gostavam que eu seguisse portanto os estudos e que eu tirasse um curso e isso eles sempre verbalizaram e esse era o sonho deles que eu tirasse uma formação que depois me pudesse ajudar mais tarde isso era o sonho deles. Mas eles nunca me verbalizaram tens que ir ou gostavamos que fosses para, sempre que para eu quando escolhesse, escolhesse algo com o qual que eu me identificasse que me fizesse bem e que eu gostasse porque sempre me disseram olha que é importante isso é uma coisa que é para a vida toda, não tirar agora curso e depois acho que não é aquilo vou mudar para outro. Eles sempre me disseram sabemos que é difícil a pessoa saber exactamente a cem por cento aquilo que a pessoa quer tirando alguns casos, mas sempre com o cuidado de seja uma coisa que te gostes e não porque se ganha mais dinheiro ou porque é bem não, sempre por uma coisa que tu gostes que te faça bem.

**Entrevistadora - Existiu algum factor que determinasse a escolha da sua formação inicial, académica?**

E3 - Não, quer dizer eu sempre quis ser na área do social eu sempre quis seguir a área do social portanto eu só sabia, não sabia se era assistente social ou se era educadora social eu só sabia que eu queria fazer alguma coisa na área do social queria ter uma profissão que fosse tivesse a ver com a área social isso eu sabia e isso e eu sempre tive tirando aquela fase em que eu queria ser aquelas profissões tirando essa fase eu sempre tive a certeza que queira algo da área social.

**Entrevistadora – E relativamente à profissão existiu assim algum factor que tivesse determinado a escolha?**

E3 – Não, sendo que o factor era tem que ser na área do social. O que na altura o que se calhar eu conhecia mais era assistente social porque era mais conhecido.

**Entrevistadora - Que motivações acompanharam a escolha que fez, neste caso, integrar o *Projecto Rua* e que ainda se reflecte no presente? O que é que a fez estar aqui e ao mesmo tempo manter?**

E3 - Porque gosto muito da forma de trabalhar pela forma como nós trabalhamos no Projecto Rua da relação, da relação que conseguimos criar com estas crinças e jovens com estas famílias, gosto muito da metodologia que nós trabalhamos muito pela relação priorizamos muito e que temos que estabelecer relação, acreditamos na relação e acreditamos que alguma coisa pode mudar sim, mas é importante termos relação com estas crianças e jovens e então o que me motivou e quando eu vim para o Projecto Rua e percebi que era assim que se trabalhava aqui que era a metodologia fascinou-me e, depois ao longo do tempo permaneceu e é criar relação e mudar algumas através da relação.

**Entrevistadora - Como é que visualiza o seu futuro?**

E3 - Olha Joana para já... (a pensar) no *Projecto Rua*, a fazer este tipo de coisas. Sei que um dia, mas o meu futuro não estou a ver assim se tiver que mudar de profissão, se tiver que mudar de área terei de o fazer, mas por escolha porque agora estou farta disto e quero-me ir embora, já não quero mais, não. Eu visualizo-me e estou-me a ver pelo menos a médio-prazo, mas estou-me a ver é agora futuro é continuar a trabalhar assim com este grupo alvo com estas crianças e jovens aqui ou noutro não tem que ser aqui em

Marvila ou noutra equipa, mas a trabalhar desta forma assim com estes miúdos com os problemos deles e visualizo assim vejo a continuar a trabalhar assim.

**Entrevistadora - Pretende desempenhar novas acções na sua profissão e nesta instituição?**

E3 - Esta instituição de vez em quando tu percebeste aqui ao longo da nossa entrevista a intervenção por vezes vai mudando o que faz com que nós tenhamos que nos ajustar à nossa intervenção fazer o que há para fazer a gente faz e eu acho que tenho uma capacidade de me ajustar consigo fazer isto ajusto-me às situações e este trabalho também não pode, a base é sempre relação é criar relação é o estarmos com mas depois nós temos sempre que reiventar novas forma de trabalhar com estes jovens até porque estes jovens exigem-nos isto porque eles próprios devido à sociedade, às mutações da sociedade eles próprios também nos exigem que nós nos adaptemos às novas [alterações]. Então eu vejo-me a fazer, o desafio agarrar no desafio que vem aí ou que tiver que vir vejo sim estou disposta a adaptar a acção ao jovem.

**Entrevistadora - Tem algum projecto, algum desejo específico que gostasse de ver realizado?**

E3 - O que eu gostava mesmo, não é específico, é mesmo o que eu gostava mesmo e estou a sentir nesta fase da minha vida o que eu gostava era de conseguir alterar porque este trabalho é um trabalho que dá frutos claro que dá eu acredito que dê porque se não não passa aqui já uma parte da minha vida eu sei que dá frutos mas este trabalho também sei que não dá frutos a curto prazo. São pessoas, são pessoas que tiveram vivências muito fortes que têm isto em relação às famílias, às crianças são pessoas que têm uma família complicada destruturada que nós dizemos uma coisa e depois em casa as coisas funcionam de outra forma, portanto eu ... aí eu perdi-me ...

**Entrevistadora - Se tem algum desejo ou algum projecto ...**

E3 - Sim, sim o que eu gostava mesmo então eu acho que estou numa fase é que eu, pronto em relação aos frutos eu acho que este trabalho não dá frutos a curto prazo dá a longo mas dá mas não são muito visíveis e nós as vezes desmotivamos um bocadinho porque vamos e as coisas parece que não avançam há problemas a toda a hora. O que eu gostava mesmo agora era que as coisas começassem a ver-se algumas alterações pronto, este grupo com o qual nós estamos nós não conhecemos assim há tanto tempo

conhecemos há dois anos, alguns menos e então nesta fase o que me apetecia mesmo era puder dizer estamos a ver aqui algumas alterações, na escola as coisas estão mais estáveis e quando eu digo mais estáveis até falo em ermos de comportamentos porque lá está isto há-de ter os seus frutos, mas não tem a curto vai tendo mas a longo-prazo é que se vai vendo. Agora estou numa fase que me apetecia, gostava que as coisa se começassem a equilibrar um bocadinho mais e, de facto não viesse da escola a pensar meu Deus então mas falámos com esta menina ontem e eas coisas hoje, mas faz parte do nosso trabalho é assim. Mas nesta fase estou assim, o meu desejo era mesmo que os resultados que se vão vendo e em alguns casos mais a longo prazo que se começassem já agora porque também é importante para nos ir motivando.

**Entrevistadora - Sim, dar uma alegriazinha.**

E3 - Sim, isso é importante.

**Entrevistadora - Não sei se quer acrescentar mais algum aspecto?**

E3 - Não, acho que está tudo Joana. O que tu fizeste abrangeste tudo.

**Entrevistadora - Sendo assim, mais uma vez muito obrigada e vai ser muito importante para a realização do meu trabalho.**

E3 - Esperemos que sim.

# Análise de Conteúdo (E3)

- ## Formação Inicial [académica/ habilitações]

"Licenciatura em Educação Social." [Pré-Bolonha]

- ## Formação Profissional

**[Curso de Animadores]:**

"Sim, sim. Aliás é regra as pessoas que entram para o *Projecto Rua* têm que passar por esse curso porque nós utilizámos tudo lúdico não é?!"

"(...) essa formação foi um complemento e ajudou muito e fiz essa formação."

"(...) nós fazemos aquele intensivo quando entramos, mas depois vamos participando sempre quando estas acções que acontecem todos os anos quando elas acontecem nós vamos participando em algum dia que nós achemos que é importante."

**[Pessoas envolvidas]:**

"Sim [colegas de trabalho], mas também muita gente de fora e não só animadores mesmo técnicos, serviço social, psicólogos.

"(...) está aberto ao exterior também (...) podem participar e devem e têm ao longo do tempo têm participado vários [profissionais] (...) ou seja no fundo é para todos aqueles profissionais são dicas importantes é uma formação importante para todos os profissionais que trabalham com este grupo alvo com crianças e jovens."

- ## Conhecimentos e aprendizagens significativas aplicadas a posteriori a nível profissional

**[Formação inicial]**

"Principalmente aquelas disciplinas que nos ajudam a compreender melhor alguns comportamentos é claro que depois é com a prática que esssas coisas se vão aperfeiçoando (...)".

"(...) aquelas disciplinas mais práticas que tínhamos que nos deram alguns conhecimentos para nós pudermos fazer algumas dinâmicas porque nós usamos muito lúdico para trabalhar comportamentos e então houve disciplinas que tivemos que nos deram um bocadinho assim de conhecimento que mais tarde tivemos que desenvolver (...)".

**[Formação Contínua]**

"(...) lembro-me, por exemplo, por isso é que eu não sei se foi logo no primeiro, de um tema que era o perfil do animador em que abordámos como é que o animador neste caso o técnico, o interventor social (...) como deve ser o perfil para a abordagem à criança, como abordar, lembro-me assim destes temas como abordar, o perfil, características importantes que o interventor social deve ter."

"(...) fizemos treinámos mesmo fizemos role-play de situações que vai de encontro ao que eu disse à bocadinho que é tivemos a teoria e depois na prática nós exercitámos treinámos como é uma abordagem de um menino e os factores facilitadores ou não dessa abordagem."

"(...) depois é sempre importante estar os outros profissionais um bocadinho a ajudar-nos reflectir o que é que fizemos bem o que é que fizemos mal."

- ## Percurso Profissional

**1.º Momento**

"(...) 1 de Outubro de 97 e foi para fui para Pontinha para o Bairro Olival do Pancas para uma UNIV – Unidade de Inserção de Vida Activa."

"(...) eu fiz o meu último estágio eu fiz cá no IAC os últimos três meses o meu curso nos últimos três meses na altura era estágio e eu fiz cá. Começei a fazer o estágio no Bairro 6 de Maio, pronto. Entretanto o meu estágio terminou convidaram-me para ficar e então para o Bairro estavam a precisar de um técnico neste projecto que ia iniciar também era uma coisa nova naquele bairro esta Unidade de Inserção de Vida Activa e depois acabei por ficar."

"(...) este projecto tinha um bocadinho o objectivo era tinha a ver com a formação profissional com o emprego (...) o encaminhamento dos jovens para formação

profissional, para cursos de formação para aqueles que tinham desistido da escola para aqueles em que a escola não dizia nada era assim esse encaminhamento e depois para jovens e adultos, portanto jovens com mais de 18 anos e adultos também abrangíamos essa área (...)".

"(...) faziamos toda a questão de como elaborar um currículo, cartas de apresentação, técnicas de procura de emprego pronto era tudo isto que se fazia. (...) era para as pessoas do bairro jovens e adultos do bairro mas também aberto à comunidade (...)era um bairro pequenino também podiam vir a este serviço pessoas de fora desde que fosse dentro daquela zona geográfica."

"A Unidade de Inserção da Vida Activa é como se fosse uma extensão do Centro de Emprego, nós estávamos ligados ao Centro de Emprego o Centro de Emprego dava-nos conhecimento das ofertas que havia tanto em termos de curso de formação como emprego e depois nós fazíamos o trabalho ali no bairro porque era mais fácil os jovens e os adultos irem ali no bairro a este serviço do que às vezes deslocarem-se ao Centro de Emprego."

"Este projecto foi ainda durante três anos depois o projecto terminou e eu terminou e eu vim para aqui para Chelas estive aqui trabalho com os jovens também estive aqui em Chelas."

**2.º Momento**

"Vim para Chelas convidaram-me vir para aqui continuei no IAC, mas aqui em Chelas na altura havia muito trabalho com grupos de jovens trabalhávamos muito grupos de jovens e adolescentes a partir dos dez."

"Nós adequavamos muito os nossos horários ao grupo alvo já hoje em dia fazemos um bocadinho, mas na altura trabalhávamo muito ao fim do dia os jovens estavam na escola, o objectivo é sempre que eles permaneçam na escola e com sucesso os que não estão que vão para a escola então nós fazíamos muito trabalho depois da seis e meia às oito (...)".

**3.º Momento**

"Depois entrento houve uma restruturação houve aqui uma restruturação do trabalho em termos do Projecto Rua estive também num projecto o projecto Educar e Formar para Inserir (...)".

"(...) surgiu aqui uma resposta esta resposta educativa que era para jovens também que a escola, o ensino regular já não dizia nada já tinham sido expulsos um bocadinho da escola então nós tinhamos esta resposta educativa que davamos a certificação escolar os pofesssores vinham ao nosso espaço, era a escola que vinha ao nosso espaço também aqui em Marvila e nós faziamos todo o trabalho de treino de competências, trabalho com as famílias destes jovens que frequentavam o projecto (...)".

"Depois a dada altura o objectivo era também replicar esta resposta era uma resposta que fazia todo o sentido porque cada vez tínhamos mais jovens com pouca escolaridade, sem escolaridade para ir para os cursos que existiam e então o objectivo do Projecto de Rua era replicar esta resposta que estava aqui  a correr bem e dedicar também na zona da Pontinha (...)".

**4.º Momento**

**"**Entretanto eu fui destacada para ir para essa nova equipa que iria replicar o Educar e Formar como já tinha tido experiência aqui estive desde o início do projecto aqui e então fui a pessoa que foi destacada para ir a Pontinha para iniciar este trabalho.

"As coisas não correram bem acabou por também por factores externos não teve a ver com o IAC acabou por não seguir para a frente o Educar e Formar na Pontinha não aconteceu (...)"

(...) ficamos durante um ano durante algum tempo a fazer candidatura para o CAFAC (a pensar o que designava a sigla) Centro de Apoio Familiar (...)"

"(...) primeiro à espera que o Educar e Formar arrancasse depois quando percebemos que não arrancou nós outra resposta era preciso intervir naquela zona também era

preciso continuar a intervir ali tinha-se já percebido o diagnóstio feito então optamos pela candidatura ao CAFAC acabou por não correr também, não arrancar (...)"

"depois então nessa altura as pessoas dessa equipa tiveram que ser redistribuídas e eu fui para o NAC que era na altura assim que se chamava Núcleo de Apoio às Comunidades. Pronto que é aquela acção que havia uma das acções principais desta equipa que era o Aprender na Rua pronto e durante também dois anos eu estive nesta equipa."

**5.º Momento**

"(...) mais uma vez o Projecto Rua teve que se restruturar devido a factores externos e o IAC teve que gerir, passou a gerir os PIEFs também uma resposta alternativa tivemos que ir para as escolas eu também fui destacada para ir para a escola das Olaias (...)".

"(...) durante um ano estive a trabalhar, o meu local de traballho eu pertencia ao IAC continuava a ser trabalhadora ao IAC mas a desenvolver actividade de TIL que era Técnico de Intervenção Local nas Olaias (...)".

"Portanto fazia todo o trabalho em relação ao social, em relação aquela turma tinha uma turma todos os professores davam as aulas isso era com a escola mas nós técnicos de intervenção social tinha que fazer todo o trabalho social relativamente aquela turma, aos alunos daquela turma."

**6.º Momento**

**"**Entretanto terminou esse ano lectivo, o IAC voltámos voltei para aqui eu e os meus colegas voltámos para as comunidades, no meu caso voltei para Marvila e iniciamos aqui novamente este trabalho (...)"

"(...) desecadeámos o trabalho com as escolas começamos a trabalhar com a escola 54 com as sessões que fazemos nas escolas sobre as sessões do Direito da Criança, as animações de intervalo fizemos depois isso também toda a articulação com as escolas

que temos no nosso grupo formámos grupos pronto começamos novamente a formar grupo de jovens (...)".

"(...) e eu tenho a responsabilidade de fazer o acompanhamento escolar de todos os jovens vamos às escolas, articulo com os directores de turma vemos em conjunto estratégias quando as coisas não estão bem vemos estratégias com os directores de turma para ver no que é que podemos ajudar, no que é que podemos melhorar."

"Esta informação que trago das escolas depois o que fazemos com ela nós devolvemos aos jovens não é?! se as coisas estão a correr bem nós reforçamos, se as coisas não estão a correr bem vemos também com o jovem o que é que podemos ajudar e devolvemos também fazemos esta devolução à família porque percebemos que há muitas famílias não vão à escola (...)".

"(...) nós também temos essa função devolve depois aos encarregados de educação esta avaliação sensibilizamos para que vão à escola para a importância de ir à escola para o quanto isso é importante para os jovens e para as crianças porque eles próprios têm a noção que os pais não vão e quando sabem que nós vamos eles gostam porque eles perguntam-nos sempre o que é que o professor disse, como é que correu valorizam (...)".

- **Momentos particularmente importantes da trajectória para o que faz e como o faz hoje a nível profissional**

"Quando nós saímos da escola nós achamos acabamos a Universidade e achamos que vamos fazer de uma maneira porque lemos nos livros e todos nós sabemos o que os livros dizem e às vezes os livros dizem-nos coisas que na prática não funciona não é bem assim (...)".

"(...) porque a prática é que nos ajuda um bocadinho a gerir algumas coisas, se calhar durante este tempo houve muitos erros que cometi claro houve alguns naturalmente houve coisas que fiz de uma maneira porque às vezes no livro incialmente porque era assim que tinha que se fazer nós faziamos isso e chegávamos à conclusão depois que

não estava a resultar e então é depois com a experiência é que vamos adequando e com os erros que vão acontecendo ao longo do percurso que depois não queremos repetir e vamos adequando (...)".

- **Aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional**

"(...) agora recente estou a lembrar-me que a minha passagem pelo PIEF naquele ano foi muito difícil. Foi muito difícil porque eu desde que comecei a trabalhar sempre trabalhámos, sempre trabalhei em equipa eu era responsável por determinada área, mas seu fazia parte de uma equipa e nós discutíamos as coisas, as coisas não corriam bem vamos ver como é que fazemos era uma equipa pronto trabalhavamos em equipa e era a minha zona de conforto (...)."

"Quando eu fui para a escola também havia uma equipa era a equipa dos professores não é?! os professores também trabalham em equipa mas eu fui sozinha, eu fui sozinha para a escola tive que trabalhar sozinha articular com os professores, mas aquele trabalho em termos sociais, a visão social eu tinha por vezes uma visão diferente que não era dos professores porque naturalmente cada um tem a sua formação eles estavam alia para dar as suas aulas para depois ir embora porque a seguir tinham outra turma e eu estva ali com aquela turma e com todos os problemas que eu conhecia daqueles miúdos (...)".

"(...) foi importante porque acaba por nos dar aqui outra bagagem diferente porque apredemos muito com aquelas situaçãoes todas, até com os professores que às vezes têm uma visão diferente de nós, nós aprendemos e acaba por nos dar aqui mais facilidade para lidar com situações que vêm a seguir."

- **Actividades diárias**

**[Avaliação escolar]**

"(...) imaginando o dia em que quando estamos em período de avaliação escolar que é agora esta época houve as férias do carnaval então eu vou às escolas falo com os directores ... vejo quais são os meninos que eu acho porque o nosso objectivo é avaliar estes meninos todos e fazer o ponto de situação de cada um deles só que nós temos que priorizar há aqueles em que bem é

urgente ir já e nem sequer podemos esperar vamos e então nós avaliamos e vemos quais são os meninos que agora é urgente ir à escola e falar com este director de turma vamos à escola recolhemos a informação, fazemos ponto de situação de percurso depois fazemos a fase de devolução à criança ou jovem e à família."

"Depois faço muitos contactos porque depois cada criança, cada jovem tem a sua história uma história de vida complicada por isso é que estão aqui e então eu articulo muito com as intituições parceiras."

"Vemos esta criança vamos ver se tem processo na CPCJ, articulamos com a CPCJ faço ponto de situação como é que está o percurso (...) da jovem aqui faço ponto de situação como está o percurso da escola. Se a criança jovem tem também técnica da Misericórdia se vimos que há qualquer dificuldade nesta família qualquer necessidade articulamos também com a Santa Casa. Faço também o trabalho muito de articulação com os parceiros."

**[Sessão de Escola]**

"Também um dia típico pode ser também o dia em que passo o dia nas escolas (...) faço as sessões dos Direitos da Criança e o chapéu é sempre os Direitos da Criança depois nos focalizamos para a área. Este ano começámos pelos sentimentos e emoções no primeiro período, este período também estamos a fazer sobre os comportamentos assertivo, passivo e agressivo (...)"

**[Saídas exteriores]**

"Também um dia típico pode ser também sair de manhã com um grupo de jovens e irmos fazer uma actividade exterior ou uma visita mais uma actividade de rappel, escalada ou então pode ser uma visita lúdico-pedagógica para museus, pronto é essencialmente."

**[Registos]**

"Uma coisa muito importante que faço é de todas as actividades, todas as acções que nós fazemos com cada contacto que fazemos com as intituições temos que registar tudo porque temos que fazer depois em algumas situações algum relatório para que nos estão sempre a pedir ou a Misericórdia ou a CPCJ ou o Tribunal podem-nos pedir relatório eu tenho que ter o processo dos meninos registado e se eu vou à escola tenho que registar a informação que o professor me deu, se articulou com a CPCJ tenho que registar esta a informação também."

"Se vou fazer uma visita domiciliária também pode ser uma das actividades a fazer durante um dia se achamos importante, pertinente por qualquer motivo falar com a família nós vamos a casa fazemos uma visita domiciliária depois eu chego ao espaço eu tenho que fazer o registo desta visita domiciliária."

"Tudo tem que estar registado porque depois eu estou, mas posso ter que sair e vir outra pessoa e a pessoa tem que perceber qual é o ponto de situação daquela pessoa o que é que foi feito o que é que estava combinado e qual a informação."

- ## Dificuldades/constrangimentos profissionais

**[Dificuldade 1]**

"Por exemplo, normalmente esta é altura por acaso esta é altura e quando regresso da escola isto acontece nos segundos períodos (...) o que acontece muito que é um constrangimento nós vamos à escola e os profesores têm carradas de queixas mesmo em termos escolares ou porque têm muitas negativas, mas mais que isso às vezes porque há aqueles alunos que estão mais ou menos na escola mas em termos comportamentais há sempre muitas dificuldades em termos comportamentais, muito absentimo.

**[Modo de ultrapassar 1]**

"Depois quando nós vimos da escola e vimos com esta dificuldade então o que é que nós fazemos eu tento encontrar estratégias juntamente com a equipa de como é que nos pudemos ajudar este aluno."

"Em termos comportamentais, para além das conversas individuais que nós temos e da relação que tentamos criar para que depois estas conversas individuais terem algum resultado e então o que nós tentamos às vezes procurar procurar aqui estratégias trabalhamos estas competências tentamos trabalhar estas competências."

**[Dificuldade 2]**

"Também já aconteceu em ter uma dificuldade às vezes em alunos que não têm livro, não têm material (...)

**[Modo de ultrapassar]**

"(...) nós tentamos depois ver estratégias de como arranjar este material para que depois o aluno consiga acompanhar e que possa estudar em casa."

**[Dificudade 3]**

(...) outro constrangimento é aqueles alunos mais velhos, aquela situação em que temos que encontrar uma resposta de para eles mesmo em termos de formação, um grande constragimento é a questão depois eles não terem as habilitações suficientes para integrar porque as respostas que há não se coadunam com as necessidades."

- **Aprendizagens passadas importantes para as actividades presentes do dia-a-dia**

"Principalmente a forma de estar com os jovens, com as crianças porque o estar disponível às vezes, agora estou aqui para conversar contigo, às vezes não é suficiente é a forma como nós a forma de estar é conseguir transmitir e, isso claro foi uma aprendizagem ao longo do tempo (...)"

"(...) é conseguir transmitir aquele jovem, àquela criança que estou aqui de verdade com ele e que não estou aqui só porque é o meu trabalho porque tenho que trabalhar (...)"

"(...) É porque estou aqui de verdade, disponível, atento, a percebê-lo e uma coisa que é muito importante com estes jovens e crianças é nós sabemos que nem sempre têm o comportamento mais adequado, nem sempre têm as atitudes mais adequadas (...) eles contam-nos estas coisas e se nós tivermos uma atitude de recriminar logo, de começar logo a recriminar e a dizer que não é assim que se faz mas que tens que fazer assim porque eu quero que seja assim não, se nós começamos a dizer isso nós pudemos afastar e, às vezes acontece, pudemos afastar os jovens."

"Então o que eu também fui aprendendo ao logo do tempo é que não pudemos começar logo a recriminar temos que perceber que, claro dizer que eles sabem qual é a nossa opinião não está correcto, (...) mas não é por isso que vou recriminar vamos aqui ver outras formas de, portanto o não recriminar logo à partida é um factor muito importante para que a criança, jovem não se afaste."

"Até mesmo as famílias, porque estas famílias também têm um percurso complicado como nós sabemos são as famílias que são é o que conseguem ser pelo passado que já tiveram. (...) estas famílias vêm para aqui falam-nos da sua história de vida (...) E se nós começamos numa atitude de reprovar logo à partida, de recriminar, de dizer não está correcto assim elas afastam-se porque para mim não está correcto para a família está e então nós se calhar temos que arranjar

uma forma de lhes fazer entender de outra forma vamos lá ver como é que isto pode ser de outra forma sem ser assim."

"não recriminando ajuda a que as pessoas comecem a ganhar confiança dizendo sempre pronto temos que ter sempre atenção a história de vida daquela pessoa e não à nossa, aos nossos valores e à nossa história pessoal."

- **Mudanças na prática interventiva**

"Até as próprias crianças, os jovens até a forma como eles reagem a algumas actividades que a nós lhe propomos."

"No início quando eu comecei a trabalhar por exemplo, fazer uma saída de exterior com as crianças e ir simplesmente a um parque, vir aqui ao parque das nações ou ir a um parque andar de escorrega bem era uma alegria, era tudo o que se podia era o melhor que se podíamos oferecer era."

"Hoje eu acho que a exigência deles, apesar de serem crianças, jovens com dificuldades a exigência deles é maior e noto que nem tudo lhes agrada, se nós lhes propuser-mos ir ao cinema já nem falo parque das nações já não lhes agrada já é pouco apesar de serem crianças com dificuldades em termos afectivos de família, (...) pouco afecto, pouca atenção depois há aquela parte de bens materiais de coisas que até acabam por ter acesso de uma outra forma que acabam por não achar piada a coisas que os outros antes achavam."

"Um jogo, jogar um simples jogo antes já fazia as delícias, eles gostavam hoje em dia isso já não é assim noto que até os miúdos a esse nível estão diferentes."

"Gostavam de fazer caminhadas antes e fazíamos muitas caminhadas lembro-me fazíamos, hoje em dia porque se cansam não gostam de andar até nisso as crianças mudaram no tipo de actividade que nós lhes oferecemos as coisas não lhes agradam da melhor forma."

- **Pessoas importantes ao longo da trajectório profissional e respectivas aprendizagens adquiridas**

"Sim, houve pessoas importantes no meu percurso. (...) estou a lembrar-me de uma pessoa, de um colega, de um colega de trabalho que passou na minha vida nessa altura. Um bocadinho no início, então eu estava mesmo numa fase de aprendizagem, no início pouca experiência esta era uma pessoa que tinha muita experiência (...)"

"(...) aprendi com ele muita coisa, mas principalmente a questão das coisas simples, as coisas simples da vida que nós fazímos, o respeito pelo outro que eu já respeitava não foi por conhecer que passei a respeitar mais, mas a forma como essa pessoa me fez ver algumas coisas an, a forma como ela respeitava na altura os jovens, as pessoas com quem trabalhava enriqueceram-me foi uma pessoa que me enriqueceu muito mesmo em termos pessoais que estava mesmo de verdade para as crianças para os jovens que tinha muito respeito por aquelas pessoas que tinha ali à sua frente (...)"

"Eu acho que ainda foi o mais importante porque eu apanhei, essa pessoa passou pela minha vida numa altura em que tinha pouca experiência e depois eu apanho uma pessoa, uma boa pessoa não só bom técnico (...) que me enriqueceu acho que me ajudou a ver algumas coisas de uma forma que eu não veria se calhar ainda não estava desperta para ver (...)".

- **Profissão sonhada na infância**

"Lembro-me que quando eu tinha doze, treze anos eu gostava de ser telefonista e cantora (...)"

- **Profissão sonhada pelos pais**

"(...) gostavam que eu seguisse portanto os estudos e que eu tirasse um curso e isso eles sempre verbalizaram e esse era o sonho deles que eu tirasse uma formação que depois me pudesse ajudar mais tarde isso era o sonho deles."

"Mas eles nunca me verbalizaram tens que ir ou gostavamos que fosses para, sempre que para eu quando escolhesse, escolhesse algo com o qual que eu me identificasse que me fizesse bem e que eu gostasse porque sempre me disseram olha que é importante isso é uma coisa que é para a vida toda (...)"

- **Motivação para a escolha da formação inicial e profissão**

"(...) eu sempre quis ser na área do social eu sempre quis seguir a área do social portanto eu só sabia, não sabia se era assistente social ou se era educadora social eu só sabia que eu queria fazer alguma coisa na área do social queria ter uma profissão que fosse tivesse a ver com a área social (...)"

- **Motivação para continuar na mesma profissão/instituição**

"gosto muito da forma de trabalhar pela forma como nós trabalhamos no Projecto Rua da relação, da relação que conseguimos criar com estas crinças e jovens com estas famílias, gosto muito da metodologia que nós trabalhamos muito pela relação priorizamos muito (...) acreditamos que alguma coisa pode mudar sim, mas é importante termos relação com estas crianças e jovens (...)"

- **Perspectiva de futuro**

"(...) o meu futuro não estou a ver assim se tiver que mudar de profissão, se tiver que mudar de área terei de o fazer, mas por escolha porque agora estou farta disto e quero-me ir embora já não quero mais, não."

"Eu visualizo-me e estou-me a ver pelo menos a médio-prazo mas estou-me a ver é agora futuro é continuar a trabalhar assim com este grupo alvo com estas crianças e jovens aqui ou noutro não tem que ser aqui em Marvila ou noutra equipa, mas a trabalhar desta forma assim com estes miúdos com os problemos deles e visualizo assim vejo a continuar a trabalhar assim."

- **Novas a acções a desempenhar**

"Esta instituição de vez em quando tu percebeste aqui ao longo da nossa entrevista a intervenção po vezes vai mudando o que faz com que nós tenhamos que nos ajustar à nossa intervenção fazer o que há para fazer a gente faz e eu acho que tenho uma capacidade de me ajustar consigo fazer isto ajusto-me às situações (...)"

"(...) depois nós temos sempre que reiventar novas forma de trabalhar com estes jovens até porque estes jovens exigem-nos isto porque eles próprios devido à sociedade, às mutações da sociedade eles próprios também nos exigem que nós nos adaptemos às novas [alterações]. Então eu vejo-me a fazer, o desafio agarrar no desafio que vem aí ou que tiver que vir vejo sim estou disposta a adaptar a acção ao jovem."

- **Projecto, desejo a realizar**

"O que eu gostava mesmo agora era que as coisas começassem a ver-se algumas alterações pronto, este grupo com o qual nós estamos nós não conhecemos assim há tanto tempo conhecemos há dois anos, alguns menos e então nesta fase o que me apetecia mesmo era puder dizer estamos a ver aqui algumas alterações, na escola as coisas estão mais estáveis e quando eu digo mais estáveis até falo em termos de comportamentos porque lá está isto há-de ter os seus frutos, mas não tem a curto vai tendo mas a longo-prazo é que se vai vendo."

"O meu desejo era mesmo que os resultados que se vão vendo e em alguns casos mais a longo prazo que começassem já, agora porque também é importante para nos ir motivando."

**Guião de Entrevista – Educadoras da Equipa CDIJ Oriental IAC**

**Objectivo Geral:**

- "Caracterizar que profissionais desenvolvem o trabalho de intervenção da equipa CDIJ Oriental."
- "Compreender o processo de formação dos profissionais da equipa CDIJ Oriental."

**Objectivos Específicos:**

- "Identificar o percurso de educação/formação da educadora."
- "Conhecer como é que a formação não-formal é adquirida no desempenho do seu trabalho."
- "Compreender como é que a educadora aprende."
- "Extrair as motivações para o exercício da profissão da educadora."

| Categoria | Subcategoria | Indicadores |
|---|---|---|
| **1. Legitimação da entrevista** | **1.1. Contextualização e objectivos de entrevista** | 1.1.1. Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respectivos objectivos |
| | **1.2. Motivação do entrevistado** | 1.2.1. Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do trabalho |
| | **1.3. Confidencialidade e anonimato** | 1.3.1. Garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos |
| | **1.4. Autorização para a gravação áudio** | 1.4.1. Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise. |

| | | |
|---|---|---|
| **2. Perfil Formativo do Entrevistado** | **2.1. Caracterização da formação académica** | 2.1.1. Qual a sua formação inicial [académica]? Que habilitações possui? Qual a sua área de formação inicial? |
| | | 2.1.2. Que conhecimentos/aprendizagens significativas desenvolveu no decorrer da sua formação inicial que lhe são hoje úteis para o seu trabalho? |
| | **2.2. Caracterização da formação profissional** | 2.2.1. Detém algum tipo de formação profissional contínua específica para o trabalho que leva a cabo? [Quando e quem a promoveu?]<br>2.2.2. Que temas, actividades, pessoas estiveram relacionadas com essa formação?<br>2.2.3. O que acha que aprendeu de significativo nessa formação? |

| | | |
|---|---|---|
| **3. Percurso Profissional** | **3.1. Caracterização do percurso profissional** | 3.1.1. Quando, em que sector/projecto, com quem é que iniciou a sua actividade profissional no Instituto de Apoio à Criança? [Pedir ainda razões/motivações?]<br>3.1.2. Pode descrever momentos do seu percurso profissional desde o início até ao presente que foram particularmente importantes para o que faz e como o faz hoje em termos profissionais? [Contextos, pessoas, espaço físico e temporal]<br>3.1.3. Que aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional gostaria de destacar e porquê? |
| | **3.2. Caracterização da actividade profisional** | 3.2.1. Quais as actividades que desempenha no seu dia-a-dia? [Descrever um dia típico]<br>3.2.2. Que aspectos destaca da sua actividade profissional? Que dificuldades, constrangimentos enfrenta e como os ultrapassa?<br>3.2.3. O que é que aprendeu no passado com o seu trabalho que hoje é muito importante para o que faz diariamente?<br>3.2.4. Considera que existiram mudanças na sua prática de intervenção como [Educadora] desde que iniciou até à actualidade?<br>3.2.5. Houve pessoas importantes no percurso |

| | | |
|---|---|---|
| | | da sua vida actividade? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos?<br>3.2.6. Que relevância tiveram essas aprendizagens?<br>3.2.7. Houve momentos particularmente importantes no seu percurso profissional? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos? |
| **4. Do sonhar ao realizar** | **4.1. Desejos do passado** | 4.1.1. Qual a profissão sonhada na sua infância?<br>4.1.2. Que profissão era desejada pelos seus pais? |
| | **4.2. Razões/Motivações** | 4.2.1. Existiu algum factor determinante na escolha da sua formação inicial? E da sua profissão?<br>4.2.2. Que motivações acompanharam a escolha que ainda se reflectem no presente? |
| **5. Questões finais** | **5.1. Perspectivas de futuro** | 5.1.1. Como visualiza o seu futuro?<br>5.1.2. Pretende desempenhar novas acções na sua profissão? E nesta instituição?<br>5.1.3. Tem algum projecto, desejo específico que queira ver realizado? |
| **6. Considerações finais e agradecimentos** | **6.1 Informações adicionais** | 6.1.1. Gostaria de acrescentar algum aspecto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas? |
| | **6.2 Agradecimentos** | 6.2.1. Formular os agradecimentos e a colaboração prestada. |

# Transcrição de Entrevista (E4)

**Entrevistadora – Bom dia.**

E4 – Bom dia.

**Entrevistadora - Desde mais quero agradecer por estar a realizar esta entrevista. Todos os dados que forem aqui recolhidos vão ser confidenciais.**

**Para iniciarmos. Podería-nos dizer qual a sua formação inicial, formação académica e a sua área de especialização?**

E4 - Ora a minha formaçã inicial, eu sou Bacharel em tirei Barchalato em Educação Social porque na altura esta área não tinha licenciatura, no entanto depois eu fiz logo de seguido um curso de estudos superiores especializados que dá equivalência à licenciatura em Pedagogia Social. Mais tarde existia então a tal licenciatura em Educação Social que eu também concluí, por isso a nível de habilitações tenho o grau de licenciada em Pedagogia e licenciada em Educação Social. Tenho também uma Pos-graduação em Direcção de Instituições de Acção Social. Esta é a minha formação académica.

**Entrevistadora - Que conhecimentos ou aprendizagens reteve dessa formação e que sente que são úteis para colocar no seu dia-a-dia?**

E4 - Pronto na altura quando nós iniciamos o nosso percurso académico e eu não tive outra escolha, ou seja, eu sabia que gostaria de trabalhar no futuro com crianças tive alguma ainda ideia de me formar em Educadora de Infância, mas não era bem isso que queria porque também não era trabalhar num equipamento apenas com crianças assim mais novas. Quando tive conhecimento deste curso achei muito pertinente e só me candidatei a esta formação pronto. Consegui integrar, na altura lembro-me de miúda mais nova de colocar algumas perguntas porque a minha formação tinha também uma componente muito lúdica e tínhamos música, tinhamos expressão dramática e lembro-me de perguntar se aquilo faria algum sentido depois na prática laboral o porquê que eu estaria a ter aquelas cadeiras. Também na altura tinha um orientador de curso que tinha sido aluno também da mesma formação que eu e o senhor ía-nos dando alguns exemplos não é na sua rotina laboral que realmente depois vieram a constatar que essas áreas são realmente importantes porque nós não percebemos bem porque é que a nível

superior estamos a ter música se a nossa especialização não vai ter essa parte, lembro-me de aprendermos canções, aprendermos coisas muito vocacionadas para essas áreas que não me faziam sentido. Mas, rapidamente percebi que pelos aos exemplos que essa pessoa me ia dando que era tudo uma mais-valia pronto e, que não eram só importantes as cadeiras da pedagogia, da psicologia e agradou-me, agradou-me porque realmente depois quando comecei a trabalhar percebi que era uma mais-valia ter também tido essas áreas de formação que também foram importantes e são na nossa rotina do dia-a-dia.

**Entrevistadora - A nível da formação profissional. Tem alguma formação em específico a nível profissional ou foi fazendo alguma formação ao longo do tempo que está aqui no IAC?**

E3 – É assim o IAC se calhar um bocadinho agora também pela altura da conjuntura que estamos a viver, neste momento, não sinto que nos esteja a ser dada tanto essa possibilidade das formações. No entanto, ao longo dos anos que eu já cá trabalho nós fomos tendo sempre essa possibilidade de irmos aqui tendo umas mais-valia dessas formações. Eu não me consigo recordar de todas as formações que tive, mas foram muitas e todas muito ligadas à minha área profissional. Lembro-me que há uma formação que nós fazemos todos os anos e que ainda se mantém que é o Curso de Animadores que quando eu integrei a equipa era uma imposição positiva não é?! as pessoas que vinham para cá puderem usufruir também dessa formação e pronto eu também fiz essa formação na área da animação como formanda, posteriormente já recrutada como formadora e também como equipa de organização. Fomos tendo o contributo ao longo destes anos que cá trabalho, que já vão fazer dezoito anos, de termos umas formações específicas em temas ligados à pedagogia, às crianças, não me recordo de todas elas, mas é uma preocupação da instituição sempre que possível nós pudermos participar em acções de formação. É assim lembro-me de algumas dinamizadas pela APV, também na parte jurídica, já não sei bem mas penso que até a nossa jurista também já nos elucidou em relação a áreas importantes e outras por aí que nós vamos tendo. Também é característico da instuição que, uma vez que a possibilidade às vezes não é para todos, nós tínhamos uma estratégia que é quem usufrui de uma formação depois replica essa formação aos colegas em momento que era criado, que agora não se tem posto em prática. O que também é muito bom porque não

pudemos estar todos em tudo, mas vamos apreendendo com aquilo que os outros também têm estado a aprender. Também não só a nível da formação, aqui no IAC depois há uma parte que nos é pedida que é nós somos formandos em determinados momentos, algumas acções e também somos recrutados para ser formadores. Também tem sido algo que pronto me tem sido pedido que às vezes possamos contribuir com a nossa experiência não é?! dentro da temática dos direitos da criança, pudermos ir a escolas falar com famílias, pudermos partilhar os nossos conhecimentos com outras instituições, pudermos dar não é?! formação a outros serviços, tendo em conta sempre a nossa experiência. Pronto e isso é algo que no início me deixava um bocadinho constrangida, porque sou uma pessoa tímida acho sempre que não tenho o conhecimento total de determinada matéria por muito que nós nos preparemos, mas é verdade que a experiência nos permite que nós também nos trabalhemos não é?! como pessoa e que é assim é importante, é importante pudermos partilhar com os outros aquilo que nós sabemos porque é sempre a postura quando vamos a determinada formação não é que nós sejamos peritos naquela área mas é o contributo. E acho que assim não querendo ser pretenciosa, de uma maneira geral, as pessoas também conhecem um bocadinho já a maneira de trabalhar do IAC e acabam por, acabamos por conseguir, também não ser muito teóricos e promover também aqui a parte da experiência que depois também leva ao diálogo e que depois é sempre muito enriquecedora. A pessoa fica sempre muito perturbada e agora onde é que vai, onde é que não vai essa experiência já passou, por exemplo, a entrevistas na televisão a nível pessoal, a entrevistas na rádio, a entrevistas para grandes plenários o que pronto pela minha característica de timidez coloca aqui numa posição desagradável, mas é verdade que nós também devemos trabalhar essa parte e que isso aquilo se passou comigo à dezoito anos para quando vim cá trabalhar já não é igual apesar de ficar sempre bocadinha receosa, mas vai se estando mais à vontade já.

**Entrevistadora - Aproveito para perguntar como teve essa dupla passagem quer como formanda, quer como formadora que aprendizagens significativas reteve para si? Agora estava a falar da timidez que sentiu que com o tempo isso foi melhorando, não sei se tem mais algum aspecto que gostaria de partilhar?**

E4 - Eu acho que essa é a que mais, além do que eu também é importante nós também sairmos do nosso hábito de trabalho da nossa rotina, da nossa equipa é importante nós

também termos um olhar das pessoas que estão por fora quando nos colocam questões porque as questões também nos fazem interrogar-nos fazermos a nossa avaliação interna e acima de tudo a questão da timidez porque também é algo que eu agora já consigo trabalhar bem com isso porque eu tenho sempre, gosto de me preparar para as situações, e tenho sempre receio que aquilo que eu possa transmitir aos outros não chegue, mas as coisas têm corrido de uma forma positiva e o olhar que os outros nos trazem quando partilhamos o nosso trabalho e quando são colocadas as tais questões é muito importante pronto porque é um olhar exterior. Nós já trabalhamos, a equipa do IAC já é composta por elementos que já se conhece muito bem, às vezes, é muito importante o lado que vem de fora para também nos avaliarmos e questionarmo-nos a nós próprios para o trabalho e isso é algo que é importante.

**Entrevistadora - Quando em que sector ou projecto e com quem é que iniciou a sua actividade?**

E4 - Ora eu o primeiro contato que tive com a instituição enquanto estagiária foi com uma equipa que funcionava no Bairro 6 de Maio, em noventa e cinco. Depois o estágio termina não é?! eu tenho que ir embora, pronto não há possibilidade de ficar logo integrada na instituição fui embora. Só mais tarde, só em noventa e sete é que recebo o convite, entretanto ainda tinha estado também ligada à instituição através de um projecto, um programa do IPJ para jovens Bachareis e licenciados. Mas contractada estou cá desde 97, a minha primeira experiência nessa altura foi no âmbito de num projecto chamado URBAN que estava direccionado para a procura activa de emprego e que funcionou durante três anos de 97 a 2000 no Bairro 6 de Maio era ali a área geográfica de abrangência era Amadora ali aquela parte esta foi  a minha primeira experiência enqaunto técnica bacherel contratada e iniciei esse o percurso com alguns colegas que ainda se mantêm na instuição e depois mais tarde segui outro caminho não é?! em 2000 quando o projecto terminou.

**Entrevistadora - Se quiser pode terminar até à actualidade?**

E4 - Estava contractada só por três anos o primeiro e o único contracto que tenho com o IAC fui até informada que teria que ir embora porque era muito concreto o contracto era enquanto esse projecto durasse, no entanto, nao fui embora e integrei posteriormente uma equipa que é característica e a génese aqui da nossa intervenção não é?! do projecto

de rua que é a a equipa da rua, a equipa da Baixa de Lisboa pronto. Depois foi uma realidade para mim muito diferente, não é?! enquanto que o primeiro projecto era um trabalho muito em sala eu era a técnica que estava muito direccionada para trabalhar com famílias e adultos na procura activa de emprego, aqui a experiência da rua foi uma novidade muito imposrtante na altura em que foi para mim foio descobriri e o pôr em prática se calhar toda a minha formação aqui neste tipo de trabalho, pronto. E eu gostei muito dessa experiência tínhamos a característica de trabalhar em horário diurno e nocturno, na altura já tínhamos também o recurso à unidade móvel que ainda hoje temos eu também era uma das técnicas que conduzia essa unidade móvel que era um instrumento de apoio aqui na gestão dos giros que nós temos de fazer na zona metropolitana de Lisboa e foi o descobrir também para mim, porque enquanto eu estava no primeiro projecto numa comunidade no Bairro 6 de Maio ali muito ligada àquela realidade, depois foi asssim o meu primeiro contacto com os meninos e jovens de rua, pronto e foi uma experiência muito enriquecedora, em que nós aprendemos muita coisas se calhar no início até mais a nível pessoal, do que profissional é assim em que pela primeira vez constatamos uma realidade que não nos é proxima que temos vonstade de ajudar e que também tem o seu grau de dificuldade. Mas, nessa altura fui muito também muito bem acolhida por especificamente por dois colegas animadores que estavam nessse projecto, um deles já saíu e a outra colega que ainda se mantém cá que tinham já uma grande experiência desse trabalho e que também pelas minhas características de pessoa humilde acho que conseguimos estabelecer uma boa relação e consegui aprender com quem mais sabia porque apesar de termos categorias profissionais diferentes aquelas pessoas tinham uma coisa que eu não tinha que era a experiência pronto e eu tinha que aprender com quem mais sabia e, pronto gostei muito desse período. Mais tarde, é assim já estive em várias equipas aqui no IAC o que eu também considero que é uma mais-valia é assim eu não considero que as mudanças sejam negativas, considero que as mudanças têm de ser encaradas como algo positivo, pessoalmente nem sou adeptada que se deva deixar muito tempo um funcionário num mesmo projecto porque para mim acho que os aspectos negativos são superiores aos positivos porque se criam raízes, alguns defeitos de trabalho que eu acho que com a rotatividade as coisas poderão funcionar melhor e eu já passei por várias experiências: Projecto URBAN, trabalho comunitário, no Bairro da Pontinha também durante muitos anos. Essa intervenão terminou também tive durante quase um ano, acho que foi um ano numa posição que foi a que eu menos gostei que foi muito ali ligada aos serviços do Projecto Rua, à Sede

muito a dar apoio também a quem precisava sem muito enfoque para puder intervir, mas não gostei muito dessa experiência porque acho que posso ser aproveitada noutras áreas de estar no terreno melhor.

Depois tive uma outra experiência muito marcante que foi ter que, também não fui a única técnica a ter que passar por isso, que foi à acerca de dois anos tivemos que estar a trabalhar fora ligadas à instituição mas numa realidade diferente, a questão de ser técnica de intervenção local, turmas PIEF. Pronto uma posição completamente diferente em que temos que aprender a trabalhar com a equipa, com a comunidade escolar que é realmente uma coisa que marca porque uma vez que nós já estamos há muito tempo e já estamos habituados a trabalhar com estas pessoas da instituição temos que por em prática todas as nossas capacidade mais pessoais do que profissionais numa realidade que é completamente diferente, mas pronto que na minha situação correu de forma positiva e agora já se pode concluir que também teve coisas boas. Na altura, estou cá para cumprir não é?! as orientações da direcção e da coordenação não gostei, mas não me manifestei tinha que trabalhar é assim se fui escalada para essa função tive que agarrar essa tarefa da melhor forma que soube e correu bem, mas foi uma realidade muito diferente da que estava habituada até à data.

**Entrevistadora - E depois ficou por aqui, aqui por Chelas?**

E4 - Já eu antes de ter ido para estas turmas, para esta turma PIEF que funcionava ali na área geográfica do Lumiar já tinha estado aqui dois anos, não é?! essa parte eu não disse fui passando por várias equipas já tinha estado aqui depois vou para o PIEF e volto, depois o pós PIEF é novamente aqui nesta equipa que já na altura se chamava o CDIJ Oriental. Voltamos aqui a esta realidade com algumas alterações da estrutura do trabalho e agora estarei aqui até outras aventuras.

**Entrevistadora - Com todas essas mudanças e essas passagens retém aprendizagens que sejam importantes para que depois venham influenciar o modo como faz o seu trabalho?**

E4 – É assim como eu disse que sou adepta e acho que nos traz mais vantagens as mudanças do que propriamente desvantages o facto de uma pessoa ir passando por diferentes realidades tem que tem que fazer com que a pessoa apreenda novas coisas, não é?! Trabalhasse com pessoas diferentes, em situações diferentes, contextos

diferentes e há uma necessidade de nós nos ajustarmos a uma realidade que temos perante nós e isso de certeza que traz algo aqui para a parte profissional e pessoal do técnico que não trará a uma pessoa que se mantenha durante muitos anos na mesma intervenção e isso para mim são mais-valias. E acho que aquilo que eu digo que é um pouco negativo o facto de a pessoa ficar durante muito tempo é isso depois acaba por só ter conhecimento daquela realidade podendo ela até ter mudado não é a realidade de trabalho pode até ter mudado, mas área geográfca, a população, os pareceiros acabam por ser quase sempre os mesmos e isso só pode trazer mais-valias à pessoa até porque quanto mais tempo a pessoa fica parada no mesmo sítio cria vícios, rotinas que não têm que ser entendidos como aspectos negativos, mas que às vezes acabam por ser e também quando essa pessoa tiver necessidade de mudar eu acho que vai ser sempre muito mais díficil do que uma pessoa que esteja habituada a mudar com alguma regularidade.

**Entrevistadora - Então por exemplo as aprendizagens pode ser nesse sentido de adaptação, flexibilidade...**

E4 – Adaptação, flexibilidade, desempenhar tarefas diferentes, contextos diferentes, a procura também que o técnico tem que fazer a nível pessoal para estar apto e puder assegurar da melhor forma possível não é?! a realidade que tem à sua frente porque se a realidade é sempre a mesma, quer dizer a pessoa acaba até às vezes cair no, no...

**Entrevistadora - Na rotina?!**

E4 - Na rotina e até no excesso às vezes as pessoas acham que até já sabem tudo face àquela realidade e pronto isso, isso e porquê que eu digo isto? Digo isto porque sendo eu uma pessoa que fui mudando há pessoas que não mudam e eu já fui integrando equipas de pessoas que n têm mudando e que eu acho que essas pessoas têm vícios que constituem um bloqueio em muitas situações no dia-a-dia de trabalho. Pronto, mas isso é assim são ordens da direcção, ordens que também certamente se prendem com o melhor que se consegue organizar, não há equipas perfeitas, não há técnicos perfeitos mas é o ajuste que é possível e que se vai desenrrolando.

**Entrevistadora - Agora focando a actividade profissional que desempenha consegue descrever-nos um dia típico ou uma semana? Sei que volta e meia têm assim grandes actividades e muito diferentes umas das outras?**

E4 – Então um dia face a esta realidade, um dia, uma semana, não é assim um modelo vá... Pronto é assim nós temos o privilégio de enquanto instituição não termos assim uma rotina muito implementada, ou seja, é dada a possibilidade aos técnicos dentro da sua gestão, do horário de puderem claro que há uma programação que é atribuída e que cada um sabe concretamente as tarefas que tem de desenvolver nessa semana. Mas, a semana an a semana an passa-se da seguinte forma é assim na realidade em que eu estou há um dia, são dois dias mas, eu por motivos de saúde não estou no outro momento não é?! que faço acompanhamento a um grupo de jovens aonde são dinamizados alguns temas que são petinentes à sua fase de cresciemnto, à sua fase social, escolar que é o programa treino de competências. Isso requere que na programação da semana, se nós recebemos os jovens às quartas temos que ir preparando semana a semana esse programa de treino que muitas vezes pode ser alterado  porque é assim nós temos uma pretenção de elaborar determinada tarefa, mas é assim às vezes temos que atender em primeiro as necessidades do grupo e, nem sempre é possível fazerms aquilo que está planeado ou falarmos do tema que está planeado.

Temos um dia da semana, que é quinta-feira, especificamente, para reunião de entrosamento entre a equipa que é um dia, uma estratégia que não é muito habitual por aquilo que eu sei noutras instituições e que é muito importante não é?! Porque é aí nesse momento em que se discutem os os casos, discutem as tarefas, se aferem as tarefas que cada um tinha ficado de fazer e se as fez, se não fez os motivos se teve necessidade de ajustar ou não.

Durante os outros dias da semana temos que ter na agenda, momentos específicos para atendimento às famílias quando é necessário, para elaborarmos os contactos não é?! neste processo de parceria que são pertinentes e necessários, para fazermos os registos do nosso trabalho porque também é algo que é muito prioritário. Uma vez por mês temos também um momento na semana que é destinada à supervisão de casos, aquilo que eu acho que é algo muito importante porque lá está nós somos supervisionados por um elemento externo à instituição e, esse elemento externo traz sempre um contributo com um olhar diferente do nosso.

Depois ainda pode haver situações de trabalho externo, o que é que se prende com trabalho externo?! Acompanhar determinada família a um determinado serviço, acompanhar também e pedir apoio externo numa área que é aqui muito também, algo que nós temos constatado que é a parte jurídica e quando digo externo é externo ao

Projecto Rua, mas é interno na instituição que é com o sector do IAC onde existe uma jurista.

E depois a semana, é assim ainda puderá haver um ou outro momento numa semana que não sempre mas que também pode ter a ver com um momento formativo e pronto penso que assim de uma maneira geral.

Isto às vezes muda, esta semana tipo muda no periodo de férias de verão e até no periodo de férias de interrupções de natal e pascoa em que nós pelo facto de termos os jovens com amior disponibilidade também organizamos a semana de maneira a pudermos estar mais tempo com estes grupos, nem sempre o tempo que seria necessário não é? Mas temos essa preocupação e isso depois se a pessoa, temos os meninos mais vezes connosco temos menos tempo para todo esse trabalho que já falei à pouco. Mas, pronto é assim isto é uma semana, registos, contactos, articulação com outros serviços, alguns acompanhamentos, alguma procura de, de alguma temática que seja pertinente abordar que não esteja já, porque existe um dossier já elaborado com o programa treino de competências, mas que seja preciso aqui aferir alguma estratégia, alguma temática diferente.

Também ainda uma coisa que não disse, por exemplo, que se passou ontem que não é?! quase que fica um dia específico só para isso que é as sessões dinamizadas na escola do 1.º ciclo pronto. Ontem como houve sessão de manhã e de tarde quase que o dia fica só para esses momentos, temos feito isso com alguma regularidade não é?! Trabalho da prevenção e isso também é encaixado na programação semanal.

**Entrevistadora - A nível das dificuldades e dos constrangimentos tem algum em específico? E se sim, como é que os consegue ultrapassar?**

E4 - Tenho, eu tenho um constrangimento pessoal e que não tenho trabalhado muito para o ultrapassar, ou seja, os tempos evoluiram e a forma de trabalhar também tem que evoluir e eu refiro-me concretamente aos meios informáticos. Eu sou enquanto estudante tralhei com computadores e tive que fazer a monografia e fiz só que depois nas actividades que fui desenrrolando logo de imediato não era muito necessário o recurso a esses instrumentos informáticos e eu fui-me afastando muito dessa realidade. E também porque nós a nível aqui da instituição nos temos um apoio na área dos serviços adminsitrativos, ou seja, este meu constrangimento é que eu sou muito capaz não é faço aguma coisa, alguma infomação social alum documneto que tenha que ser

feito faço manuscrito e depois peço essa colaboração a essas colegas da informática, da parte administrativa para me passarem esse documento e sei que são ordens internas que essas pessoas servem para isso e para outras coisas são um instrumento de apoio às equipas mas e claro que nos dias de hoje se a pessoa domina esses meios, não é que nunca deixei de cumprir uma tarefa por ter este bloqueio, por ter esta parte da minha pessoa não querer entrar muito por esse lado, nunca deixei de dar uma formação com auxílio dos meios informáticos, nunca deixei de enviar um e-mail, nunca deixei de fazer uma informação mesmo que tenha que fazer em casa porque ela é urgente, mas sinto que também enquanto pessoa sou muito do tempo antigo e isso é algo que eu devia mudar porque a realidade do tal ano em que eu tive no PIEF não havia essa equipa comigo para me dar esse apoio e eu passei por algumas dificuldades que tive que pronto tive aqui o apoio de uma pessoa a nível familiar, do marido porque, resisto muito a esta parte e sei que não devia resistir porque quer dizer os computadores não mordem eu, quer dizer, percebo o mínimo das coisas mas pronto como tenho alguém que me pode ajudar nessa parte não faço, não faço e pronto. Se alguém puder fazer por mim, eu deixo de fazer por mim não é? se a tarefa é minha eu faço mas se entaão essa pessoa faz e eu fico a saber o que pronto tenho consciência que é algo que eu tenho que mudar até porque não sei o meu futuro e puderei vir a precisar destas competências para trabalhar e pronto tenho que mudar esta atitude e porque posso deixar de ter este apoio aqui destas colegas administrativas e depois torna-se mais difícil. Porque já houve uma realidade minha em que foi possível também ter um computador para a equipa ali um quase para cada um porque éramos pouco e íamos iniciar um projecto que depois não arrancou e ai e também porque a nível do grupo que as pessoas que acompanhávamos como estavamos no início eram poucas eu comecei, eu e os colegas que estavam comigo na altura começámos muito organizados nesta parte da informática e faziamos as coisas, depois é assim este projecto não arrancou eu mudei de realidade não estou a dizer que a culpa é de porque o IAC tem pouco mas tem,mas tenho que ultrapassar esta minha limitação pronto é assim uma das maiores dificuldades. Dar uma formação, fico logo em pânico, agora neste momento já quase que a parte da timidez é em segundo plano e vem logo isto e aí tenho que ligar o cd e como é que eu transmito isto e como é que eu ligo e como é que eu faço e como é que se liga ali o cabo e ronto é algo que tem que deixar de fazer parte dos meus medos.

**Entrevistadora - E a nível de terreno? Existe assim alguma situação? Mais algum aspecto?**

E4 - Humm... É assim existe. Existem situações pronto que eu já passei situações atípicas situações que não acontecem sempre, mas que quando aconteceram colocaram aqui também numa posição difícil que é quand nos trabalahamos com uma família e ao longo dos anos e pelo facto de nos considerarmos uma instituição que trabalha com algua informalidade com as pessoas e que tem a tal relação de proximidade existiu uma situação que teve dois momentos diferentes em que me colocou numa posição de medo porque eu não estava à espera da reacção dessa família . Que houve uma ameaça, uma tentativa de ameaça à integridade física e a um bem meu também pessoal, o meu carro na altura e pronto fui ameaçada com uma faca por uma família que eu achava que nunca iria conseguir ter esse tipo de atitude e depois essa situação da faca resultou também nos pneus furados do carro pronto. Isto são situações que são difíceis no momento da pessoa gerir porque é assim nós temos uma formação académica mas isto são situações que não aprendemos. Claro que sabemos que isto pode acontecer, mas quando isso acontece é assim a pessoa também arranja a sua estratégia da melhor forma possível mas é sempre difícil lidar com eses momentos mas também nos momentos difíceis nós tiramos aprendizagens pronto e também há sempre uma coisa q nós não nos podemos esquecer é assim realmente nós temos uma relação profissional com as pessoas com quem trabalhamos e às vezes pelo investimento que fazems há aqui um bocadinho do profissional que é posto de lado e quase que a relação torna-se um pouco pessoal. Isto, estas lições aqui na minha pessoa fazem-me não esquecer que a relação é mesmo profissional e que nós não podemos querer que cada tarefa e cada pessoa e cada situação tem a sua marca e aqui eu não estava à espera que isso acontecesse com essa família. Mas, no futuro o que é que eu aprendi, apendi que por muito que se invista em determinada família temos que ter sempre este pensamento na nossa cabeça que é nós trabalhamos com estas pessoas e para estas pessoas e que estas pessoas não podem ocupar na nossa cabeça um lugar diferente que não profissional pronto e não estou a dizer que não se invista que não se crie relação, que não sejamos próximos mas já tive algumas situações posteriores a essa, dessa família e acho que consegui aprender. Aquelas situações em que nós nos deixamos envolver mais e que quase que já estamos a esquecer o profissional ali no topo e já estamos a passar ali para o lado pessoal e que pronto a cabeça serve aqui da ajuda e buscar a experiência antiga e tirar as aprendizagens o que é que não correu bem o que é que eu a partir daqui não devo fazer.

Pronto e já me aconteceram assim três situações diferentes e acho que não é a pesssoa não está a ficar imune, tem aqui uma barreira que é inquebrável não é nada disso, mas claro que quanto mais situações dessas assim parecidas que possam ocorrer mais a pessoa tem competências para lidar com elas da forma mais ajustada e correcta.

**Entrevistadora - A questão a seguir era nessa linha não sei se pode ser esse o exemplo fundamental para si que era: Que aprendizagens teve no passado que são importantes para aquilo que faz actualmente?**

E4 - Aprendizagens é assim... Pois prende-se com à situação anterior. Nós devemos investir nas pessoas com quem trabalhamos, mas não nos podemos esquecer a questão do ritmo das pessoas é assim não nos podemos esquecer que nós estamos perante pessoas que têm uma vida diferente da nossa, têm um contexto diferente do nosso e que às vezes aquilo que nós esperaríamos que essas pessoas fizessem a a partir determinada altura seria aquilo que nós técnico queríamos e não é aquilo que acontece e que vai acontecer na realidade e este investir nos outros para uma pessoa que trabalha quase à 18 anos com esta realidade eu acho que já consigo não deixar de investir em ninguém mas também consigo ter sempre presente neste processo o que pode não correr bem e aceitar também que as pessoas têm direito a não querer fazer aquilo que nós estamos consideramos correcto e que se nós estivermos presente estes bloqueios estas resistências neste percurso provavelmente não nos vamos sentir tão frustados ou tão ineficazes no tipo de investimento que estamos a fazer porque temos que ter isso presente e eu eu acho que agora nesta fase e destas experiências todas que eu já passei eu consigo é fácil a pessoa deixar-se ir atrás não é? envolver-se muito porque somos muito próximos porque temos um papel próximo das pessoas com quem trabalhamos, mas neste momento é assim a cabeça já consegue criar os seus mecanismos de defesa eu acho que isso é muito importante porque isso evita que nós nos sintamos frustados e ineficazes à situação porque é assim não depende tudo de nós depende de várias coisas e é assim as pessoas não têm que se não correr bem não têm que achar que foi culpa sua porque é assim eu faço as coisas de uma forma responsável se não corre bem ... Ainda agora por exemplo assim já aqui nesta equipa acerca de um ano e uns messes nós estivemos a dar apoio a um jovem adulto aqui na parte da justiça pedimos à coordenação e pronto enquadramos a situação para nos deixar estar presentes em Tribunal, nós oferecemo-nos para ir em Tribunal nunca foi uma ordem vinda da

coordenação, nós alguns elementos da equipa que acompanhavamos a situação oferecem-se para ir depor em Tribunal perante a juíza que é também um momento constrangedor que a pessoa tem que se preparar saber o que está a fzer numa situação dessas porque acreditávamos que com a nossa participação nesse momento da justiça com esse jovem podíamos aqui contribuir de alguma forma para um percurso diferente. E essa situação termina com, não digo que tenha sido só com o nosso contributo, mas a justiça que estava querer condenar esse jovem acaba por-lhe aplicar uma medida de pena suspensa durante dois anos e dez meses que são quase três anos e é muito tempo. E é assim na altura fez-nos acreditar que pena suspena durante dois anos e dez meses é muito tempo para é muito tempo para o jovem não incumprir novamente, mas é muito tempo para ele poder aproveitar para se orientar pronto e aquilo que nós estamos a constatar agora é que ele não está a conseguir orientar está a continuar o seu percurso de marginalidade, mas isso é assim é o que é nós não podemos fazer pelas pessoas temos que fazer com elas e mostra o que é mais correcto se as pessoas não querem este jovem certamente a situação não vai acabar da melhor maneira mas não sinto culpa nem eu nem certamente a colega que está envolvida neste caso comigo é a parte que ele tem que fazer que não podemos ser nós.

**Entrevistadora - Considera que existiram mudanças na sua prática interventiva como Educadora desde que iniciou até à actualidade?**

Existiram então não existiram mudanças. Tinham que existir se não não é?! É assim neste momento algumas tarefas que me pedem agora que são consideradas quase que rotina e que na altura pronto a primeira vez que eu tive que elaborar um relatório social, a primeira vez que eu tive que articular com alguma instituição e aprender também como é que nós podemos ser uma mais-valia neste processo de parceria como é que nós também devemos posicionar é assim isso actualmente as coisas mudaram também como eu disse já sou uma pessoa tímida, mas também de uma forma correcta e assertiva sei também exigir com educação aos serviços, coisa que na altura é assim era um bocado ouvia e amochava quase que não tinha uma posição firme pronto. Actualmente a pessoa pela experiência tem um jovem, uma família é assim há coisas que já são chapa sim como se costuma dizer não é?! as famílias são todas diferentes e as necessidades são diferentes, mas há mecanismos de trabalho que são iguais que a pesssoa já sabe como é que sabe orientar e no início a primeira vez que acompanhei uma pessoa à entrevista de

trabalho aquilo para mim foi uma tarefa quase que eu estava gaga quase quando falava é o processo natural das coisas, mas muitas coisas mudaram o à vontade com que se fazem as coisas apesar de quando tenho uma tarefa quando é um bocadinho diferente do normal pronto ainda tento pronto informar-me para puder responder a essa tarefa da melhor forma.

Uma caracerística minha é assim, apesar de esar cá há muitos anos, não sei tudo, como é natural, não sei tudo e quando alguém do grupo alvo me faz uma pergunta que eu não sei eu não tenho qualquer receio em dizer que não sei é assim eu não sei mas posso tentar obter essa resposta junto de quem me pode ajudar e informo as pessoas que não sei. Não sei mas vou procurar saber e vou procurar ajudar nessa área e não saber não é mal nenhum, ninguém sabe tudo e eu também não sei.

**Entrevistadora - Com certeza. A nível das pessoas, existiram pessoas importantes? Se sim, quais e porquê? Não precisa de especificar nomes e que momentos é que partilhou com essas mesmas pessoas que depois reteve aprendizagens ou conhecimentos, saberes que foram depois importantes?**

E4 - Quando eu vim para cá trabalhar na primeira realidade eu fui integrada numa equipa, essas pessoas já estavam cá há alguns, há poucos anos não estavam cá há muitos anos, mas eu aprendi com essas pessoas tenho consciência de que aprendi com essas pessoas. E também, também me apercebi e é algo que isso persista até aos dias de hoje que dentro de qualquer equipa de trabalho existem sempre pessoas disponíveis para ajudar o elemento mais novo, como existem pessoas que não têm tanta predisposição para essa ajuda e nós quando estamos de novo em alguma equipa, em alguma realidade não é?! apercebemo-nos disso e é natural que criemos uma relação de empatia com as pessoas mais próximas e mais dispostas nos estão para nos ajudar é assim isso é algo que vai evoluindo e que se vai constatando nestes anos todos. É assim as equipas são feitas de pessoas diferentes são feitas de pessoas que antes de serem técnicos e profissionais têm a sua parte pessoal e isso é uma caracterítica que é pessoal há pessoas que não têm muita vontade de partilhar, há pessoas que estão sempre com muita vontade em ajudar e eu na primeira experiência tive pessoas pronto que ajudaram e tive pessoas que não tiveram tanta vontade em ajudar e apessoa tem que saber lidar com isto porque isto é sempre assim.

As pessoas que eu acho que mais importantes foram assim para mim aqui nesta minha experiência realmente foram esses dois elementos que eu falei à pouco quando fui para a equipa da rua que pessoas que pela formação académica têm qualificações abaixo das minhas, mas que pela ligação de empatia que criaram comigo e pela experiência que tinham no trabalho de rua foram pessoas muito imporantes aqui nesse percurso e que sempre se mostraram disponíveis para ajudar. Até na altura quando eu vou para essa equipa lembro-me de ter tido comentários de algumas pessoas que até me tinham dito, atenção que tu não vais para uma equipa muito fácil olha que os colegas que estão lá são pessoas que não têm muita vontade em ajudar e, pois que não foi nada disso que aconteceu, não foi nada disso que aconteceu é assim eu acho que isto tudo tem a ver com o lado humilde também que nós temos ou não temos. Apesar de ter a parte académica que era superior, que é superior à dos colegas é assim eu não tinha a experiência e o facto de não ter esse lado é assim eu tinha que aprender com quem estava porque é abordagem de rua porque tudo se passa na rua, como é que se desenrrola esse processo, como é que nós nos havemos de posicionar nesta relação com miúdos de rua, pronto é assim claro que depois ao longo desse processo nós vamos tendo a capacidade de tirar proveito dos conselhos, dos melhores conselhos e daqueles que nós depois achamos que não são tão adequados. Pronto é assim o que eu achava que devia aprender, aprendia o que eu achava que não devia fazer igual porque não achava tão correcto não fazia pronto. Mas, essas pessoas foram dois animadores foram muito importantes aqui no percurso.

Depois também houve outra realidade quando a pessoa está fora aqui no Projecto Rua quando vai para a experiência de técnica do PIEF, apesar de cada um estar na sua realidade houve pessoas nessa altura porque nós estavamos divididos em equipas por áreas geográficas e eu tinha uns colegas comigo que estavam a ser acompanhados pela mesma responsável de equipa. Houve colegas que não estando não é?! porque cada um estava na sua escola raramente nos cruzávamos, uma vez por semana quando era possível mas houve pessoas que eu descobri de uma forma positiva com quem eu não tinha trabalhado ainda directamente mas que faziam parte dessa equipa alargada do PIEF que me surpreenderam pela positiva que apesarem de estarem longe, de estarmos longe e num momento mais difícil se sentia uma certa união e como é que isto se sentia isto sentia-se através de e-mails que nós mandávamos uns aos outros, percebes o que é este documento? Ajuda-me lá que eu também não percebo. Como cada um ia tendo a nível de documentação da realidade e que ia partilhando com o outro, telefonemas que

fazíamos uns aos outros para nos apoiarmos naquilo que não sabíamos e isso foi importante apesar de estarmos todos distantes uns dos outros houve pessoas que eu considerei que me deram um apoio. Houve também situações ao contrário pessoas que eu considerava que estavam mais próximas e que eu conhecia melhor e que pronto que demonstraram que não estavam tão receptivas para dar esse apoio porque quando eu digo essas pessoas até eram pessoas que não tiveram que ir para a realidade PIEF mas estavam inerentes estavam também como equipa de apoio nessa realidade e pronto estavam numa posição mais confortável porque ficaram a trabalhar na casa mãe no IAC, mas sendo equipa de apoio pouco ou quase nenhum apoio quiseram dar e inclusivamente pessoas que até a nível pesssoal eu conhecia e fiquei desiludida com esta parte profissioanal que não tiveram muita vontade em ajudar continuaram no bem bom e que não foi muito agradável, mas pronto houve outras que superaram estes moementos mais difíceis.

**Entrevistadora - Qual era a sua profissão sonhada na infância?**

E4 – Detective. Eu a primeira composição que me lembro de fazer, an de saber escrever eu queria ser detective e parece que é assim não tem nada a ver com a realidade e não tem pois não tem nada a ver com a realidade que eu trabalho, mas tem aquela parte, aquela parte de sonho que é aqui a parte da investigação que é assim há uma parte que pessoalmente me agrada trabalhar, agrada-me trabalhar não é?! tenho as competências que tenho e que tenho que pedir o apoio a essa parte que é a parte jurídica, jurídica mas é esta parte de acompanhar aos tribunais, de aferir aqui os processos com a lei que é assim eu tive durante o meu percurso académico tive cadeiras específicas de legislação de menores e eu gosto muito desse lado e este lado de detective estará aqui um bocadinho relacionado com esta parte de é assim a pessoa pronto é agressor tem aqui um lado que tem que ter uma consequência a nivel social e a nivel jurídico mas a pessoa é agressor mas também já foi vítima e pronto e esta quando eu digo investigação é investigação aqui no terreno é o acompanhamento à família é o perceber porque é que aquele comportamento gera o outro comportamento, porque é que a pessoa que também já sofreu algumas coisas menos positivas na sua vida depois também se torna aqui não é?! isto está tudo relacionado mas gosto assim muito desta parte, gosto mas sei que não sei mas cada vez tento procurar o apoio desses serviços e dizendo mesmo que não sei às vezes a pessoa fala com colegas a nível da parceria da Direcção Geral da Reinserção

social, com o Ministerio Público é assim quando eu não, não sei e digo que não sei e explique por favor melhor porque não é assim comum eu estar a trabalhar com estes procedimentos mas pronto as pessoas até ao momento, umas pessoas mais simpáticas que outras, ajudam e pronto.

**Entrevistadora - E a profissão sonhada pelos seus pais? Houve assim alguma...**

E4 – Não, não houve. Lembro-me de o meu pai achar que eu podia, achar ou dizer que advocacia seria uma boa área para eu puder trabalhar, mas é assim a minha família nunca condicionou, de maneira nenhuma, o meu percurso e sempre até porque eu, a minha área não é uma coisa tão conhecida não existe assim à tantos anos e nunca houve ai vai para uma coisa que não sabe o que é e o que é isto da pedagogia ou da educação social, pronto isso eu nunca senti de maneira nehuma. As pessoas da minha família, os meus pais nunca me condicionaram pelo contrário sempre me deram o que podiam para me apoiarem no meu percurso.

**Entrevistadora - Relativamente a algum factor determinante para a escolha quer para da sua formação inicial, quer para a integração da sua profissão?**

E4 - Um factor determinante... (a pensar). Eu acho que sempre tive mais empatia para com quem é vítima de alguma coisa, do que para lidar com pessoas que pronto que a vida lhes corre bem. É assim sempre tive vontade de apoiar alguém não é em determinada situação até o facto de hoje estar aqui no IAC é assim eu sabia que queria trabalhar num sítio onde não fosse assim um trabalho só de gabinete, ouvi falar disto enquanto estágio e porque também já colegas da minha faculdade tinham feito estágio na instituição e é assim o que eu ouvia dizer agradou-me muito e também me fez querer vir experimentar não é?! E pronto e tive a sorte de experimentar porque na altura nós éramos cinco colegas a propor estágio para a instuição e fomos escolhidas duas e tive a sorte de ter sido escolhida para o estágio e pronto. Cada vez mais não conheço a realidade de trabalho dos outros, mas cada vez mais não sinto vontade de mudar porque há pessoas que já estiveram connosco que mudaram já de local de trabalho, mas eu não sinto essa vontade porque acho que é muito nós fazemos muitas coisas, an não temos sempre assim uma rotina de trabalho ou uma orientação vinda lá da nossa direcção é-nos dada alguma liberdade e isso é algo que acho que deve agradar a qualquer pessoa,

quando eu digo liberdade, essa liberdade é feita com responsabilidade mas é algo que me agrada pronto.

**Entrevistadora - E isso pode ser uma das motivações que a manteve aqui?**

E4 - É, é eu acho que sim é uma das motivações, eu acho que sim. Éu não tenho vontade nenhuma é assim às vezes há uma realidade que é importante nós somos, a nível da remuneração, nós somos pagos a nível de uma tabela do técnico superior não é a nível do Estado a única diferença que nós temos para com esses colegas que trabalham para o serviço público é que nós não temos a chamada carreira, ou seja, nós de cinco em cinco anos subimos, subíamos porque agora está tudo suspenso está tudo congelado, mas é uma carreira que é muito aquém do que é a carreira da função pública pronto ouse e a pessoa ao fim de trabalhar quase vinte anos numa instituição também avalia essa parte que quando me reformar e eu não penso reformar-me já, mas eu não vou ter ali um vencimento base igual ao vencimento dessas pessoas e as minhas habilitações são iguais a essas pessoas e aqui a carreira é muito mais mal remunerada. Mas a vida não é feita só de dinheiro pronto e eu aprecio mais ganhar menos todos os meses e ter o prazer em trabalhar e ter, estar integrada numa instituição que privelegia aqui também a parte pessoal do funcionário com alguns direitos que nós temos ainda que esse lado estatal não tem e eu falo de direitos, que direitos são esses? Por exemplo nós não trabalhamos, as pessoas que estão cá a trabalhar, os funcionários que têm filhos menores de dezoito anos não trabalhamos no dia de aniversário dos filhos, já tivemos o dia do próprio aniversário do funcionário já não temos. Temos aqui um conjunto de situações que a nível médico não é quando estamos doente temos aqui muita empatia da nossa direcção, claro que as pesoas são obrigadas a apresentar justificações e têm que fazer chegar essas justificações à direcção não é?! Mas por exemplo eu à uns meses passei por uma situação de estar incapacitada para trabalhar durante quatro meses e eu recebi um complemento, um subsídio de complemento à doença não é?! a segurança social paga-nos uma parte do nosso vencimento e o IAC complementa com outra parte e é assim isso também não existe já na função pública e estamos a falar de uma situação que é asim é débil, porque a pessoa não pode ir trabalhar porque não consegue, não pode logo a vida das suas obrigações financeiras continua e o facto de termos este apoio financeiro numa situação de doença também por parte da instituição isso também é assim também é muito importante, mas há muitas questões importantes que prevalecem

em relação ao dinheiro não é? E que podíamos ganhar mais "x", mas se calhar não teríamos aquilo que temos e que se calhar no nosso dia-a-dia e eu falo por mim, é melhor e é uma coisa que nos traz também vantagens do que o dinheiro em si.

**Entrevistadora - Como é que visualiza o seu futuro?**

E4 - Eu pretendo, se for possível, continuar a trabalhar aqui nesta instituição. Estou disposta sei que puderão vir aí novos desafios dentro em breve estou disposta a aceitar as mudanças é assim tudo bem é preciso mudar fico um bocadinho constrangida porque há uns que mudam muito e há outros que nunca mudam isso é algo que eu acho que a direcção, a direcção, coordenação puderia ter em conta. Mas é assim sinto-me com capacidades para puder ser aqui um contributo à instituição e com vontade de agarrar os desafios que possam surgir dentro em breve e pronto estou cá para cumprir aqui o papel claro puderei ficar mais satisfeita, menos satisfeita com as mudanças mas isso é assim aproveitar dentro do, às vezes, a pessoa pensa à não vou gostar tanto e depois até surpreende e até teve grandes mais-valias por isso eu não pretendo sair se as coisas se mantiveram e possamos continuar aqui a intervir, não pretendo sair da instituição pretendo continuar a trabalhar e pronto desenvolver cá o percurso que tiver que ser.

**Entrevistadora - E pretende desempenhar novas acções na sua profissão?**

E4 - Eu não sinto é assim não sinto necessidade de desempenhar novas acções porque eu é assim depende do médio-futuro que praí venha, porque actualmente como estou é assim consigo ter este trabalho com os jovens não é? Ter esta parte do tal parte jurídica por inerência da condição pessoal de cada um, há jovens aqui que estão no grupo que eu acompanho que têm esses processos a decorrer e que me dá também essa possibilidade de eu ir aqui articulando com os serviços dos ministérios públicos, e dos apoios juridicos, os serviços de psicologia, de pedopsquiatria com os parceiros que eu gosto também desta parte da relação com outras entidades, o facto da comissão e protecção também os acordos de comissão e protecção estarmos envolvidos em alguns acordos, o facto de ter um pézinho na prevenção das sessões da escola an, o facto de vez em quando puder vir ser recrutada para a tal parte da formação externa agora eu sei que há grande perspectiva da situação mudar, an pronto ainda ontem em conversa de hora de almoço eu disse se pudesse ser eu ficaria durante um tempo como estou não vejo assim agora uma necessidade até porque eu estive fora nas turmas PIEF e estou aqui nesta

realidade à tão pouco tempo que sinto que podia haver aqui um ajustar da intervenção e investir aqui noutras áreas com este grupo e com estas famílias que ainda não foi feito. Mas é assim também já percebi que isso provavelmente vai mudar e pronto a cabeça já neste momento a minha cabeça está preparada para as mudanças e não deixa de apostar naquilo que está a fazer até mudar mas é assim já estou preparada para o que puderá vir aí não é? Depois na altura posso ficar um bocadinho desiludida, mas é assim estou-me a preparar para isso é assim nada é eterno e a vida é feita assim e que se não pensarmos assim é sempre pior.

**Entrevistadora - Tem algum desejo, algum projecto em específico que gostasse de ver realizado?**

E4 - É assim sabes, às vezes, as pessoas falam muito de projectos e eu faço essa pergunta à minha pessoa eu não tenho assim um projecto específico, a nível de futuro. Há pessoas que têm vontade de criar um negócio pessoal, apostar numa coisa para si eu não tenho essa vontade sinto-me realizada com aquilo que faço actualmente também acho que a parte pessoal não é? da pessoa, do indivíduo se a parte pessoal está realizada é assim não quer dizer que a parte pessoal possa estar realizada e a profissional não, mas como eu tenho essas duas partes realizadas neste momento na minha vida não vejo vontade de postar num projecto é assim não me apetece criar nada meu, não me apetece ir embora ir para outro país an, não sinto houve uma altura que ainda achava mas se calahar não tenho ambições futuras será que eu estou a pensar bem, será que é correcto. Mas não, é assim é é correcto a pessoa por não ter uma ambição é assim a ambição que eu tenho é acordar todos os dias com dispsição para vir trabalhar, corresponder àquilo que me é pedido, ser responsável no meu trabalho, chegar a casa e ter a minha estabilidade familiar  isso para mim é o meu projecto é o meu dia-a-dia que vi tendo provavelmente como é normal vai tendo alterações na duas áreas quer pessoal, quer familiar e quer profissional mas não sinto asssim necessidade de ...

**Entrevistadora - É viver da melhor maneira possível.**

T.C. É viver com o momento que nós temos da melhor maneira possível e isso para mim é o meu projecto pronto.

**Entrevistadora - Tem assim mais algum aspecto ou alguma questão que gostaria de acrescentar?**

E4 - Não, porque eu acho que fui acrescentando assim ao longo das perguntas. Eu sou uma pessoa satisfeita com a vida e acho que isso também se reflecte no trabalho e pronto é assim a vida é para viver da melhor forma que nós pudermos e nós é assim contribuímos para isso ou não e acho que se nós contribuirmos as coisas têm...

**Entrevistadora - O retorno.**

E4 - Têm retorno, exactamente.

**Entrevistadora - Muito obrigada e tudo de bom!**

E4 - Obrigada, também.

# Análise de Conteúdo (E4)

- ## Formação Inicial [académica/ habilitações]

"(...) tirei Barchalato em Educação Social porque na altura esta área não tinha licenciatura (...)"

"(...) depois eu fiz logo de seguido um curso de estudos superiores especializados que dá equivalência à licenciatura em Pedagogia Social."

"Mais tarde existia então a tal licenciatura em Educação Social que eu também concluí (...)"
"Tenho também uma Pos-graduação em Direcção de Instituições de Acção Social."

- ## Formação Profissional

"(...) ao longo dos anos que eu já cá trabalho nós fomos tendo sempre essa possibilidade de irmos aqui tendo umas mais-valia dessas formações."

**[Curso de Animadores]**

"Lembro-me que há uma formação que nós fazemos todos os anos e que ainda se mantém que é o Curso de Animadores que quando eu integrei a equipa era uma imposição positiva não é?! as pessoas que vinham para cá puderem usufruir também dessa formação e pronto eu também fiz essa formação na área da animação como formanda, posteriormente já recrutada como formadora e também como equipa de organização."

**[Outras]**

"Fomos tendo o contributo ao longo destes anos que cá trabalho, que já vão fazer dezoito anos, de termos umas formações específicas em temas ligados à pedagogia, às crianças, não me recordo de todas elas, mas é uma preocupação da instituição sempre que possível nós pudermos participar em acções de formação."

“É assim lembro-me de algumas dinamizadas pela APV, também na parte jurídica, já (...) até a nossa jurista também já nos elucidou em relação a áreas importantes e outras por aí que nós vamos tendo.”

**[Estratégia de chegar a todos]**

“Também é característico da instuição que, uma vez que a possibilidade às vezes não é para todos, nós tínhamos uma estratégia que é quem usufrui de uma formação depois replica essa formação aos colegas em momento que era criado, que agora não se tem posto em prática.”

“(...) no IAC depois há uma parte que nos é pedida que é nós somos formandos em determinados momentos, algumas acções e também somos recrutados para ser formadores. (...) contribuir com a nossa experiência não é?! dentro da temática dos direitos da criança, pudermos ir a escolas falar com famílias, pudermos partilhar os nossos conhecimentos com outras instituições (...)”.

- **Conhecimentos e aprendizagens significativas aplicadas a posteriori a nível profissional**

**[Formação inicial]**

“(...) na altura lembro-me de miúda mais nova de colocar algumas perguntas porque a minha formação tinha também uma componente muito lúdica e tínhamos música, tinhamos expressão dramática e lembro-me de perguntar se aquilo faria algum sentido depois na prática laboral o porquê que eu estaria a ter aquelas cadeiras.”

“(...) lembro-me de aprendermos canções, aprendermos coisas muito vocacionadas para essas áreas que não me faziam sentido.”

“(...) realmente depois quando comecei a trabalhar percebi que era uma mais-valia ter também tido essas áreas de formação que também foram importantes e são na nossa rotina do dia-a-dia.”

**[Formação profissional]**

"(...) termos um olhar das pessoas que estão por fora quando nos colocam questões porque as questões também nos fazem interrogar-nos fazermos a nossa avaliação interna (...)".

"(...) acima de tudo a questão da timidez porque também é algo que eu agora já consigo trabalhar bem com isso porque eu tenho sempre, gosto de me preparar para as situações (...)".

- ## Percurso Profissional

**1.º Momento**

"(...) o primeiro contato que tive com a instituição enquanto estagiária foi com uma equipa que funcionava no Bairro 6 de Maio, em noventa e cinco."

"Depois o estágio termina não é?! eu tenho que ir embora, pronto não há possibilidade de ficar logo integrada na instituição fui embora."

"(...) ainda tinha estado também ligada à instituição através de um projecto, um programa do IPJ para jovens Bachareis e licenciados."

**2.º Momento**

"Só mais tarde, só em noventa e sete é que recebo o convite (...) contractada estou cá desde 97, a minha primeira experiência nessa altura foi no âmbito de num projecto chamado URBAN que estava direccionado para a procura activa de emprego e que funcionou durante três anos de 97 a 2000 no Bairro 6 de Maio era ali a área geográfica de abrangência era Amadora (...)".

**3.º Momento**

"Estava contractada só por três anos o primeiro e o único contracto que tenho com o IAC fui até informada que teria que ir embora porque era muito concreto o contracto era enquanto esse projecto durasse, no entanto, não fui embora e integrei posteriormente

uma equipa que é característica e a génese aqui da nossa intervenção (...) do projecto de rua que é a a equipa da rua, a equipa da Baixa de Lisboa."

"(...) foi uma realidade para mim muito diferente (...)enquanto que o primeiro projecto era um trabalho muito em sala eu era a técnica que estava muito direccionada para trabalhar com famílias e adultos na procura activa de emprego, aqui a experiência da rua foi uma novidade muito imposrtante na altura em que foi para mim foi o descobrir e o pôr em prática se calhar toda a minha formação aqui neste tipo de trabalho, pronto."

"(...) gostei muito dessa experiência tínhamos a característica de trabalhar em horário diurno e nocturno, na altura já tínhamos também o recurso à unidade móvel que ainda hoje temos eu também era uma das técnicas que conduzia essa unidade móvel que era um instrumento de apoio aqui na gestão dos giros que nós temos de fazer na zona metropolitana de Lisboa (...)".

"(...) foi asssim o meu primeiro contacto com os meninos e jovens de rua, pronto e foi uma experiência muito enriquecedora, em que nós aprendemos muita coisas se calhar no início até mais a nível pessoal, do que profissional é assim em que pela primeira vez constatamos uma realidade que não nos é proxima que temos vontade de ajudar e que também tem o seu grau de dificuldade."

**4.º Momento**

"Mais tarde, é assim já estive em várias equipas aqui no IAC (...) trabalho comunitário, no Bairro da Pontinha também durante muitos anos."

**5.º Momento**

"(...) tive durante quase um ano, acho que foi um ano numa posição que foi a que eu menos gostei que foi muito ali ligada aos serviços do Projecto Rua, à Sede muito a dar apoio também a quem precisava sem muito enfoque para puder intervir, mas não gostei muito dessa experiência porque acho que posso ser aproveitada noutras áreas de estar no terreno melhor."

**6.º Momento**

"(...) antes de ter ido para estas turmas, para esta turma PIEF que funcionava ali na área geográfica do Lumiar já tinha estado aqui dois anos (...)". [na equipa CDIJ Oriental].

**7.º Momento**

"Depois tive uma outra experiência muito marcante que foi ter que também não fui a única técnica a ter que passar por isso, que foi à acerca de dois anos tivemos que estar a trabalhar fora ligadas à instituição mas numa realidade diferente, a questão de ser técnica de intervenção local, turmas PIEF."

"(...) uma posição completamente diferente em que temos que aprender a trabalhar com a equipa, com a comunidade escolar que é realmente uma coisa que marca porque uma vez que nós já estamos há muito tempo e já estamos habituados a trabalhar com estas pessoas da instituição temos que por em prática todas as nossas capacidade mais pessoais do que profissionais numa realidade que é completamente diferente (...)".

**8.º Momento**

"(...) depois o pós PIEF é novamente aqui nesta equipa que já na altura se chamava o CDIJ Oriental. Voltamos aqui a esta realidade com algumas alterações da estrutura do trabalho e agora estarei aqui até outras aventuras."

- **Momentos particularmente importantes da trajectória para o que faz e como o faz hoje a nível profissional**

"(...) passando por diferentes realidades tem que tem que fazer com que a pessoa apreenda novas coisas, não é? Trabalhasse com pessoas diferentes, em situações diferentes, contextos diferentes e há uma necessidade de nós nos ajustarmos a uma realidade que temos perante nós e isso de certeza que traz algo aqui para a parte profissional e pessoal do técnico que não trará a uma pessoa que se mantenha durante muitos anos na mesma intervenção e isso para mim são mais-valias."

“Adaptação, flexibilidade, desempenhar tarefas diferentes, contextos diferentes, a procura também que o técnico tem que fazer a nível pessoal para estar apto e puder assegurar da melhor forma possível não é?! a realidade que tem à sua frente (...)”.

“(...) sendo eu uma pessoa que fui mudando há pessoas que não mudam e eu já fui integrando equipas de pessoas que n têm mudando e que eu acho que essas pessoas têm vícios que constituem um bloqueio em muitas situações no dia-a-dia de trabalho.”

- **Aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional**

- **Actividades diárias**

“Então um dia face a esta realidade, um dia, uma semana, não é assim um modelo (...) nós temos o privilégio de enquanto instituição não termos assim uma rotina muito implementada (...)”

**[Grupo dos “Aventureiros”]**

“(...) a semana an passa-se da seguinte forma é assim na realidade em que eu estou há um dia, são dois dias mas, eu por motivos de saúde não estou no outro momento não é?! que faço acompanhamento a um grupo de jovens aonde são dinamizados alguns temas qe são petinentes à sua fase de cresciemnto, à sua fase social, escolar que é o programa treino de competências.

“(...) se nós recebemos os jovens às quartas temos que ir preparando semana a semana esse programa de treino que muitas vezes pode ser alterado porque é assim nós temos uma pretenção de elaborar determinada tarefa, mas é assim às vezes temos que atender em primeiro as necessidades do grupo (...)”.

**[Reunião de equipa]**

“Temos um dia da semana, que é quinta-feira, especificamente, para reunião de entrosamento entre a equipa que é um dia, uma estratégia que não é muito habitual por

aquilo que eu sei noutras instituições e que é muito importante não é?! Porque é aí nesse momento em que se discutem os os casos, discutem as tarefas, se aferem as tarefas que cada um tinha ficado de fazer e se as fez, se não fez os motivos se teve necessidade de ajustar ou não."

**[Contactos]**

"Durante os outros dias da semana temos que ter na agenda, momentos específicos para atendimento às famílias quando é necessário, para elaborarmos os contactos (...) neste processo de parceria que são pertinentes e necessários, para fazermos os registos do nosso trabalho porque também é algo que é muito prioritário (...)"

**[Supervisão]**

"Uma vez por mês temos também um momento na semana que é destinada à supervisão de casos, aquilo que eu acho que é algo muito importante porque lá está nós somos supervisionados por um elemento externo à instituição e, esse elemento externo traz sempre um contributo com um olhar diferente do nosso."

**[Trabalho externo]**

"(...)situações de trabalho externo (...) acompanhar determinada família a um determinado serviço (...)"

"(...) acompanhar também e pedir apoio externo numa área que é aqui muito também, algo que nós temos constatado que é a parte jurídica quando digo externo é externo ao Projecto Rua, mas é interno na instituição que é com o sector do IAC onde existe uma jurista."

**[Formação]**

"(...) ainda puderá haver um ou outro momento numa semana que não sempre mas que também pode ter a ver com um momento formativo (...)".

**[Particularidades]**

"Isto às vezes muda, esta semana tipo muda no periodo de férias de verão e até no periodo de férias de interrupções de natal e pascoa em que nós pelo facto de termos os jovens com amior disponibilidade também organizamos a semana de maneira a pudermos estar mais tempo com estes grupos (...)"

**[Trabalho de prevenção]**

"(...) as sessões dinamizadas na escola do 1.º ciclo pronto. Ontem como houve sessão de manhã e de tarde quase que o dia fica só para esses momentos, temos feito isso com alguma regularidade (...)".

- **Dificuldades/constrangimentos profissionais**

"(...) eu tenho um constrangimento pessoal e que não tenho trabalhado muito para o ultrapassar, ou seja, os tempos evoluiram e a forma de trabalhar também têm que evoluir e eu refiro-me concretamente aos meios informáticos."

**"(...)** a nível aqui da instituição nos temos um apoio na área dos serviços adminsitrativos, ou seja, este meu constrangimento é que eu sou muito capaz não é faço aguma coisa, alguma infomação social alum documneto que tenha que ser feito faço manuscrito e depois peço essa colaboração a essas colegas da informática, da parte administrativa para me passarem esse documento e sei que são ordens internas que essas pessoas servem para isso e para outras coisas são um instrumento de apoio às equipas (...)"

"nunca deixei de dar uma formação com auxílio dos meios informáticos, nunca deixei de enviar um e-mail, nunca deixei de fazer uma informação mesmo que tenha que fazer em casa porque ela é urgente, mas sinto que também enquanto pessoa sou muito do tempo antigo e isso é algo que eu devia mudar porque a realidade do tal ano em que eu tive no PIEF não havia essa equipa comigo para me dar esse apoio e eu passei por algumas dificuldades (...)".

**[Terreno]**

"(...) quando nós trabalhamos com uma família e ao longo dos anos e pelo facto de nos considerarmos uma instituição que trabalha com alguma informalidade com as pessoas e que tem a tal relação de proximidade existiu uma situação que teve dois momentos diferentes em que me colocou numa posição de medo porque eu não estava à espera da reacção dessa família."

"(...) fui ameaçada com uma faca por uma família que eu achava que nunca iria conseguir ter esse tipo de atitude e depois essa situação da faca resultou também nos pneus furados do carro (...)"

"Isto são situações que são difíceis no momento da pessoa gerir porque é assim nós temos uma formação académica mas isto são situações que não aprendemos."

"(...) realmente nós temos uma relação profissional com as pessoas com quem trabalhamos e às vezes pelo investimento que fazemos há aqui um bocadinho do profissional que é posto de lado e quase que a relação torna-se um pouco pessoal."

**[Modo de ultrapassar]**

"Aquelas situações em que nós nos deixamos envolver mais e que quase que já estamos a esquecer o profissional ali no topo e já estamos a passar ali para o lado pessoal e que pronto a cabeça serve aqui da ajuda e buscar a experiência antiga e tirar as aprendizagens o que é que não correu bem o que é que eu a partir daqui não devo fazer."

- **Aprendizagens passadas importantes para as actividades presentes do dia-a-dia**

"Nós devemos investir nas pessoas com quem trabalhamos, mas não nos podemos esquecer a questão do ritmo das pessoas é assim não nos podemos esquecer que nós estamos perante pessoas que têm uma vida diferente da nossa, têm um contexto diferente do nosso e que às vezes aquilo que nós esperaríamos que essas pessoas

fizessem a partir determinada altura seria aquilo que nós técnico queríamos e não é aquilo que acontece e que vai acontecer na realidade (...)".

"(...) destas experiências todas que eu já passei eu consigo é fácil a pessoa deixar-se ir atrás não é? envolver-se muito porque somos muito próximos porque temos um papel próximo das pessoas com quem trabalhamos, mas neste momento é assim a cabeça já consegue criar os seus mecanismos de defesa eu acho que isso é muito importante porque isso evita que nós nos sintamos frustados e ineficazes à situação porque é assim não depende tudo de nós depende de várias coisas (...)".

- **Mudanças na prática interventiva**

"Existiram então não existiram mudanças."

"É assim neste momento algumas tarefas que me pedem agora que são consideradas quase que rotina e que na altura pronto a primeira vez que eu tive que elaborar um relatório social, a primeira vez que eu tive que articular com alguma instituição e aprender também como é que nós podemos ser uma mais-valia neste processo de parceria como é que nós também devemos posicionar (...)".

"(...) sou uma pessoa tímida, mas também de uma forma correcta e assertiva sei também exigir com educação aos serviços, coisa que na altura é assim era um bocado ouvia e amochava quase que não tinha uma posição firme pronto."

"(...) as famílias são todas diferentes e as necessidades são diferentes, mas há mecanismos de trabalho que são iguais que a pesssoa já sabe como é que sabe orientar e no início a primeira vez que acompanhei uma pessoa à entrevista de trabalho aquilo para mim foi uma tarefa quase que eu estava gaga quase quando falava (...)".

- **Pessoas importantes ao longo da trajectório profissional e respectivas aprendizagens adquiridas**

**[Equipa de Rua]**

"As pessoas que eu acho que mais importantes foram assim para mim aqui nesta minha experiência realmente foram esses dois elementos que eu falei à pouco quando fui para a equipa da rua que pessoas que pela formação académica têm qualificações abaixo das minhas, mas que pela ligação de empatia que criaram comigo e pela experiência que tinham no trabalho de rua foram pessoas muito imporantes aqui nesse percurso e que sempre se mostraram disponíveis para ajudar."

"Apesar de ter a parte académica que era superior, que é superior à dos colegas é assim eu não tinha a experiência e o facto de não ter esse lado é assim eu tinha que aprender com quem estava porque é abordagem de rua porque tudo se passa na rua, como é que se desenrrola esse processo, como é que nós nos havemos de posicionar nesta relação com miúdos de rua (...)".

"(...) ao longo desse processo nós vamos tendo a capacidade de tirar proveito dos conselhos, dos melhores conselhos e daqueles que nós depois achamos que não são tão adequados."

"(...) essas pessoas foram dois animadores foram muito importantes aqui no percurso."

**[Equipa PIEF]**

"(...) houve pessoas que eu descobri de uma forma positiva com quem eu não tinha trabalhado ainda directamente, mas que faziam parte dessa equipa alargada do PIEF que me surpreenderam pela positiva que apesarem de estarem longe, de estarmos longe e num momento mais difícil se sentia uma certa união (...)"

"(...) isto sentia-se através de e-mails que nós mandávamos uns aos outros, percebes o que é este documento? Ajuda-me lá que eu também não percebo. Como cada um ia tendo a nível de documentação da realidade e que ia partilhando com o outro,

telefonemas que fazíamos uns aos outros para nos apoiarmos naquilo que não sabíamos e isso foi importante apesar de estarmos todos distantes uns dos outros (...)"

- **Profissão sonhada na infância**

"Detective. Eu a primeira composição que me lembro de fazer, an de saber escrever eu queria ser detective (...)".

"(...) aquela parte de sonho que é aqui a parte da investigação (...)".

"(...) tenho as competências que tenho e que tenho que pedir o apoio a essa parte que é a parte jurídica, jurídica mas é esta parte de acompanhar aos tribunais, de aferir aqui os processos com a lei que é assim eu tive durante o meu percurso académico tive cadeiras específicas de legislação de menores e eu gosto muito desse lado e este lado de detective estará aqui um bocadinho relacionado com esta parte (...)".

- **Profissão sonhada pelos pais**

"Lembro-me de o meu pai achar que eu podia, achar ou dizer que advocacia seria uma boa área para eu puder trabalhar, mas é assim a minha família nunca condicionou, de maneira nenhuma, o meu percurso (...)".

"(...) pelo contrário sempre me deram o que podiam para me apoiarem no meu percurso."

- **Motivação para a escolha da profissão**

"(...) eu acho que sempre tive mais empatia para com quem é vítima de alguma coisa, do que para lidar com pessoas que pronto que a vida lhes corre bem."

"(...) é assim eu sabia que queria trabalhar num sítio onde não fosse assim um trabalho só de gabinete, ouvi falar disto enquanto estágio e porque também já colegas da minha faculdade tinham feito estágio na instituição e é assim o que eu ouvia dizer agradou-me muito e também me fez querer vir experimentar não é?!"

“(...) tive a sorte de experimentar porque na altura nós éramos cinco colegas a propor estágio para a instuição e fomos escolhidas duas e tive a sorte de ter sido escolhida para o estágio (...)”.

“Cada vez mais não conheço a realidade de trabalho dos outros, mas cada vez mais não sinto vontade de mudar (...) porque acho que é muito nós fazemos muitas coisas, an não temos sempre assim uma rotina de trabalho ou uma orientação vinda lá da nossa direcção é-nos dada alguma liberdade e isso é algo que acho que deve agradar a qualquer pessoa, quando eu digo liberdade, essa liberdade é feita com responsabilidade (...)”.

“(...) ter o prazer em trabalhar e ter estar integrada numa instituição que privelegia aqui também a parte pessoal do funcionário com alguns direitos que nós temos (...) Por exemplo nós não trabalhamos, as pessoas que estão cá a trabalhar, os funcionários que têm filhos menores de dezoito anos não trabalhamos no dia de aniversário dos filhos, já tivemos o dia do próprio aniversário do funcionário já não temos.”

“Temos aqui um conjunto de situações que a nível médico não é quando estamos doente temos aqui muita empatia da nossa direcção (...)”.

“Mas por exemplo eu à uns meses passei por uma situação de estar incapacitada para trabalhar durante quatro meses e eu recebi um complemento, um subsídio de complemento à doença não é?! a segurança social paga-nos uma parte do nosso vencimento e o IAC complementa com outra parte e é assim isso também não existe já na função pública e estamos a falar de uma situação que é asim é débil, porque a pessoa não pode ir trabalhar porque não consegue, não pode (...)”.

- **Perspectiva de futuro**

“(...) pretendo, se for possível, continuar a trabalhar aqui nesta instituição. Estou disposta sei que puderão vir aí novos desafios dentro em breve estou disposta a aceitar as mudanças (...)”.

"(...) sinto-me com capacidades para puder ser aqui um contributo à instituição e com vontade de agarrar os desafios que possam surgir dentro em breve e pronto estou cá para cumprir aqui o papel (...)".

"(...) não pretendo sair se as coisas se mantiveram e possamos continuar aqui a intervir, não pretendo sair da instituição pretendo continuar a trabalhar e pronto desenvolver cá o percurso que tiver que ser."

- **Novas a acções a desempenhar**

"Eu não sinto é assim não sinto necessidade de desempenhar novas acções (...) depende do médio-futuro que praí venha, porque actualmente como estou é assim consigo ter este trabalho com os jovens não é? ter esta parte do tal parte jurídica por inerência da condição pessoal de cada um, há jovens aqui que estão no grupo que eu acompanho que têm esses processos a decorrer e que me dá também essa possibilidade de eu ir aqui articulando com os serviços dos ministérios públicos, e dos apoios jurídicos, os serviços de psicologia, de pedopsquiatria com os parceiros que eu gosto também desta parte da relação com outras entidades, o facto da comissão e protecção também os acordos de comissão e protecção estarmos envolvidos em alguns acordos, o facto de ter um pézinho na prevenção das sessões da escola (...)".

"(...) há grande perspectiva da situação mudar, an pronto ainda ontem em conversa de hora de almoço eu disse se pudesse ser eu ficaria durante um tempo como estou não vejo assim agora uma necessidade até porque eu estive fora nas turmas PIEF e estou aqui nesta realidade à tão pouco tempo que sinto que podia haver aqui um ajustar da intervenção e investir aqui noutras áreas com este grupo e com estas famílias que ainda não foi feito."

"(...) já percebi que isso provavelmente vai mudar e pronto a cabeça já neste momento a minha cabeça está preparada para as mudanças e não deixa de apostar naquilo que está a fazer até mudar mas é assim já estou preparada para o que puderá vir aí(...)"

- **Projecto, desejo a realizar**

"É assim sabes, às vezes, as pessoas falam muito de projectos e eu faço essa pergunta à minha pessoa eu não tenho assim um projecto específico, a nível de futuro."

"Há pessoas que têm vontade de criar um negócio pessoal, apostar numa coisa para si eu não tenho essa vontade sinto-me realizada com aquilo que faço actualmente também (...)".

"(...) eu tenho essas duas partes realizadas [pessoal e profissional] neste momento na minha vida não vejo vontade de postar num projecto é assim não me apetece criar nada meu, não me apetece ir embora ir para outro país an, não sinto houve uma altura que ainda achava mas se calahar não tenho ambições futuras será que eu estou a pensar bem, será que é correcto."

"(...) a ambição que eu tenho é acordar todos os dias com dispsição para vir trabalhar, corresponder àquilo que me é pedido, ser responsável no meu trabalho, chegar a casa e ter a minha estabilidade familiar isso para mim é o meu projecto (...)"

**Guião de Entrevista – Educadoras da Equipa CDIJ Oriental IAC**

**Objectivo Geral:**

- "Caracterizar que profissionais desenvolvem o trabalho de intervenção da equipa CDIJ Oriental."
- "Compreender o processo de formação dos profissionais da equipa CDIJ Oriental."

**Objectivos Específicos:**

- "Identificar o percurso de educação/formação da educadora."
- "Conhecer como é que a formação não-formal é adquirida no desempenho do seu trabalho."
- "Compreender como é que a educadora aprende."
- "Extrair as motivações para o exercício da profissão da educadora."

| Categoria | Subcategoria | Indicadores |
|---|---|---|
| **1. Legitimação da entrevista** | **1.1. Contextualização e objectivos de entrevista** | 1.1.1. Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respectivos objectivos |
| | **1.2. Motivação do entrevistado** | 1.2.1. Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do trabalho |
| | **1.3. Confidencialidade e anonimato** | 1.3.1. Garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos |
| | **1.4. Autorização para a gravação áudio** | 1.4.1. Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise. |

| | | |
|---|---|---|
| **2. Perfil Formativo do Entrevistado** | **2.1. Caracterização da formação académica** | 2.1.1. Qual a sua formação inicial [académica]? Que habilitações possui? Qual a sua área de formação inicial? |
| | | 2.1.2. Que conhecimentos/aprendizagens significativas desenvolveu no decorrer da sua formação inicial que lhe são hoje úteis para o seu trabalho? |
| | **2.2. Caracterização da formação profissional** | 2.2.1. Detém algum tipo de formação profissional contínua específica para o trabalho que leva a cabo? [Quando e quem a promoveu?]<br>2.2.2. Que temas, actividades, pessoas estiveram relacionadas com essa formação?<br>2.2.3. O que acha que aprendeu de significativo nessa formação? |

| | | |
|---|---|---|
| **3. Percurso Profissional** | **3.1. Caracterização do percurso profissional** | 3.1.1. Quando, em que sector/projecto, com quem é que iniciou a sua actividade profissional no Instituto de Apoio à Criança? [Pedir ainda razões/motivações?]<br>3.1.2. Pode descrever momentos do seu percurso profissional desde o início até ao presente que foram particularmente importantes para o que faz e como o faz hoje em termos profissionais? [Contextos, pessoas, espaço físico e temporal]<br>3.1.3. Que aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional gostaria de destacar e porquê? |
| | **3.2. Caracterização da actividade profisional** | 3.2.1. Quais as actividades que desempenha no seu dia-a-dia? [Descrever um dia típico]<br>3.2.2. Que aspectos destaca da sua actividade profissional? Que dificuldades, constrangimentos enfrenta e como os ultrapassa?<br>3.2.3. O que é que aprendeu no passado com o seu trabalho que hoje é muito importante para o que faz diariamente?<br>3.2.4. Considera que existiram mudanças na sua prática de intervenção como [Educadora] desde que iniciou até à actualidade?<br>3.2.5. Houve pessoas importantes no percurso |

| | | |
|---|---|---|
| | | da sua vida actividade? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos?<br>3.2.6. Que relevância tiveram essas aprendizagens?<br>3.2.7. Houve momentos particularmente importantes no seu percurso profissional? Quais e porquê? O que aprendeu de relevante com esses momentos? |
| **4. Do sonhar ao realizar** | **4.1. Desejos do passado** | 4.1.1. Qual a profissão sonhada na sua infância?<br>4.1.2. Que profissão era desejada pelos seus pais? |
| | **4.2. Razões/Motivações** | 4.2.1. Existiu algum factor determinante na escolha da sua formação inicial? E da sua profissão?<br>4.2.2. Que motivações acompanharam a escolha que ainda se reflectem no presente? |
| **5. Questões finais** | **5.1. Perspectivas de futuro** | 5.1.1. Como visualiza o seu futuro?<br>5.1.2. Pretende desempenhar novas acções na sua profissão? E nesta instituição?<br>5.1.3. Tem algum projecto, desejo específico que queira ver realizado? |
| **6. Considerações finais e agradecimentos** | **6.1 Informações adicionais** | 6.1.1. Gostaria de acrescentar algum aspecto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas? |
| | **6.2 Agradecimentos** | 6.2.1. Formular os agradecimentos e a colaboração prestada. |

# Transcrição de Entrevista (E5)

**Entrevistadora – Bom dia! Agradeço por colaborar comigo nesta entrevista e digo-lhe já que vai ser em formato anónimo a recolha dos dados.**

**Para iniciar, qual a sua formação inicial, académica ou não? E em que área está especializada?**

E5 - Eu sou técnica de Política Social, que é um curso superior e, entretanto especializei-me pela minha experiência profissional no trabalho, na intervenção com crianças e jovens e respectivas famílias. Tendo também já desenvolvido o trabalho a nível de intervenção com grupos e desenvolvimento comunitário também. Mais?

**Entrevistadora - Pode ser só.**

**Entrevistadora - Relativamente à formação académica que tem que aprendizagens ou que conhecimentos sente que foram significativos para si para depois aplicar no trabalho que desenvolve?**

**E5** - Então foi precisamente as cadeiras que eu tive já a partir do terceiro e quarto ano de intervenção com grupos de Serviço Social de grupos, serviço social comunitário, serviço social de casos também, an mais... foram essencialmente estas foram as mais importantes de todas. Tive muita sorte com o professor que tive na altura que era um professor excelente, professor Armando Carmo e foram muito estas, as outras uma base teórica também importante não é?!

**Entrevistadora - E nessas o que é que, por exemplo, abordavam que depois, não digo que aplicou na totalidade, mas depois fez aquele click quando estava a trabalhar e que foi útil?**

E5 - Falámos das questões de desenvolvimento humano, das etapas do desenvolvimento humano e as considerações dos vários autores, an falámos dos tipos de intervenção mais adequados a cada faixa etária e adaptámos, falámos muito de metodologias como a sociologia aplicada como, mais coisas, as dinâmicas de grupo falámos muito dessas coisas e inclusivé o professor queria ter feito dinâmicas nas aulas. Ele era muito prático e muito engraçado e ia buscar muitos exemplos porque ele tinha uma experiência enorme de counciling com projectos, projectos de intervenção e não só em Portugal,

como noutras partes do mundo e ele ia buscar imensos exemplos e ilustrava muito as aulas, as sessões. Então ele falava de intervenções na Argentina, no México, no Brasil an, aqui em bairros com carcaterísticas de bairros com muitas problemáticas sociais, Bairro 6 de Maio, os bairros da Amadora, o 6 de Maio, a Cova da Moura ele tinha experiência ...

**Entrevistadora - Já nesses contextos?**

E5 - Sim, sim. De dar formação, de orientar estágios nesses projectos e ele falava muito nisso e nas metodologias e depois ele era uma pessoa que era muito adepto da Sociologia de intervenção e de Paulo Freire então nós lemos os livros todos de Paulo Freire (risos) e da Educação problematizadora, Educação como prática de Liberdade, a Educação do Oprimido foi assim uma chuva de Paulo Freire (risos). Mas que nós adorávamos e ficávamos fascinados com aquilo e então tivemos muitas noções de um serviço social, não assistencialista, mas um serviço social que verdadeiramente empodere as pessoas.

**Entrevistadora - Que fosse libertador para o grupo?**

E5 - Exactamente, exactamente muito por aí, muito pelo cunho dele, pelo cunho deste professor. Depois tivemos outras disciplinas, tivemos criminologia também sociologias de várias coisas, Política de família, política de saúde, política de habitação pronto. Mas, aquelas que me mexaram mais as disciplinas que me mexeram mais foram as disciplinas desse professor a mim e a maior parte dos meus colegas.

**Entrevistadora - Era diferente a abordagem que ele fazia.**

**Agora aqui focando à formação profissional não sei se tem algum tipo de fromação específica para desenvolver o trabalho que desenvolve? Uma vez que entrou para o projecto de Rua não sei se fez alguma formação específica para depois aplicar essa profissão?**

E5 - Em termos do meu percurso eu estava a fazer o curso e pensei em fazer voluntariado, an no segundo ano do curso porque o curso era, nos primeiros anos, era extremamene teórico e só iríamos ter estágio e possiblidade de ter contacto com a prática e com o terreno a partir do quarto ano que era o último e sentíamos muito essa lacuna.

**[Pausa – atender telefonema CPCJ]**

E5 - Então eu estava a falar do percurso não é?

**Entrevistadora – Da formação profissional. Não sei se fui eu que também induzi a isso para começar no percurso. Da formação profissional, se tem alguma formação profissional contínua ao longo do trabalho e de forma é que faz e se faz?**

E5 - Ok. Então Formação profissional contínua sim. Tenho ido a várias formações, tenho feito várias formações, an formações que algumas me são proporcionadas pelo IAC outras que sou eu que procuro. Fiz formação de formadores, fiz uma especialização de formação de formadores ligada à dinâmica de grupo, fiz mediação de conflitos an a ver se me lembro de tudo...

**Entrevistadora - Não precisa de ser...**

E5 - Algumas coisas já foram há muito tempo...

**Entrevistadora - Sim, sim não há problema. Não há pressas também.**

E5 - An fiz vários, pequeninos cursos de animação, animação sociocultural fiz no Século, também na Fundação Século também tive lá uma experiência isto também foi mesmo, mesmo no início tive lá uma experiência como monitora e como animadora das colónias e fiz uma formação também com eles. Para além das formações aqui dentro do IAC que têm sido muitas, o IAC é uma instiuição que está sempre a promover também acções de formação e a promover que nós procuremos também lá fora e participação em congressos, em seminários todos os anos nós fazemos isso.

**Entrevistadora - E assim os temas, as actividades? Pela témática percebesse mais ou menos o que é que se falou, mas assim no geral os temas mais abordados nessas...**

E5 - Nessas formações?

**Entrevistadora - Hum, hum.**

E5 - Teve a ver com as minhas fases também aqui dentro. Inicialmente era muito ligada à animação porque eu comecei por aí também em termos profissionais aqui dentro, era muito ligada à animação e à animação de grupos, dinâmica de grupos, mediação de

conflitos também foi no princípio. Depois mais tarde é que comecei também a procurar outros temas, temas mais ligados à área da psicologia também como uma área complementar à nossa e muito importante, ligados à educação an e depois ligados a algumas problemáticas especificas, como por exemplo, a problemática dos consumos nos jovens não é?! isto sempre ligado a crianças e jovens, sempre crianças e juventude todas estas formações que eu mencionei era sempre...

**Entrevistadora - Esse grupo-alvo.**

E5 - Pronto. Fiz também, por acaso, uma Pós-graduação em Gerontologia mas isso já foi uma campo que já não beneficiou aqui este trabalho.

**Entrevistadora - Mas pode vir a beneficiar, nunca se sabe.**

E5 - Pode vir, nunca se sabe, nunca se sabe. Ainda chegámos a ter aqui, houve um ano que houve um projecto intergeracional foi muito engraçado nós tivemos os miúdos a fazer actividades e intercâmbio com os idosos e foi muito interessante.

**Entrevistadora - Falou um bocadinho das temáticas e de algumas activiades que foi fazendo e o que é que acha que foi importante nessas formações que teve? Que sustento é que lhe deu para depois no seu trabalho aplicar?**

E5 - Estas formações todas são essenciais, eu acho essencial nós fazermos formação contínua porque abre sempre a cabeça, abre sempre a mente para novas experiências, novas práticas, novos conhecimentos, para a partilha de boas práticas com outros colegas e é extremamente importante. Lembro-me, por exemplo, dum congresso na Gulbenkian que era sobre "Os Labirintos da adolescência" e aquilo tinha muito a ver com as neurociências e a explicação das neurociências ou o fundamento neurocientifico relativamente aos comportamentos que nós vemos dos adolescentes e foi extremamente enriquecedor perceber as várias áreas do cérebro. Eu não sendo psicóloga, não sendo dessa área foi extremamente enriquecedor compreender em termos de comportamento cerebral o que é que explica os comportamentos deles e desta faixa etária.

An, e outras coisas, a partilha de experiências, conhecermos projectos que são aplicados internacionalmente que são aplicados noutras áreas, como agora, por exemplo, tive dois dias estes dois útimos dias tive a participar no Congresso Internacional de Psicologia e o tema era a "Tecnologia e a Criatividade" e perceber, por exemplo que os colegas da psicologia estão cada vez mais a utilizar a tecnologia ao serviço do seu trabalho com as

crianças e jovens porque o Congresso era vocacionado para a intervenção com crianças e jovens e saber também que papel a tecnologia, as TIC têm tido nestas novas gerações, nestas gerações mais recentes que já não têm nada a ver com a nossa. Vejo que há projectos muitíssimos interessantes e que nós aqui também deveríamos beber dessas experiências, porque há de facto coisas não pudemos pôr a cabeça na areia (risos) porque os miúdos são cada vez mais ligados a estas questões digitais e a estas tecnologias e nós temos que saber acompanhar.

**Entrevistadora - E saber também aproveitar essa vertente, não é?**

E5 - Exactamente que tem em si alguns riscos sem dúvida que nós temos que trabalhar com eles, mas tem imensas oportunidades e tem projectos, por exemplo, eles estão a construir lá na Universidade, no projecto Aventura social na Universidade, na Faculdade de Motricidade Humana estão a construir um software para trabalhar competências para treinar competências com os miúdos portanto e depois com todas as vantagens que isso traz que é abranger um público muito mais vasto e com muito menores custos.

**Entrevistadora - E se calhar de uma forma muito mais...**

E5 – Eficaz.

**Entrevistadora - Eficaz no sentido que capta atenção deles?**

E5 - Porque é motivador para eles trabalhar com as tecnologias.

**Entrevistadora - Do que estar só ouvir alguém a falar e a fazer.**

E5 - Exactamente, exactamente e diversificar não quer dizer que nós agora utilizemos só tecnologia, mas é sempre bom.

**Entrevistadora - São os tais complementos...**

E5 - Que são fundamentais.

**Entrevistadora - Não sei se, por exemplo, tenho ouvido falar também no, não sei se é assim que se diz, curso de animadores?**

E5 - Sim, sim.

**Entrevistadora - Se o curso de animadores é algo que vos é obrigatório entre aspas não sei se é se não é ou se foi no início e se é uma coisa que se faz todos os anos e se a presença tem que ser obrigatória, algo da entidade?**

E5- O curso de animadores já existe há imensos anos. Eu lembro-me no inicio quando entrei para esta casa e que me disseram tens que ir, não tens hipótese portanto é assim um bocadinho o discurso para quem entra de novo é que é uma óptima experiência em que a pessoa deve aproveitar e deve ir e é quase não é obrigado mas é persuadido (risos) pelo respectivo coordenador a ir no início. Mas hoje em dia não se passa nada disso com as pessoas que já cá estão há muito tempo normalmente o que acontece é que nós sabemos que realmente é uma optima oportunidade para saber imensas coisas e acabamos por não podendo ir todos os dias porque também não podemos deixar o terreno assim tantos dias mas acabamos por escolher um ou outro momento do programa para estar presentes e participar.

**Entrevistadora - Mas é durante uma semana?**

É. Normalmente é de terça a sexta feira. Todos os dias intensivos e de manhã à noite.

**Entrevistadora - Dormem lá?**

E5 - Sim é em regime residencial e é extremamente intensivo mesmo, mesmo e é muito interactivo, muito interessante. Eu já fiz parte várias vezes da equipa de organização e uma experiencia super gratificante é muito bom é como se fosse um campo de trabalho para técnicos. Não é uma colónia de férias porque não estamos propriamente em férias e porque nós fartamos de trabalhar fazer imensos trabalhos de grupo, imensas dinâmicas montes de coisas, mas é não estamos com as preocupações do terreno enquanto ali estamos, a vezes não conseguimos desligar bem a ficha mas pronto.

**Entrevistadora - Tentam abstrair ao máximo.**

E5 - Tentamos abstrair ao máximo e tentar beber ao máximo daquilo que laá se passa e do que é partilhado porque é extremamente rico, normalmente é muito lúdico é muito dinâmico e o que faz com que as pessoas partilhem imenso e logo assim na primeira tarde as pessoas já estão todas entrusadas umas com as outras e cria-se um ambiente fantástico e aquilo acaba por ser um bocadinho um momento catarse (riso) de todos aqueles stresses daquelas cargas daqueles pesos que os tecnicos transportam por causa

do trabalho que acaba por mexer muito com as nossas emoções e aquilo é um momento de aprendizagem, de enrequicimento de partilha mas também terapêutico quase não tendo esse objectivo mas acaba por ter nós saímos de lá com ânimos refrescados, renovados exactamente. É muito interessante e eu gosto muito de fazer parte da organização e de participar no curso de animador é uma experiência a manter (risos) e a cultivar.

**Entrevistadora - Agora sim, o percurso profissional. Pergunto-lhe quando, em que sector ou projecto e com quem e que inicio a sua actividade profissional no Instituto de Apoio à Criança?**

E5 - Então pronto eu estava como dizia a pouco estava no segundo ano da faculdade e apercebi-me da... Ah! Importante! Eu não entrei em Política Social entrei em Sociologia do Trabalho, entrei em Sociologia do Trabalho e não me estava a identificar muito com o curso e depois nas jornadas percebi que podíamos mudar ao fim do segundo ano porque as bases do primeiro e do segundo anos eram iguais para quase todos os cursos. Então ao assistir nas jornadas de Política Social e percebi ah isto tem muito mais a ver comigo do que Sociologia do Trabalho e trabalhar para uma empresa não me estou nada a ver e mudei e fiquei super satisfeita.

Entretanto comecei então à procura de locais para estagiar e eu queria muito estagiar na área da infância e juventude era mesmo a área que na altura achava mais interessante e então houve uma colega minha que me falou do IAC, que o IAC tinha ali nós estávamos a estudar em Belém e o IAC tinha a Sede na Ajuda e pronto foram várias de nós, da mesma turma a pedir estágio ao IAC (risos).

Na entrevista eu apercebi-me que havia um projecto aqui em Chelas e eu morava aqui em Chelas dava-me muito jeito em termos logísticos e tal e então pedi para vir estagiar aqui para Chelas na altura disseram-me mas tem noção no que se vai meter, Chelas não é fácil. A alternativa seria ficar a estagiar, não era estagiar era voluntariado ali nas escolas da Ajuda e as minhas colegas estavam todas pendentes mais para aí e eu insistia em vir para aqui e em termos logísiticos dava-me mais jeito porque era uma coisa diferente era trabalho na comunidade e assim foi lá consegui vir para cá.

Na altura não havia espaço, nós estavamos aqui precisamente na zona J foi onde eu comecei a minha experiência profissional, não tinhamos espaço e a intervenção era toda feita na rua e então era nos bancos de jardim, era numa mata tinhamos uma mata ali na

Madre Deus para onde nós levavamos os miúdos para fazer dinâmicas para fazer jogos fazíamos algumas actividades ludico-pedagógicas, algumas visitas e de resto trabalhavamos aqui assim no bairro com eles e era ajudar a fazer os trabalhos de casa o meu trabalho não é? de voluntária. Eu vinha duas manhãs, na altura era a disponibilidade que eu tinha, duas manhãs por semana e foi uma experiência enriquecedora e foi muito importante na altura começar a ter contacto com o terreno porque eu sentia muito essa falta.

**Entrevistadora - Presenciar, não é?**

E5 - Sim, sentir as realidades e sentir as problemáticas das pessoas pronto depois comecei aos poucos a contactar também com as famílias dos miúdos e aperceber-me de algumas dificuldades que elas apresentavam e aperceber-me também da dinâmica da equipa pronto e dos vários papéis também que existiam dentro da equipa na altura tínhamos dois animadores e tinhamos uma técnica era uma equipa muito pequenina fazíamos as reuniões no café não tínhamos assim muitas condições (risos). Era uma vez por semana na António Patrício, mas depois de resto era pelo café era por aqui e quando chovia abrigavamos-nos ali debaixo de umas arcadas da igreja tinhamos autorização do senhor padre para irmos para ali com os miúdos (risos) e pronto e assim fazíamos. Foi uma fase muito interessante.

Depois a colega Lena na altura que fazia parte também da equipa entrou de licença de maternidade e entretanto propuseram-me a ficar a substituí-la como animadora na escola, nessa altura depois já tínhamos projectos aqui com a escola 54 tínhamos ateliers lá e íamos assim várias vezes por semana mesmo  e estavamos muito e como não tínhamos espaço precisamos para conseguirmos trabalhar outras coisas com uma outra continuidade, uma outra regularidade precisavamos de ter um espaço um sítio para puder trabalhar e então estavamos na escola alguns dias por semana para fazer esse ateliers com os miudos. E eu agarrei esse trabalho ali durante alguns meses que era o trabalho da Lena que eu ia muitas vezes com ela acompanhá-la e era feito em conjunto com as professoras da escola e com outros voluntários de outras áreas havia ateliers de dança, de música, de várias coisas ah! De expressão plástica também e era sempre feito o atelier, nós IAC em conjunto com uma professora da escola ou com um voluntário de uma outra área mais artística, mais das expressões. Foi também uma experiência muito

enriquecedora esse trabalho todo e eu andava sempre com caderninho de campo (risos) a escrever tudo, a anotar tudo.

Entretanto, foi a transição para ao estágio e foi uma transição muito suave porque eu já estava integrada na equipa, já estava integrada na instituição pedi realmente para fazer o estágio porque cheguei ao final do 4.º ano eu tive a substituir a Lena portanto em 98 e o estágio teve início em 98 e acabou em 99. Pronto eu pedi para estagiar e eu tive a fazer estágio dando continuidade ao trabalho que estava a fazer com a escola, mas já também a perceber o trabalho da técnica já não era só a área da animação já era a área do serviço social, da intervenção, enquanto técnica de serviço social e, ai começou o contacto com as famílias, o contacto com os outros parceiros, com as instituições pronto tudo isto que também fazia parte da intervenção da equipa e que até aí não tinha tanta noção. Depois o estágio foi também muito enriquecedor eu fiz na área da (a pensar) foi o estudo das heranças culturais das segundas e das terceiras gerações como é que as referências culturais que eles recebem dos pais e dos avós como é que essas referências são passadas e algumas delas mantidas até estas gerações que já nascendo cá cultivam algumas das coisas. Então foi muito interessante e na escola, casou tudo muito bem porque na escola estava-se a trabalhar o tema da interculturalidade e então tivemos várias formações sobre o tema em conjunto com os professores e tivemos vários projectos também e calhou lindamente para o meu projecto de estágio ser esse o tema também escolhido.

Depois do estágio tive assim durante um ou dois meses em casa depois de acabar o curso mesmo, um ou dois meses, e entretanto convidaram-me dissseram que estavam a precisar de integrar mais um técnico para a equipa e convidaram-me para entrar portanto não cheguei a passar por aquela fase de procurar trabalho, de enviar currículos e essas coisas não cheguei a passar por isso.

A partir daí pronto fui integrada aqui nesta equipa à mesma. Nessa fase quando entrei como técnica tinha as coisas muito organizadas com a Lídia que era a técnica que cá estava na altura que foi uma referência para mim que aprendi imensa coisa com ela an, e ela tinha o trabalho com algumas famílias eu tinha o trabalho com outras famílias. Tinhas as questões do rendimento social de inserção que na altura chamava-se o rendimento mínimo ainda e tinha pouquinhas famílias que eu acompanhava os processos de rendimento minimo e tínhamos os jovens em conjunto, tinhamos as sessões com os jovens que essa era a parte que eu mais gostava (risos).

**Entrevistadora** - E nessa altura já tinham espaço ou ainda não?

E5 - Sim. Depois, entretanto conseguimos um espaço não era aqui neste sítio que é actualmente era lá mais em baixo, uma loja mas pronto já com outras condições para desenvolver o nosso trabalho.

**Entrevistadora - Ao menos não fugiam da chuva.**

E5 - Excatamente nao tinhamos que fugir da chuva. Foi muito interessante foi muito gratificante essa fase de trabalho aqui. Tínhamos imenso trabalho e tinhamos muito contacto com os parceiros e estavamos em varios grupos de parceiros era o grupo de casos, era o grupo das famílias, era o grupo da comunidade, era o grupo dos eventos tinhamos imenso trabalho com o grupo de parceiros nessa altura e foi uma fase de muita, muita, muita aprendizagem assim foi uma fase riquissima para mim. Eu vinha com aquela pica toda, acabadinha de sair da faculdade já estava integrada porque já conhecia os contextos, as pessoas e vinha com a pica toda e foi muito giro, foi muito rico.

Tivemos uma estagiária nessa altura que também me marcou muito, aprendi imenso com ela. Era uma estagiária de Educação da Universidade do Minho e de Teatro que era a Conceição Gonçalves mais velha ela já tinha uma licenciatura em Teatro e ela teve também a trabalhar com os nossos jovens e também toda Paulo Freire portanto aquilo colava totalmente com o meu Professor Fernado do Carmo e com tudo aquilo em que eu acreditava e que queria implementar e então também foi uma fase muito, muito interessante. Trabalhavamos muito em parceria eu, ela e a Lídia e ela fez imensos projectos giros com os miudos e foram à radio, fizeram um teatro e apresentaram o teatro ali em baixo num espaço da Junta de Freguesia fizeram-se sessões muito engraçadas vieram contadores de histórias aqui ao IAC fez-se muito coisa, muita coisa engraçada com os miúdos  e ela tinha uma filosofia que era da forma que eu achava que também deveria ser. Depois ela foi, com muita pena minha, porque gostava mesmo muito de trabalhar com ela ainda mantemos o contacto e, entretanto vieram outros estagiários de psicologia, de animação e pronto era sempre super rico a vinda destas pessoas todas diferentes com conhecimentos diferentes e complementares ao nosso e que vinham de facto ajudar-nos a pensar as estratégias melhores para trabalhar com os jovens e com as famílias. Tínhamos coisas giríssimas na altura tinhamos uma trilha, uma trilha cega e uma pista para fazer aqui no bairro a todas as pessoas que nos viessem

visitar e então os jovens recebiam as pessoas e chegaram a receber pessoas vindas de projectos internacionais e então eram os jovens que faziam uma trilha cega onde as pessoas eram vendadas tinham uma corda onde tinham que seguir e ao longo da corda tinham várias coisas que tinham que fazer e era muito sensorial, sabores, cheiros, texturas. Então os jovens explicavam a sua história nessa trilha como é que o grupo deles tinha começado, o porquê do nome que era as sereias e os tubarões na altura, o que é que eles faziam, quais as actividades que eles faziam e depois a parte do bairro que era cá fora os miúdos é que faziam a visita guiada ao bairro a estas pessoas todas que vinham de fora. Chegaram a vir grupos, agentes da PSP que também trabalhavamos muito em conjunto porque os miúdos tinham aquele estigma. Os miúdos estavam implicados em tanto projecto, tanto projecto de participação que aquilo era uma loucura e passávamos a vida a ir para todo lado com eles e, na altura, nós eramos as duas solteiras eu e a Lídia os estagiários também novinhos e então havia muita disponibilidade para irmos a todo lado com eles e trabalho a fim-de-semana aquilo era constantemente tanta coisa, tanta coisa que os miúdos fizeram na altura projectos ali com a escola D.Dinis, projectos de participação agente metia-os em tudo (risos).

Depois entretanto, eu não consigo é já precisar os anos. Depois saí fui ter experiências noutros sítios. Então passei pela equipa do Apoia às Comunidades, deve ter sido em 2000, 99 penso eu. Na altura ainda não era nada Apoio às Comunidades peço desculpa era o trabalho com as crianças de rua, portanto era aquela equipa que hoje é a equipa da Almirante Reis, a equipa da Baixa do CDIJ que estava dividida em duas A e B. A A que era a minha fazia giros nos centros comerciais para encontrar as crianças de rua e a B fazia giros mais ali na zona da Baixa de Lisboa como faz actualmente a equipa que lá está. Essa foi uma fase menos motivadora para mim, essa foi mesmo uma fase que eu não gostei muito porquê? Porque nós íamos, passávamos a vida nos centros comerciais e corríamos os centros comerciais todos era o Vasco da Gama, era o Colombo que era os da altura e passávamos muitas horas, muitas horas à volta dos centros comerciais e aquilo era muito estímulo, muita luz, muito som, muita cor e eu chegava a casa exausta e depois o que eu sentia é que o custo-eficácia daquilo tudo era minímo. Pronto nós encontrávamos muito pouco jovens daqueles que encontrávamos nem todos eram o grupo-alvo porque alguns miúdos estavam só simplesmente no final das aulas a passear ali e não eram crianças de rua, não eram jovens de rua não estavam em abandono escolar nem nada disso pronto e era dificil distinguir era difícil perceber isso e depois o que acontecia é que não era fácil abordar havia umas pessoas da equipa que tinham mais

facilidade do que outras, eu não tinha facilidade nenhuma em abordar as crianças neste contexto, centro comercial, que elas estam ali agarradas às playstation a experimentar os jogos das lojas e nós chegavamos lá a meter conversa, para mim aquilo não era nada confortável e depois, depois de se conseguir meter conversa e de conseguir estabelecer ali algum contacto perdia-se a continuidade porque nós combinavamos com estes jovens para outro dia e os jovens não apareciam. Portanto aquilo para mim não correu muito bem, não me identificava nada com aquele trabalho achava que aquilo era uma perda de tempo que a gente tinha que trabalhar de outra forma e depois era extremamente desgastante estar enfiada naqueles centros comerciais, muito, muito cansativo sem resultados ou menos se tivesse resultados se tivessemos ali números de miudos que justificassem aquele investimento todo de horas ali dentro, mas não tínhamos. Então eu nessa altura eu falei com as coordenadoras, falei com a Matilde a falar da minha frustração e pedir se podia haver alguma alteração e, ainda fiz uma proposta e então tive durante uns tempos na AP [António Patrício] com um papel que era fazer a articulação entre as várias equipas, tentar fazer a ponte entre as várias equipas entre o recuperar e o revalorizar que era o recuperar era a tal A e B, as tais equipas da fuga e o revalorizar eram as outras equipas que tinham a outra intervenção mais de comunidades. Nessa altura estavamos em mais comunidades do que aqui. Era Chelas, era Pontinha, era o 6 de Maio, era aqui o Pátio 208 estávamos em várias comunidades, em vários bairros. Esta também foi uma experiência muito curtinha tambem não foi um papel fácil aquele papel de mediar ali, depois de estabelecer o contacto com a coordenação não foi um papel assim muito fácil para mim.

Acabei por ir parar depois às Redes, à equipa das redes pronto e tive lá bastante tempo. Aí já me identifiquei mais com a parte sobretudo da formação sempre foi uma parte que eu gostei muito, a parte das dinâmicas, da procura de enriquecimento sempre constante e a parte dos projectos, projectos transversais para os jovens porque na altura nós tínhamos várias participações com redes internacionais e era esta equipa das redes que geria isso em que participavam jovens das várias equipas e das várias comunidades.

**Entrevistadora - As Redes, só para se perceber, é um bocado o *backoffice* do Projecto Rua?**

E5 - Sim, sim. A equipa das Redes o que faz é a parte da comunicação do Projecto Rua, a recepção de estágiários, o acolhimento e explicar às pessoas o que é que nós fazemos aqui fazer a articulação também com os outros sectores do IAC, lançar o boletim informativo do Projecto Rua e é toda a parte de gestão da formação do Projecto Rua, toda a participação dos vários elementos é gerida por aquela equipa. E é a própria equipa que dá formação para fora e vai a congressos representar o IAC e a seminários e preparar conteúdos para a Matilde, a Matilde é a pessoa que vai que é a mais solicitada para ir lá fora mas é a equipa que prepara conteúdos para ela levar a estas formações. Fui muitas vezes com ela a várias formações e congressos fomos a Roma, fomos aos Açores tivemos também um projecto em parceria com uma escola em Curuche com GAF em que ela estava a dar supervisão àquela equipa e fomos muitas vezes àquela escola houve muito trabalho nesse projecto. Pronto é mais a participação assim em projectos seja de jovens, seja de projectos mais de formação e de supervisão era mais esse assim o meu trabalho, a participação em algumas redes internacionais, a candidatura a projectos esse tipo de coisas assim e isso eu gostei é uma área que também me agrada, mas pronto depois acabei por voltar outra vez ao terreno.

Ah esqueci-me de dizer! Que falha, que falha! Ainda tive antes, ainda tive no NAC que foi também uma experiência também muito gira. Que foi, na altura, era o Núcleo de Apoio às Comunidades e andava com alguns destes colegas: a Teresa, o Carlos, a Ascenção - o Carlos não, o Carlos não estava ainda na equipa nessa altura - com a carrinha e então fazíamos intervenção em dois bairros que era no 6 de Maio e em Famões com a carrinha na rua com os miúdos e também gostei muito, também adorei essa parte (com um sorriso no rosto). Era o Aprender na Rua, fazíamos o Aprender na Rua com os miúdos com as várias sessões, as várias actividades lúdico-pedagógicas e tudo mais e, depois fazíamos toda a outra parte de trabalho. Embora, não fosse na altura um trabalho tão próximo como estas famílias como nós temos agora aqui na J, mas procuravamos também estabelecer contacto e conhecer as famílias e aqueles miúdos que nós vissemos que tivessem assim mais problemáticas também tentávamos ali trabalhar mais aprofundadamente com essas faílias e era com os parceiros, uma componente muito forte da equipa de apoio às comunidades. É o fortelecimento da parceria local para a resolução dos casos, das situações problemáticas pronto e então também

tínhamos isso essa participação e tínhamos projectos também. Pronto, o IAC tem sempre esta componente muito lúdica e de promoção da participação dos jovens e tínhamos o Solidariedade à Solta que era um projecto muito interessante com vários bairros de intercâmbio, de partilha com os jovens. Só depois disso então estava a esquecer-me dessa parte que foi muito importante é que eu fui para as Redes e com toda essa experiência que eu já descrevi.

Entretanto volto a Chelas (risos). Volto a Chelas. O primeiro ano para trabalhar com jovens assim um bocadinho mais crescidos, jovens que tinham ou processos de promoção e protecção nas comissões ou no tribunal ou também outros jovens que tinham medidas titulares educativas, pronto. Não é assim a faixa etária com quem eu mais goste de trabalhar, eu gosto mais de trabalhar com os mais pequeninos, com os do 1.º ciclo ou com os do 2.º ciclo por aí assim os mais crescidos dos quinze para cima não é a faixa com quem eu mais gosto, com quem eu me identifique mais. Mas, era esse o desafio na altura que estava a ser lançado e agarramos e pronto isso foi durante um ano em que nós estivemos aqui também a fazer sessões muito trabalho com esses jovens, muito trabalho de acompanhamento individualizado com eles, com as famílias, com as várias insituições que os acompanhavam, gestão de processos, tudo isso.

Entretanto, no ano a seguir PIEF. Sónia Valente vai parar como técnica de intervenção local ao PIEF dos Olivais e foi uma experiência traumatizante (risos). Felizmente ao fim duns tempos de alerta que eu ia fazendo "atenção estou a dar em maluca estou com duas turmas, duas turmas de jovens e muitos professores por amor de Deus ajudem-me ponham-me aqui alguém"(risos). Lá puseram a Lena a ajudar-me que foi assim (uff).

**Entrevistadora - Um alívio, não é?**

E5 - Foi eu estava a ficar completamente doida, estava a ficar hibernout já não conseguia e, o facto de a Lena vir foi um alívio muito grande e a gente partilhava imensa coisa e tu tinhas alguém com quem falar naqueles momentinhos com quem podias porque é um contexto adverso, o PIEF, é um contexto que tu estás numa escola constantemente. Ok já tinha estado numa escola aqui na 54 mas não é constante, não estás lá sempre vais lá fazer aqueles ateliers naqueles horáros em específico e depois sais. Agora ali tu estás no espaço da escola constantemente aquelas horas todas, as tuas horas de trabalho estás lá e depois é te exigido um papel ao qual tu não estás habituada.

É um papel de policiamento dos miúdos, de control dos comportamentos e nós aqui não estamos habituados a trabalhar dessa maneira.

Nós aqui estamos habituados a gerir comportamentos sim senhora, mas não é a nossa pincipal função. A nossa principal função é promover actividades, promver a participação deles, promover o crescimento deles, o desenvolvimento. Promover coisas positivas e experiências gratificantes também para eles e coisas positivas com eles, ali é muito andar em cima e policiar e controlar e é esperado de ti que tenhas uma postura rígida e então aquilo foi assim horrível. Era a pressão dos professores era constante, a pressão da direcção da escola era constante e depois nós sentirmos que não estamos no nosso espaço e, ainda por cima, aquele espaço não era nada acolhedor nem para nós, nem para os miúdos era uma escola primária, um pavilhão ali ao fundo da escola do género estes miúdos são os deliquentes, são os que não interessam a ninguém. Miúdos de quinze até aos dezoito em escola do primeiro ciclo com mesas no refeitório assim pequeninas com o chão a colar do arroz, as cadeiras a mesma coisa os miudos nem as pernas, alguns, nem as pernas conseguiam por debaixo do tampo da mesa tinham que comer de lado porque eram grandes para aquelas mesas, comida sem sal, comida de crianças enfim não era de todo o espaço adequado para aqueles miúdos e depois não é só por isso, o pavilhão deles foi o único que não teve obras não tinha aquecimento como deve ser, não tinha conforto, não estava bonito enfim não era nada um espaço acolhedor e nós tínhamos que estar ali todos os dias.

Depois era gerir também a nossa relação com os miúdos, por um lado, com os pais dos miúdos porque nós tínhamos que trabalhar com a família, tinhamos que trabalhar com as intituições tinhamos que acompanhar os processos  individuais daqueles miúdos e, depois por outro, a grande dificuldade também era muito gerir os professores, a desmotivação dos professores para trabalhar com aqueles miúdos porque é logo o rótulo com algumas excepções é óbvio nem todos os professores eram assim. Mas muitos eram assim, muitos estavam ali contrariados tinham aceite aquele trabalho porque se não desciam lá no quadro deles das candidaturas, mas não estavam minimamente motivados nem gostavam dos miúdos, nem queriam gostar, nem queriam conhecer e era o nosso trabalho era muito árduo, às vezes era mais árduo com os professores do que os próprios miúdos (riso). Os professores admitiam-se de muita coisa tinham sido atribuídas tarefas, por exemplo, para nós, para eu e Lena pudermos ter não era hora de almoço nós nunca tinhamos hora de almoço, nós tinhamos um bocadinho para almoçar

à pressa e tinha sido pedido a um professor que colaborasse nesses momentos que tivesse a acompanhar os jovens no refeitório porque eles tinham mesmo que ter acompanhamento constante porque se não começavam a inventar e a parvar porque os miúdos que vão parar a PIEF são miúdos com problemáticas muito complicadas são miudos em fim de linha, são miúdos que não encaixam no ensino regular têm problemas emocionais, perturbações emocionais graves têm bloqueios de aprendizagem, a escola não lhes diz nada eles també estão ali desmotivados pronto e os professores depois também demitiam-se muito...

**Entrevistadora - Acompanhar e ajudar?**

E5 - De acompanhar e de ajudar. Era do género a minha função é dar matéria não é estar a aturar isto e era muito complicado, muito complicado. Então eu andava constantemente tipo formiguinha louca com o telefone sempre agarrado a orelha e com os cadernos para escrever tudo eu não conseguia ter registos nenhuns em dia nada, nada, nada. Eu ia no comboio diariamente a fazer registos no comboio para trás e para a frente, de dia e de noite não havia um dia que eu saisse a horas decentes, eu levava o carro já, não tinhamos hora de almoço não tinhamos condições de trabalho mesmo de todo foi uma tortura aquele ano, foi uma tortura horrorosa. Não percebo como é que há pessoas que adoram trabalhar em PIEF (risos) porque trabalhar com miúdos daqueles é muito muito cansativo, muito desgastante tinha que haver uma equipa tinha que haver uma equipa coesa com outras características pessoas que tivessem motivadas para estar ali que acreditassem minimamente nos miúdos e não era o caso então foi muito, muito desgastante.

Mas pronto passou e eu voltei ao bairro felizmente e pude respirar de alívio e pronto. Isto foi já o ano passado, foi o ano passado que tive aqui já mais sossegadinha, mais tranquila com muito trabalho na mesma, mas não com aquele stress horroroso, horroroso. Ainda mantive ali uma ligação ao PIEF. Tinha algumas funções, mas totalmente diferente. O importante era só colaborar com as colegas que lá estavam, preparar materiais por causa do treino de competências, ajudá-las a executar o treino de competências. Preparamos também duas sessões de formação, eu com a colega Ascenção, para elas. Para os professores, também demos formação aos professores nesse ano. Ajudamos no desenvolvimento daquelas acções de ligação à comunidade que era os jovens que iam fazer pequenas acções de voluntariado à comunidade, acções que

eles próprios escolhiam então nós tinhamos que fazer o contacto com essas associações, com essas instituições e a ajudar a preparar essas coisas. Pronto e paralelamente a essa ligação ao PIEF que eu mantive durante o ano passado tinha todo o trabalho aqui assim da comunidade como temos actualmente. Portanto que estamos mais eu a Lena a trabalhar com jovens um bocadinho mais velhos, tentámos o ano passado ainda conseguimos aqui constituir um grupinho de jovens, embora muito pequenino. Mas, não tem sido fácil conseguir grupo porque para já temos poucos miúdos dessa faixa etária que queiram participar porque os outros, mais pequeninos, são canalizados para os Aventureiros e os mais velhos geralmente já começam naquela idade dos namoricos e das redes sociais – bem os aventureiros também já andam todos nas redes sociais – mas deve ser mais isso dos namoricos e já não estão minimamente interessados em participar e têm outros interesses lá fora. Pronto não tem sido fácil criar esse grupo, o ano passado ainda tivemos um grupinho muito pequenino este ano não conseguimos e pronto o nosso trabalho acaba por ser, como não conseguimos criar grupo é o acompanhamento individualizado dessas situações pronto. Depois há outras famílias que nós também estamos a acompanhar com crianças mais pequeninas com processos de promoção e protecção em tribunal algumas, outras na CPCJ são famílias que já são conhecidas aqui da equipa há muitos anos e que têm tido uma intervenção muito contínua e muito intensiva e pronto é esse assim principalmente o nosso foco agora aqui assim na equipa. Embora, de vez em quando, sejamos chamados para participar num ou noutro projecto como a Rede Crescer Juntos e como aquelas sessões que demos de tráfico de seres humanos, pronto. Mas tem sido mais assim o acompanhamento de situções é o actual. Alonguei-me demasiado? (risos).

**Entrevistadora - Não, está óptimo.**

**Ao longo desta trajectória profissional ia pedir que mencionasse aprendizagens que fossem importantes para si?**

E5 - Foi muito aquela fase inicial que eu descrevi aqui em Chelas foi assim mesmo beber, beber, beber. Foi muita aprendizagem nós estávamos em muita coisa tinhamos muita articulação com parceiros e com projectos nacionais, internacionais tudo. Eu novata não é? embora já aqui mais ou menos a par dos contextos, mas muito verdinha ainda a tentar beber ao máximo e foi de facto um momento de grande, grande aprendizagem. Para me sentir mais segura estava sempre à procura de formações lá fora

(risos) e foi nessa altura que fiz os cursos de formação de formadores e de formação de formadores em animação de grupos e a mediação de conflitos e de outras coisas que eu agora não me estou a lembrar, mas estava sempre também estava mais disponível nessa altura portanto estava sempre à procura, à procura dessas coisas todas. Mais fases de aprendizagem (a pensar), portanto essa foi uma muitíssimo importante.

Depois foi nas Redes também. Foi outra fase de aprendizagem diferente, porque foi uma experiência completamente diferente de saber como se elabora uma candidatura, saber como se faz um projecto, de saber como se comunica com os parceiros internacionais, como se faz um relatório, como se gere uma acção de formação. Foi uma aprendizagem completamente diferente das que eu tinha tido até aqui, mas que também foi muito enriquecedor e complementar à outra aprendizagem do terreno, também muito importante.

Depois a nível de animação, a fase mais rica foi mesmo a fase em que eu tive nas comunidades porque era saber como é que se faz um plano de sessão, ter na cabeça sempre "n" de jogos um compêndio de jogos, de dinâmicas de grupo disponíveis para olha agora vamos meter aqui para improvisar quando fosse necessário também, para fazer programas de treino de competências de formação até com adultos, com técnicos, com profissionais. Essa foi a aprendizagem mais rica do NAC. Por todas estas fases pelas que eu passei, exceptoando a dos centros comerciais (risos), até o PIEF ensinou-me muita coisa. O PIEF ensinou-me resistência à frustração, ensinou-me mais competências pessoais se calhar. Ah não! Ensinou-me coisas profissionais sem dúvida. Com a Lena, no PIEF, eu aprendi que para nós estabelecermos contacto com os jovens não pudemos ir é que eu sou muito focada nos objectivos, muito e depois vou falar com os jovens de uma forma assim muito séria, muito focada e com a Lena eu aprendi que quando estamos a estabecer relação com o jovens não podemos ir logo assim ...

**Entrevistadora – A matar?**

E5 - A matar, exactamente. Não podemos ir com aquela seriedade toda temos que primeiro estabelecer relação, temos que brincar temos que brincar muito com eles e temos que os fazer sentir à vontade. Temos que tentar cativar ali alguma empatia também da parte deles para connosco, para conseguirmos depois de futuro termos margem de manobra. Agora se vamos logo ali, como eu, com os papéis todos, «olha

então vamos lá ver vamos combinar assim, assim, assim vou telefonar para a tua mãe» bem aquilo era (risos).

**Entrevistadora - Sentiam ali uma intimidação, não é?**

E5 - É sentiam e não conseguia de maneira nenhuma estabelecer uma relação com eles, quer dizer ia completamente focada para atingir o meu objectivo sem me preocupar com aquilo que também são as necessidades deles. Óbvio que já tinha alguma experiência, alguma bagagem, mas com a Lena aprendi a descontrair mais nessa questão, a dar mais tempo e a brincar mais, a descontrair mais com eles, a ser mais brincalhona e a não ser tão directa ao objectivo, tão seria (risos). E pronto depois tudo o resto, com os professores aquela história toda da tolerância, do tentar compreender, a capacidade empática, a resistência à frustração, "fuuu" muita coisa, muita coisa que a nível pessoal inclusivamente é útil. O sabermos quando devemos falar e quando não devemos falar (risos), a assertividade, ai meu Deus do céu treinei tanto a assertividade naquele ano (risos) muito mesmo, muito, muito. Agora aqui continuamos a aprender sempre, embora este trabalho não seja completamente novo, mas as pessoas são novas, os casos têm sempre alguns contornos diferentes, pronto também aprendemos sempre outras coisas.

**Entrevistadora - Falando um bocadinho na actividade profissional em si. Sei que, ao longo da entrevista, já foi dizendo alguns pormenorzinhos o que é que faz, o que é que não faz. Mas, por exemplo, conseguiria descrever um dia típico ou uma semana típica de actividades que desenvolve profissionalmente?**

E5 - Agora?

**Entrevistadora - Sim, actualmente.**

E5 - Então, o dia típico é chegar a Chelas, chegar ao espaço. Telefonemas, atender telefonemas, abrir portas isso é a primeira parte da manhã (risos). Abrir o e-mail, pronto. Depois é pegar nas tarefas que ficaram pendentes da semana anterior e contactar. Contactar instituições, contactos que ficaram por fazer. Normalmente, eu tenho sempre umas listinhas de coisas a fazer, tarefas a fazer da semana anterior e então na segunda-feira tenho necessidade de ir recordar, ir relembrar aquilo para ver o que é que está aqui e o que é prioritário, o que é que pode esperar mais um bocadinho. Então é estabelecer esses contactos com os vários parceiros, com as famílias para as situações

que sejam necessárias e depois tentar pôr em ordem os registos que é sempre assim difícil ter os registos em dia é muito complicado com quantidade de solicitações que nós vamos tendo é muito difícil, mas vamos fazendo por isso pelo menos os mais importantes, aqueles mesmo chave.

Depois surgem aqueles imprevistos também, de vez em quando, que não estamos a contar e há um telefonema da escola, olha hoje o menino X descontrolou-se completamente e temos que pensar aqui em estratégias e é preciso articular com o serviço de psicologia, ou com a pedopsiquiatria ou com a família porque têm se aqui que desenvolver estratégias, pronto e é muito isto. Temos momentos em que temos que acompanhar também estas famílias a alguns serviços, como por exemplo, ao tribunal, como por exemplo, aos serviços de psicologia, como colégios de ensino especial. An, temos também os acordos nas comissões que normalmente são marcados com antecedência e que temos que fazer as avaliações, as revisões dos acordos dentro dos timings previstos. Normalmente, temos informações sociais para fazer também para ir actualizando as situações para os colegas do tribunal ou para os colegas da CPCJ ou para os colegas da DGRS também temos alguns meninos com medidas tutelares educativas.

Mais, temos sempre à quinta-feira as nossas reuniões de equipa, uma vez por mês a supervisão. Depois temos, de vez em quando, que substituir as nossas colegas em algumas funções porque elas têm outras coisas marcadas e assim, nós temos muito esta questão de complementariedade entre os vários elementos, por exemplo, temos uma sessão marcada numa escola e se há um elemeto que estava destacado, mas que não pode entra outra pessoa que não tem normalmente esse trabalho. Isso pode acontecer também com os "Aventureiros", apesar de eu não estar destacada para os "Aventureiros", já aconteceu entrar também para substituir alguma colega.

Depois também temos a Rede Crescer Juntos que também tem alguma periodicidade é mais ou menos assim uma vez por mês. Há alturas que tem que ser mais intensivo. Agora estamos com os timmings aqui a apertar mais um bocadinho vamos ter que fazer mais encontros, nomeadamente ao sábado também. E pronto, não tenho uma agenda semanal fixa é sempre diferente, todas as semanas são diferentes. Esta semana foi totalmente atípica porque tive o tal congresso de Psicologia durante dois dias.

Mas todas as semanas são diferentes, eu não tenho coisas fixas todas as semanas. Portanto é muito ir gerindo as coisas que estão marcadas, as reuniões que estão com os

vários parceiros e ir tentanto também encaixar coisas que são importantes, estratégias que são importante como as visitas domiciliárias, às vezes, perante determinadas situações específicas ou atendimentos aqui ou apoio a jovens para os encaminhar para cursos, pronto temos que estar com eles aqui. Também fazer atendimentos a novas situações que venham os próprios pedir ajuda, pronto e vamos encaixando assim.

A única coisa que é fixa na semana é mesmo a reunião de entrusamento porque de resto vamos tentando encaixar aqui as várias coisa e aproveitar os buraquinhos para ter os registos minimamente em ordem e ir fazendo os contactos que são necessários fazer é a maioria do nosso trabalho, a maior parte do meu trabalho e da Lena é passado em contactos, contactos, contactos muito contacto telefónico para irmos acompanhando situações e aferindo com os parceiros.

**Entrevistadora - A nível das dificuldades ou constrangimentos que vai encontrando que existem e que tipo de dificuldades são? E como é que faz para ultrapassar essas dificuldades, esses constrangimentos se é que às vezes é possível, não sei?**

E5 – Pronto há alguns que não é possível ultrapassar porque algumas barreiras tem a ver com a dificuldade em encontrar resposta para alguns jovens, por exemplo, ao nível da saúde mental nós temos no nosso país uma lacuna muito grande em termos de respostas. Temos serviços de psicologia que estão completamente a abarrotar com listas de espera enormes e nós encaminhamos fazemos a nossa parte, encaminhamos as crianças e os jovens, mas não obtêm resposta imediata e às vezes são situações bem graves que precisam mesmo dessa intervenção. Por outro lado, temos também as respostas de acolhimento, muitas vezes, também não conseguimos encontrar respostas de acolhimento atempadamente, ou seja, quando nós sentimos que um jovem está a descambar que a situação está completamente descontrolada que a família não consegue de todo dar resposta ou não tem, não tem mesmo competências para acompanhar aquele jovem e é definido em conjunto com a CPCJ, com o tribunal que a resposta tem mesmo que ser acolhimento, o jovem fica meses e meses à espera. Pronto e aí nós não conseguimos contornar porque não temos essa resposta, o IAC não tem essa resposta e a única maneira é ir acompanhando, ir apoiando a família. Muitas vezes, esses jovens depois entram em ruptura connosco também deixam de participar nas aqui nas nossas actividades e pronto ficamos aqui um bocadinho de mãos atadas sem saber o que fazer

porque não está nas nossas mãos. Vamos tentando inquietar os serviços, mas aí não conseguimos ter resposta.

Depois mais dificuldades que nós sentimos aqui (a pensar), por exemplo, em criar grupo, em garantir a participação destes jovens mais velhos, garantir a motivação deles é uma dificuldade que nós sentimos porque não há assim uma cenoura, não há algo que os motive extraordinariamente a estar aqui. Quer dizer, eles se calhar vêm uma primeira vez conversam connosco e até fazem uma actividade, uma actividade engraçada ou não. Mas o que nós temos para oferecer não é inovador, não é se calhar apelativo para eles neste momento. É muito as dinâmicas de grupo, é muito a conversa, é muito os ateliers, a expressão plástica, a expresssão dramática, ver filmes. São coisas já um bocadinho que para eles não tem aquele nível de motivação e não temos conseguido prender com esse tipo de resposta, estes mais velhos. Por isso acaba por o trabalho ser muito mais um acompanhamento individual do que de grupo e em dinâmica de sala.

An, mais dificuldades, dificuldades...ter tempo para tudo (riso) ter tempo para ter os registos em dia, dificuldades de organização eu acho que esta equipa tem esse problema, nós avaliamos isso na nossa última avaliação. Fazemos muita coisa fazemos, fazemos, fazemos, fazemos não paramos de fazer, mas depois não paramos lá está para nos organizarmos, para criarmos instrumentos, instrumentos de monotorização do que estamos a fazer e às tantas é um fazer, fazer, fazer desmedido sem conseguirmos muito bem ... Pois nós temos os objectivos não é? nós temos a nossa planificação, temos os objectivos feitos tudo isso, mas instrumentos para monotorizar para irmos avaliando e percebendo, observando o que é temos estado a fazer, será que estas estratégias estão a resultar? Isto acaba por ser discutido de uma forma muito empírica nas nossas reuniões de entrusamento semanais, se a estratégia com este caso ou com aquele está a funcionar ou não. Mas, não existem instrumentos que depois nos acabem por nos facilitar a avaliação no final do ano quando nós vamos tentar avaliar e medir em termos de objectivos, os resultados que obtivemos temos algumas dificuldades...

**Entrevistadora - Em demonstrar?**

E5 - Em demonstrar, exactamente, em provar estes resultados. Porque acaba por ser tudo tão empírico que não conseguimos traduzir aquilo em dados muito objectivos, quer dizer não temos grelhas de avaliação de competências, não temos instrumentos de monotorização dos casos, an tinhamos previsto fazer os planos individuais para cada

situação ainda não conseguimos implementar porque é sempre esta correria do fazer, fazer, fazer e isto é realmente uma dificuldade que eu sinto. Mais coisas, mais coisas (a pensar) acho que isto é o principal, é o principal.

**Entrevistadora - O que é que aprendeu no passado, no seu trabalho e na trajectória que foi fazendo e que hoje é realmente importante para aquilo que faz actualmente?**

E5 - Ah! Esqueci-me de referir uma experiência, agora é que eu me lembrei (risos). Houve uma coisa que foi muito importante foi a minha pasagem pela CPCJ. Eu tive numa comissão. Houve uma altura que o IAC nomeou alguns dos seus funcionários para estarem nas várias comissões de Lisboa a gerir mesmo processos, estava nas comissões restritas e não só nas alargadas, actualmente o IAC está representado na alargada. Portanto, estavamos como gestores de processos, não a tempo inteiro estavamos cerca de dois, três dias no máximo e essa fase foi uma fase também difícil de conciliar, mas muito, muito, muito importante a nível da minha formação também tinha-me esquecido de mencionar. Porquê? Porque o nosso trabalho era acompanhar também situações difíceis não é? situações de maus tratos, de violência doméstica, de abuso algumas, também de abandono escolar e de pré-deliquência e tinhamos muito o trabalho de articulação junto das famílias não é? de desenvolvimento de algumas questões com as famílias e de acompanhamento de processos era essencialmente isso. Portanto, essa parte foi muito útil essa formação que eu fiz ali, ali aprendi imensa coisa tinha uma presidente de comissão e colegas muito experientes que vinham algumas da Misericórdia, outras das Câmara todas vinhamos de instituições diferentes. Mas aprendi muitíssimo, muitíssimo acerca da questão da prevenção, da questão do risco, do perigo, dos maus tratos a crianças e de como é que deve ser conduzindo um processo de promoção e protecção e isso eu aplico hoje em dia. Na gestão dos processos, a forma como organizo os processos e como vou gerindo aquilo que tenho para fazer e como nós continuamos a trabalhar ao nível da promoção e da protecção das crianças acabo por utilizar muito desse conhecimento, dessa aprendizagem, dessa experiência actualmente.

Depois para o acompanhamento individualizado dos jovens foi muito importante também a experiência do PIEF, apesar de dolorosa (risos). Mas foi muito importante porque nós continuamos a trabalhar com jovens mais velhos portanto há sempre as questões do abandono escolar ou do absentismo grave, as questões de encaminhamento

para cursos. Portanto é muito à volta da mesma faixa etária mais ou menos. Também houve muitas aprendizagens transferidas daí.

Relativamente aos grupos e aos projectos, à Rede Construir Juntos, à minha participação nas sessões com os jovens foi o NAC, brutal a experiência do NAC para isso. Dinâmicas e sessões, criar programas de formação, de sensibilização foi ali sem dúvida. Ah! Os relatórios, as informações sociais também foi tudo na comissão, na CPCJ.

**Entrevistadora - Considera que existiram mudanças na sua prática de intervenção, desde que iniciou até hoje?**

E5 - Ah sim, sem dúvida! Sem dúvida, eu entrei muito verdinha, muito novinha e muito insegura também, mesmo com as famílias. Alguma vez, eu na altura, eu com um processo de rendimento mínimo que é suposto a gente fazer cobranças às pessoas, cobrar se fez aquilo, se fez o outro, alguma vez eu tinha a segurança que tenho hoje para fazer essas coisas, nem pensar. Nós temos também esse papel, de responsabilizar não é tanto cobrar se calhar não é a palavra melhor escolhida, mas responsabilizar as pessoas perante os seus próprios processos e as coisas em que elas próprias optam em pedir apoio. Com os jovens exactamente a mesma coisa, com os jovens temos que promover a participação, temos que criar relação, temos que criar momentos agradáveis, lúdicos e divertidos para eles, mas também temos que os responsabilizar e chamar a atenção quando alguma coisa não está a ir no caminho definido com eles pronto e isso foi uma coisa que eu desenvolvi ao longo do tempo foi a nível de segurança, sem dúvida.

Muita coisa mudou. Eu não tinha, eu não tinha esta experiência de acompanhar um processo, de fazer uma informação social, de inventar agora de repente assim um programa de sensibilização para os jovens sobre um determinado tema com dinâmicas e para técnicos, a mesma coisa. Não tinha nada disto, não tinha nada disto. As organizações dos cursos de animadores também foram importantes para esta parte, quando eu estive nas Redes a organizar formações e cursos de animadores e assim também foi importante para este trabalho assim mais com os técnicos.

**Entrevistadora - Existiram pessoas importantes? Se sim, quais e porquê e o que é que sentiu que aprendeu de relevante com essas pessoas?**

A Lídia sem dúvida foi assim uma pessoa importantíssima no meu percurso não é? foi a pessoa que eu... Eu costumo dizer a Lídia, a Lena e o Alexandre que era a equipa da

altura aqui de Chelas foram os meus pais de IAC (risos). Foram as pessoas que me receberam que me acolheram aqui na equipa e sempre fui muito bem acolhida e a coordenadora da altura que era a Dra. Fátima Palhas de quem eu gosto muito e já não está cá, mas eu gosto muito dela e também me acolheu muito bem. Estas três pessoas foram pessoas muito importantes de maneiras diferentes, mas foram pessoas muito importantes para mim no meu percurso aqui dentro.

A Lídia pela sua capacidade técnica, pela sua busca de conhecimento, procura de inovação com os jovens e pela sensibilidade, extrema sensibilidade em trabalhar com os jovens e muito trabalhar pelo lado afectivo, pelo lado emocional e pelo lado afectivo dos jovens e isto eu aprendi sem sombra de dúvidas com a Lídia, mesmo. Ela tem uma forma muito sensível e muito emotiva de abordar as questões com os jovens e de trabalhar com os jovens e então isso foi um marco que ficou para mim.

A Lena já falei do PIEF, não é? Já antes disso tinha sido a minha mãe aqui de IAC a receber-me aqui sempre muito querida, muito divertida, muito bem humorada, muito animada. Depois no PIEF foi assimo meu amparo, mesmo total. Eu não tinha conseguido aguentar tenho essa convicção, não tinha conseguido aguentar se não tivesse a Lena ao pé de mim, a partir de determinada altura foi mesmo muito pesado e já referi o que é que aprendi com ela foi aquela questão dos jovens, aquela descontracção, a abordagem com eles, com os jovens, aquela brincadeira e pô-los à vontade.

O Alexandre ensinou-me o sentido crítico. Ensinou-me o sentido crítico porque ele é uma pessoa - é um colega que já não está no IAC, esteve no Projecto Rua depois foi para o SOS e já não está cá – muito contestatária, era tipo a mafaldinha em formato masculino (risos). Enão é daquelas pessoas que não aceita assim de bandeja aquilo que lhe é dito, de maneira nenhuma e então eu aprendi um bocado isso com ele. Não aceitar as coisas à partida se há coisas que não nos fazem assim tanto sentido porque é que devemos acatar e, então aprendi a ser um bocadinho refilona às vezes e a dizer quando não concordo e a lutar por aquilo que eu acredito, mesmo que seja a única pessoa num grupo enorme e isso para mim era impensável pelas minhas características pessoais quando cheguei aqui ao princípio. Foi um processo que eu fui fazendo e cresci imenso nesta casa a nível pessoal, muito,muito, muito e isso foi uma das características que eu aprendi com ele.

Com a Ana Isabel [coordenadora actual equipa CDIJ Oriental] aprendi a ler as pessoas antes de me precipitar, parece um bocadinho contraditório com aquilo que acabei de

dizer. Mas, foi algo que eu fui vendo com ela, não podemos sair também a disparar logo assim sem mais, nem menos. Temos que perceber por mais indignados que estejamos em relação a alguma proposta, em relação a alguma coisa por mais injustiçados que nos sintamos temos que tentar perceber, compreender o outro lado, contextualizar e porquê que aquela pessoa diz aquilo daquela maneira, o que é que está por trás para depois então manifestarmos. É alguma ponderação, talvez não sei alguma ponderação e não ser tão impulsiva nas minhas lutas.

Ah! Eu aprendi com muitas mais pessoas, deixa lá ver. Ah! Com a Teresinha, a minha Teresinha! Aprendi com a minha Teresinha a praticidade, a pensar os planos de sessão e os projectos para jovens de maneira que aquilo seja motivador para eles que seja prático, que seja interessante, que seja divertido porque não? divertido para eles, se a gente quer que eles estejam envolvidos temos que criar coisas que sejam divertidas e a praticidade e o pôr a mão na massa.

Com a Carmen, aprendi a justiça e equidade (risos). Depois tenho ligações pessoais com algumas pessoas daqui que aprendi também coisas a nível pessoal, pronto mas vou centrar-me mais nas profissionais. Não sei estou de certeza a esquecer-me de montes de coisas importantes (riso).

**Entrevistadora - Pois é normal. É muita coisa e é um trajecto muito extenso.**

E5 - Sim e diverso. Passei por muitas experiências diferentes aqui dentro e é difícil lembrar-me, nem me estava a lembrar da CPCJ como é que é possível também foi um marco muito importante. Houve de certeza mais pessoas que me estão a falhar e peço desculpa por isso.

**Entrevistadora - Elas não vão saber, está descansada (risos).**

E5 - Boa, boa (risos). Ah! A Conceição Gonçalves foi um marco, a tal estagiária., sem dúvida nenhuma, nenhuma foi um marco para mim aprendi imensa coisa com ela.

**Entrevistadora - Trouxe outra perspectiva? Outra maneira de focar as actividades?**

E5 - Sim, sim com os jovens. Sem dúvida.

**Entrevistadora - Qual a profissão sonhada na sua infância?**

E5 - Educadora de infância. Entre outras, designer, estilista de roupa.

**Entrevistadora - Existia alguma profissão sonhada pelos seus pais? Alguma referência?**

E5 - Houve uma altura que eu derivei um bocadinho no meu percurso escolar. Foram os meus pais, mas não foi só. Foi a família do lado paterno também que me influenciou um bocado nisso porque eu era óptima aluna, era uma betinha, uma crominha e tinha muito boas notas, excepto a Educação Física.

**Entrevistadora - É o típico dos nerds (risos).**

E5 - É eu era assim um bocado nerd (risos). E então como tinha óptimas notas a tudo, incluindo matemática e biologia e a essas coisas todas, eles diziam que eu era parva em querer ser educadora de infância que não ia ganhar nada de jeito e que não ia ter um futuro de jeito e que tinha masé que pensar em ir para áreas de gestão e de matemática porque era óptima aluna tirava óptimas notas e isso e eu parvinha de todo fui. Fui ainda fiz assim uma incursão ali no décimo, décimo primeiro nessas áreas e detestei aquilo não tinha nada a ver comigo. Documentação e legislação comercial, Organização e administração de empresas "ahh" abominável mesmo estava fora do meu meio e a minha sorte foi ter sociologia pronto e as notas ao princípio nesses anos foram boas, mas depois descambaram por desmotivação. Eu estudava imenso na mesma, mas aquilo não me trazia gozo, nem prazer nenhum, nenhum, nenhum era uma tortura estudar para aquelas coisas. Depois felizmente tive Sociologia que adorei e aquilo sim, Sociologia tinha tudo a ver comigo era estudar pessoas, estudar comportamentos sociais claro que sim, com certeza e então ali no décimo segundo mudei de escola. Contra os meus pais porque os meu pais não queriam nada que eu fizesse isso já o ano lectivo estava a começar e então aquela questão da segurança e não sei quê. Não! Mudei para outra escola para ter disciplinas diferentes e depois segui sempre a sociologia e por isso é que fui parar à Sociologia do Trabalho, mas novamente aquela parte do trabalho já tinha a ver com empresas e com contexto empresarial e vendas e clientes, nem pensar. Pronto e então lá fui parar a Política Social e aí sim. Agora não sei tive a sensação que divaguei um bocadinho na resposta?

**Entrevistadora - Não está certo, sim.**

E5 - Agora já não me lembrava muito bem exactamente qual era o contexto da pergunta.

**Entrevistadora - Era a profissão se os pais tinham encaminhado.**

E5 - Foi mais família paterna, eles visualizavam uma gestora. Eu detestava isso. Contabilidade, bah detestava.

**Entrevistadora - Existiu algum factor determinante para a escolha da sua formação inicial? Primeiro escolheu Sociologia do Trabalho e depois passou para Política Social.**

E5 - Eu acho que é muito a vocação social de, de... Para já é o contacto com pessoas e é o estudar os comportamentos das pessoas e as dinâmicas sociais, sempre foi isso que me atraiu. E, portanto quando eu depois vou assistir as tais jornadas, eu estando muito desmotivadinha lá da Sociologia do Trabalho que aquilo era só empresas e recursos humanos, gestão de recursos humanos, gestão disto, gestão daquilo e muito documentozinho, muito papelinho para preencher aquilo não me estava assim... Ah! E depois muita coisa ligada ao comercial porque é empresas o objectivo é o lucro não é? vender e os clientes e os fornecedores, aquilo não me encaixava.

E então quando fui assistir às jornadas de Política Social e ouvi as colegas a falar do que é que faziam várias instituições e vários tipos de intervenções e eu «Oh pah! Mas isto é que tem tudo a ver comigo» e pronto foi ai que se fez o *click*, a mim e a mais quatro colegas fomo as cinco em bloco mudar de curso do segundo para o terceiro ano estavamos ali ao engano (risos). E depois a partir daí eu percebi, a partir do terceiro que aquilo tinha muito mais a ver comigo, era muito mais a minha onda.

**[Pausa para atender o telefonema Santa Casa da Misericórdia]**

**Entrevistadora - Qual foi o factor ou a motivação que a fez vir parar aqui a esta profissão, ao Instituto de Apoio à Criança e que a fez permanecer nesta continuidade do trabalho?**

E5 - Eu acho que é influenciar positivamente a vida de outras pessoas, era isso na altura. Sempre me agradou e, desde pequenina que gostava de ser educadora de infância.

Sempre me agradou a área do desenvolvimento humano, a área das pessoas e, sobretudo, a parte da infância e da juventude e do crescer e do ajudar a crescer, do estimular para o crescimento, para um crescimento saudável. E isso também acabou por ser a motivação que me tem mantido aqui e é a forma também de, o que me tem mantido também é a forma de trabalho do IAC. É o facto de nós trabalharmos por projectos também, por termos oportunidade de fazermos muitas coisas aqui dentro, de passarmos por equipas diferentes com trabalhos completamente diferentes, de termos experiências diferentes, de fazermos tanta formação, de articularmos com tanta gente, com tantos parceiros, com tantas instituições até redes internacionais e parceiros internacionais o que tem sido extremamente enriquecedor para qualquer um de nós. E é o sentir que estamos aqui pelas pessoas, estamos aqui para tentar de alguma maneira tocar a vida destas pessoas de uma forma positiva e a judá-las a desenvolver, a ter uma vida diferente, a ter uma vida melhor, a ter outras condições. E relativamente aos miúdos também a modificar não é? Se queremos pensar num futuro melhor para o nosso país, para o nosso mundo temos que investir nas futuras gerações e criar condições para que as futuras gerações possam romper com alguns ciclos, com alguns padrões, com algumas heranças familiares e, área da educação é uma área fundamental para nós conseguirmos promover essas mudanças.

**Entrevistadora - Como é que visualiza o seu futuro?**

E5 - O meu futuro profissional?

**Entrevistadora - O seu futuro. (risos)**

E5 - Pois que não sei, pois que existe a realidade e existe o sonho. O meu sonho é um projecto intergeracional. Por isso é que eu fui fazer a pós-graduação de Gerontologia porque já tinha a experiência da parte da infância e da juventude e comecei depois a desenvolver um gosto e uma curiosidade pelo trabalho com as gerações mais velhas. Que eu acho se a juventude não tem as respostas suficientes, as gerações mais velhas ainda têm menos, sendo que a nossa piramede está a ficar invertida é uma coisa que me preocupa bastante. Então o sonho era mesmo conciliar, promover a interacção entre estas duas gerações, duas ou mais e era ter um projecto neste sentido. Este era o sonho.

Agora a realidade (riso) porque o meu sonho é muito amplo, o meu sonho era mesmo uma aldeia lar intergeracional e então só com o euromilhões é que o meu sonho seria

concretizável. Não desistir dele, an não sou assim uma pessoa com características muito empreendedoras sou muito receosa tenho muitos medos. Se calhar se fosse uma pessoa mais empreendedora se calhar já me tinha posto à procura de patrocínios e já tinha tido mais iniciativa para este projecto e não estava à espera que me saísse o euromilhões. Mas não sou. Sou uma pessoa com os pés na terra e tenho muitos receios para me atirar assim para altos voos. E como tenho estes receios acabo por me acontentar com a realidade. O meu futuro profissional pode passar por duas situações: continuar no IAC ou continuar noutra instituição na área da infância/juventude; ou conseguir eventualmente fazer alguma incursão na gerontologia e pronto ter também essa experiência que é algo que eu gostaria de perceber como é que eu me daria na área dos idosos. Talvez pela experiência do IAC não é? e do Projecto Rua e da forma como nós funcionamos, da forma tão dinâmica como nós funcionamos aqui o trabalho que eu gostaria de desenvolver não é, não tem nada daquele trabalho conhecido de trabalhar em lar, técnica de lar, aquele existencialismo, aquele levar a comida e a esfegona aos velhotes. Não tem nada a ver com isso. É pôr os velhotes a fazerem coisas úteis e a sentirem-se bem e a melhorar a qualidade de vida deles.

**Entrevistadora - É o tal envelhecimento activo?**

E5 - Exactamente, exactamente. E eu acho que eles têm um potencial gigante que é ignorado e que esse potencial podia ser uma oportunidade também na interacção com as gerações mais novas que é algo que se está a perder nos nossos tempos modernos, de stress e de correria e de muitas horas de trabalho está se a perder esta relação das gerações mais novas com as mais velhas. E as mais velhas sentem-se cada vez mais isoladas, mais desprotegidas, mais apontadas como inúteis e eu acho que está profundamente errado e algo tem que mudar nessa questão. Pronto então é assim é o sonho e o real e eu estarei aqui entre estas três versões de futuro.

**Entrevistadora - E nunca se sabe, nunca se sabe o que é puderá vir.**

E5 - Exactamente.

**Entrevistadora - Pretende desempenhar novas acções na sua profissão? E nesta instituição?**

E5 - Sempre! Estou sempre aberta a coisas novas, a experiências novas e aprendizagens para mim é do melhor que há. Desde que não sejam assim como o PIEF (risos), desde que dêm condições e pode ser até um contexto adverso, como o contexto dos miúdos PIEF. Mas se tivermos uma boa equipa, se não tivermos sozinhos no terreno, se tivermos uma boa rectaguarda, se tivermos condições de trabalho eu acho que tudo se faz.

Tinha aqui uma questão do projecto, algum desejo específico. Mas já respondeu, tudo bem.

**Entrevistadora - Sendo assim dou por terminada, pode só acrescentar mais alguma questão, algum aspecto que ache importante referir.**

E5 - Gostei muito de fazer este questionário. Acho que me fez aqui recordar, relembrar coisas do meu trajecto, etapas do meu trajecto que foram muito enriquecedoras, muito importantes para mim para o meu crescimento profissional e como pessoa e agradeço por isso. E gosto muito de te ter na nossa equipa (risos).

Muito obrigada, muito obrigada. (risos)

E acho que vais ser uma excelente profissional, por tudo o que tu demonstras aqui no terreno, acho que vais ser uma excelente profissional. E que tem uma óptima relação com os miúdos, que tem muita criatividade, muita vontade de trabalhar, muito empenho e acho sim que vai correr tudo lindamente contigo.

**So para fechar mesmo. Uma característica que a E5 sentisse que ao longo desta trajectória mudou mesmo por completo, mudou ou alterou ou renovou não sei? Quer como profissional, quer como pessoa.**

E5 - Eu acho que essencialmente assim a principal coisa foi a minha auto-confiança. Que eu era uma pessoa muito inibida, muito insegura a muitos níveis e cresci assim de uma maneira aqui dentro Nao tem nada a ver a E5 voluntariazinha toda encolhida e até a maneira que eu falava com os miúdos e tudo. Hoje em dia não tem nada a ver as coisas que eu me dou a conseguir fazer, que eu dou por mim a conseguir fazer e eu penso «Eh pah! Tu não eras capaz de imaginar que conseguirias fazer isto tudo e desta forma e agarrar um gupo sozinha» Alguma vez na vida, uma pessoa tão tímida, tão insegura, tão

inibida alguma vez falar assim para um grupo grande e dinamizar assim um grupo seja de técnicos, seja de crianças. Isso foi muito aqui que eu ganhei isso, sem dúvida.

**Entrevistadora - Sim senhora. Muito obrigada pela entrevista e que vai ser muito, muito útil para o meu estágio.**

E5 - Boa, boa. Ainda bem.

# Análise de Conteúdo (E5)

- ## Formação Inicial [académica/ habilitações]

"Eu sou técnica de Política Social, que é um curso superior (...)"

"Fiz também, por acaso, uma Pós-graduação em Gerontologia (...)"

- ## Formação Profissional

**[Curso de Animadores]:**

"O curso de animadores já existe há imensos anos. Eu lembro-me no início quando entrei para esta casa e que me disseram tens que ir, não tens hipótese (...) é quase não é obrigado mas é persuadido (risos) pelo respectivo coordenador a ir no início."

"Eu já fiz parte várias vezes da equipa de organização e uma experiencia super gratificante é muito bom é como se fosse um campo de trabalho para técnicos."

**"(...)** é um momento de aprendizagem, de enrequecimento de partilha mas também terapêutico quase não tendo esse objectivo mas acaba por ter nós saímos de lá com ânimos refrescados, renovados exactamente.

**[Outras formações contínuas]:**

"Tenho ido a várias formações, tenho feito várias formações, an formações que algumas me são proporcionadas pelo IAC outras que sou eu que procuro."

**"**Fiz formação de formadores, fiz uma especialização de formação de formadores ligada à dinâmica de grupo, fiz mediação de conflitos (...)"

(...) fiz vários, pequeninos cursos de animação, animação sociocultural fiz no Século, também na Fundação Século também tive lá uma experiência (...) como monitora e como animadora das colónias (...)".

“Para além das formações aqui dentro do IAC que têm sido muitas, o IAC é uma instiuição que está sempre a promover também acções de formação e a promover que nós procuremos também lá fora e participação em congressos, em seminários todos os anos nós fazemos isso.”

**[Temáticas]:**

“Teve a ver com as minhas fases também aqui dentro.”

**“**Inicialmente era muito ligada à animação (...)”.

“Depois mais tarde é que comecei também a procurar outros temas, temas mais ligados à área da psicologia também como uma área complementar à nossa e muito importante (...)”

“(...) ligados à educação (...)”

“(...) e depois ligados a algumas problemáticas específicas, como por exemplo, a problemática dos consumos nos jovens (...)"

- **Conhecimentos e aprendizagens significativas aplicadas a posteriori a nível profissional**

**[Formação inicial]:**

“(...) as cadeiras que eu tive já a partir do terceiro e quarto ano de intervenção com grupos de Serviço Social de grupos, serviço social comunitário, serviço social de casos também (...)”

“Falámos das questões de desenvolvimento humano, das etapas do desenvolvimento humano e as considerações dos vários autores, an falámos dos tipos de intervenção mais adequados a cada faixa etária e adaptámos, falámos muito de metodologias como a sociologia aplicada como, mais coisas, as dinâmicas de grupo (...)”

**“**Ele [o professor] era muito prático e muito engraçado e ia buscar muitos exemplos porque ele tinha uma experiência enorme de counciling com projectos (...)

“(...) [o professor] falava de intervenções na Argentina, no México, no Brasil an, aqui em bairros com carcaterísticas de bairros com muitas problemáticas sociais, (...) os bairros da Amadora, o 6 de Maio, a Cova da Moura ele tinha experiência (...)”

“(...) ele falava muito nisso e nas metodologias e depois ele era uma pessoa que era muito adepto da Sociologia de intervenção e de Paulo Freire então nós lemos os livros todos de Paulo Freire (risos) e da Educação problematizadora, Educação como prática de Liberdade, a Educação do Oprimido foi assim uma chuva de Paulo Freire (risos).

“(...) nós adorávamos e ficávamos fascinados com aquilo e então tivemos muitas noções de um serviço social, não assistencialista, mas um serviço social que verdadeiramente empodere as pessoas.”

**[Formações contínuas]:**

Lembro-me, por exemplo, dum congresso na Gulbenkian que era sobre “Os Labirintos da adolescência” e aquilo tinha muito a ver com as neurociências (...) o fundamento neurocientifico relativamente aos comportamentos que nós vemos dos adolescentes e foi extremamente enriquecedor perceber as várias áreas do cérebro. Eu não sendo psicóloga, não sendo dessa área foi extremamente enriquecedor compreender em termos de comportamento cerebral o que é que explica os comportamentos deles e desta faixa etária.

- ## Percurso Profissional

**1.º Momento (ou momento à priori da actividade profissional - Voluntariado)**

“(...) eu queria muito estagiar na área da infância e juventude era mesmo a área que na altura achava mais interessante e então houve uma colega minha que me falou do IAC, que o IAC tinha ali nós estávamos a estudar em Belém e o IAC tinha a Sede na Ajuda e pronto foram várias de nós, da mesma turma a pedir estágio ao IAC (risos).

“havia um projecto aqui em Chelas e eu morava aqui em Chelas dava-me muito jeito em termos logísticos e tal e então pedi para vir estagiar aqui para Chelas (...)”.

“A alternativa seria ficar a estagiar, não era estagiar era voluntariado ali nas escolas da Ajuda e as minhas colegas estavam todas pendentes mais para aí e eu insistia em vir para aqui e em termos logísiticos dava-me mais jeito (...)”.

“Na altura não havia espaço, nós estavamos aqui precisamente na zona J foi onde eu comecei a minha experiência profissional, não tinhamos espaço e a intervenção era toda feita na rua e então era nos bancos de jardim, era numa mata tinhamos uma mata ali na Madre Deus para onde nós levavamos os miúdos para fazer dinâmicas, para fazer jogos, fazíamos algumas actividades ludico-pedagógicas, algumas visitas e de resto trabalhavamos aqui assim no bairro com eles e era ajudar a fazer os trabalhos de casa o meu trabalho não é? de voluntária (...)”.

“(...) comecei aos poucos a contactar também com as famílias dos miúdos e aperceber-me de algumas dificuldades que elas apresentavam e aperceber-me também da dinâmica da equipa (...)”.

“(...) na altura tínhamos dois animadores e tinhamos uma técnica era uma equipa muito pequenina fazíamos as reuniões no café não tínhamos assim muitas condições (risos).”

“Depois a colega Lena na altura que fazia parte também da equipa entrou de licença de maternidade e entretanto propuseram-me a ficar a substituí-la como animadora na escola (...)”.

“(...) agarrei esse trabalho ali durante alguns meses que era o trabalho da Lena que eu ia muitas vezes com ela acompanhá-la e era feito em conjunto com as professoras da escola e com outros voluntários de outras áreas havia ateliers de dança, de música, de várias coisas (...)”.

**2.º Momento**

"Entretanto foi a transição para ao estágio e foi uma transição muito suave porque eu já estava integrada na equipa, já estava integrada na instituição pedi realmente para fazer o estágio porque cheguei ao final do 4.º ano eu tive a substituir a Lena portanto em 98 e o estágio teve início em 98 e acabou em 99."

"(...) tive a fazer estágio dando continuidade ao trabalho que estava a fazer com a escola, mas já também a perceber o trabalho da técnica já não era só a área da animação já era a área do serviço social, da intervenção, enquanto técnica de serviço social e, ai começou o contacto com as famílias, o contacto com os outros parceiros, com as instituições pronto tudo isto que também fazia parte da intervenção da equipa e que até aí não tinha tanta noção."

"(...) o estágio foi também muito enriquecedor eu fiz na área da (a pensar) foi o estudo das heranças culturais das segundas e das terceiras gerações como é que as referências culturais que eles recebem dos pais e dos avós como é que essas referências são passadas e algumas delas mantidas até estas gerações que já nascendo cá cultivam algumas das coisas."

**3.º Momento**

"Depois do estágio tive assim durante um ou dois meses em casa depois de acabar o curso mesmo (...) e entretanto convidaram-me dissseram que estavam a precisar de integrar mais um técnico para a equipa e convidaram-me para entrar (...)".

"A partir daí pronto fui integrada aqui nesta equipa à mesma. Nessa fase quando entrei como técnica tinha as coisas muito organizadas com a Lídia que era a técnica que cá estava na altura que foi uma referência para mim (...)".

"(...) ela tinha o trabalho com algumas famílias eu tinha o trabalho com outras famílias. Tinhas as questões do rendimento social de inserção que na altura chamava-se o rendimento mínimo ainda e tinha pouquinhas famílias que eu acompanhava os processos de rendimento minimo e tínhamos os jovens em conjunto, tinhamos as sessões com os jovens que essa era a parte que eu mais gostava (risos)."

"(...) entretanto conseguimos um espaço não era aqui neste sítio que é actualmente era lá mais em baixo, uma loja mas pronto já com outras condições para desenvolver o nosso trabalho."

"Tínhamos imenso trabalho e tinhamos muito contacto com os parceiros e estavamos em varios grupos de parceiros era o grupo de casos, era o grupo das famílias, era o grupo da comunidade, era o grupo dos eventos tinhamos imenso trabalho com o grupo de parceiros nessa altura e foi uma fase de muita, muita, muita aprendizagem assim foi uma fase riquissima para mim."

"Tínhamos coisas giríssimas na altura tinhamos uma trilha, uma trilha cega e uma pista para fazer aqui no bairro a todas as pessoas que nos viessem visitar e então os jovens recebiam as pessoas e chegaram a receber pessoas vindas de projectos internacionais e então eram os jovens que faziam uma trilha cega onde as pessoas eram vendadas tinham uma corda onde tinham que seguir e ao longo da corda tinham várias coisas que tinham que fazer e era muito sensorial, sabores, cheiros, texturas."

"(...) os jovens explicavam a sua história nessa trilha como é que o grupo deles tinha começado, o porquê do nome que era as sereias e os tubarões na altura, o que é que eles faziam, quais as actividades que eles faziam e depois a parte do bairro que era cá fora os miúdos é que faziam a visita guiada ao bairro a estas pessoas  todas que vinham de fora."

**4.º Momento**

"(...) deve ter sido em 2000, 99 penso eu. (...) era o trabalho com as crianças de rua, portanto era aquela equipa que hoje é a equipa da Almirante Reis, a equipa da Baixa do CDIJ que estava dividida em duas A e B.

"A A que era a minha fazia giros nos centros comerciais para encontrar as crianças de rua e a B fazia giros mais ali na zona da Baixa de Lisboa como faz actualmente a equipa que lá está."

“Essa foi uma fase menos motivadora para mim, essa foi mesmo uma fase que eu não gostei muito porquê? Porque nós íamos, passávamos a vida nos centros comerciais e corríamos os centros comerciais todos era o Vasco da Gama, era o Colombo que era os da altura e passávamos muitas horas, muitas horas à volta dos centros comerciais e aquilo era muito estímulo, muita luz, muito som, muita cor e eu chegava a casa exausta e depois o que eu sentia é que o custo-eficácia daquilo tudo era minímo.”

“(...) nem todos eram o grupo-alvo porque alguns miúdos estavam só simplesmente no final das aulas a passear ali e não eram crianças de rua, não eram jovens de rua não estavam em abandono escolar nem nada disso pronto e era dificil distinguir era difícil perceber isso e depois o que acontecia é que não era fácil abordar (...)”.

“eu não tinha facilidade nenhuma em abordar as crianças neste contexto, centro comercial, que elas estam ali agarradas às playstation a experimentar os jogos das lojas e nós chegavamos lá a meter conversa, para mim aquilo não era nada confortável (...)”.

“(...) depois de se conseguir meter conversa e de conseguir estabelecer ali algum contacto perdia-se a continuidade porque nós combinavamos com estes jovens para outro dia e os jovens não apareciam.”

“(...) para mim não correu muito bem, não me identificava nada com aquele trabalho achava que aquilo era uma perda de tempo que a gente tinha que trabalhar de outra forma e depois era extremamente desgastante estar enfiada naqueles centros comerciais, muito, muito cansativo sem resultados (...)”.

Então eu nessa altura eu falei com as coordenadoras, falei com a Matilde a falar da minha frustração e pedir se podia haver alguma alteração (...)”.

**5.º Momento**

“(...) tive durante uns tempos na AP [António Patrício] com um papel que era fazer a articulação entre as várias equipas, tentar fazer a ponte entre as várias equipas entre o recuperar e o revalorizar que era o recuperar era a tal A e B, as tais equipas da fuga e o

revalorizar eram as outras equipas que tinham a outra intervenção mais de comunidades. Nessa altura estavamos em mais comunidades do que aqui. Era Chelas, era Pontinha, era o 6 de Maio, era aqui o Pátio 208 estávamos em várias comunidades, em vários bairros."

"Esta também foi uma experiência muito curtinha tambem não foi um papel fácil aquele papel de mediar ali, depois de estabelecer o contacto com a coordenação não foi um papel assim muito fácil para mim."

**6.º Momento**

"(...) tive no NAC que foi também uma experiência também muito gira."

"(...) era o Núcleo de Apoio às Comunidades e andava com alguns destes colegas: a Teresa, o Carlos, a Ascenção - o Carlos não, o Carlos não estava ainda na equipa nessa altura - com a carrinha e então fazíamos intervenção em dois bairros que era no 6 de Maio e em Famões com a carrinha na rua com os miúdos e também gostei muito, também adorei essa parte."

"Era o Aprender na Rua, fazíamos o Aprender na Rua com os miúdos com as várias sessões, as várias actividades lúdico-pedagógicas e tudo mais e, depois fazíamos toda a outra parte de trabalho."

"(...) procuravamos também estabelecer contacto e conhecer as famílias e aqueles miúdos que nós vissemos que tivessem assim mais problemáticas também tentávamos ali trabalhar mais aprofundadamente com essas faílias e era com os parceiros, uma componente muito forte da equipa de apoio às comunidades. É o fortelecimento da parceria local para a resolução dos casos, das situações problemáticas pronto e então também tínhamos isso essa participação e tínhamos projectos também."

"(...) o IAC tem sempre esta componente muito lúdica e de promoção da participação dos jovens e tínhamos o Solidariedade à Solta que era um projecto muito interessante com vários bairros de intercâmbio, de partilha com os jovens."

**7.º Momento**

"Acabei por ir parar depois às Redes, à equipa das redes pronto e tive lá bastante tempo."

"Aí já me identifiquei mais com a parte sobretudo da formação sempre foi uma parte que eu gostei muito, a parte das dinâmicas, da procura de enriquecimento sempre constante e a parte dos projectos, projectos transversais para os jovens porque na altura nós tínhamos várias participações com redes internacionais e era esta equipa das redes que geria isso em que participavam jovens das várias equipas e das várias comunidades."

"A equipa das Redes o que faz é a parte da comunicação do Projecto Rua, a recepção de estágiários, o acolhimento e explicar às pessoas o que é que nós fazemos aqui fazer a articulação também com os outros sectores do IAC, lançar o boletim informativo do Projecto Rua e é toda a parte de gestão da formação do Projecto Rua, toda a participação dos vários elementos é gerida por aquela equipa."

"E é a própria equipa que dá formação para fora e vai a congressos representar o IAC e a seminários e preparar conteúdos (...)".

"(...) a participação assim em projectos seja de jovens, seja de projectos mais de formação e de supervisão era mais esse assim o meu trabalho, a participação em algumas redes internacionais, a candidatura a projectos esse tipo de coisas assim e isso eu gostei é uma área que também me agrada, mas pronto depois acabei por voltar outra vez ao terreno."

**8.º Momento**

"Entretanto volto a Chelas (risos). Volto a Chelas. O primeiro ano para trabalhar com jovens assim um bocadinho mais crescidos, jovens que tinham ou processos de promoção e protecção nas comissões ou no tribunal ou também outros jovens que tinham medidas titulares educativas, pronto."

"(...) eu gosto mais de trabalhar com os mais pequeninos, com os do 1.º ciclo ou com os do 2.º ciclo por aí, assim os mais crescidos dos quinze para cima não é a faixa com quem eu mais gosto, com quem eu me identifique mais. Mas, era esse o desafio na altura que estava a ser lançado e agarramos (...)".

"(...) foi durante um ano em que nós estivemos aqui também a fazer sessões, muito trabalho com esses jovens, muito trabalho de acompanhamento individualizado com eles, com as famílias, com as várias insituições que os acompanhavam, gestão de processos, tudo isso."

**9.º Momento**

"Entretanto, no ano a seguir PIEF. (...) como técnica de intervenção local ao PIEF dos Olivais e foi uma experiência traumatizante (risos)."

"Felizmente ao fim duns tempos de alerta que eu ia fazendo "atenção estou a dar em maluca estou com duas turmas, duas turmas de jovens e muitos professores por amor de Deus ajudem-me ponham-me aqui alguém"(risos). Lá puseram a Lena a ajudar-me que foi assim (uff)."

"(...) é um contexto adverso, o PIEF, é um contexto que tu estás numa escola constantemente. Ok já tinha estado numa escola aqui na 54 mas não é constante, não estás lá sempre vais lá fazer aqueles ateliers naqueles horáros em específico e depois sais."

"Agora ali tu estás no espaço da escola constantemente aquelas horas todas, as tuas horas de trabalho estás lá e depois é te exigido um papel ao qual tu não estás habituada. É um papel de policiamento dos miúdos, de control dos comportamentos e nós aqui não estamos habituados a trabalhar dessa maneira."

"Nós aqui estamos habituados a gerir comportamentos sim senhora, mas não é a nossa pincipal função. A nossa principal função é promover actividades, promver a participação deles, promover o crescimento deles, o desenvolvimento."

“(...) ali é muito andar em cima e policiar e controlar e é esperado de ti que tenhas uma postura rígida e então aquilo foi assim horrível.”

“Era a pressão dos professores era constante, a pressão da direcção da escola era constante e depois nós sentirmos que não estamos no nosso espaço e, ainda por cima, aquele espaço não era nada acolhedor nem para nós, nem para os miúdos era uma escola primária, um pavilhão ali ao fundo da escola do género estes miúdos são os deliquentes, são os que não interessam a ninguém.”

“Miúdos de quinze até aos dezoito em escola do primeiro ciclo com mesas no refeitório assim pequeninas com o chão a colar do arroz, as cadeiras a mesma coisa os miudos nem as pernas, alguns, nem as pernas conseguiam por debaixo do tampo da mesa tinham que comer de lado porque eram grandes para aquelas mesas, comida sem sal, comida de crianças enfim não era de todo o espaço adequado para aqueles miúdos (...)”.

“Depois era gerir também a nossa relação com os miúdos, por um lado, com os pais dos miúdos porque nós tínhamos que trabalhar com a família, tinhamos que trabalhar com as intituições tinhamos que acompanhar os processos individuais daqueles miúdos e, depois por outro, a grande dificuldade também era muito gerir os professores, a desmotivação dos professores para trabalhar com aqueles miúdos (...)”.

“(...) os miúdos que vão parar a PIEF são miúdos com problemáticas muito complicadas são miudos em fim de linha, são miúdos que não encaixam no ensino regular têm problemas emocionais, perturbações emocionais graves têm bloqueios de aprendizagem, a escola não lhes diz nada eles també estão ali desmotivados pronto e os professores depois também demitiam-se muito (...) Era do género a minha função é dar matéria não é estar a aturar isto (...)”.

“(...) eu andava constantemente tipo formiguinha louca com o telefone sempre agarrado a orelha e com os cadernos para escrever tudo eu não conseguia ter registos nenhuns em dia nada, nada, nada. Eu ia no comboio diariamente a fazer registos no comboio para trás e para a frente, de dia e de noite não havia um dia que eu saisse a horas decentes, eu

levava o carro já, não tinhamos hora de almoço não tinhamos condições de trabalho mesmo de todo foi uma tortura aquele ano (...)"

**10.º Momento**

(...) voltei ao bairro felizmente e pude respirar de alívio e pronto. Isto foi já o ano passado, foi o ano passado que tive aqui já mais sossegadinha, mais tranquila com muito trabalho na mesma, mas não com aquele stress horroroso, horroroso (...)".

"Ainda mantive ali uma ligação ao PIEF. Tinha algumas funções, mas totalmente diferente. O importante era só colaborar com as colegas que lá estavam, preparar materiais por causa do treino de competências, ajudá-las a executar o treino de competências. Preparamos também duas sessões de formação, eu com a colega Ascenção, para elas. Para os professores, também demos formação aos professores nesse ano. Ajudamos no desenvolvimento daquelas acções de ligação à comunidade que era os jovens que iam fazer pequenas acções de voluntariado à comunidade, acções que eles próprios escolhiam então nós tinhamos que fazer o contacto com essas associações, com essas instituições e a ajudar a preparar essas coisas."

"(...) paralelamente a essa ligação ao PIEF que eu mantive durante o ano passado tinha todo o trabalho aqui assim da comunidade como temos actualmente. Portanto que estamos mais eu a Lena a trabalhar com jovens um bocadinho mais velhos, tentámos o ano passado ainda conseguimos aqui constituir um grupinho de jovens, embora muito pequenino."

"Mas, não tem sido fácil conseguir grupo porque para já temos poucos miúdos dessa faixa etária que queiram participar porque os outros, mais pequeninos, são canalizados para os Aventureiros e os mais velhos geralmente já começam naquela idade dos namoricos e das redes sociais (...) e já não estão minimamente interessados em participar e têm outros interesses lá fora."

"(...) este ano não conseguimos e pronto o nosso trabalho acaba por ser, como não conseguimos criar grupo é o acompanhamento individualizado dessas situações pronto".

“Depois há outras famílias que nós também estamos a acompanhar com crianças mais pequeninas com processos de promoção e protecção em tribunal algumas, outras na CPCJ são famílias que já são conhecidas aqui da equipa há muitos anos e que têm tido uma intervenção muito contínua e muito intensiva (...)”.

“(...) de vez em quando, sejamos chamados para participar num ou noutro projecto como a Rede Crescer Juntos e como aquelas sessões que demos de tráfico de seres humanos, pronto. Mas tem sido mais assim o acompanhamento de situções é o actual.”

- **Momentos particularmente importantes da trajectória para o que faz e como o faz hoje a nível profissional**

“Por todas estas fases pelas que eu passei, exceptoando a dos centros comerciais (risos), até o PIEF ensinou-me muita coisa. O PIEF ensinou-me resistência à frustração, ensinou-me mais competências pessoais se calhar. Ah não! Ensinou-me coisas profissionais sem dúvida.”

“(...) no PIEF, eu aprendi que para nós estabelecermos contacto com os jovens não pudemos ir é que eu sou muito focada nos objectivos, muito e depois vou falar com os jovens de uma forma assim muito séria, muito focada e com a Lena eu aprendi que quando estamos a estabelecer relação com o jovens (...) Não podemos ir com aquela seriedade toda temos que primeiro estabelecer relação, temos que brincar, temos que brincar muito com eles e temos que os fazer sentir à vontade. Temos que tentar cativar ali alguma empatia também da parte deles para connosco, para conseguirmos depois de futuro termos margem de manobra .”

- **Aprendizagens realizadas ao longo da sua trajectória profissional**

“(...) nas Redes (...) foi uma experiência completamente diferente de saber como se elabora uma candidatura, saber como se faz um projecto, de saber como se comunica com os parceiros internacionais, como se faz um relatório, como se gere uma acção de formação.”

"(...) a nível de animação, a fase mais rica foi mesmo a fase em que eu tive nas comunidades porque era saber como é que se faz um plano de sessão, ter na cabeça sempre "n" de jogos um compêndio de jogos, de dinâmicas de grupo disponíveis para olha agora vamos meter aqui para improvisar quando fosse necessário também, para fazer programas de treino de competências de formação até com adultos, com técnicos, com profissionais."

"(...) depois tudo o resto, com os professores aquela história toda da tolerância, do tentar compreender, a capacidade empática, a resistência à frustração, "fuuu" muita coisa, muita coisa que a nível pessoal inclusivamente é útil. O sabermos quando devemos falar e quando não devemos falar (risos), a assertividade (...)".

- **Actividades diárias**

"o dia típico é chegar a Chelas, chegar ao espaço. Telefonemas, atender telefonemas, abrir portas isso é a primeira parte da manhã (risos). Abrir o e-mail, pronto."

"Depois é pegar nas tarefas que ficaram pendentes da semana anterior e contactar. Contactar instituições, contactos que ficaram por fazer. Normalmente, eu tenho sempre umas listinhas de coisas a fazer, tarefas a fazer da semana anterior e então na segunda-feira tenho necessidade de ir recordar, ir relembrar aquilo para ver o que é que está aqui e o que é prioritário, o que é que pode esperar mais um bocadinho."

"Então é estabelecer esses contactos com os vários parceiros, com as famílias para as situações que sejam necessárias e depois tentar pôr em ordem os registos que é sempre assim difícil ter os registos em dia é muito complicado com quantidade de solicitações que nós vamos tendo é muito difícil (...)".

"Depois surgem aqueles imprevistos também, de vez em quando, que não estamos a contar e há um telefonema da escola, olha hoje o menino X descontrolou-se completamente e temos que pensar aqui em estratégias e é preciso articular com o serviço de psicologia, ou com a pedopsiquiatria ou com a família porque têm-se aqui que desenvolver estratégias, pronto e é muito isto."

“Temos momentos em que temos que acompanhar também estas famílias a alguns serviços, como por exemplo, ao tribunal, como por exemplo, aos serviços de psicologia, como colégios de ensino especial.”

“(...) temos também os acordos nas comissões que normalmente são marcados com antecedência e que temos que fazer as avaliações, as revisões dos acordos dentro dos timings previstos.”

“Normalmente, temos informações sociais para fazer também para ir actualizando as situações para os colegas do tribunal ou para os colegas da CPCJ ou para os colegas da DGRS também temos alguns meninos com medidas tutelares educativas.”

“(...) temos sempre à quinta-feira as nossas reuniões de equipa, uma vez por mês a supervisão.”

“Depois temos, de vez em quando, que substituir as nossas colegas em algumas funções porque elas têm outras coisas marcadas e assim, nós temos muito esta questão de complementariedade entre os vários elementos (...) Isso pode acontecer também com os “Aventureiros”, apesar de eu não estar destacada para os “Aventureiros”, já aconteceu entrar também para substituir alguma colega.”

“Depois também temos a Rede Crescer Juntos que também tem alguma periodicidade é mais ou menos assim uma vez por mês. Há alturas que tem que ser mais intensivo. Agora estamos com os timmings aqui a apertar mais um bocadinho vamos ter que fazer mais encontros, nomeadamente ao sábado também.”

“Portanto é muito ir gerindo as coisas que estão marcadas, as reuniões que estão com os vários parceiros e ir tentanto também encaixar coisas que são importantes, estratégias que são importante como as visitas domiciliárias, às vezes, perante determinadas situações específicas ou atendimentos aqui ou apoio a jovens para os encaminhar para cursos (...)”.

"Também fazer atendimentos a novas situações que venham os próprios pedir ajuda, pronto e vamos encaixando assim."

- **Dificuldades/constrangimentos profissionais**

**[Dificuldade 1]:**

"(...) encontrar resposta para alguns jovens, por exemplo, ao nível da saúde mental nós temos no nosso país uma lacuna muito grande em termos de respostas.

**[Modo de ultrapassar 1]:**

"(...) há alguns que não é possível ultrapassar (...).Temos serviços de psicologia que estão completamente a abarrotar com listas de espera enormes e nós encaminhamos fazemos a nossa parte, encaminhamos as crianças e os jovens, mas não obtêm resposta imediata (...)".

**[Dificuldade 2]:**

"(...) muitas vezes, também não conseguimos encontrar respostas de acolhimento atempadamente, ou seja, quando nós sentimos que um jovem está a descambar que a situação está completamente descontrolada que a família não consegue de todo dar resposta ou não tem, não tem mesmo competências para acompanhar aquele jovem e é definido em conjunto com a CPCJ, com o tribunal que a resposta tem mesmo que ser acolhimento, o jovem fica meses e meses à espera (...)".

**[Modo de ultrapassar 2]:**

"(...) o IAC não tem essa resposta e a única maneira é ir acompanhando, ir apoiando a família."

"Vamos tentando inquietar os serviços, mas aí não conseguimos ter resposta."

**[Dificuldade 3]**

"(...) em criar grupo, em garantir a participação destes jovens mais velhos, garantir a motivação deles é uma dificuldade que nós sentimos porque não há assim uma cenoura, não há algo que os motive extraordinariamente a estar aqui (...)".

"É muito as dinâmicas de grupo, é muito a conversa, é muito os ateliers, a expressão plástica, a expresssão dramática, ver filmes. São coisas já um bocadinho que para eles não tem aquele nível de motivação e não temos conseguido prender com esse tipo de resposta, estes mais velhos."

**[Modo de ultrapassar 3]**

"Por isso acaba por o trabalho ser muito mais um acompanhamento individual do que de grupo e em dinâmica de sala."

**[Dificuldade 4]**

"(...) dificuldades de organização eu acho que esta equipa tem esse problema, nós avaliamos isso na nossa última avaliação."

"Fazemos muita coisa fazemos, fazemos, fazemos, fazemos não paramos de fazer, mas depois não paramos lá está para nos organizarmos, para criarmos instrumentos, instrumentos de monotorização do que estamos a fazer e às tantas é um fazer, fazer, fazer desmedido (...)".

"(...) nós temos a nossa planificação, temos os objectivos feitos tudo isso, mas instrumentos para monotorizar para irmos avaliando e percebendo, observando o que é temos estado a fazer, será que estas estratégias estão a resultar?"

**[Modo de ultrapassar 4]:**

"Isto acaba por ser discutido de uma forma muito empírica nas nossas reuniões de entrusamento semanais, se a estratégia com este caso ou com aquele está a funcionar ou não. Mas, não existem instrumentos que depois nos acabem por nos facilitar a avaliação no final do ano quando nós vamos tentar avaliar e medir em termos de objectivos, os resultados que obtivemos (...)".

"(...) não temos grelhas de avaliação de competências, não temos instrumentos de monotorização dos casos, an tinhamos previsto fazer os planos individuais para cada situação ainda não conseguimos implementar porque é sempre esta correria do fazer, fazer, fazer (...)"

- **Aprendizagens passadas importantes para as actividades presentes do dia-a-dia**

**[Comissão]**

"Houve uma coisa que foi muito importante foi a minha pasagem pela CPCJ. Eu tive numa comissão."

"(...) o nosso trabalho era acompanhar também situações difíceis não é? situações de maus tratos, de violência doméstica, de abuso algumas, também de abandono escolar e de pré-deliquência e tinhamos muito o trabalho de articulação junto das famílias não é? de desenvolvimento de algumas questões com as famílias e de acompanhamento de processos era essencialmente isso."

"(...) aprendi muitíssimo, muitíssimo acerca da questão da prevenção, da questão do risco, do perigo, dos maus tratos a crianças e de como é que deve ser conduzindo um processo de promoção e protecção e isso eu aplico hoje em dia."

"Na gestão dos processos, a forma como organizo os processos e como vou gerindo aquilo que tenho para fazer e como nós continuamos a trabalhar ao nível da promoção e da protecção das crianças acabo por utilizar muito desse conhecimento, dessa aprendizagem, dessa experiência actualmente."

"Os relatórios, as informações sociais também foi tudo na comissão, na CPCJ."

**[PIEF]**

"(...) o acompanhamento individualizado dos jovens foi muito importante também a experiência do PIEF, apesar de dolorosa (risos). Mas foi muito importante porque nós continuamos a trabalhar com jovens mais velhos, portanto há sempre as questões do abandono escolar ou do absentismo grave, as questões de encaminhamento para cursos. Portanto é muito à volta da mesma faixa etária mais ou menos. Também houve muitas aprendizagens transferidas daí.

**[Núcleo de Apoio às Comunidades – NAC]**

"Dinâmicas e sessões, criar programas de formação, de sensibilização foi ali sem dúvida."

**[Redes]**

"(...) quando eu estive nas Redes a organizar formações e cursos de animadores e assim também foi importante para este trabalho assim mais com os técnicos."

- ## Mudanças na prática interventiva

"Sem dúvida, eu entrei muito verdinha, muito novinha e muito insegura também, mesmo com as famílias."

"(...) eu com um processo de rendimento mínimo que é suposto a gente fazer cobranças às pessoas, cobrar se fez aquilo, se fez o outro, alguma vez eu tinha a segurança que tenho hoje para fazer essas coisas, nem pensar."

"(...) com os jovens temos que promover a participação, temos que criar relação, temos que criar momentos agradáveis, lúdicos e divertidos para eles, mas também temos que os responsabilizar e chamar a atenção quando alguma coisa não está a ir no caminho definido com eles pronto e isso foi uma coisa que eu desenvolvi ao longo do tempo foi a nível de segurança, sem dúvida."

"Muita coisa mudou. Eu não tinha, eu não tinha esta experiência de acompanhar um processo, de fazer uma informação social, de inventar agora de repente assim um

programa de sensibilização para os jovens sobre um determinado tema com dinâmicas e para técnicos, a mesma coisa."

- **Pessoas importantes ao longo da trajectório profissional e respectivas aprendizagens adquiridas**

"Eu costumo dizer a Lídia, a Lena e o Alexandre que era a equipa da altura aqui de Chelas foram os meus pais de IAC (risos). Foram as pessoas que me receberam que me acolheram aqui na equipa e sempre fui muito bem acolhida e a coordenadora da altura que era a Dra. Fátima Palhas de quem eu gosto muito e já não está cá (...)".

**[Aprendizagens Lídia]:**

"(...) pela sua capacidade técnica, pela sua busca de conhecimento, procura de inovação com os jovens e pela sensibilidade, extrema sensibilidade em trabalhar com os jovens e muito trabalhar pelo lado afectivo, pelo lado emocional (...). Ela tem uma forma muito sensível e muito emotiva de abordar as questões com os jovens e de trabalhar com os jovens e então isso foi um marco que ficou para mim."

**[Aprendizagens Lena]:**

"(...) aprendi com ela foi aquela questão dos jovens, aquela descontracção, a abordagem com eles, com os jovens, aquela brincadeira e pô-los à vontade."

**[Aprendizagens Alexandre]:**

"Ensinou-me o sentido crítico porque ele é uma (...) muito contestatária, era tipo a mafaldinha em formato masculino (risos). Então é daquelas pessoas que não aceita assim de bandeja aquilo que lhe é dito, de maneira nenhuma e então eu aprendi um bocado isso com ele.

"(...) então aprendi a ser um bocadinho refilona às vezes e a dizer quando não concordo e a lutar por aquilo que eu acredito, mesmo que seja a única pessoa num grupo enorme e isso para mim era impensável pelas minhas características pessoais quando cheguei aqui ao princípio."

**[Aprendizagem Ana Isabel]:**

"(...) aprendi a ler as pessoas antes de me precipitar, parece um bocadinho contraditório com aquilo que acabei de dizer."

"Temos que perceber por mais indignados que estejamos em relação a alguma proposta, em relação a alguma coisa, por mais injustiçados que nos sintamos temos que tentar perceber, compreender o outro lado, contextualizar e porquê que aquela pessoa diz aquilo daquela maneira, o que é que está por trás para depois então manifestarmos."

**[Aprendizagem Teresa]:**

**"**Aprendi com a minha Teresinha a praticidade, a pensar os planos de sessão e os projectos para jovens de maneira que aquilo seja motivador para eles que seja prático, que seja interessante, que seja divertido (...) se a gente quer que eles estejam envolvidos temos que criar coisas que sejam divertidas e a praticidade e o pôr a mão na massa."

**[Aprendizagem Carmen]:**

"(...) aprendi a justiça e equidade (...)".

- ## Profissão sonhada na infância

**"**Educadora de infância. Entre outras, designer, estilista de roupa."

- ## Profissão sonhada pelos pais

"Houve uma altura que eu derivei um bocadinho no meu percurso escolar. Foram os meus pais, mas não foi só. Foi a família do lado paterno também que me influenciou um bocado nisso porque eu era óptima aluna (...)".

"(...) eles diziam que eu era parva em querer ser educadora de infância que não ia ganhar nada de jeito e que não ia ter um futuro de jeito e que tinha masé que pensar em ir para áreas de gestão e de matemática (...) e eu parvinha de todo fui. Fui ainda fiz assim uma incursão ali no décimo, décimo primeiro nessas áreas e detestei aquilo não tinha nada a ver comigo."

"Depois felizmente tive Sociologia que adorei e aquilo sim, Sociologia tinha tudo a ver comigo era estudar pessoas, estudar comportamentos sociais claro que sim, com certeza e então ali no décimo segundo mudei de escola. Contra os meus pais porque os meu pais não queriam nada que eu fizesse isso já o ano lectivo estava a começar e então aquela questão da segurança e não sei quê. Não! Mudei para outra escola para ter disciplinas diferentes e depois segui sempre a sociologia (...)".

- **Motivação para a escolha da profissão**

"Eu acho que é influenciar positivamente a vida de outras pessoas (...)".

"Sempre me agradou a área do desenvolvimento humano, a área das pessoas e, sobretudo, a parte da infância e da juventude e do crescer e do ajudar a crescer, do estimular para o crescimento, para um crescimento saudável."

"(...) o que me tem mantido também é a forma de trabalho do IAC. É o facto de nós trabalharmos por projectos também, por termos oportunidade de fazermos muitas coisas aqui dentro, de passarmos por equipas diferentes com trabalhos completamente diferentes, de termos experiências diferentes, de fazermos tanta formação, de articularmos com tanta gente, com tantos parceiros, com tantas instituições até redes internacionais (...)".

"(...) o sentir que estamos aqui pelas pessoas, estamos aqui para tentar de alguma maneira tocar a vida destas pessoas de uma forma positiva e ajudá-las a desenvolver, a ter uma vida diferente, a ter uma vida melhor, a ter outras condições."

- **Perspectiva de futuro**

"(...) pois que existe a realidade e existe o sonho."

**[Sonho]:**

"O meu sonho é um projecto intergeracional. Por isso é que eu fui fazer a pós-graduação de Gerontologia porque já tinha a experiência da parte da infância e da juventude e

comecei depois a desenvolver um gosto e uma curiosidade pelo trabalho com as gerações mais velhas."

"(...) era mesmo conciliar, promover a interacção entre estas duas gerações, duas ou mais e era ter um projecto neste sentido."

**[Realidade]:**

"O meu futuro profissional pode passar por duas situações: continuar no IAC ou continuar noutra instituição na área da infância/juventude; ou conseguir eventualmente fazer alguma incursão na gerontologia e pronto ter também essa experiência que é algo que eu gostaria de perceber como é que eu me daria na área dos idosos."

- **Novas a acções a desempenhar**

"Estou sempre aberta a coisas novas, a experiências novas e aprendizagens para mim é do melhor que há."

"(...) desde que dêm condições e pode ser até um contexto adverso, como o contexto dos miúdos PIEF. Mas se tivermos uma boa equipa, se não tivermos sozinhos no terreno, se tivermos uma boa rectaguarda, se tivermos condições de trabalho eu acho que tudo se faz."

- **Projecto, desejo a realizar**

"(...) uma aldeia lar intergeracional (...)"

# Diário de Bordo

*Dias de Aprendizagem, Dias de Experiência, Dias de Partilha*

**Lisboa, 26 de Setembro 2014**

O meu primeiro dia de estágio. Após os e-mails trocados com a Dra. responsável pela inclusão do meu estágio, seguido da conversa que me definiria como estagiária do IAC a quinze de Julho a fim de conhecer a equipa que iria incorporar, bem como as diferentes áreas/acções desenvolvidas pela mesma ficou definido que em Setembro seria contactada para proceder ao início do estágio.

A vinte e três de Setembro recebo pelas 10h30m da manhã o telefonema da coordenadora da equipa CDIJ Oriental informando-me que sexta-feira, vinte e seis de Setembro contaria com a minha presença para começar o estágio pelas 9h30m da manhã. Lembro-me que fiquei super entusiasmada e que a ansiedade de espera transformou-se em receio (mas um receio bom). A novidade e a responsabilidade que aí vinham trazia finalmente o principiar de uma nova etapa da minha vida académica, com o intuito de fechar mais um ciclo.

Assim se concretizou, às 9h30m da manhã já me encontrava presente na sede do Instituto de Apoio à Criança (IAC) – Projecto Rua situado na Rua António Patrício (AP) e fui recebida pela coordenadora de equipa CDIJ Oriental. Entrei, apresentou-me o espaço e de seguida mantive-me na sala de reuniões onde estive a ler a pasta de documentos fornecida relativamente à planificação da equipa Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil - CDIJ Oriental (a equipa na qual fiquei integrada) e também com informação acerca das áreas de intervenção, metodologias, objectivos e actividades produzidas pelo *Projecto de Rua*.

Enquanto estava a ler, ao mesmo tempo que tirava notas a coordenadora CDIJ Oriental ia perguntanto se tinha alguma dúvida ou se precisava de alguma coisa, informando-me que o dia de hoje seria definido pela realização da reunião de equipa CDIJ Oriental e que ainda não tinha começado devido ao deslocamento de duas das técnicas até Odivelas para tratar de um assunto individualizado com um pai de uma criança e, também por uma terceira técnica se encontrar no centro de saúde a ter uma consulta.

Pelas 12h30m da manhã inicia-se a reunião de equipa (apenas com a falta da técnica que se encontrava no médico). Antes de iniciar estabelecesse qual das educadoras fica responsável pela escrita da acta daquela reunião e, de seguida cada uma das educadoras

apresentasse para eu saber os seus nomes e funções e o mesmo sucede comigo, onde também me apresento e identifico as minhas expectativas e motivações referentes ao estágio.

No decorrer da reunião as técnicas vão falando dos casos, situações da semana identificando problemas, dificuldades, melhorias, sucessos conforme o que tinha sucedido e, em simultâneo a coordenadora da equipa ouvia atentamente, levantava questões/soluções e ainda tomava notas.

**Pausa – Hora de almoço 13h às 14h**

O almoço realiza-se na copa do IAC, onde maioritariamente os profissionais trazem os seus almoços feitos de casa e aquecem no micro-ondas, uma vez que a copa apresenta boas condições para este tipo de procedimento. Eu não sabia que iria ficar o dia todo, pois tal não me foi informado e, por esse motivo tive que ir até ao Pingo Doce para comprar o meu almoço. Regressei já com o almoço para o IAC e juntei-me na mesa com a equipa, a qual se encontrava a conversar sobre partilhas de experiências relativamente aos seus filhos na escola, aproveitando para se apoiarem mutuamente respectivamente sobre medos que algumas já passaram e outras estão agora a começar. Foi um almoço tranquilo e agradável, no qual fui participando pontualmente.

Retomando a reunião já com a educadora que tinha chegado da consulta médica, continuam os relatos dos casos que tinham em mão, ao mesmo tempo que se vão definindo acções para a semana seguinte. Durante esta reunião ia-me sendo explicitado com mais pormenores os casos de que falavam para que eu pudesse estar a par, compreender qual o assunto que falavam e em que condições se retratavam.

Às cinco da tarde tenho que me ausentar devido a um assunto pessoal, mas tal já tinha comunicado à coordenadora responsável da equipa CDIJ oriental e do meu estágio que sem qualquer impedimento permitiu a minha saída, uma vez que também as 17h30m as educadoras também terminavam o seu dia. Ficou definido que segunda-feira, vinte e nove de Setembro estaria pelas 9h30m no IAC - Projecto de Rua para que a coordenadora e eu definíssemos e registássemos em conjunto o meu horário de estágio.

Terminei o dia com o sentimento de que a equipa, na qual me encontrava inserida transmitiram uma grande abertura e disponibilidade para me apoiar nesta minha etapa tendo sido até baptizada por uma das educadoras como a *"*Estagiária Pocahontas*"* o que

me agradou bastante, visto que era uma das minhas personagens favoritas da Disney e pelo facto de ser uma personagem determinada, corajosa e bela.

**Lisboa, 29 de Setembro 2014**

**1.ª Semana**

Começo de mais uma semana, a primeira semana do meu estágio.

Chegada ao IAC – Projecto Rua pelas 9h30m, uma das Coordenadoras de equipa vem ter comigo e pergunta se eu é que era a Joana Bernardo, dito que sim esta declara-me que a coordenadora se encontrava ligeiramente atrasada, mas que enquanto esperava poderia sentar-me e continuar as leituras documentais que tinha para fazer, indicando-me uma secretária com computador para puder estar.

Uns dez minutos depois chega a coordenadora antes de entrar para a sala de reuniões das coordenadoras de equipa, pede-me só um bocadinho que já viria ter comigo para conversarmos. Logo que disponível a coordenadora dirige-se até mim já com a planificação da semana da equipa CDIJ Oriental, na qual o meu nome já se encontrava incluído na tabela com a respectiva distribuição dos locais que me iriam encontrar durante a semana. Posteriormente à entrega da planificação a coordenadora explica-me que iria ter reunião o dia todo e que não se lembrou de avisar, mas que poderia estar por ali até à parte da manhã continuando as leituras e que depois estava à vontade para ir embora.

Assim foi o que aconteceu. Mantive-me até à uma da tarde pelo IAC realizando a leitura e registo de informação.

Neste dia senti que não fui útil e que o que estava a fazer poderia realizá-lo em casa ou numa biblioteca, de um modo mais descontraído e sem aquela pressão que ainda sinto pelo facto de não estar no meu ambiente. Mas, sei que este processo é dito "normal" e, tal como todas as relações e interacções é necessário numa primeira fase passar por este sentimento de desconforto, desconhecimento e uma certa desorientação que depois com o convívio e com o contacto contínuo permite estabelecer uma ligação de confiança, de empatia.

**Lisboa, 30 de Setembro 2014**

Pelas 9h30m da manhã, encontro-me com a coordenadora responsável pelo meu estágio junto à paragem que dá início à Avenida dos Estados Unidos da América, tal como combinado no dia anterior. Após uns minutos na paragem aparece uma das técnicas de equipa CDIJ Oriental que tal como eu iria para o Centro em Chelas, só que para mim a espera nesta paragem significava a primeira vez em que me deslocava para o Centro de Chelas, enquanto que para esta educadora significava a sua rotina laboral.

Com um ar bem-disposto, a educadora deu-me os bons dias e perguntou-me se também ia para o Centro, dizendo que sim acrescentei que também estava à espera da coordenadora. Mais uns minutinhos e esta chega também sorridente dá-nos os bons dias, mantendo uma conversa com a educadora na qual também era integrada.

A viagem de autocarro são dez minutos, num instante passou e já nos encontrávamos em Chelas, à porta do CDIJ Oriental. Olhei e voltei a olhar a rua, os prédios e as pessoas que ali me rodeavam reparando que me transmitiam um ambiente de arte urbana (grafitis); cafés e mercearias com pessoas de meia-idade e outras mais idosas que dão um forte movimento àquela hora da manhã; alguma sujidade devido ao lixo no chão e à falta de estimo e/ou reabilitação dos prédios – paredes, portas, janelas (apesar de alguns estarem a ser pintados e reconstruídos); e, ainda uma certa frieza na construção, apesar de ser uma zona em que os prédios são multicolores existe uma certa desarmonização e também muitas das estruturas são em betão sem acabamentos, o que não transmite uma estética alegre quando olhamos.

Entrámos no prédio, subimos as escadas até ao primeiro andar e depois de passar por uma porta entrámos no patamar de acesso ao espaço físico do Centro, tendo de seguida que abrir uma portada, depois a porta por trás dessa portada e por último desactivar o alarme. Podendo assim entrar à vontade para o espaço, espaço este que após pousar as malas à entrada foi-me apresentado pela responsável da equipa.

O centro apresenta oito divisões mais duas casas de banho (uma destinada aos profissionais e outra para os jovens). Estas oito divisões estão distribuídas pelo seguinte: sala de atendimento; sala de escritório; sala de reuniões; duas salas de trabalho para as crianças/jovens; sala da equipa do Centro de Apoio Comunitário (CAC); sala de arrumações; e copa. Pareceu-me bastante bem, um espaço amplo com muitas demonstrações de trabalhos com as crianças/jovens através das decorações dos trabalhos

manuais expostos pelas salas e também algumas fotografias de eventos realizados pelo IAC – Projecto de Rua.

De seguida ao reconhecimento do espaço, sentei-me com Dra. Responsável pelo meu estágio e estivemos a conversar acerca dos meus dias de estágio; da minha presença nas sessões de Tráfico de Seres Humanos que iriam decorrer ali no espaço entre 01/10 a 18/10; da minha passagem pelas diferentes equipas do Projecto de Rua: CAC e CDIJ Centro - Almirante Reis ficando já definido os dias em que iria estar com a equipa CDIJ Centro para realizar o giro diurno e nocturno.

Após a conversa realizada e de ter ficado tudo acertado, fui apoiar numa tarefa de trabalhos manuais que estava a ser realizada por um profissional que faz parte da equipa do CAC. Durante a tarefa fui falando e colocando-me mais à vontade ao ponto de dar a minha opinião em certos momentos. O profissional também tinha uma postura descontraída e integrou-me de forma natural.

**Pausa – Hora de almoço: 13h às 14h**

Posteriormente à hora de almoço, que decorre sempre com boa disposição, interacção entre os vários profissionais integrantes ao CDIJ Oriental, estive a apoiar as técnicas na produção de um documento legal no computador que se destinava a uma jovem que precisava de autorização para sair do país com a finalidade de esta participar num evento que iria ser realizado em Turim, Itália e no qual esta jovem iria ser representante dos jovens e do trabalho realizado no IAC, a partir do seu testemunho.

Para além da estruturação deste documento, também estive integrada com as técnicas que iriam realizar as sessões do TSH, de maneira, a saber, quais os objectivos, as actividades, os materiais a utilizar e colocar em prática junto das sessões a realizar.

Foi um dia em que senti uma grande satisfação interior, uma vez que estive um dia inteiro com a equipa do CDIJ Oriental, conseguindo captar algum do seu trabalho diário e em simultâneo conseguir chegar às pessoas com as minhas pequenas ajudas e execuções.

**Fim: 17h30**

**Lisboa, 01 de Outubro 2014**

Hoje foi o dia em que se iniciou as sessões de Tráfico de Seres Humanos - TSH, sessões estas programadas e estruturadas por profissionais do IAC. Estas sessões foram devidamente apresentadas aos técnicos que iriam implementar no terreno junto das crianças, a partir de uma formação concebida pelas criadoras destas sessões.

Cheguei pelas 17h30m ao CDIJ Oriental, assim que cheguei encaminhei-me para a sala onde se encontravam os jovens a realizar actividades manuais/digitais. Apresentei-me e com o apoio da educadora (E2) quem trabalha directamente com este grupo de jovens designado por "Aventureiros", consegui que eles se apresentassem um-a-um e, apesar de uma certa vergonha expressaram sempre um sorriso tímido.

De seguida à apresentação apoiei na montagem do computador e respectivo projector, de modo a estabelecer as ligações necessárias para a projecção da sessão, em formato powerpoint. Alguns dos jovens que iriam participar nas sessões do TSH já se encontravam no grupo dos aventureiros, mas ainda faltavam outros mais para completar o grupo.

De maneira a precaver a falta dos jovens, uma das educadoras decidiu contactar alguns dos jovens visto que já se aproximava a hora de iniciar a sessão e, ainda não se encontravam todos.

A pouco e pouco foram chegando os jovens que se encontravam atrasados, enquanto que os outros já se encontravam sentados na sala onde se iria passar a sessão dando atenção ao que as educadoras diziam acerca do tema das sessões que iriam realizar e qual o objectivo daquele trabalho.

A chegada dos jovens que se encontravam fora de horas era apoiada por mim, sendo eu quem abria a porta e os encaminhava para a sala. Isto para apoiar as educadoras para que estas não estivessem constantemente a interromper o seu discurso e para não prejudicar os jovens, proporcionando um favorável ambiente de concentração.

Após a apresentação do objectivo das sessões de TSH, procedeu-se a um quebra gelo nomeado como "Os Embrulhados", onde os jovens faziam uma roda de mãos dadas e já com vendas postas tinham que se interlaçar para que depois quando as vendas fossem retiradas tivessem que voltar a estado inicial, sem qualquer conhecimento e indicação. As profissionais apenas apoiavam para motivar a concretização da tarefa.

Conseguido realizar o desembaraço com sucesso, as educadoras perguntaram como é que eles se tinham sentido; se tinha sido difícil; que vontade tiveram de largar as mãos; entre outras questões, de modo a fazer entender como é que as vítimas de TSH se sentem. Antes de se passar a apresentação em PowerPoint realizou-se ainda uma outra actividade que consistia em "Avançar, Recuar ou Estagnar" junto de uma corda estendida no chão e conforme as frases que iam sendo lidas pela educadora. "Avançar", significava frase verdadeira; "Recuar", significava frase falta; e "Estagnar", significava desconhecer a resposta.

Feita esta última actividade, passaram para a outra sala para visualizarem a apresentação em *PowerPoint*. Apresentação esta que definiu e explicitou o conceito de TSH «o que é»; «como se realiza»; e «para quê», abordando ainda tipos de TSH, através de imagens com o objectivo dos jovens por si identificarem que tipo de tráfico correspondia a imagem. Ao longo da identificação do tipo de tráfico com o apoio das técnicas, também iam sendo salientados os direitos que estavam a ser violados em cada tipo de tráfico.

Denota-se uma participação maior por 2,3 jovens face ao restante grupo o que leva às educadoras volta e meia a apelar a participação dos jovens mais reservados, a partir de uma forma directa levando assim a questão ao respectivo jovem, a fim de que este desenvolva uma reflexão mais empenhada.

Estes jovens já são bastante conhecidos pelas educadoras, não existindo qualquer problema no que consta a maus comportamentos, faltas de respeito. Esta sessão finaliza com a projecção da apresentação, realizando-se uma síntese de ideias com a participação dos jovens e perguntando se permaneceu qualquer tipo de dúvidas. Não existindo dúvidas, os jovens preenchem uma ficha de avaliação da sessão – ficha avaliativa que irá ser distribuída sempre no final de cada sessão de TSH a realizar.

Os jovens entregam a ficha à medida que se vão despedindo e saindo com beijinhos e vozes de "boa noite" e/ou "até manhã".

Já sozinhas, eu e as educadoras, arrumámos o espaço, desligamos tudo, trancamos as portas e dá-se por terminado mais um dia de estágio.

**Fim: 20h**

**Lisboa, 02 de Outubro 2014**

Último dia da primeira semana completa de estágio. Chego à sede do Projecto de Rua pelas 9h30 com a finalidade de apoiar e acompanhar as educadoras no que respeita a estrutração da segunda sessão de TSH.

Quando cheguei, uma das educadoras com quem iria trabalhar já se encontrava presente e minutos depois também chega a colega que faltava. Após alguns minutos de bons dias e organização do espaço e dos materiais deu-se início à planificação da sessão, a partir do seguimento do plano de formação já devidamente criado.

À medida que se identificava o tema que se iria abordar, pensava-se nas estratégias a utilizar para fazer chegar a mensagem pretendida junto ao grupo-alvo (os jovens). Tais estratégias eram pensadas em voz alta com uma mútua construção e complementação de ideias que se iam estabelecendo entre as educadoras.

Apesar de não participar muito relativamente à estruturação que se iria implementar no dia da sessão, senti que havia um cuidado especialmente de uma das educadoras ao mostrar o que estavam a escrever, ao mesmo tempo que descrivia o que iam fazer para que eu fosse acompanhando os passos que estavam a desenvolver. Esta atitude colocou-me mais à vontade para ir comentando certos pormenores acerca de como se poderia transmitir o pretendido.

Ainda ajudei na produção da apresentação em *PowerPoint* a utilizar no dia da sessão, a partir das indicações que me eram dadas pelas educadoras.

Este dia foi mais calmo e terminou mais cedo, uma vez que tinha ficado no dia anterior até às 20h deram-me a tarde para compensar. Senti que consegui colocar-me mais à vontade, que os profissionais já vão olhando para mim como um alguém em quem podem pedir apoio e sugestões.

Foi uma semana de apresentações, de conhecimentos e de adaptações junto de espaços físicos e diversas de pessoas. Não foi tão difícil como pensava, apesar de ainda existir um certo receio de me expressar.

**Fim: 13h**

**Lisboa, 02 de Dezembro 2014**

Cheguei pelas 10h ao Centro e no mesmo autocarro em que estava também lá encontrei a Chefe da minha equipa e uma outra técnica.

Pousando os meus pertences comecei logo a tratar de umas decorações de Natal, nas quais tive que ir para a varanda do Centro uma vez que tinha de pintar com spray as coroas de natal.

Enquanto faço isso e a E2 vai dando-me umas intruções chega um profissional pertencente da outra equipa (CAC) e, cumprimentando deixasse estar por uns segundos a observar o trabalho que estavamos a fazer.

Feitas as pinturas deixei a secar e voltei para dentro.

Ao entrar continuei a realizar trabalhos manuais enquanto que as educadoras iam tratando dos seus assuntos: uma ao telefone; outra nos dossiers; e, outra a realizar registos.

Durante o trabalho/resolução de assuntos entre as educadoras vão sempre surgindo dúvidas, questões que são colocadas em voz alta de modo a existir esclarecimentos.

Mantive as minhas tarefas manuais/decorativas até chegar à hora de almoço.

**Pausa - Hora de almoço**

[A hora de almoço é sempre bastante tranquila, descontraída e bem-disposta, na qual os técnicos das suas equipas – CDIJ ORIENTAL e CAC – se reúnem e conversam sobre variadíssimos assuntos, uns mais profissionais outros por vezes mais banais.]

A parte da tarde foi marcada por uma reunião de parceria. Esta reunião destinava-se a concretizar uma parceria entre o IAC-Projecto Rua: CDIJ Oriental e o Centro Social Paroquial S.Maximiliano Kolbe, que tal como o PR incide o seu trabalho sobre a Freguesia de Marvila, em respectivos bairros, tendo o seu foco no apoio a mulheres grávidas vítimas de violência doméstica.

A reunião decorreu num ambiente informal, no sentido em que ambas as partes estavam ali para se apresentarem com o intuito de compreender de que forma conseguiriam retirar partido e complementar o trabalho de cada um dos projectos em questão.

Toda a equipa do CDIJ Oriental estava presente e existia o à vontade para intervir caso sentissem essa necessidade, independentemente da presença da coordenadora de equipa (C1) que estava a assumir o papel de porta-voz.

Terminada a reunião foi determinado, por alto, que no iniciar do próximo ano combinarse-ia a disponibilidade para a realização de grupos de partilha entre os técnicos de ambas as entidades, de modo a existir um apoio relativamente a casos relacionados ao trabalho correspondente ao S. Maxmiliano que, de certa forma, fogem ao foco de acção do CDIJ Oriental.

Após a saída das representantes do S. Maxmiliano foram feitos alguns comentários, pareceres, entre as técnicas, questionando como seria bom esta união visto que ao mesmo tempo não só tem em conta a criança que está por nascer como combate a violência doméstica.

Entretanto, voltei "à carga" com as finalizações e pormenores decorativos juntamente com a E2.

Posto isto e chegada a hora de sair, o dia foi dado como terminado.

**Lisboa, 03 de Dezembro 2014**

Mais um dia de estágio, logo pelas 10h já me encontro à porta do CDIJ Oriental.

Quando cheguei já se encontravam algumas das educadoras da equipa.

Bons dias dados, almoçinho guardado na cozinha e toca de pegar no material necessário para a concretização das actividades da Animação de Intervalo, de sexta-feira.

Recortei, pintei, furei tendo sempre o apoio e a presença da educadora (E2). Enquanto isto outras das duas educadoras fazia registos e a outra encontrava-se a acompanhar uma jovem a uma consulta.

**Lisboa, 04 de Dezembro 2014**

Reunião Fundação Benfica – IPSS, dependente financeiramente do Clube Sport Lisboa e Benfica

Apresentação do Projecto: "Para Ti Se Não Faltares"

- Objectivos individuais

- Levar ao reconhecimento

- José Simões: Casos na Escola Damião de Góis

Programa da Oficina:

2 Adultos: 1 TILL/ 1 Educador

- Desenvolver competências sociais e pessoais, tendo por base os quatro pilares da educação.

"Intervir"

Referência de que três adolescentes frequentam ambas acividades – IAC e Fundação Benfica.

Distribuição de bilhetes Benfica, sábado.

**Lisboa, 09 de Dezembro 2014**

Cheguei às 10h ao Centro. Três educadoras já se encontravam, uma delas a educadora (E2) com a qual mais interajo.

Ao dar os bons dias e ao conversar com a E2 foi-me dito, pela mesma, que talvez tivesse que acompanhá-la para irmos falar com a mãe do "Menino Sorriso" que a E2 acompanha relativamente aos cuidados de saúde [idas a consultas, realização de exames, comprar medicamentos]. Ouvindo este pedido disse logo com uma enorme satisfação que iria com certeza acompanhá-la.

Enquanto isto, estive a colocar uns pauzinhos nas imagens respectivas para o uso no dia da peça de natal, protagonizada pelos vários jovens que constituem o grupo de "Aventureiros". Esta peça de natal vai ser realizada para o grupo de crianças da Escola do 1.º ciclo que a equipa CDIJ Oriental acompanhane promove sessões lúdico-pedagógicas.

A peça irá ser representada num género de fantoches, só que em vez de serem fantoches no sentido literal corresponderá às tais imagens que os jovens apenas darão voz por traz de um painel sem terem que se expor. Tal formato da peça foi pensado de forma propositada, pois para estes jovens é muito difícil aceitarem um desafio que os exponha por completo, sendo o receio de errar e o sentimento "não sou capaz" uma força paralisadora que não os permite aceitar a actividade.

Feitos os pormenores das personagens, eu e E2 trocámos ideias sobre a actividae de atelier a realizar com os meninos do 1.º ciclo, os mesmos que são acomanhados pela equipa.

Decidimos então realizar uma moldura de natal em formato de árvore de natal e anjo, a fim de tirarmos uma foografia a cada um dos meninos presentes no respectivo dia e, em seguida colocarmos nas molduras após a decoração feita por cada um. Por fim, poderiam levar as molduras e oferecer à família, para que esta pendurasse na sua árvore de natal.

Durante a preparação desta actividade ocorreu um momento com uma certa graça entre mim e a educadora (E2). No momento das impressões das molduras, a máquina

conseguiu normalmente imprimir as árvores mas, quando chegou a altura dos anjos tal já não aconteceu, pois a máquina bloqueava a passagem do papel. Nisto eu e a técnica tivemos que puxar a máquina [porque é uma impressora/fotocopiadora das grandes], abrir as portas para perceber onde é que estava a bloquear, puxar o papel, enfim uma situação em que se fez comentários divertidos e os risos eram uma constante.

Depois desta situação resolvida e, após algumas tentativas acabámos por mudar de papel e fazer uns anjos mais elegantes.

Acabando isto, arrumou-se as molduras para depois recortarmos e fazermos os ajustes que fossem precisos. Agora estava na hora de ir falar com a mãe do "Menino Sorriso" e, também passar por uma loja chinesa e comprar latas de spray dourado e prateado para repôr no stock, uma vez que mais dia menos dia iria ser necessário pois, afinal estamos na época do Natal.

Vestimos os casacos, uma profissional da outra equipa (CAC) também se juntou a nós porque precisava igualmente de ir à loja chinesa e, assim fomos pela rua abaixo para tratar dos assuntos.

Já na rua deslocámo-nos até a uma zona do bairro que debaixo de umas arcadas tem um mercado pouco "habitado" de lojistas, com um certo aspecto de abandono. Mas, foi aqui que a técnica P. entrou numa loja e abordou a senhora que lá estava perguntando pela mãe do "Menino Sorriso" e pedindo para que esta senhora desse o recado à mãe de que gostaria de falar com ela. A senhora concordou e, logo a E2, saiu e continuámos o nosso percurso.

Mais uns metros pela rua abaixo e entrámos na loja chinesa, cada uma das técnicas tratou de trazer o que pretendia e, encontrando-se despachadas seguimos de volta para o Centro.

Esta saída foi, de certa forma, uma desilusão para mim, pois queria mesmo presenciar a interacção entre a mãe e a educadora e com sorte ver o "Menino Sorriso", pelo qual ninguém fica indiferente. Apesar disso, tornou-se mais um momento descontraído, no qual pude interagir com as educadoras e continuar a estabelecer laços.

**Lisboa, 18 de Dezembro 2014**

Dia de Reunião de Equipa Semanal.

As educadoras e eu reunimos na sede do Projecto Rua, em Alvalade. Apenas não constava uma das educadoras, devido ao acompanhamento de um jovem a uma consulta.

A reunião começa com avisos de próximas actividades, nomeadamente:

- 06 de Janeiro, Sessão Experimental 1.º ciclo.

- 08 de Janeiro, Avaliação de actividades CDIJ Oriental.

- 12 de Janeiro, Formação com o Chefe da PSP sobre violência doméstica.

No decorrer da reunião foram abordados os seguintes assuntos:

1. Sinalização de um menino de 10 anos de idade da Escola Verney, por parte do seu professor devido aos comportamentos apresentados pelo respectivo menino, tais como: desinteresse pela escola; desobediência nas tarefas; conflito com os pares; desintegração da turma. [Decidiu-se contactar o menino e a sua família para integrá-lo no grupo de Aventureiros].

2. Outro adolescente de 11 anos que frequenta o 5.º ano apresenta falhas na assiduidade, distúrbio nas aulas, dificuldades cognitivas. A ser seguido pela psicólga.

3. Refere-se outro jovem que já fez fugas e refere sempre a sua mãe. Não vai à escola e já fez assaltos. A E3 alerta para este caso e diz que se deve tentar ir "trocar ideias" com a família.

4. Avalia-se a entrada de um jovem de 14 anos de idade para o grupo de Aventureiros, com o receio de que este seja mais velho e não se integre no grupo.

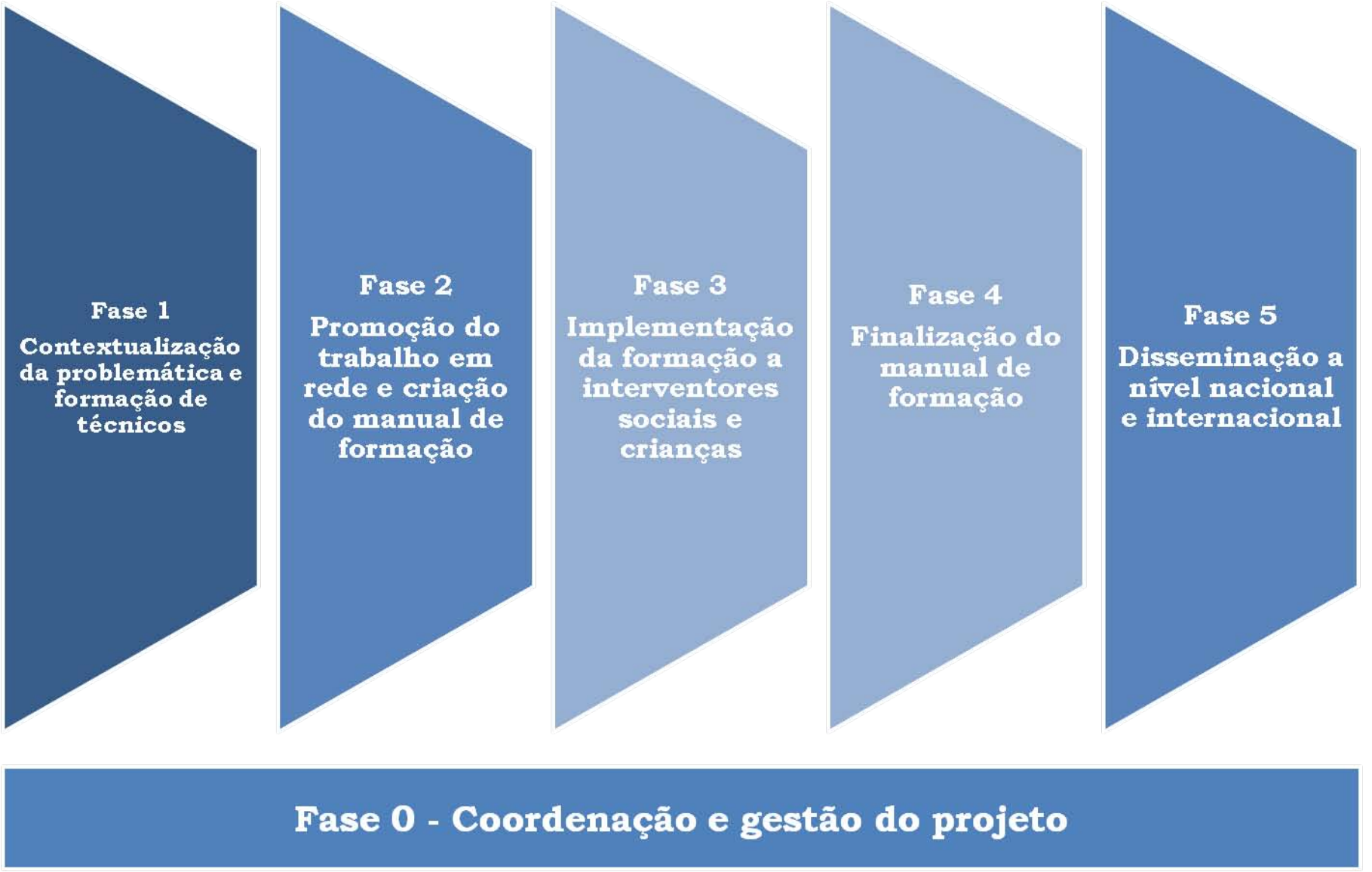
5. São tratadas as questões das férias e dias de Natal/Ano Novo a gozar existindo a preocupação de que fique bem organizado para que fiquem sempre pelo menos duas educadoras no terreno.

6. A Secretária da Ministra da Educação liga para o IAC para dizer que a Ministra gostaria de almoçar com a jovem acompanhada pela equipa CDIJ Oriental que deu o seu testemunho na Assembleia, nos vinte e cinco anos de aniversário do IAC, uma vez que esta jovem afirmou ter o desejo de ser futuramente Ministra da Agricultura.

7. Discussão sobre a integração familiar de dois meninos (irmãos) após a saída de institucionalização. Os pais apresentam debilidade a nível de competências parentais.

8. Caso de dois namorados que já terminaram, mas que o rapaz persegue "ligeiramente" a rapariga através de chamadas telefónicas.

Após o término da reunião de equipa, fomos almoçar e de seguida eu juntamente com as educadoras fomos para o CDIJ realizar um atelier a nove meninos pertencentes da escola do 1.ºciclo, do Bairro do Condado em Chelas.


Fase 1
Contextualização da problemática e formação de técnicos
Fase 2
Promoção do trabalho em rede e criação do manual de formação
Fase 3
Implementação da formação a interventores sociais e crianças
Fase 4
Finalização do manual de formação
Fase 5
Disseminação a nível nacional e internacional
Fase 0 - Coordenação e gestão do projeto

## FICHA DE FORMADOR E PLANO DE SESSÃO

Ação de formação [ ] Workshop [ ] Ação de sensibilização [X]

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Título** | Acção de Sensibilização sobre o Tráfico de Seres Humanos | | |
| **Destinatários** | Jovens entre os 12 e os 18 anos | **Número de participantes** | |
| **Nome do(s) formador (es)** | Anabela Alves<br>Sónia Valente | | |
| **Objetivo Geral** | | | |
| **Objetivos Específicos** | → Refletir sobre a problemática do TSH, desconstruindo mitos e preconceitos;<br>→ Compreender o conceito de TSH e identificar os diferentes tipos de tráfico;<br>→ Identificar os direitos violados e as leis q os protegem. | | |
| **Duração** | 90 min. a 2 horas | | |
| **Local** | CDIJ Lx Oriental | | |
| **Data** | 01.10.2014 | | |

(*) As pessoas traficadas caio mercadorias, c/ produtos.



| Fase | Hora | Duração | Programa | Conteúdos/ideias chave | Métodos, dinâmicas e técnicas | Equipamentos e meios didáticos | Divisão de tarefas/ responsável |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Introdução | 18:00 | 10 m. | Quebra-Gelo | Os Embrulhados | Dinâmica | Vendas | Sónia |
| | | | | (5 investigad. em formação) Temas: TSH + (As 2 pess) | M. Expositivo | Pen + PC + Dt Show | |
| | 18:10 | 10 m. | Introdução | Qtas sessões e horários Temas q vamos tratar O q pretendemos | Quadro branco e Marcadores | → blocos e canetas | As 2 |
| Desenvolvimento | 18:20 | 15 m. | Dinâmica Avançar - Recuar | (O no fim estejam sensibilizados para este (3)) | Dinâmica de Grupo | 5 afirmações Quadro branco e Marcadores corda. | Anabela |
| | | | | ⇒ Mitos acerca do TSH | | | |
| | | | | Escrever no quadro qtos V e qtos F e pq. | | | |
| | | | | Síntese | | | |
| | 18:35 | 10 m. | Conceito | ⇒ Conceito de TSH | M. Expositivo | PPT | Sónia |
| | | | | Quês? / Caio? / Para quê? | | | |
| Conclusão | 18:45 | 20 m. | Foto-Linguagem | ⇒ Tipos de TSH (6) 6 Imagens s/ os vários tipos pf eles identificarem. | Dinâmica | PPT | Anabela |
| | | | | • Ext. órgãos | | Convenção dos Dtos da Criança | |
| | | | | • Expl. sexual | | | |
| | | | | • Expl. laboral | | | |
| | | | | • Mendic. forçada | | | |
| | | | | • Atividades criminosas | | | |
| | | | | • Adoção Ilegal | | | |
| | | | | E q dtos está a ser violados em cada 1? | | | As $2_2$ |
| | 19:05 | 10 min. | Dispositivo Sle o Enq. legal | Enquadramento legal | M. Expositivo | PPT | Sónia |

FICHA DE FORMADOR E PLANO DE SESSÃO

Ação de formação [ ] Workshop [ ] Ação d sensibilização [X]

| | | | |
|---|---|---|---|
| Título | Acção de Sensibilização para Jovens sobre TSH | | |
| Destinatários | Jovens entre os 12 – 18 anos | Número de participantes | |
| Nome do(s) formador (es) | Arabela Alves<br>Lídia Velez | | |
| Objetivo Geral | | | |
| Objetivos Específicos | Identificar e reconhecer os fatores/ situações de risco que se podem vir a configurar numa situação de TSH. | | |
| Duração | 90 mins a 2 h | | |
| Local | CDJJ Lx Oriental | | |
| Data | 04.10.2014 | | |

| Fase | Hora | Duração | Programa | Conteúdos/ideias chave | Métodos, dinâmicas e técnicas | Equipamentos e meios didáticos | Divisão de tarefas/ responsável |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Introdução | 10:30 | 10 min. | • Quebra-gelo Selva-Tidas | Aquecer o Gr. | Dinâmica de Grupo | Saco de tempestade | |
| | | 30 min | • Relembrar a sessão anterior | O q palavras? Conceito TSH Tipos de TSH Lei | M. Expositivo e M. Interrog. | Quadro branco e Marcadores | |
| Desenvolvimento | 10:50 | 20 min. | Análise de casos Práticos | Fatores de Risco Explicar o q são factores de risco. Divididos em 2 Grupos analisam os casos. | M. Estudo de Caso | Fichas dos casos - Lápis de carvão p/ os 2 grs. | |
| | 11:10 | 20 min. | Apresentação das conclusões em Plenário - Dar 10 min. a cada Grupo Eg. apontar conclusões no quadro branco | - Fatores identificados pelos jovens | Plenário cada gr. tem 1 palavra de cada vez. | - Quadro branco e marcad. p/ apontar conclusões | |
| | 11:30 | 30 min. | Debate | O q leva as pess. a colocar-se em risco? | Plenário | " | |
| Conclusão | 12:00 | 20 min. | Apresentação de PPT sobre os #s Fatores de Risco | Fact. de Risco: • f. Sócio-econom. • f. Familiares • f. Individuais | M. Expositivo | PPT sobre Fatores de Risco. | |
| | 12:20 | 10 min. | Avaliação | Avaliação | Questionários | Fichas de Avaliação | |

## FICHA DE FORMADOR E PLANO DE SESSÃO

Ação de formação [ ] Workshop [ ] Ação de sensibilização [X]

| | | | |
|---|---|---|---|
| Título | Acção de Sensibilização para jovens sobre o TSH | | |
| Destinatários | Jovens entre os 12 e os 18 | Número de participantes | 12 |
| Nome do(s) formador (es) | Lídia Velez<br>Sónia Valente | | |
| Objetivo Geral | | | |
| Objetivos Específicos | - Identificar e Reconhecer crimes relacionados com o TSH.<br>- Conhecer alguns dos principais Direitos das vítimas de TSH. | | |
| Duração | 90 min a 2horas | | |
| Local | CDIJ - Lx Oriental | | |
| Data | 08.10.2014 | | |

| Fase | Hora | Duração | Programa | Conteúdos/ideias chave | Métodos, dinâmicas e técnicas | Equipamentos e meios didáticos | Divisão de tarefas/ responsável |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Introdução | 18:00 | 10 min. | Aquecimento | As Algemas | Dinâmica de Grupo | Cordas<br>• Folha de Presenças<br>Cadernos + canetas | Sónia |
| Desenvolvimento | 18:10 | 5 min. | Vídeo - "As mantas de Amsterdão" | | - Visionamento de 1 vídeo | - Vídeo das Mantas PC + Colunas + Dt + Selo | Lídia |
| | 18:15 | 20 min. | e Debate | → Fazer ligação com os Fatores de Risco. | - Debate em plenário. | - PPT Fatores de Risco. | |
| | 18:35 | 20 min. | Brainstorming + Debate | → Crimes associados | - M. Participat. Plenário | - Quadro branco Marcad. Apagador | Sónia |
| | 18:55 | 10 min. + 20 min | Vídeo - "Testemunho de 1 vítima" + Debate | → Identificar os crimes. (Acrescentar no Quadro os crimes q eles n tiverem mencionado. | → Visionamento de 1 vídeo | - Pen PC portátil + colunas + Dt Shaw - Folhas dos crimes. | Sónia e Lídia |
| | 19:25 | 10 min | PPT | → Direitos das vítimas/ Estatuto da vítima | → M. Expositivo | - Pen PC portátil + Dt. Shaw. | Lídia |
| Conclusão | 19:35 | 15 min. | Avaliação | Avaliar a Sessão | Questionário de Avaliação | fichas de Questionário | As 2 |

## FICHA DE FORMADOR E PLANO DE SESSÃO

Ação de formação ☐ Workshop ☐ Ação de sensibilização ☒

| | | | |
|---|---|---|---|
| Título | Ação de sensibilização sobre TSH | | |
| Destinatários | jovens entre os 12 - 18 anos | Número de participantes | 12 |
| Nome do(s) formador (es) | Sónia e Hugo | | |
| Objetivo Geral | | | |
| Objetivos Específicos | Conhecer a forma de atuação dos traficantes | | |
| Duração | 90 Minutos a 2h. | | |
| Local | CDIJ Oriental | | |
| Data | 15 11. 10. 2014 | | |

| Fase | Hora | Duração | Programa | Conteúdos/ideias chave | Métodos, dinâmicas e técnicas | Equipamentos e meios didáticos | Divisão de tarefas/ responsável |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Introdução | | 10'<br><br>10' | • Quebra-Gelo Agarra a Cauda<br><br>• Relembrar a sessão anterior | • Caudas c/ cartões de 2 cores p/ dividir o grupo<br>• Crimes relacionados c/ o tráfico<br>• Direitos da vitima | • Dinâmica de grupo<br>• Método expositivo e M. Interrogativo | | |
| Desenvolvimento | | 30'<br><br><br><br>• Partilha e reflexão das situações trabalhadas<br><br>30' | • Análise de uma situação concreta<br><br><br><br><br>• Dinâmica "Investigação Policial" | • identificar as formas de atuação dos traficantes em todas as fases descritas na situação.<br>• fazer os registos das conclusões<br>• Relatório final c/ os resultados da investigação<br>• Preenchimento da Grelha de investigação: Recrutamento, coação, outros crimes relacionados c/ o TSH | • M. Estudo de caso<br><br><br><br>• Plenário | • Grelha de investigação | |
| Conclusão | | 20'<br><br>10' | • Partilha da investigação criminal.<br><br>• síntese da atuação dos traficantes | • Apresentação dos Resultados da investigação feita pelas 2 equipas.<br><br>• Imagens e palavras/ frases marcantes sobre a atuação dos traficantes | • Plenário | | |
| | | 10' | Avaliação | Avaliação | Questionário | Fichas de avaliação | |

## FICHA DE FORMADOR E PLANO DE SESSÃO

Ação de formação ☐ Workshop ☐ Ação de sensibilização ☐

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Título** | Acção de sensibilização sobre o tráfico de seres humanos | | |
| **Destinatários** | jovens entre os 12 e 18 anos | **Número de participantes** | |
| **Nome do(s) formador (es)** | Anabela APAV<br>Hugo Pereira | | |
| **Objetivo Geral** | | | |
| **Objetivos Específicos** | • sensibilizar para a importância de ter uma atitude pró ativa na luta contra o T.S.H.<br>• saber como fazer uma denúncia | | |
| **Duração** | 90h. a 2h. | | |
| **Local** | CDI y. - Oriental | | |
| **Data** | 15/10/2014 | | |

| Fase | Hora | Duração | Programa | Conteúdos/ideias chave | Métodos, dinâmicas e técnicas | Equipamentos e meios didáticos | Divisão de tarefas/ responsável |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Introdução | 18h.<br>18h.15. | 15m. | Quebra-gelo<br>Divisão do grupo | • O Mosquito<br>• Apresentação dos pares<br>divisão do grupo | Dinâmico | | Anabela |
| Desenvolvimento | ~~18h.15~~<br>19h.15 | | Trabalho de grupo | Fazer a ligação com a sessão anterior.<br>- Em dois grupos (1 e 2) questões<br>• Tomar consciência que no seu país existe comércio e venda de seres humanos<br>• Tomar consciência que no seu país existe escravatura.<br>• Efeito cascata<br>• consequências<br>• Partilha do trabalho (em grupo)<br>• questões para reflexão<br>(ver folha em anexo) | Expositivo<br>Trabalho de grupo | quadro branco | Hugo<br>Os dois |
| Conclusão | 19h.15<br>19h.45 | | | • Apresentação de vídeo sobre impacto de comportamento dum ~~uma~~ de T.S.H. relativamente o facto de elas não se reconhecerem a si mesmas como vítimas e de terem medo<br>• Reflexão sobre a importância de denunciar a situação<br>• Distribuição de dossiers e dos meios de contato para denunciar uma situação de T.S.H. | Vídeo<br>Power Point | Portátil<br>- datashows. | Hugo<br>Anabela<br>Os dois |
| | | | | | | | 3 |
| conclusão | 19h45 / 20h | | Avaliação | | Distribuição | Fichas | Anabela chefia |

FICHA DE FORMADOR E PLANO DE SESSÃO

Ação de formação ☐ Workshop ☐ Ação de sensibilização ☒

| | | | |
|---|---|---|---|
| Título | Ação de sensibilização para jovens sobre TSH | | |
| Destinatários | Jovens entre os 12 e os 18 anos | Número de participantes | 12 |
| Nome do(s) formador (es) | | | |
| Objetivo Geral | | | |
| Objetivos Específicos | -> Experienciar estratégias comportamentais de prevenção e/ou fuga de situações de risco. | | |
| Duração | 90 min. a 2 horas | | |
| Local | CDIJ - Lx Oriental | | |
| Data | 18 - 10 - 2014 | | |

| Fase | Hora | Duração | Programa | Conteúdos/ideias chave | Métodos, dinâmicas e técnicas | Equipamentos e meios didáticos | Divisão de tarefas/ responsável |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Introdução | 10h30 | 15 m. | Aquecimento | Dinâmica do desvio utilizando situações de potenciais vítimas.<br>• Dividir o Grupo. | Dinâmica de Grupo | Cartões | |
| Desenvolvimento | 10h45 | 30 m. | Preparação do Rolle-Play:<br>↳ Entregar cartões<br>↳ Explicar o q devem fazer<br>↳ Apoiar os Grupos | | Rolle-Play | cartões | |
| | 11h15 | 5 m → | Apresentação da Sit. 1 | ⇒ Evitar 1 situação de Risco | Plenário | Quadro branco<br>Marcadores<br>Apagador | |
| | 11h20 | 15 m → | + Debate | | | | |
| | 11h35 | 5 m → | Apresentação da Sit. 2 | ⇒ A denúncia. | | | |
| | 11h55 | 15 m → | + Debate | | Plenário | | |
| Conclusão | 12h10 | 15 m. | PPT - conselhos úteis | ⇒ Conselhos para os jovens se protegerem de 1 Sit TSH | M. Interrogativo<br>M. Expositivo | PC<br>Dt Show<br>Pen | |
| | 12h25 | 5 m. | Avaliação | ⇒ Avaliação | Questionários | Fichas de questionário | |
| | 12h30 | | Fim-de-sessão e Almoço | | | | |

# Seminário Evolução do Conceito de Família: 15 de Outubro de 2014

**1. Resumo do seminário**

O seminário decorreu no dia 15 de Outubro de 2014 entre as 10h e as 17h, tendo no período da manha o orador feito uma abordagem aos diferentes conceitos de família, recorrendo à visualização de vários filmes que apresentavam diversas dinâmicas familiares. Abordou o que é a vinculação: família como um porto seguro e também as fases da relação humana, desde o enamoramento à consolidação do casal, colocando aos presentes o desafio que enunciassem a parte positiva de: Um exemplo, do que para os técnicos, é um desafio dos tempos no que respeita à evolução do conceito de família?

Quais os aspetos positivos, para a criança, desta situação?

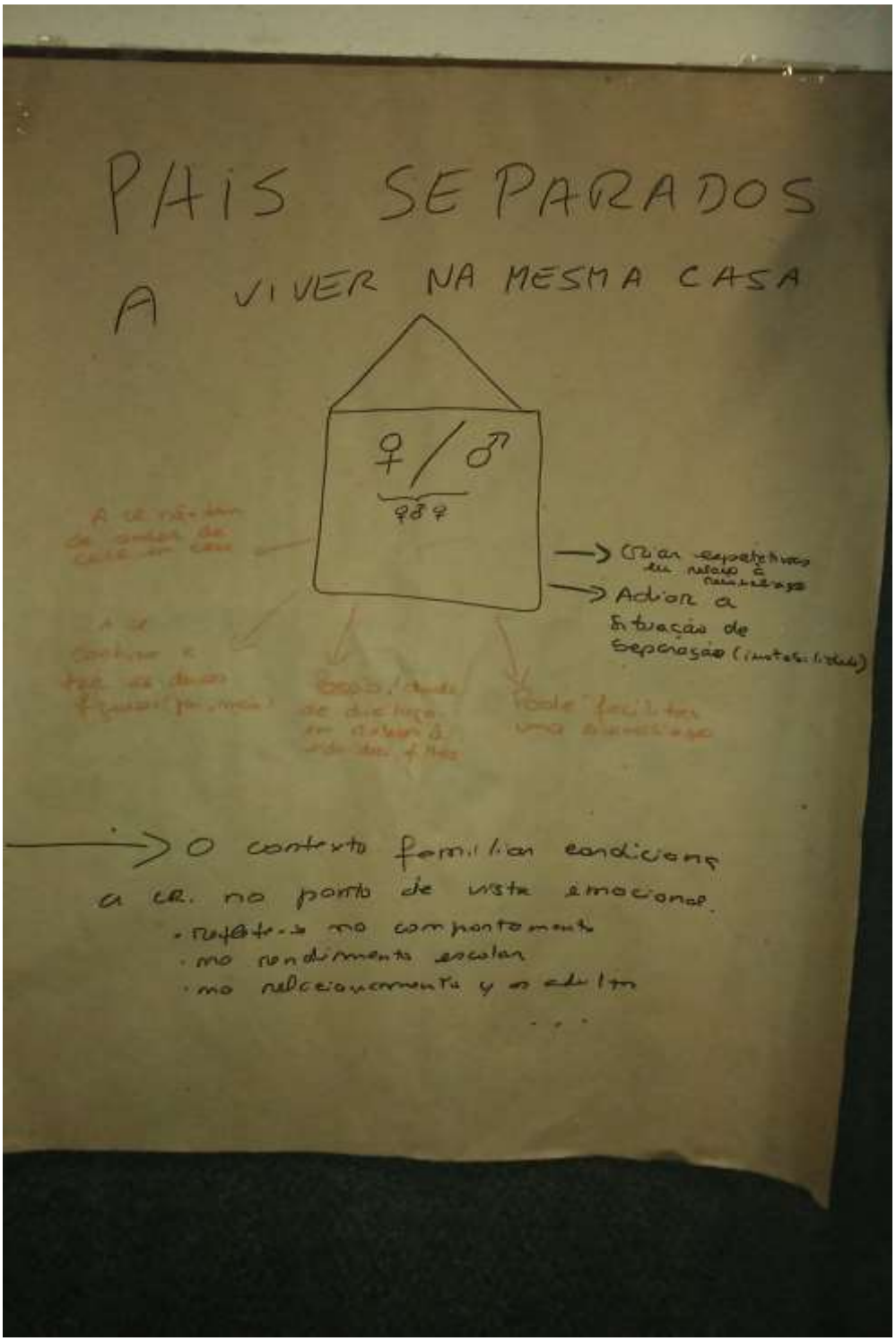
Com isso colocou-se o enfoque no positivismo. O que trás de bom? Em detrimento de se ver os pontos negativos.

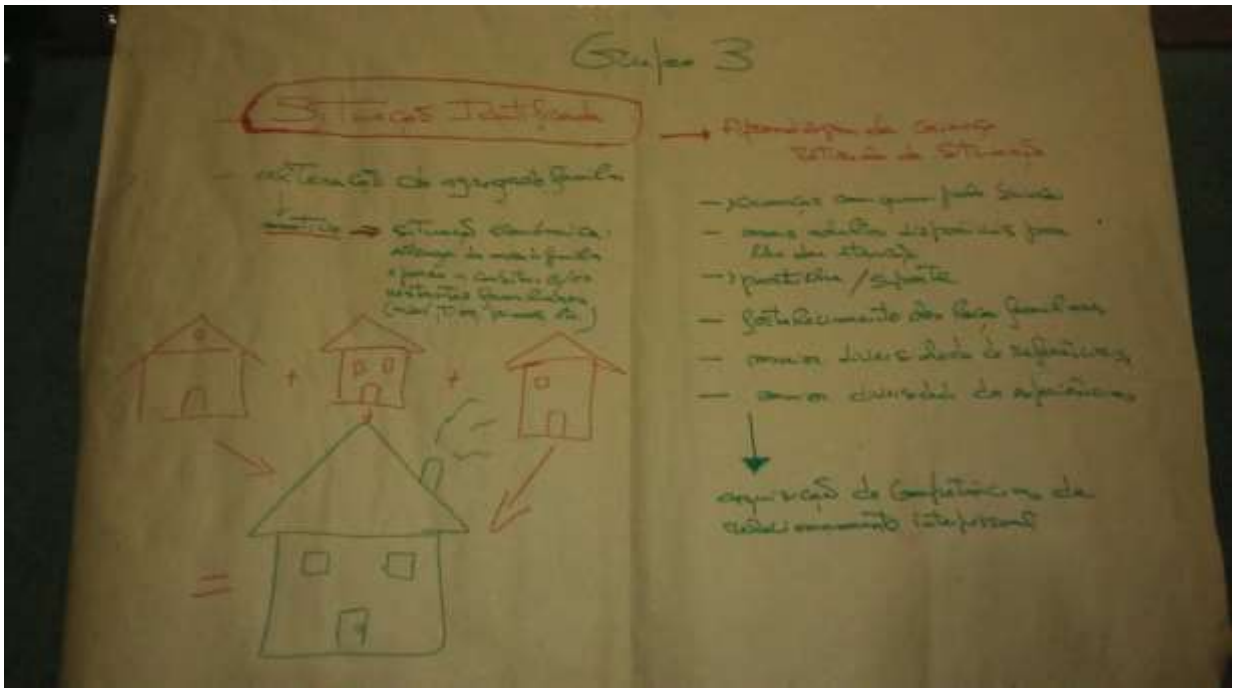
Realizaram-se quatro grupos, tendo cada um deles apresentado um novo desafio respeitante à evolução do conceito de família: exemplo: família homossexual; família alargada, família vegan com vivencia naturalista, família com pais divorciados mas a coabitar.

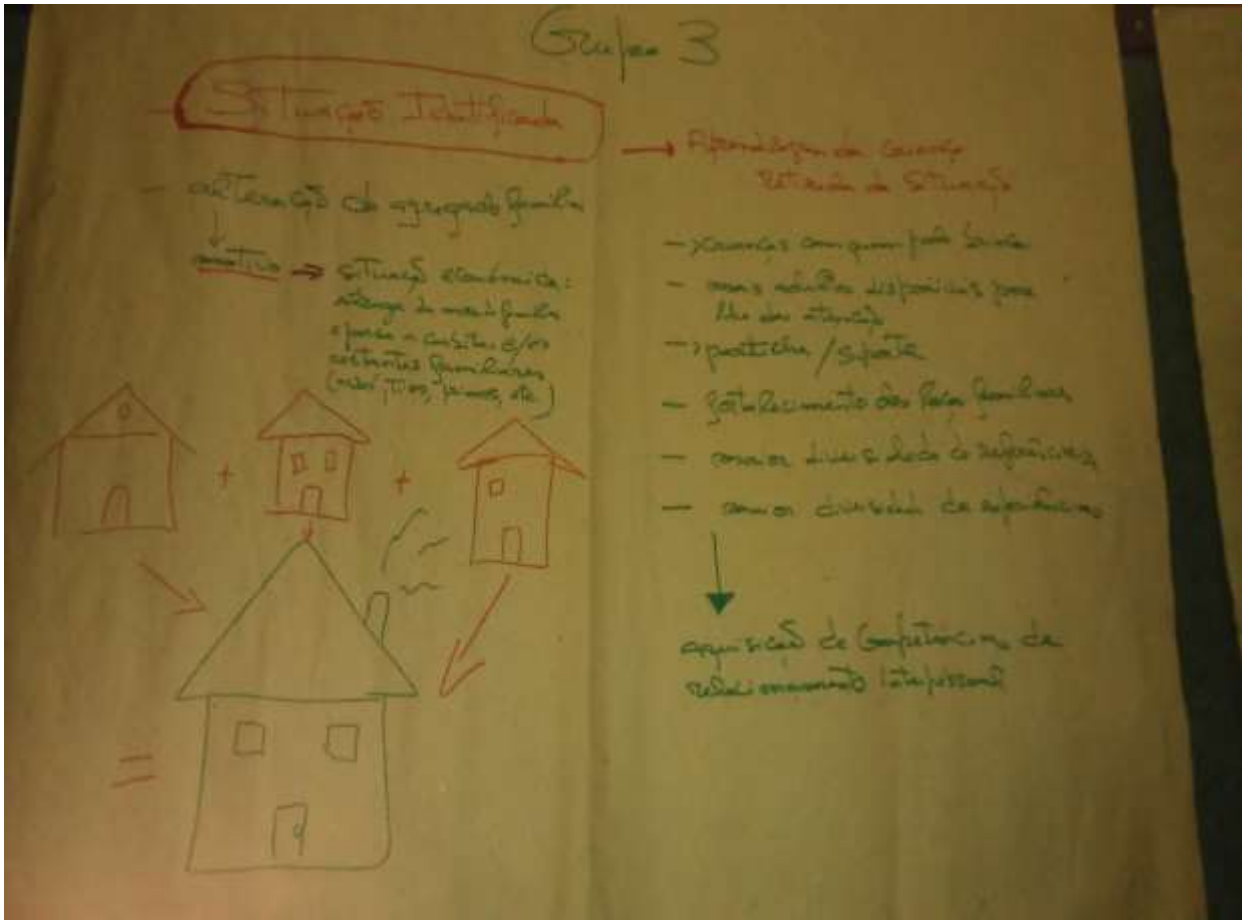
Da parte da tarde foram apresentados dados estatísticos sobre as políticas de família e a evolução das mesmas ao longo das últimas décadas. Na segunda parte foram lançados quatro desafios que iam de encontro às políticas apresentadas, tendo-se mais uma vez recolhido os contributos dos presentes.

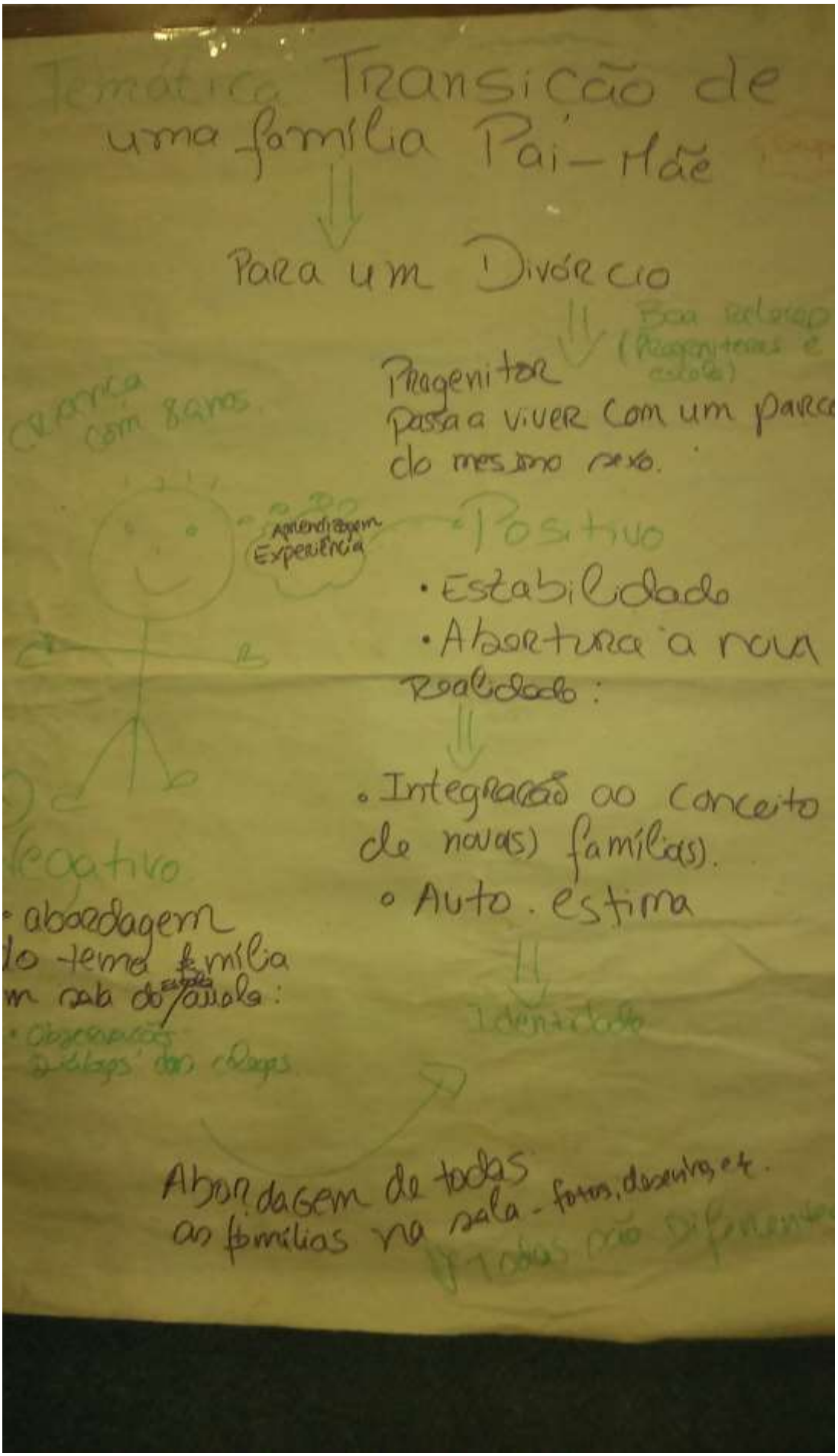
Terminou-se com um resumo do dia, feito pela organização do seminário.

**Grupos de trabalho da parte da manha:**




Grupo 3
Situação Identificada
Alternativa de agregado familiar
motivo → situação económica:
Vantagens
Dificuldades
Aprendizagem da Gestão
Partilha de Situação
- Economias em quase todas as áreas
- mais adultos disponíveis para
- partilha / ajuda
- Estabelecimento de Rede Familiar
- maior diversidade de experiências
- maior diversidade de experiências
aquisição de competências de
relacionamento interpessoal


Grupo 3
Situação Identificada
Alternativa de agregado familiar
motivo → situação económica:
Vantagens
Dificuldades
Aprendizagem da Gestão
Partilha de Situação
- Economias em quase todas as áreas
- mais adultos disponíveis para
- partilha / ajuda
- Estabelecimento de Rede Familiar
- maior diversidade de experiências
- maior diversidade de experiências
aquisição de competências de
relacionamento interpessoal


Temática Transição de uma família Pai-Mãe
Para um Divórcio
Progenitor passa a viver com um parceiro do mesmo sexo.
Positivo
• Estabilidade
• Abertura à nova Realidade:
• Integração ao conceito de nova(s) família(s).
• Auto. estima
Abordagem de todas as famílias na sala - fotos, desenhos, etc.


"Enquadramento Familiar Naturalista"
18 MESES
CRIANÇA
AUTO REGULAÇÃO
AUTONOMIA
FELIZ
SEGURO
SOCIÁVEL
BEM DISPOSTO
GRUPO 2

Grupos de trabalho: Parte da tarde







DESAFIO
Responder à diversidade dos
SOLUÇÃO 1
SOLUÇÃO 2

**Planificação Actividades *Aventureiros***

**Roda da Amizade I - *Partilha***

| Título/Tema | Definição das Actividades | Objectivos | Recursos | Intervenientes | Destinatários | Data/ Hora |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ***"Partilha Felicidade"*** | **I Parte**<br><br>Explicar as actividades a desenvolver.<br><br>**Quebra-gelo:** "O que é que partilhávamos com outras pessoas?" | **Geral:**<br>Reflectir sobre a importância da partilha e do cuidado com o outro.<br><br>**Específico:**<br>Conceber formas de ajudar os outros. | Sala;<br>Cadeiras. | 1 Estagiária<br><br>2 Educadoras | Jovens adolescentes "Aventureiros" | **Data:**<br>15 de Abril 2015<br><br>**Horário:**<br>15h30m às 17H |
| | **II Parte**<br><br>Roda de Conversa sobre o acto de partilhar<br><br>**Dinâmica**<br>Identificar uma situação, uma dificuldade da vida em anónimo para que, em grande grupo se discutam propostas de resolução. | **Geral:**<br>Reconhecer situações diárias, apelando à partilha e ajuda por outrem.<br>**Específico:**<br>Permitir a troca de experiências e opiniões sobre partilhar problemas, dificuldades da vida.<br>Fomentar a entreajuda e cooperação entre os jovens. | Sala;<br>Cadeiras;<br>Folhas;<br>Canetas. | | | |
| | **III Parte**<br><br>Conclusão do tema. | **Geral:**<br>Compreender o acto de partilha no nosso dia-a-dia.<br>**Específico:**<br>Incentivar a prática da partilha, da ajuda ao próximo. | Sala;<br>Cadeiras. | | | |
| | **IV Parte**<br><br>**Dinâmica**<br><br>*"Biodanza"* | **Geral:**<br>Expor os jovens à proximidade entrepares.<br>**Específico:**<br>Facilitar o contacto com o outro. | Sala;<br>Computador;<br>Músicas. | | | |

## Roda da Amizade II – *Responsabilidade Social*

| Título/Tema | Definição das Actividades | Objectivos | Recursos | Intervenientes | Destinatários | Data/ Hora |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ***"Responsável por mim e pelo Mundo"*** | **I Parte**<br><br>Roda de Conversa sobre o termo responsabilidade social após a visualização de um breve vídeo explicativo. | **Geral:**<br>Compreender o conceito de Responsabilidade Social.<br><br>**Específico:**<br>Reflectir sobre assuntos associados à responsabilidade social | Sala;<br>Cadeiras;<br>Computador;<br>Acesso à *Internet*. | 1 Estagiária<br><br>2 Educadoras | Jovens adolescentes "Aventureiros" | **Data:**<br>22 de Abril 2015<br><br>**Horário:**<br>15h30m às 17H |
| | **II Parte**<br><br>Direitos e Deveres do Ser Humano<br><br>**Dinâmica**<br>Analisar os vários artigos da *Declaração Universal dos Deveres Humanos* e dar exemplos relacionados com o dia-a-dia, bem como valores associados. | **Geral:**<br>Conhecer os direitos e deveres do Homem.<br><br>**Específico:**<br>Estabelecer interação/relação entre os direitos e deveres.<br>Reflectir sobre a responsabilidade de cada um perante a humanidade.<br>Realçar a importância da prática dos deveres. | Sala;<br>Cadeiras;<br>Folhas;<br>Canetas;<br>Declaração Universal dos Deveres Humanos. | | | |
| | **III Parte**<br><br>Visualização de um vídeo<br><br>**Acção-Reflexão**<br>"Bairro que temos" Vs "Bairro que queremos" | **Geral:**<br>Identificar actos de Responsabilidade Social.<br>**Específico:**<br>Listar assuntos menos positivos da comunidade.<br>Contribuir com propostas de melhoria.<br>Demonstrar a possibilidade de mudança. | Folhas;<br>Canetas;<br>Cartolina;<br>Jornais/ Revistas. | | | |

## Animação de Rua

EQUIPA: _____

DATA: 05/05/2015

| | PONTOS |
|---|---|
|  Jogo Placard da Primavera | |
| Jogo do Equilíbrio   | |
| estafeta Jogo Estafeta divertido | |
|   Jogo Bowling e latas | |
| TOTAL | |
















PROJECTO RUA
IAC
Instituto de Apoio à Criança






AVENTUREIROS








OS
AVENTUREIROS




OS
AVENTUREIROS


















NÃO É ASSIM






US
ARSHAEE
1996






ELMER
David McKee




TODOS DIFERENTES
TODOS IGUAIS

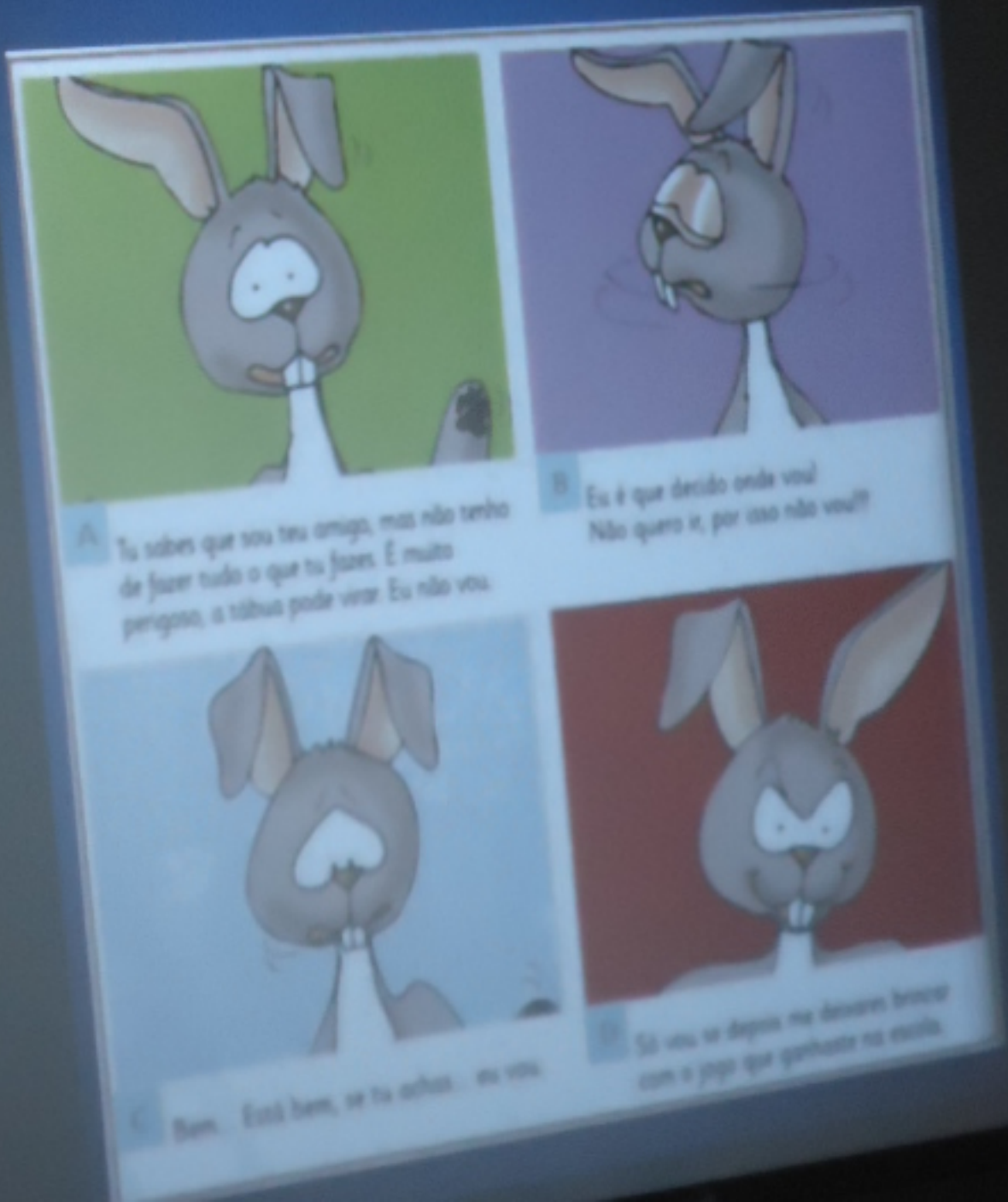

TODOS DIFERENTES
TODOS IGUAIS







Qual a resposta, que achas, que o Dentuças devia dar à Doninha?




FIM












Respeito


GIOTTO
UNO








Instituto de Apoio à Criança
Direitos
Direito à
amizade!
Sentimentos
Direito a ser
diferente!
Tens o Direito à Educação e o Dever de ir sempre à escola!
Tens direito a dar a tua opinião,
Está na hora!




O Sol dos Meses










SEATTLE




INSTANT
MOUSTACHE
AMEAÇAS
de Drogas.

# Formação "Catch&Sustain"

## Módulo 3
## Abordagem e Recrutamento

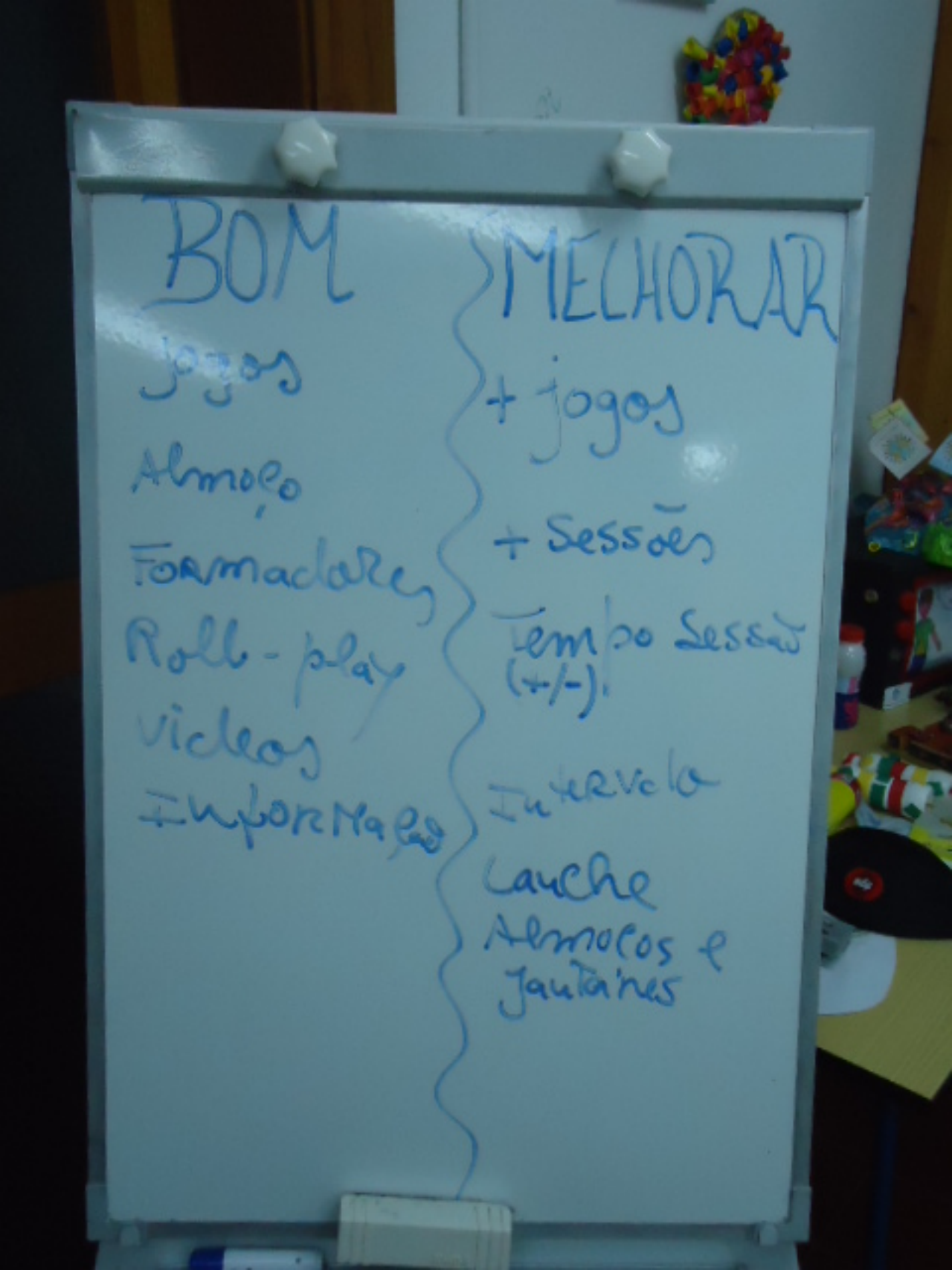

NÃO
BRINCADEIRAS








BOM
MELHORAR


BOM
jogos
Almoço
Formadores
Roll-play
Vídeos
+ Informação
MELHORAR
+ jogos
+ Sessões
Tempo Sessão (+/-)
Intervalo
Lanche
Almoços e Jantares